

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Antropologia

A IMAGEM REFLETIDA
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS PAPEIS DA MULHER CASADA

Dissertação de Mestrado
ERCY PARREIRA GUIMARÃES

C A M P I N A S

- 1978 -

"A natureza faz-nos masculinos ou femi
ninos, mas as crenças e valores de nos
sa sociedade fazem-nos a espécie de ho
mens ou mulheres que nos tornamos".

Ethel M. Albert

Aos meus familiares e aos meus amigos

Ivo

Arnaldo

Maria Lúcia

Albertino

Maria Izabel

Everardo

Ecilda

Rodrigo

Solange

muito afeto

A minha mãe, sogra, irmãs, cunhados e cunhadas

Muita amizade e profunda gratidão

e

À inolvidável memória de meus

pai e sogro

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Peter Fry, que, aceitando o encargo de ser meu orientador, muito contribuiu para este trabalho, questionando ponto por ponto cada uma das suas colocações.

Ao Ivo, meu marido, que percorreu comigo todas as etapas desta pesquisa, sempre me animando e me dando apoio encorajador para terminá-la.

Aos meus filhos, Arnaldo e Maria Lúcia, que compreenderam os meus objetivos durante o período em que me propus a realizar este trabalho.

Aos amigos Everardo e Ecilda Nunes, a quem devo o estímulo para desenvolver este trabalho, quer me dando apoio, quer revisando cuidadosamente texto por texto, quer me ajudando com sugestões críticas e precisas.

À minha amiga Cleide Monzani, pela boa vontade demonstrada na datilografia do original desta dissertação.

Ao pessoal da Secretaria do Departamento de Antropologia, e em particular ao meu grande amigo José Nilton Pereira, que me dedicaram uma parcela considerável de seu tempo para me atender nas horas mais especiais.

Ao pessoal da Biblioteca de Ciências Humanas, particularmente à minha boa amiga Sônia Silva, pela atenção e amizade que sempre me dispensaram.

Ao Banco F. Barreto S/A e a Laticínios Moccoca S/A, que colocaram à minha disposição os recursos técnicos para reproduzir e imprimir este trabalho.

A todos os meus professores, especialmente a Luís Mott e Daniel Hogan, que muito me prestigiaram durante meu curso.

A João Villa e Alcides Martins, pela execução dos gráficos e dos quadros desta dissertação.

Ao arquiteto José Alberto Soares, pela elaboração da capa deste trabalho.

Às minhas colegas de curso, em particular a Yochico, Maria Aparecida e Mariza, pelas horas que juntas passamos e pela amizade que demonstraram.

A todos os amigos que direta ou indiretamente me deram apoio e demonstraram entusiasmo pelo trabalho que eu estava realizando.

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo, através de sua Direção, que colocou à minha disposição todos os dados que se fizeram necessários.

E, principalmente, às mulheres entrevistadas e seus familiares, sem os quais jamais teria sido possível realizar este meu trabalho.

ÍNDICE

| | Pág. |
|---|------|
| AGRADECIMENTOS | v |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. Da experiência vivida ao compromisso científico | 2 |
| 2. Os conceitos fundamentais | |
| a. Papel social | 6 |
| b. Representação | 15 |
| 3. Metodologia e pesquisa de campo | 17 |
| 4. As entrevistadas | 20 |
| CAPÍTULO I - A CONCEPÇÃO DOS PAPÉIS | 29 |
| 1. O papel profissional | 31 |
| 2. O papel de dona-de-casa | 49 |
| 3. O papel de esposa | 56 |
| 4. O papel de mãe | 64 |
| 5. Como são classificados os papéis | 78 |
| CAPÍTULO II - EM BUSCA DE UM NOVO PAPEL | 85 |
| 1. As expectativas | |
| a. A Faculdade: um caminho para a profissionali- zação? | 87 |
| b. O ingresso na Faculdade: de interesse indivi- dual a projeto familiar | 90 |
| c. Ainda o projeto familiar | 97 |
| 2. Apoios familiares e não-familiares na decisão | 100 |
| 3. A escolha do curso | 106 |
| 4. A escolha da Faculdade | 112 |
| CAPÍTULO III - A REAVALIAÇÃO DOS PAPÉIS | 117 |
| 1. A reavaliação das mulheres profissionais | |
| a. Reavaliando o papel de mãe | 122 |
| b. Reavaliando o papel profissional | 130 |
| c. O questionamento do papel de esposa | 131 |
| d. O último lugar - o papel de dona-de-casa | 134 |
| 2. A reavaliação das mulheres não-profissionais | |
| a. O papel de mãe | 137 |

| | |
|---|-----|
| b. O papel de esposa | 141 |
| c. O papel de dona-de-casa | 143 |
| 3. A reavaliação dos papéis pelo grupo familiar | |
| a. As famílias unidas | 144 |
| b. As famílias desunidas | 148 |
| 4. A redistribuição das atividades domésticas | 153 |
| 5. O papel de estudante e as redes sociais | 163 |
| a. A rede social de uma mulher profissional - O caso de Márcia | 166 |
| b. A rede social de uma mulher não-profissional - O caso de Mariana | 171 |
| c. A rede social mais extensa e mais intensa - O caso de Maria | 174 |
| d. O caso de uma mulher desquitada - Rede mais extensa e mais intensa | 178 |
| CONCLUSÕES | 189 |
| BIBLIOGRAFIA | 203 |
| ANEXOS | |
| ANEXO 1 - Distribuição da população feminina(Tabelas) | 210 |
| ANEXO 2 - Roteiro das entrevistas | 213 |
| ANEXO 3 - As redes sociais (Gráficos) | 218 |
| ANEXO 4 - Excertos de entrevistas sobre o movimento feminista | 229 |

I N T R O D U Ç Ã O

Nesta Introdução levamos ao leitor os motivos que nos conduziram a um estudo sobre as mulheres casadas, os conceitos básicos que nos orientaram, a metodologia adotada e as principais características da população estudada.

1 - Da experiência vivida ao compromisso científico

"Somente uma parte muito pequena do meu conhecimento origina-se da minha experiência pessoal"(1).

(1) Schutz, A. The frame of unquestioned constructs. In: Douglas, M. (Ed.) Rules & meanings. Middlesex, Penguin, 1973:18.

Muitos são os motivos que podem levar um estudioso a se interessar por determinados assuntos e problemas. O interesse pessoal, um compromisso institucional, sugerir soluções práticas, encaminhar propostas teóricas. Acreditamos, porém, que a gênese de um projeto tem suas raízes, muitas vezes, em aspectos situacionais, que, dependendo do caso, são os principais motivos desencadeadores da tentativa de buscar compreender certa problemática que transcende ao nível pessoal. Expliquemos melhor. Embora este trabalho não tenha sido o único projeto que apresentamos para cumprir as exigências do curso de Mestrado em Antropologia, ele se transformou em um desafio que resolvemos levar o cabo. E isto porque ele se inseria em uma realidade que tinha sido vivenciada pela própria investigadora. Tinha voltado para a Universidade, após um longo período de atividades profissionais como professora primária, estava casada e com os filhos cursando Faculdade. Podíamos perfeitamente explicar os motivos que nos levaram a ingressar em um curso superior. Quando o concluímos, voltamos à Universidade, não mais como estudante, mas como professora. Nesse momento verificamos, então, que, como nós, outras mulheres casadas tinham se tornado estudantes. Surgiu então a pergunta inicial: "Quais teriam sido os motivos que levaram outras mulheres casadas a assumir o papel de estudante"? Esclarecemos, assim, que o projeto não se impôs como alguma coisa pré-determinada. Ao verificar que o evento em suas linhas gerais se reproduzia, buscar compreendê-lo, não mais a partir de uma experiência individual, mas senti-lo em suas repercussões mais amplas, tornou-se particularmente importante. De outro lado, a experiência vivida, individual e pessoal, não serviria como única fonte explicativa para poder entender o comportamento dos outros. É óbvio que não descartamos a nossa experiência como motivadora e mesmo a sua importância na própria investigação, embora existam, ao lado dos pontos positivos, pontos negativos, como veremos posteriormente. Mas, como afirma

Laing:

"Não existe contiguidade entre a experiência de uma pessoa e a de outra. Minha experiência relativa a você é sempre mediada pelo seu comportamento" (2).

Esta questão, a mediação da experiência pelo comportamento, levar-nos-ia a enfrentar um outro problema: como estudar o comportamento de um grupo de mulheres, em relação à tomada de decisão, considerando que o mesmo era retrospectivo? E nós não tínhamos tido contato anterior com as mesmas. Elas viviam uma situação, mas os seus motivos, angústias, projetos, inscreviam-se numa série de eventos para os quais não se aplicaria uma análise situacional (3). Para isso, o relato retrospectivo seria utilizado.

Assim, o nosso objetivo inicial era relativamente simples - um estudo que nos fornecesse elementos para compreender as motivações e as influências que teriam conduzido mulheres casadas, com filhos, a ingressarem na Universidade. O que nos atraía, a essa altura, era estudar essas motivações, não de um ponto de vista psicossocial, mas essa "volta aos estudos" como um fato social na acepção durkheimiana do termo (4).

Definido este nosso objetivo, iniciamos os primeiros contatos com os sujeitos da investigação. Neste momento, provavelmente, pela formação que havíamos recebido, a nos

(2) Laing, R. D. A política da experiência e a Ave do paraíso. Trad. de Aúrea B. de Weissenberg. Petrópolis, Vozes, 1974:20

(3) Sobre a análise situacional em antropologia, ver: Van Velsan, J. The extended case method and situational analysis. In: Epstein, A.L. (ed.) The craft of social anthropology. London, Tavistock Publications, 1967:129-149.

(4) Cf, Durkheim, E. As regras do método sociológico; Trad. de Maria I.P. Queiroz. São Paulo, Editora Nacional, 2a. Ed, 1960.

sa perspectiva não se definiu em termos quantitativos, ou seja, entrevistar um grande número de mulheres, mas limitar-se a um certo número de casos que permitissem um aprofundamento maior. Dessa forma, fomos verificando paulatinamente que existia um conteúdo da maior importância nos relatos que tínhamos em mãos. E o que julgávamos ser o evento mais concreto, na medida em que ele podia ser situado num momento da vida das mulheres - a volta aos estudos - inscrevia-se num quadro cujos contornos não se limitavam a esse fato em si. As representações que essas mulheres faziam de seus papéis, e não exclusivamente o que ocorria com o papel de estudante, apresentava-se como uma situação que não podia ser marginalizada. E conhecer essas representações na situação que antecedia à entrada na Faculdade, assim como após a entrada, tornou-se de crucial importância.

Mudávamos a perspectiva do nosso estudo. Ele se tornaria mais relevante e revelador se o centrássemos em relação a um estudo de papéis. A investigação mais acurada nesta direção tornou-se fundamental e uma complexidade maior era um novo desafio. Aqui, também, tornaríamos a considerar que o nosso discurso pessoal frente ao problema deveria ser transcendido pelos dados. A experiência vivida como mulher casada, esposa, mãe, profissional, estudante, dona-de-casa, tínhamos que acrescentar um compromisso de estudiosa de uma situação. Não podíamos confundir as duas situações. Não havíamos proposto elaborar uma autobiografia. Pretensiosamente, talvez quiséssemos fazer como Foucault, quando, ao responder aos críticos de sua obra, afirmou:

"Mais de um, como eu, sem dúvida, escreve para não ter mais fisionomia. Não me pergunte quem sou eu e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever".(5).

(5) Foucault, M. A arqueologia do saber. Trad. de Luiz Felipe B. Neves. Petrópolis, Vozes, 1972:27

2. Os conceitos fundamentais

a. Papel social

O fato de orientarmos este trabalho em uma perspectiva de papéis levou-nos a rever o conceito de papel. De um modo geral, tanto os sociólogos como os antropólogos e psicólogos europeus e norte-americanos, antes dos anos 30 já haviam estabelecido, nas ciências sociais, a abordagem de papéis como um ponto importante. Entre os sociólogos e antropólogos precursores estão Charles H. Cooley, William G. Sumner, Georg Simmel, Jacob L. Moreno, Florian Znaniecki, Emile Durkheim. Posteriormente, George H. Mead, Ralph Linton, Ruth Benedict, Talcott Parsons, Robert E. Merton, Mirra Komarovsky, George P. Murdock, Elizabeth Bott, Erwin Goffman, Margaret Mead se alinharam entre aqueles que "muito fizeram para estabelecer no pensamento da ciência social, o termo, conceito e idéias relacionadas a papel".(6).

Muitos desses autores não trataram diretamente dos papéis femininos e outros a eles remeteram, trazendo importantes contribuições não somente através de pesquisas de campo como também pelos aspectos teóricos que levantaram.

Sem dúvida, é na interpretação funcionalista de Parsons sobre a posição da mulher na família que se centram algumas investigações que teriam grande influência no equacionamento da questão dos papéis. O próprio Parsons, em colaboração com Bales(7), ao analisarem a família nuclear, detecta-

(6) Thomas, E. J. e Biddle, B. J. The nature and history of role Theory. In: Biddle, B.J. e Thomas, E.J. Role theory: concept and research. New York, John Wiley & Sons, Inc. 1963:3-19. Nesse capítulo os autores fazem um levantamento dos estudos que trataram da teoria de papel até o ano de 1960.

(7) Parsons, T. e Bales, R. F. Family, socialization and interaction process. Glencoe, Ill., Free Press, 1953.

ram a existência de dois papéis: o "instrumental", que regeria as relações entre a família e o mundo de fora, e o "expressivo", que regeria as relações dentro da família. Para o pai é reservado o primeiro e para a mãe o segundo. Salientam que esta divisão é funcional tanto para os cônjuges como para os filhos e para a sociedade. Nessa linha de raciocínio a proposta de Parsons (8) sobre a segregação sexual é bastante clara:

"Talvez não seja demasiado dizer que somente em casos excepcionais pode um homem adulto ter respeito por si mesmo e gozar do respeito alheio se não ganhar a sua subsistência numa função ocupacional bem aceita No caso da mulher a situação é radicalmente diferente Seu papel fundamental é o de esposa e mãe..."

Analisando a situação nos Estados Unidos, Parsons mostra que ser dona-de-casa é o papel da mulher e que "domesticidade", "glamour" e "companheirismo" são os principais aspectos nos quais ele se baseia. E a funcionalidade das relações entre os cônjuges é mantida desde que a mulher não alcance uma situação de igualdade com o marido.

A abordagem funcionalista não ficou restrita a Parsons. Entre os seguidores dessa corrente destacam-se Mirra Komarovsky e Margaret Mead. A primeira mostrando que as diferenças de educação entre os sexos tem a função de preparar a mulher e os homens para seus futuros papéis de adulto- ou seja: o lar para as mulheres e o trabalho fora do lar para os homens(9).

(8) Parsons, T. Age and sex in the social structure of the United States. In: Parson, T. Essays in sociological theory. Glencoe, Ill, Free Press, 1949:223.

(9) Komarovsky, M. Functional analysis of sex roles. In: Coser, H. L. (Ed.) The family: its structure and functions. New York, St. Martin's Press, 1964:290-306

Para alguns, como Friedan(10), "A mais poderosa influência sobre a mulher moderna, tanto em termos de funcionalismo, como de protesto feminino, foi Margaret Mead". Tendo produzido uma vasta literatura antropológica, a sua obra mostrando as relações entre a cultura e a personalidade teria como ponto de partida a variedade dos padrões sexuais e de temperamento(11). Tomando como referência a orientação freudiana, procuraria nas civilizações primitivas que estudou o que existia em sua própria civilização(12).

Como dissemos anteriormente, a tradição funcionalista seria marcante em relação aos estudos sobre papel, embora pouco antes da publicação do livro de Parsons (em 1937), *The Structure of Social Action*, Ralph Linton tenha dado algumas das formulações que se tornaram clássicas em relação a status e papel. Vejamos assim como este antropólogo conceituou papel.

"O papel representa o aspecto dinâmico do status. O indivíduo é socialmente investido num status e ocupa em relação a outros status. Ao efetuar os direitos e deveres que constituem o status, está desempenhando um papel. Papel e status são inteiramente inseparáveis e a distinção entre eles tem interesse puramente acadêmico. Não existem papéis sem status, nem status sem papel(...). Todo indivíduo tem uma série de papéis provenientes dos vários padrões de que participa; tem, ao mesmo tempo, um papel geral, que representa a soma total desses papéis e determina o que ele faz pela sociedade e o que pode esperar da sociedade"(13).

(10) Friedan, B. Mística feminina; Trad. de Aurea B. Weissenberg. Petrópolis, Vozes, 1971.

(11) Mead, M. Sexo e temperamento; Trad. Rosa Krauz. São Paulo, Perspectiva, 1969. Nota: A primeira edição deste livro foi publicada em 1935.

(12) Mead, M. Macho e fêmea - Um estudo do sexo num mundo em transformação; Trad. de Margarida Maria Moura. Petrópolis, Vozes, 1971.

(13) Linton, R. O homem: uma introdução à antropologia; Trad. Lavinia Vilela. Livraria Martins Editora, 1965:134.

Nessa colocação, o comportamento do indivíduo e a estrutura social se interligam, e esta se tornou uma das idéias fundamentais do trabalho de Linton. Outro ponto que tem sido destacado na teoria de Linton refere-se à distinção que foi elaborada entre status atribuído e status adquirido. Para este autor:

"Os atribuídos são os que se designam aos indivíduos, sem referência às diferenças de capacidades inatas. Podem ser previstos, e os indivíduos podem desde seu nascimento ser adestrados para desempenhá-los. Os status adquiridos compreendem pelo menos os que requerem qualidades especiais, embora não se limitem a eles. Não são atribuídos aos indivíduos desde o nascimento, mas ficam entregues à competição e ao esforço individual"(14).

O livro de Linton data de 1936, e suas colocações não foram isentas de críticas, principalmente após a Segunda Guerra, quando inúmeros estudos empíricos que trataram de papéis sociais foram realizados em diversos campos do conhecimento. Ainda recentemente, Cicourel(15) argumenta que a posição assumida por Linton pressupõe a idéia de consenso, ao afirmar:

"Considerado isoladamente do indivíduo que o ocupa, o status é simplesmente um conjunto de direitos e deveres. Desde que estes direitos e deveres só por intermédio do indivíduo podem manifestar-se, é extremamente difícil manter a distinção entre status e as pessoas que os possuem e exercem os direitos e obrigações por eles representados".

Anteriormente a essas considerações, Goffman(16) iria estabelecer uma crítica bastante severa à teoria de Linton. Parte de algumas considerações dessa teoria:

(14) Linton, R., ob. cit., pg. 135.

(15) Cicourel, A. Cognitive sociology: language and meaning in social interaction. Middlesex, Penguin, 1973:19.

(16) Goffman, E. Encounters: two studies in the sociology of interaction. Middlesex, Penguin, 1972:73-134.

"A unidade elementar da análise de papéis, como Linton se deu ao trabalho de assinalar, não é o indivíduo desempenhando seu elenco de atividades obrigatórias(...). Ao entrar na posição, o incumbido descobre que e le deve aceitar completamente a ação que o papel correspondente encerra, assim o papel implica um determinismo social e uma doutrina sobre a socialização(...). É através dos papéis que as tarefas na sociedade são distribuídas e arranjos são feitos para reforçar seu desempenho".

Frente a essas colocações é que Goffman

(17) argumenta que:

"Linton parece ter tido em mente o mundo normativo (...). A imposição deste mundo normativo sobre o indivíduo é vista como uma obrigação - o que o próprio indivíduo e os outros legitimamente exigem que seja o seu desempenho, e como uma expectativa que ele próprio e os outros podem, legitimamente, exigir".

As contribuições trazidas por Goffman são várias. Parece-nos, porém, que um dos trechos que melhor revelam a sua maneira de tratar com os papéis sociais é o que transcrevemos abaixo. A citação é longa, mas necessária. Primeiramente, ele esclarece o que é posição:

"Uma posição de um indivíduo, definindo posição como ela tende a ser usada, é um assunto de oportunidades de vida - a probabilidade dele experimentar certas experiências destinadas, certas provações, atribulações e triunfos. Sua posição em algumas esferas da vida é sua situação, no sentido empregado pelos existencialistas: a imagem que ele e os outros têm dele; os prazeres e ansiedades que ele tem probabilidade de experimentar; as contingências que ele encontra na interação face-a-face com os outros; os relacionamentos que ele tem probabilidade de formar; seu provável alinhamento e permanência nas questões públicas, levando espécies diferentes de pessoas em várias relações a opor-se a ele ou a apoiá-lo"(18).

Chega o autor à sua definição de papel:

"O papel pode agora ser definido, em sua versão corrigida, como a resposta típica de indivíduos em uma posição particular. O papel típico deve, naturalmente, ser

(17) Goffman, E., ob. cit., pg. 81, os grifos são do autor.

(18) Goffman, E., ob. cit., pg. 82.

distinguido do desempenho do papel real de um indivíduo concreto em uma dada posição. Entre resposta típica e resposta real nós podemos, em geral, esperar alguma diferença, se, somente da posição de um indivíduo, nos termos agora usados, dependerá alguma coisa da variação de como ele percebe e define sua situação. Onde há um esquema de referência normativa para um dado papel podemos esperar que as forças complexas que atuam sobre os indivíduos na posição relevante assegurariam que o papel típico resultaria em algum grau do modelo normativo, apesar da tendência que existe na vida social de transformar o que é usualmente feito no que deve ser feito. Em geral, então, uma distinção deve ser feita entre papel típico, os aspectos normativos do papel, e um desempenho do papel real de um indivíduo particular"(19).

Ao situarmos a contribuição dada por Goffman não pretendemos que aí se encerrem as discussões sobre papel. As questões que se levantam sobre a chamada "teoria do papel" não estão absolutamente resolvidas, e isso se nos detivermos nos aspectos sociológicos e antropológicos(20). E a afirmativa de Turner(21) evidencia a situação:

"A variedade de estudos constitui um índice de algumas das principais diferenças quanto ao uso do termo. Alguns autores equiparam o papel ao comportamento que segue de fato um indivíduo, ainda que a maioria distinga entre papel como conceito ou comportamento esperado, e comportamento como arranjo ao papel desempenhado, - enquanto situação".

Neste mesmo artigo, Turner volta a acentuar que continua pendente a questão de aplicabilidade mais ou menos geral do conceito, suscitada por Linton, ao restringir o papel às prescrições associadas a um status. Questões como as definidas pelo condutivismo, que tenta conceber o papel como um inventário de comportamentos específicos, ou que os papéis em

(19) Goffman, E., op. cit., pg. 82.

(20) Uma revisão sucinta sobre os aspectos psicológicos referentes ao papel social encontra-se em Sarbin, T.R. Papel social - aspectos psicológicos. In. Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales, Madrid, Aguilar, 1975: 554-560.

(21) Turner, R.H. Papel social - aspectos sociológicos, In. Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales. ob.cit. pg. 560-561.

sua contribuição incluem não unicamente as normas aplicáveis a uma posição, mas também expectativas e concepções com respeito ao comportamento, ou ainda que o papel social pode ser definido como "algo que se aprende e se representa"; ou finalmente, como "primordialmente um modo de enfrentar um suposto papel de cu-tro", são apontadas por Turner como sendo os grandes delineamentos que ainda se encontram à frente daqueles que se dedicam ao estudo de papéis sociais.

Se ainda persistem problemas em relação à análise de papéis, isto se deve a que as formas de aplicá-lo se situariam nos diversos níveis de possibilidades da própria investigação. Esses níveis, no dizer de Turner(22), referem-se à aplicação a um sistema autônomo e dinâmico de papéis em interação; ao contexto organizacional e societário, assim como suas conexões com a personalidade individual.

Retomando-se as contribuições que vêm sendo dadas aos estudos dos papéis da mulher, verifica-se que, em realidade, grande parte das investigações volta-se para o estudo das relações de papéis. Centralizando-se na família como um sistema social ou um conjunto de papéis, a preocupação é analisar as tensões ou conflitos gerados pelos próprios papéis. Nesta perspectiva, modelos de papéis, conflitos de papéis, papéis duais irão constituir o cerne de muitas investigações(23).

(22) Turner, R.H., ob. cit., pg. 561.

(23) Entre outros podem ser citados: Myrdal, A. e Klein, V. Men's two roles: home and work. London, Routledge & Kegan Paul Ltd., 1968; Komarovsky, M. Cultural contradictions and roles. American Journal of Sociology, 52:185-189; Fogel, M.P. Rapoport, R. e Rapoport, R. N. Sex, career and family. London, George Allen & Unwin, 1971; Lopata, H.Z. Occupation: housewife. London, Oxford University Press, 1971.

Assentando-se no contexto organizacional e societário, as pesquisas sobre os papéis femininos irão incorporar as abordagens marxistas onde a unidade de análise será a noção de classe e não a de sexo. Neste particular, a análise oferecida por Saffioti(24), situando a problemática da mulher na sociedade capitalista, procurando não separá-la dos problemas gerais da sociedade, mostrando como surgiram formas de racionalização e de dominação, é das mais completas. Mais recentemente, a autora retomaria o tema de forma mais concisa, salientando "o invólucro ideológico dos papéis desempenhados pelas mulheres nos domínios da sexualidade, da reprodução e da socialização das gerações imaturas, e da produção de outro lado"(25).

Obviamente não se pretende com as pesquisas citadas relacionar o quadro completo das investigações sobre a mulher, mas mostrar algumas das direções que tomaram os estudos sobre os papéis(26). Pelos seus aspectos teóricos e metodológicos específicos essas investigações mostram que nos estudos sobre a mulher a análise de papéis ocupa um lugar de destaque(27). É nessa linha de estudos que colocamos o nosso trabalho.

(24) Saffioti, H. I. B. A mulher na sociedade de classe: mito e realidade. São Paulo, Quatro Artes Editora, 1969.

(25) Saffioti, H. I. B. A mulher sob o modo capitalista. Campeiro, 1 (novembro), 1976:1-21.

(26) Duas revisões recentes sobre a literatura em torno da mulher, não especificamente sobre papéis, podem ser consultadas: La Revue Canadienne de Sociologie et D'Anthropologie, 9 (1), 1972:73-94 e Revue Française de Sociologie, 13 (1), 1972:579-591.

(27) Os quatro principais tipos de pesquisas sobre papéis sexuais incluem: 1. as que tratam das diferenças sexuais; 2. as que tomam a perspectiva de papel como fulcro de análise; 3. a perspectiva da mulher como grupo minoritário e 4. as que se centralizam sobre as diferenças de poder. Cf. M. S. Chschild, A.R. A review of sex role research. In: Huber, J. (Ed.) Changing Women in a changing society. Chicago, The University of Chicago Press, 1973:245-267.

lho, embora assuma dimensões diferentes e trate exclusivamente de mulheres casadas. De outro lado, também a metodologia da pesquisa, assim como a amplitude da população estudada, são de níveis diferentes daqueles adotados em investigações que tomaram amplas amostras para as pesquisas de campo, geralmente baseadas em questionários(28). Em nossa pesquisa, adotamos a entrevista intensiva e não utilizamos uma população numerosa. Como nos trabalhos de Komarovsky(29) e Bott(30), ou da recente investigação de Katz et al.(31), preferimos circunscrever nossa população a um número menor de entrevistadas.

Em resumo, os aspectos levantados anteriormente delineiam o enfoque dado neste trabalho ao estudo dos papéis. Não pretendemos abranger a conceituação de papel em um sentido amplo, que demandaria uma abordagem diferente daquela que nos propusemos a fazer. A sua pretensão é a de encaminhar o assunto em termos das representações dos papéis, elaboradas e apresentadas pelas entrevistadas e por indivíduos próximos a elas. O fato de enfatizarmos as relações de papéis não quer dizer que tenhamos omitido a preocupação de situá-lo no contexto social mais amplo. De outro lado, adotamos como dire-

(28) Citamos como exemplo dessas pesquisas a de Feldman, S. D. Impediment or stimulant? Marital status and graduate education. In: Huber, J. (Ed.), ob. cit., pg. 220-232, que investigou cerca de 33.000 estudantes superiores nos Estados Unidos, sobre os motivos para um curso superior, planos futuros, e a compatibilidade entre os papéis de esposa e estudante; Iopata, H. Z., ob. cit., cuja investigação abrangeu 1000 donas-de-casa; Fogarty, M. P. et al., ob. cit., que analisaram o problema de 865 diplomados saídos de universidades inglesas, estudando o problema da mulher em relação aos empregos mais categorizados.

(29) Komarovsky, M. ob. cit.

(30) Bott, E. Family and social network. London, Tavistock Publications, 1971.

(31) Katz, N. et al. The subject as subject: a study of returning woman student. Council of Anthropology and Education Quarterly, 6 (3), 1975:19-22.

triz conceitual a colocação de Goffman e Turner, especialmente quando este último afirma:

"Se considerarmos as conseqüências que tem para o indivíduo, enquanto entidade sociológica, o próprio processo dos papéis sociais, vemos então o ator em relação a um papel-em-situação, e a persona no contexto da sociedade. Para o ator, a preocupação fundamental é fazer frente à tensão, enquanto que para a pessoa a dinâmica está radicada no manejo dos diversos papéis que figuram no seu repertório"(32).

b. Representação

Embora a literatura sobre a mulher seja bastante ampla e o assunto tenha se tornado mais popular nos últimos vinte e cinco anos, e, como vimos anteriormente, o estudo dos papéis propriamente ditos não tenha sido estranho como tema de investigação, pesquisas que tenham se dedicado às representações são bastante escassas. Entre os trabalhos que lidaram com o conceito de representação pode-se citar o de Chombart de Lauwe(33). Como escreve o autor:

"Frequentemente os comportamentos sociais e as atitudes dos indivíduos são orientados segundo uma série de percepções, sem que os interessados ainda as tenham relacionado claramente entre si. Elas se referem a duas categorias de imagens, algumas de contornos mais nítidos, possuindo uma estrutura mais definida, que correspondem, realmente, às representações no sentido em que Durkheim e outros deram a essa palavra; outras mais imprecisas, mais ingêtuas, sujeitas às flutuações de percepções sucessivas"(34).

Procurou o autor situar as representa-

(32) Turner, R.H., ob. cit., pg. 563.

(33) Chombart de Lauwe, Paul-Henry. Imagens da mulher na sociedade; Trad. de Genny, C.Pinto. São Paulo, Senzala, 1967. Uma revisão dos mais recentes trabalhos sobre as concepções do papel da mulher pode ser visto em Goldberg, M.A.A. et al. Concepções sobre o papel da mulher no trabalho, na política e na família. Cadernos de Pesquisa, 15, 1975:86-123.

(34) Chombart de Lauwe, Paul-Henry, ob. cit, pg. 11.

ções no interior das classes sociais e em diferentes contextos, a fim de que pudesse ser realizado um estudo comparativo das imagens da mulher em diferentes países. Ainda que não houvesse preocupação de expandir uma análise da ideologia, as investigações do autor e colaboradores lançam alguns esclarecimentos sobre os sistemas que constituem o nível ideológico. Assim, Chombart de Lauwe refere-se tanto ao sistema de idéias - representações sociais, como ao comportamento de fato. Estes aspectos teóricos do trabalho parecem-nos de maior relevância, pois através deles é que se pode alcançar uma compreensão mais abrangente das imagens ou representações. Recolocamos, dessa forma, a questão das representações no sentido mais amplo da ideologia quando entendida como composta por dois níveis. Um nível que se refere à ideologia em sentido restrito; o outro constituído pelos sistemas de atitudes-comportamentos sociais. O primeiro nível abrange as idéias (políticas, jurídicas, morais, religiosas, estéticas e filosóficas) dos homens de uma determinada sociedade e o segundo o conjunto de hábitos, costumes e tendências a reagir de uma determinada maneira(35).

São estes dois conteúdos que revelam a realidade objetiva do nível ideológico e permitem que se possa entender, de um lado, as representações elaboradas sobre os papéis e, de outro, como os sujeitos enfrentam as situações da vida, assim como as relações que se estabelecem entre os dois níveis.

Essa foi a perspectiva que nos pareceu aplicável ao presente estudo, o qual, ao se desdobrar em duas

(35) Harnegger, M. Os conceitos elementares do materialismo histórico. s. editora, 1973: 200-201.

situações, permitiria, inclusive, comparar representações em diferentes momentos da vida das mulheres.

3. Metodologia e pesquisa de campo

A população estudada estava matriculada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo, cidade do interior do Estado de São Paulo.

A escolha da referida Faculdade é justificada por três motivos principais: por ser a mais próxima da cidade em que residíamos; porque fazíamos parte do seu corpo docente, o que nos facilitaria maior contato com as entrevistadas; e o acesso aos arquivos escolares, para a coleta inicial dos dados necessários para uma primeira etapa da pesquisa.

Através da lista dos alunos matriculados nos diferentes cursos existentes na Faculdade: Ciências Sociais, Letras, Pedagogia e História, no ano de 1974, sorteamos, de forma aleatória, 70 alunas das listas de matrículas, incluindo solteiras e casadas.

Após esta primeira listagem, uma segunda se fez necessária, pois só nos interessavam as mulheres casadas e com filhos e que residissem em diferentes cidades, já que a Faculdade serve grande parte da região onde se localiza.

Nesta seleção foram separadas 49 mulheres, que dividimos em duas categorias: as profissionais e as não-profissionais, isto é, as que exerciam alguma profissão e as que não exerciam outra atividade a não ser a de dona-de-casa.*

* A distribuição da população feminina e a amostragem encontram-se nas Tabelas 1 e 2 do Anexo 1.

Com esse grupo, iniciamos uma primeira entrevista, que nos permitiu levantar as primeiras informações a respeito dos motivos de ingresso dessas mulheres na Faculdade. Estas entrevistas foram realizadas nos intervalos das aulas, na própria Faculdade, ou quando as pesquisadas tinham "janelas" entre uma aula e outra.

Procuramos obter dados sobre a biografia de cada mulher e saber se nos seria possível entrevistá-las novamente, em suas próprias casas, e conversar com os seus familiares, para deles também obter dados a respeito do ingresso na Faculdade.

Embora tenhamos procurado delimitar o grupo que estudaríamos, este se fez mais restrito após o primeiro contato, porque nem todas as mulheres se propuseram a nos receber em suas residências para uma nova entrevista. Nesse momento, contávamos com 25 mulheres que aceitaram ser entrevistadas. Passamos, então, a entrevistar as mulheres e os familiares em suas casas. Nesta etapa do trabalho, nunca se marcava dia ou hora para as entrevistas. Chegávamos sempre sem sermos esperada, para evitar que o ambiente fosse previamente preparado.

As entrevistas foram sempre realizadas separadamente, isto é, cada pessoa era ouvida por sua vez, para evitar que as partes se inibissem ou se influenciassem mutuamente. As entrevistas tinham duração média de duas horas. Todas as entrevistas foram gravadas. Para essas entrevistas, utilizamos inicialmente um roteiro bastante geral, que fomos ampliando quan

* Pudemos realizar uma série de observações diretas do relacionamento intra-familiar, porém preferimos, neste trabalho, utilizar somente o material obtido nas entrevistas.

do o objetivo do trabalho tomou outros rumos* .

Quando definimos a pesquisa em termos de um estudo dos papéis das mulheres antes e depois do ingresso na Faculdade, durante todos os instantes das entrevistas procuramos motivar as informantes a falarem sobre si mesmas e como viviam o seu papel de mulher casada nas duas situações enfocadas. Estes relatos foram gerais e abordavam inúmeros aspectos da vida no lar, na vida profissional, nos relacionamentos sociais na Faculdade.

Para que dessem a classificação dos papéis nas duas situações, lançamos para as mulheres a pergunta - "Quem sou eu?". Após terem respondido esta pergunta, pedíamos que colocassem os papéis citados em ordem de prioridade ou de importância. Para sabermos as impressões dos familiares sobre suas esposas e mães, pedimos aos informantes que falassem como eles viam a mulher como estudante, e o que havia acontecido com ela e com a família quando ela se tornou estudante.

Ao adotarmos a entrevista intensiva como procedimento para a obtenção das informações, sabemos de antemão que se de um lado ela é o instrumento ideal para o tipo de investigação a que nos propúnhamos, de outro teríamos que enfrentar uma série de problemas. E neste ponto concordamos plenamente com Goffman(36), quando afirma: "Nenhum agente parece ser mais eficaz que outra pessoa para tornar vivo o mundo de cada um, ou para, com um olhar, um gesto, ou uma observação, atrofiar a realidade na qual a pessoa se abrigava". Esta citação parece-

* Ver o Roteiro no Anexo 2.

(36) Goffman, E. Encounters: Two studies in the sociology of interaction. Middletown, Penguin, 1972:38.

-nos contar o problema de enfrentar, num contato face-a-face, em jeitos que nos conheciam e para os quais estávamos dirigindo questões que eles podiam nos propor: Por que você resolveu fazer uma Faculdade? Qual a sua concepção do papel da mulher casada? Além disso, a nossa presença e as questões propostas, se de um lado serviram para trazer à consciência das entrevistadas uma reflexão sobre os papéis, de outro podem também ter exercido influência sobre as pessoas das entrevistadas. Embora a avaliação do grau desta influência seja difícil de ser medido, procuramos minimizá-lo colocando-nos como uma pesquisadora interessada em assuntos que, embora nos dissessem respeito, deveriam ser tratados exclusivamente do ponto de vista delas.

Uma das principais dificuldades que enfrentamos era quando a entrevistada interrompia o relato e nos perguntava "E você?", devolvendo-nos a questão que respondia. Embora fosse difícil não responder exatamente sobre o assunto em pauta, procurávamos uma digressão, relatando fatos, situações mais de cunho genérico.

Acreditamos que conseguimos um bom relacionamento, o que facilitou a obtenção de informações, e o fato de só intervirmos durante as entrevistas quando achávamos que elas estavam se estendendo desnecessariamente, reduziu, em grande parte, a nossa ação sobre as entrevistadas.

4. As entrevistadas

Como dissemos anteriormente, a nossa pesquisa foi realizada com 25 mulheres. A identificação dessa população é feita a seguir, onde o leitor encontrará os dados referentes à idade, número e sexo dos filhos, profissão e tempo de exercício, data de formatura, intervalo entre a formatura e

o início do curso superior, curso escolhido, tempo de casamento, profissão do marido, idade, grau de escolaridade. Os nomes dos entrevistados, mulheres e homens, são fictícios.

Magali - Tem 38 anos; dois filhos do sexo masculino: um de 15 anos e outro de 2 anos de idade. Professora Primária efetiva, há 10 anos. Formou-se em 1960. Deixou de estudar por 12 anos, voltando aos estudos no ano de 1972. Frequenta o Curso de História. É casada há 16 anos. Seu marido tem 44 anos de idade. É Funcionário Público Estadual. Grau de escolaridade: secundário incompleto.

Márcia - Tem 53 anos; duas filhas: uma de 24 anos e outra de 22 anos de idade. Professora Primária efetiva, há 30 anos. Formou-se em 1942. Deixou de estudar por 30 anos, voltando aos estudos no ano de 1972. Frequenta o Curso de História. É casada há 28 anos. Seu marido tem 60 anos. É Funcionário Público Estadual. Grau de escolaridade: primário completo.

Marion - Tem 23 anos; uma filha de 3 anos de idade. Professora Primária substituta. Iniciou sua carreira antes de se formar no Curso Normal, em caráter de emergência (quando faltavam professoras formadas, era solicitada para substituir pelos Estabelecimentos de Ensino da cidade). Está, portanto, no Magistério há 3 anos. Formou-se em 1970. Deixou de estudar por 2 meses, voltando aos estudos no ano de 1971. Frequenta o Curso de Pedagogia. É casada há 4 anos. Seu marido é propagandista. Tem 27 anos de idade. Grau de escolaridade: secundário incompleto.

Mary - Tem 38 anos; cinco filhos: 4 do sexo masculino de 17, 14, 9 e 7 anos e uma filha de 11 anos de idade. Professora Primária efetiva há 8 anos. Formou-se em 1955. Deixou de estudar por 17 anos, voltando aos estudos no ano de 1972. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. É casada há 19 anos. Seu marido tem 47 anos de idade. Não tem profissão fixa. Grau de escolaridade: secundário completo.

Magda - Tem 32 anos; três filhos: dois do sexo masculino, um de 14, outro de 6 anos e uma filha de 15 anos de idade. Professora Primária substituta. Atualmente leciona numa Escola da Zona Rural. Está no Magistério há 3 anos. Formou-se em 1969. Frequenta o Curso de Letras. Deixou de estudar por 5 anos, voltando aos estudos no ano de 1974. É casada há 16 anos. Seu marido é Funcionário Público Municipal. Tem 38 anos de idade. Grau de escolaridade: secundário completo.

Maria - Tem 52 anos, um filho do sexo masculino, com 29 anos de idade. Professora Primária efetiva há 22 anos. Formou-se em 1952. Deixou de estudar por 19 anos, voltando aos estudos no ano de 1971. Frequenta o Curso de Pedagogia. É casada há 31 anos. Seu marido tem 51 anos de idade. É Funcionário Público Estadual. Grau de escolaridade: secundário completo.

Mara - Tem 32 anos, um filho de 10 anos de idade. Professora Primária. Exerceu este cargo, como substituta, por alguns meses. Atualmente é Funcionária da Justiça. Neste cargo está há 10 anos. Formou-se em 1961. Deixou os estudos por 11 anos, voltando aos estudos no ano de 1972. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. Foi casada duran

te 10 anos. Está desquitada há 1 ano. Seu ex-marido tem 58 anos de idade. Funcionário Público aposentado. Grau de escolaridade: superior completo.

Marilene - Tem 30 anos, três filhos: dois do sexo masculino, um de 10 e outro de 1,5 anos, e uma do sexo feminino de 8 anos de idade. Professora Primária. Exerceu a profissão ligada ao Magistério antes de casar-se. Deixou-a após o casamento para dedicar-se às atividades do lar. Formou-se em 1961. Deixou de estudar por 13 anos, voltando aos estudos no ano de 1974. Frequenta o Curso de Letras. É casada há 11 anos. Seu marido tem 33 anos de idade. É Industrial. Grau de escolaridade: superior completo.

Marly - Tem 39 anos, dois filhos: um do sexo masculino, de 8 anos, e uma do sexo feminino, de 13 anos de idade. Professora Primária. Exerceu as atividades profissionais, como substituta. Após o casamento deixou-as para se dedicar exclusivamente às atividades do lar. Formou-se em 1952. Deixou de estudar por 20 anos, voltando aos estudos em 1972. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. É casada há 14 anos. Seu marido tem 54 anos de idade. Exerce profissão liberal. Grau de escolaridade: superior completo.

Mariana - Tem 37 anos, três filhos: dois do sexo masculino, um de 19 e outro de 10 anos e uma do sexo feminino com 15 anos de idade. Professora Primária. Nunca exerceu atividades profissionais. Formou-se em 1954. Deixou de estudar por 18 anos, voltando aos estudos no ano de 1972. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. É casada há 21 anos. Seu marido tem 45 anos de idade. É

agricultor. Grau de escolaridade: secundário completo.

Malú - Tem 33 anos, uma filha de 4 anos de idade. Professora Primária. Após conseguir o diploma de normalista, continuou, ainda solteira, os estudos. Formou-se em 1965 no Curso de Pedagogia. É professora, no Curso Secundário, contratada há 4 anos. Deixou os estudos por 6 anos, voltando aos estudos no ano de 1971. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. É casada há 6 anos. Seu marido tem 40 anos de idade. É Funcionário da Justiça. Grau de escolaridade: superior completo.

Marta - Tem 24 anos de idade, um filho do sexo masculino com 3 anos de idade. Professora Primária efetiva há 2 anos. Formou-se em 1969. Deixou de estudar por 2 anos, voltando aos estudos no ano de 1971. Frequenta o Curso de Letras. É casada há 5 anos. Seu marido é Funcionário Público Estadual. Grau de escolaridade: superior completo.

Marcela - Tem 36 anos, dois filhos do sexo masculino, um de 11 e outro de 10 anos de idade. Professora Primária efetiva há 12 anos. Formou-se em 1958, voltando aos estudos no ano de 1972. Deixou de estudar por 14 anos. Frequenta o Curso de História. É casada há 13 anos. Seu marido tem 42 anos de idade. É bancário. Grau de escolaridade: secundário completo.

Madalena - Tem 38 anos de idade, três filhos: dois do sexo masculino, um de 12 e outro de 10 anos e uma do sexo feminino de 3 anos de idade. Professora Primária efetiva há 10 anos. Formou-se em 1960. Deixou os estudos

por 12 anos, voltando aos estudos em 1972. Frequenta o Curso de História. É casada há 15 anos. Seu marido tem 45 anos de idade. É bancário. Grau de escolaridade: secundário completo.

Maristela - Tem 26 anos de idade; um filho do sexo masculino, de 6 meses de idade. Professora Primária substituta há 7 anos. Formou-se em 1966. Deixou os estudos por 6 anos, voltando a estudar no ano de 1972. Frequenta o Curso de História. É casada há 2 anos. Seu marido tem 30 anos de idade. É comerciante. Grau de escolaridade: secundário completo.

Marciana - Tem 45 anos, três filhos: dois do sexo masculino, um de 15 e outro de 10 anos, e uma do sexo feminino com 25 anos de idade. Professora Primária efetiva há 12 anos. Formou-se em 1946. Deixou de estudar por 26 anos, voltando aos estudos no ano de 1972. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. É casada há 27 anos. Seu marido tem 50 anos de idade. É agricultor. Grau de escolaridade: secundário completo.

Marcelina - Tem 25 anos, um filho do sexo masculino de 6 meses de idade. Professora Primária efetiva há 1 ano e meio. Formou-se em 1970. Deixou de estudar por 2 anos, voltando aos estudos em 1972. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. É casada há 3 anos. Seu marido é Funcionário Público Estadual. Tem 28 anos de idade. Grau de escolaridade: secundário incompleto.

Margô - Tem 42 anos; quatro filhos do sexo masculino, com 19, 18, 15 e 12 anos de idade. Professora Primária efetiva há 21 anos. Formou-se em 1949. Deixou de es

tudar por 22 anos, voltando aos estudos em 1971. Frequenta o Curso de Ciências Sociais. É casada há 20 anos. Seu marido exerce profissão liberal. Grau de escolaridade: superior completo.

Margarida - Tem 27 anos, um filho do sexo masculino com 3 anos e meio de idade. Professora Primária substituta há 4 anos. Formou-se em 1965. Deixou de estudar por 6 anos, voltando aos estudos em 1971. Frequenta o Curso de História. Foi casada durante 3 anos e meio. Desquitou-se há 6 meses. Seu ex-marido tem 30 de idade. É contador. Grau de escolaridade: secundário completo.

Marlene - Tem 41 anos de idade, três filhos do sexo masculino de 19, 14 e 3 anos de idade. Professora Primária efetiva há 7 anos. Formou-se em 1957. Deixou de estudar por 14 anos, voltando aos estudos no ano de 1971. Frequenta o Curso de História. É casada há 22 anos. Seu marido tem 45 anos de idade. É Funcionário Público Estadual. Grau de escolaridade: superior completo.

Marilú - Tem 35 anos; duas filhas: uma de 10 e outra de 7 anos de idade. Professora Primária efetiva há 3 anos. Formou-se em 1958. Deixou de estudar por 14 anos, voltando aos estudos em 1972. Frequenta o Curso de História. É casada há 12 anos. Seu marido tem 40 anos. É fotógrafo. Grau de escolaridade: secundário completo.

Marcolina - Tem 30 anos; um filho do sexo masculino de 5 anos e um do sexo feminino de 7 anos de idade. Professora

Primária efetiva há 6 anos. Formou-se em 1968. Deixou de estudar por 3 anos, voltando aos estudos em 1971. Frequenta o Curso de Pedagogia. É casada há 7 anos. Seu marido tem 34 anos de idade. É bancário. Grau de escolaridade: secundário completo.

Maribel - Tem 24 anos; uma filha de 2 anos de idade. Professora Primária efetiva há 1 ano. Formou-se em 1968. Deixou de estudar por 3 anos, voltando aos estudos em 1971. Frequenta o Curso de Pedagogia. É casada há 3 anos. Seu marido é Funcionário Público Estadual. Grau de escolaridade: superior completo.

Malvina - Tem 25 anos; um filho do sexo masculino de 3 anos de idade. Professora Primária efetiva há 5 anos. Formou-se em 1967. Deixou de estudar por 5 anos voltando aos estudos em 1972. Frequenta o Curso de História. É casada há 3 anos. Seu marido é Funcionário Público Estadual. Grau de escolaridade: secundário completo.

Estudar as imagens que a mulher casada e os outros têm de seus papéis é, portanto, o objetivo deste trabalho. E esta visão se situa em dois momentos mediados pelo papel de estudante. Para tal, procuramos fugir de uma abordagem formalista de papel, buscando as percepções e interpretações que são elaboradas sobre a sua posição. Embora procuremos interpretar os achados, este trabalho se compõe basicamente daquilo que constitui a construção, por parte dos sujeitos da investigação, do que é para eles essa realidade: seus papéis. Ao caminharmos

para um conhecimento que advém das relações que se estabelecem entre a mulher e o marido, a mulher e os filhos, a mulher e a casa, a mulher e o trabalho, a mulher e os estudos, podemos situar os papéis no contexto em que eles alcançam a sua concretude. Este quadro se completa com o conhecimento e a análise das relações sociais que se estabelecem quando a mulher deixa o âmbito familiar, seja pela primeira vez, seja pela segunda se for profissional, para ingressar em um curso superior.

Sabemos que a possibilidade de uma reificação dessa realidade não está afastada, ou seja, terem transformado as suas concepções em "realidades" *. Mesmo que tenha ocorrido uma apresentação "representada" do papel, esse "discurso ideológico" nos permite uma apreensão do modo de pensar dos entrevistados. Nesse sentido usamos os dados como uma verdade.

A apresentação deste trabalho é feita em três capítulos e uma conclusão. No primeiro, tratamos das concepções dos papéis na situação que antecede a entrada na Faculdade; no segundo, a ênfase é dada à busca do novo papel - estudante. Juntamente com as expectativas frente à adoção do papel são apresentados os motivos da escolha do curso e da Faculdade; no terceiro, a reavaliação dos papéis e o estudo das redes intra e extra-familiar constituem os principais aspectos abordados. A conclusão retoma os comentários de cada capítulo, em uma síntese geral, destacando, ao final, alguns aspectos teóricos e metodológicos pertinentes.

* Sobre reificação da realidade ver Berger, P. L. e Luckmann, T. T. A construção social da realidade - Tratado de sociologia do conhecimento; Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1973:122-126.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A CONCEPÇÃO DOS PAPÉIS

"... o problema dos papéis é o problema do significado da vida".

Koestenbaum (1)

(1) Koestenbaum, P. A interpretação dos papéis. In: Farber, S.M. e Wilson, R. H. L. (Ed.) Que é mulher. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura S.A., 1966: 172.

Neste Capítulo procuramos apreender como as mulheres casadas vêem os papéis de mãe, esposa, dona-de-casa e o profissional. Há uma limitação inicial, pois somente estes papéis serão analisados; obviamente, estas mulheres, mesmo no âmbito das relações familiares, podem ter outros papéis, como os de avó, irmã, etc. Esta delimitação prende-se ao fato de termos voltado a atenção para as relações que se estabelecem entre a mulher-marido; mulher-filho (s); mulher-casa e mulher-trabalho. Sendo um aspecto essencialmente descritivo, tentamos captar a maneira pela qual as mulheres se situam diante desses papéis, ou seja, as imagens que elas próprias elaboram sobre os papéis.(2). Dessa forma, não se trata de que definam os papéis; certamente, isto poderá vir a emergir, mas não é o ponto de par

(2) Na literatura brasileira, pesquisa de Goldberg, M.A.A. et al. ob. cit., trata da concepção da mulher em população de vestibulandos, justamente para que não se confrontasse concepção e desempenho cotidiano, portanto uma posição metodológica diferente da que adotamos.

tida.

Embora a ênfase esteja no aspecto acima assinalado, não se excluem as elaborações feitas por outros atores, no caso os familiares, sobre esses papéis. Isto é que amplia a possibilidade de se entender a importância das expectativas em relação aos papéis que se especificaram no quadro organizacional familiar.

1. O Papel Profissional

Um retrospecto sobre a vida educacional e profissional das entrevistadas é um ponto que necessita ser levantado. Todas têm formação profissional e passaram pelos mesmos estágios de educação: são professoras primárias. E dentro desta categoria passaram pelo mesmo processo de carreira, de professoras substitutas para professoras efetivas. Este é um processo institucionalizado, não havendo necessidade de nos determos nesse ponto, porém alguns aspectos dessa "escolha vocacional"(3) que se revelam na história de Márcia, ilustram as perspectivas que se colocavam para a mulher em relação à educação e à profissão.

"Meu pai sempre foi um homem muito severo com a educação dos filhos e principalmente com a minha, por ser eu uma mulher. Desse modo, tive muitas dificuldades para conseguir me formar, pois na opinião dele as mulheres não precisavam ser estudadas e sim preparadas para o casamento, para serem boas esposas e boas mães. Devido ao modo de pensar do meu pai, sobre a formação das mulheres, iniciei o Curso Normal com 14 anos de idade, uma porque nesta ocasião meu pai lutava com dificuldades financeiras e o pouco que tinha era todo encaminhado para os estudos dos

(3) O assunto sobre a escolha do magistério primário como profissão foi investigado por Gouveia, A. J. Professoras de manhã: um estudo de escolha ocupacional. São Paulo, Pioneira, 2a. ed., 1970; Pereira, Luiz. O magistério primário na sociedade de classes: contribuição ao estudo sociológico de uma ocupação na cidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, Boletim nº 277, São Paulo, 1963. O processo de carreira no magistério primário também faz parte do estudo de Luiz Pereira, Capítulo III, pg.79-136.

meus irmãos, que por serem homens precisavam ter uma formação, tanto é que todos eles são formados em cursos superiores e eu não (...)".

Mas, lutando contra essa idéia do pai, conseguiu formar-se professora primária. Entretanto, para conseguir estudar teve que enfrentar outra dificuldade além das anteriores: "a cidade onde morávamos não tinha uma Escola Normal, assim tive que viajar todos os dias para uma cidade vizinha, o que para meu pai constituía um escândalo(...), imagine uma menina, como meu pai me chamava, viajando de ônibus e sozinha". No entanto, Márcia foi rompendo com "os preconceitos" do pai e conseguiu chegar até o fim do curso que iniciara.

Seu gosto pelos estudos foi crescendo, e suas pretensões a esse respeito foram se ampliando. Depois de formada, manifestou desejo de entrar para uma Faculdade. Nesse tempo, instalava-se em Campinas a Faculdade Católica de Filosofia. Sua prima, sabendo das suas aspirações, escreveu-lhe, convidando-a para que, com ela, tentasse os exames vestibulares, e oferecendo a sua casa para que nela Márcia se hospedasse. Mais uma vez ela teve que lutar contra as idéias do pai, que desta vez venceu, alegando "que nunca a deixaria ficar fora de casa e que não queria dar trabalho para os parentes e dever para eles obrigações e favores (...)".

"- Não pude aceitar o convite pelos seguintes motivos: uma que meu pai nunca me deixaria mesmo estudar longe de casa, e para isso conseguir eu teria que romper com ele ou brigar muito, o que na ocasião não estava muito disposta; outra que nesta época estava outra vez passando por dificuldades financeiras e não poderia me manter fora de casa, e muito menos numa Faculdade paga. Além do mais, eu já estava namorando o meu atual marido, a quem adorava, e, assim, não fiz muita força para conseguir o meu objetivo, para não ter que sair de casa e correr o risco de perdê-lo para outra(...) mas, se tudo isso não tivesse acontecido, hoje já poderia estar no magistério secundário, como sempre quis estar e pelo qual hoje luto(...). Após ter conseguido o diploma de normalista, iniciei minha carreira profissional, como substituta, numa escola municipal. Meu pai não queria de jeito nenhum que eu fosse trabalhar, porque era contra mulheres terem outras tarefas além das da casa e achava que trabalho fora do lar era da incumbência dos homens. Mas mãe me ajudou muito a convencer meu pai, dizendo que eu poderia, com o dinheiro que recebesse do meu trabalho, comprar o enxoval e ter o que eu quisesse, já que a situação financeira atual dele não permitia isso. Assim, mesmo sob protestos, papai acabou cedendo, mas nunca se conformou de me ver trabalhando num lugar que aos homens caberia".

Logo mais, esta escola passou para o Estado e ela foi nomeada como "dona-da-cadeira", que até hoje possui, decorridos 30 anos.

"- Minha nomeação trouxe fofocas na cidade e, por ter sido ela conseguida através de política, sofri pressões de todas as espécies, até por parte das autoridades escolares a quem me achava, na época, subordinada. Tive que lutar com muitas dificuldades para levar avante minha vida profissional, eram coisas em cima de coisas que me impunham e que de mim exigiam (...), mas consegui superar tudo e aqui estou vitoriosa e feliz com a minha cadeira e com os meus alunos, o que muito me realiza. Até hoje sinto-me frustrada quando penso no modo como fui colocada dentro do magistério (...), fico mesmo acabrunhada, mas acho que foi a mão do destino que me recompensou de uma injustiça antes comigo cometida, ou seja, a minha cadeira prêmio que durante o meu curso do Normal me foi roubada e dada para uma colega minha, somente pelo fato dela ser da cidade onde a Escola funcionava e eu não. Fico mesmo acanhada quando conto o modo como consegui a minha efetivação, mas foi-me oferecida a oportunidade e eu aceitei, logo (...). Por outro lado, com respeito a isso sinto-me mais aliviada desta minha frustração, quando penso que muita gente, e não só eu, também foi beneficiada com esse Decreto, feito, quase que especialmente, para mim. Iniciei a vida profissional, como efetiva, em 1944, quando ainda estava solteira e continuei exercendo a profissão após casada".

Este relato não é atípico, pois se nos outros aparecem alguns fatos que diferem dos citados pela entrevistada, todos apresentam circunstâncias que são comuns entre as mulheres que se dirigiram ao magistério primário, tais como : "cursei o Normal por ser um curso de curta duração"; "ser o curso que todas as moças faziam"; "o único que havia na cidade".

Considerando-se o fato de que a grande maioria das entrevistadas fez o curso Normal nas décadas de 40 e 50, pode-se constatar que independentemente da época, o ideal do exercício da profissão não é básico para a escolha do curso. Pesquisa realizada entre estudantes, em 23 escolas normais nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, que escolheram o curso Normal na década de 60, revelou que o magistério primário constitui a aspiração ocupacional de 30% das pesquisadas; o magistério secundário 12%, outras ocupações, 30%; exclusivamente ao lar, 24% e não sei, 4% (4).

(4) Gouveia, A. J., ob. cit., pg.29.

Embora o ideal do exercício profissional não tenha sido básico para a escolha, mas pela ausência de outras alternativas, ela é feita e o ingresso na profissão será a solução encontrada. As justificativas para isto são diversas e nelas é que encontraremos a série de imagens que essas mulheres elaboram sobre esse papel profissional. Novamente, se nos reportamos a Márcia, teremos um primeiro panorama dessas justificativas.

"- Mesmo depois que me casei continuei lecionando por muitas razões, como a necessidade econômica, por gostar de dar aulas e lidar com crianças e por achar que a minha profissão é a coisa mais linda do mundo. Além do mais, como já trabalhava em solteira, eu já estava acostumada a isso, mas a primeira razão foi a que mais me forçou a permanecer na minha profissão. Meu marido, na época do nosso casamento, era alfaiate e ganhava pouco, assim era preciso que eu o ajudasse nas despesas da casa. Ele era o mais velho dos irmãos e havia perdido o pai fazia pouco tempo. Desse modo, como era costume antigamente, meu marido assumiu o lugar do pai e o sustento da casa e dos irmãos menores que ficaram sob a sua responsabilidade. Ele, com isso, muito se sacrificou, mas conseguiu formar os irmãos, ao passo que ele só pôde ter o primário. Assim, quando nos casamos, eu me vi obrigada a cooperar com ele e o que eu ganhava era importante para nossa vida. Depois vieram as nossas filhas e eu precisava trabalhar para vê-las ter uma educação à altura, o que consegui, e o que me torna mais realizada como mãe. Desse modo, sempre fui apegada à minha profissão, tanto por ideal como por razões econômicas e sociais que a ela se prendiam. Entretanto, nunca me arrependi de exercê-la, pelo contrário sempre a valorizei e nela sempre me realizei(...), por isso vejo a minha carreira como sendo um fator de grande importância na minha vida".

Márcia enfatiza seu papel profissional e afirma que está "perfeitamente satisfeita com o status dele advindo e do bom relacionamento social que desfruta". Considera-o "um verdadeiro sacerdócio, porque através do meu papel profissional me vejo dia-a-dia dando um pouco de mim para os outros, e assim me vejo feliz dentro dele".

Torna-se bem claro deste relato que duas imagens se constroem sobre o papel profissional: a sua valorização como meio de obter uma renda que permita melhores condições de vida social e econômica, que manifesta como forma de

colaboração na economia doméstica (5) e uma segunda, a idealização profissional como "vocação". Estas imagens se reproduzem em outros depoimentos.

Maria, em um relato similar ao de Márcia, confirmará estas considerações:

"- Meu trabalho é digno e fascinante(...) através dele sinto-me útil dentro de casa, ajudando meu marido nas despesas da casa. Com o ordenado que ganho pude dar ao meu filho uma boa educação e uma profissão digna, o que não teria acontecido se só meu marido trabalhasse(...) só com o ordenado que ele ganha nunca teríamos possibilidades de termos o que temos e termos as pretensões que sempre tivemos, melhorar na vida e possuímos as nossas coisas e a vida que levamos".

Mais uma vez é sentida a valorização do papel profissional em termos econômicos. Com sua atividade profissional, reforçando o orçamento doméstico, ele se torna, para as mulheres, um dos elementos de "realização".

Maridos como os de Márcia e Maria não deixam de reconhecer o valor econômico do papel profissional exercido pelas suas mulheres. Eles enfatizam o trabalho das mulheres e afirmam que a elas devem grande parte do que possuem, como: casas, terrenos, sucesso econômico, etc. Verificamos que não há oposição quanto ao trabalho da mulher, e talvez isto se explique por alguns fatos: aceitação desse tipo de trabalho (magistério), ter sido vista pelos maridos como uma profissão de prestígio social, e pelo fato de valorizarem a "formação conseguida pelas mulheres".

O marido de Maria, em sua entrevista, a firma:

(5) Em pesquisa realizada na França foi encontrado que 95% das mulheres do "meio operário", "meio intermediário" e "meio a bastado" respectivamente, diziam que a principal razão para o trabalho remunerado era a necessidade de "melhorar o orçamento doméstico", cf. Sullerot, E. História y sociología del trabajo femenino. Barcelona, Ediciones Peninsula, 1970:369-370.

"- Sempre dei valor a minha mulher e a sua profissão. Ela sempre trabalhou, em solteira e depois que nos casamos. Assim, depois de casados ela sempre me ajudou a vencer na vida. Com o ordenado que ela recebia muitas vezes nos sustentamos, principalmente quando eu me via por uma ou outra razão apertado com dinheiro. Nunca me senti diminuído com a ajuda econômica que ela me prestava e, ela também, nunca me fez assim sentir. Hoje temos tudo que almejavamos quando nos casamos, mas não posso nunca deixar de reconhecer que minha mulher foi um dos fatores que mais contribuiu para isso, de forma que eu lhe sou eternamente grato pelo que ela conseguiu fazer comigo, isto é, me transformando em alguém respeitado como hoje sou. Foi ela, também, que lutou para que nosso filho se formasse e que pudesse hoje ter a profissão que tem e da qual nos orgulhamos. Para que isso se desse, ela é quem pagava os estudos do menino, pois nessa época eu ganhava pouco, o que não me permitia mantê-lo fora da cidade, estudando. Por isso digo e repito, a minha mulher devemos o que hoje somos. Eu e meu filho reconheceremos nela esse valor e a admiramos mais ainda(...)".

Entretanto, a visão das mulheres sobre a profissão não se limita aos pontos acima analisados. No relato de Márcia, como veremos, há outros aspectos:

"- Sempre exerci o papel de professora primária e a minha vida profissional nunca me atrapalhou nos meus outros papéis, principalmente nos de mãe e de dona-de-casa e, além disso, minha profissão exige de mim poucas horas de trabalho, o que não me cansa e não me tira muito tempo de casa. Por isso, vejo a minha profissão como sendo a ideal para as mulheres, principalmente para as casadas como eu. Ainda vejo a minha profissão como própria mais para as mulheres do que para os homens por mais estas razões; ela é mesmo a própria para o sexo feminino por serem as mulheres as mais indicadas para lidarem com as crianças. Elas são mais carinhosas, mais pacientes, mais afetivas e mais amorosas, o que os homens quase nunca são, e é tudo isso que uma criança quer encontrar no professor, e que só mesmo uma mulher pode lhes dar. Por outro lado, ainda acho que ser professora primária é trabalho feminino devido ao ordenado que recebemos. Ele, no meu caso particular, me ajudou muito e hoje me satisfaz, mas um homem nunca conseguirá, hoje, manter satisfatoriamente uma família com o ordenado de professor. Além do mais, o progresso tecnológico e o científico mudaram a concepção das coisas em todos os setores, e o homem já não se enquadra mais dentro do magistério primário. Assim, vejo mais uma vez esta profissão como uma carreira para mulheres e não para homens, como era aceita anteriormente".

Estas concepções sobre o papel profissional revelam as distinções que as entrevistadas estabelecem em relação ao trabalho que executam. Se, de um lado, apontam-lhe características próprias que o tornam, além de essencialmente feminino, exclusivamente feminino, de outro é valorizado o fato

de que a imagem da mulher profissional não chega a distorcer a da mulher casada, mãe e dona-de-casa. O pouco tempo de ausência de casa não altera o desempenho desses dois papéis, sendo mesmo encarada a profissão como uma extensão da vida doméstica. Dois pontos ressaltam nesse depoimento: o primeiro evidenciando para a mulher a existência de um estereótipo do feminino, acentuando certos traços como típicos da personalidade feminina (6). O segundo colocando para a mulher aquelas atividades que, sendo menos remuneradas, não poderiam ser exercidas pelos homens (7).

(6) Entre os estudos que se dedicaram à análise do caráter feminino do ponto de vista psicológico destacamos o de Klein, V. ob. cit., especialmente quando trata das abordagens freudianas (Capítulo V) e as experiências realizadas por Helen, B. Thompson (Capítulo VI) e L.M. Terman e C.C. Miles (Capítulo VII). Em pesquisa recente, realizada no Brasil, Goldberg, M. A.A. et al. ob. cit. verificou que os dados de sua investigação levavam a uma conclusão não muito diferente da encontrada por Anne-Marie Rocheblave-Spenlé (Les rôles masculins e féminins, PUF, Paris, 1954) realizada entre jovens universitários europeus de ambos os sexos e de idade inferior a 30 anos. Nesta pesquisa a lista de "traços femininos" inclui: "caprichosa, coquete, gosto pela toilette, intuitiva, frívola, mentirosa, pudica, caprichosa, sensível, carinhosa, faladora, maneirista, emotiva, submissa, necessidade de agradar, histérica, estouvada, curiosa, doce, incoerente, astuciosa, passiva, necessidade de confiar, fraca, pueril, necessidade de ter filhos, discreta, medrosa, necessidade de amor". Especialmente em relação aos estereótipos de sexo e magistério primário, Pereira, L., ob. cit., pg. 61-62, divide os fatores de maior adequação às mulheres em: A- "fatores extrínsecos" apenas; B- traços da "personalidade feminina" não referidos à "hereditariedade" e "fatores extrínsecos"; C- traços da "personalidade feminina" não referidos à "hereditariedade"; D- traços da "personalidade feminina" referidos à "hereditariedade e fatores extrínsecos"; E- traços da "personalidade feminina" referidos à "hereditariedade". Os traços da personalidade feminina citados pelo autor e mais frequentes são: "instinto maternal", "carinho", "amor", "docilidade", "compreensão", "paciência", "abnegação", "comunicabilidade", "meiguice", "dedicação".

(7) No contexto mais amplo da profissionalização feminina esta idéia nos remete à função que tem tido o sexo feminino como "exército de reserva" de mão-de-obra, sendo convocado para atividades de menor prestígio social. Nisto estaria se expressando o papel tradicionalmente subalterno que a mulher tem, tanto no mercado de trabalho como na sociedade mais ampla. Uma análise sucinta mas bastante esclarecedora sobre o trabalho feminino encontra-se em Moraes, M.-A questão feminina. Estudos CEBRAP, 16, 1976:157-168.

Da forma como é encarado, "próprio para o sexo feminino", o papel profissional vem de encontro às representações sociais construídas sobre os demais papéis, pois ele possibilitaria uma integração e nunca uma ruptura entre eles.

Esta valorização é confirmada em vários relatos que destacam a importância do papel profissional para a sustentação dos valores tradicionalmente atribuídos ao comportamento da mulher casada. O curto tempo de ausência permite-lhes conservar a imagem de boas esposas, mães e donas-de-casa, conferindo-lhes também a possibilidade de serem consideradas boas profissionais.

No grupo formado pelas mulheres que exercem atividades profissionais as opiniões dos casais são muito semelhantes, o que não ocorreu na circunstância da mulher que não trabalha fora de casa. Neste último caso, os maridos afirmam não haver necessidade de suas mulheres trabalharem para ajudar no aumento da renda familiar, porém parece-nos que não é este o principal motivo de oposição, como veremos mais abaixo.

Elas apontam, na maioria das vezes, o desejo de "ganhar dinheiro" e sentirem-se "menos dependentes" dos maridos. Outros motivos de ordem pessoal como "sair da rotina dos trabalhos domésticos" são superados pelos argumentos dos maridos, que afirmam: "mulher deve ser antes de tudo mãe e dona-de-casa", o que as mantém fora da vida ativa econômica. Pelo que constatamos, nesse caso, as atitudes dos maridos com relação ao trabalho de suas mulheres são mais conservadoras que as delas. Parece-nos que a oposição não está ligada ao fato de serem contra o trabalho feminino, em si mesmo, relacionando-se mais a certos padrões, dos quais se destaca que o marido deve ser o provedor da casa, aliando-se, ainda, a repercussão social do exercício profissional

pela esposa. (8). Desse modo, as aspirações de profissionalização das mulheres donas-de-casa são abafadas frente à vontade de seus maridos. Estas afirmativas são claramente expressas nas palavras das entrevistadas, como nas de Mariana:

"- Nunca me vi como uma profissional, isto é, desempenhando uma profissão remunerada, mesmo tendo conseguido um diploma de normalista. Minha função sempre, mesmo após casada, era a de exercer as atividades do lar. Apesar de eu sempre ter podido gozar de uma vida econômica segura, sempre me preocupei com o meu futuro e com o dos meus filhos. Porisso, uma das únicas coisas que almejo para eles é que se formem e sejam alguém na vida e que tenham uma profissão garantida para se virarem e, com isso, se tornarem, mais tarde, independentes e felizes(...). Eu sempre, pelo menos até agora, sempre tive tudo que quis, mas mesmo assim não deixo de ter a minha opinião de que a mulher tem que ter o seu dinheiro para gastar e não ser tão dependente economicamente como sou do meu marido. Assim, sou favorável ao trabalho da mulher fora de casa, desde que isso não venha a atrapalhar a sua vida de esposa e de mãe, que considero como as principais coisas para uma mulher que se casa. - Porisso, acho que a melhor profissão para as mulheres casadas é o magistério. Ele é a profissão ideal para as mulheres porque ela exige pouco das mulheres e, com isso, elas se vêem por pouco tempo afastadas do lar, dos filhos e do marido, o que não ocasiona o completo abandono do lar e da direção da casa. Embora seja favorável ao trabalho profissional da mulher, eu nunca pude exercer uma profissão, porque logo que me formei eu me casei. Depois, no tempo que casei, não era muito comum as mulheres trabalharem como hoje, principalmente as mulheres da minha família e do meu marido. Assim, entrei para o esquema familiar e a ele me adaptei, aqui estou com um diploma e sem profissão. Mas não quero que isso aconteça com a minha filha. Os tempos de hoje não mais permitem que a mulher se veja só com os serviços domésticos. Hoje elas têm que ajudar os maridos e com isso terem as coisas que desejam ter. Hoje não é mais como antigamente, que a gente tinha uma vida mais fácil(...) hoje tudo é mais difícil de ser conseguido(...) hoje as mulheres não se adaptam mais ao esquema familiar e não se contentam somente com o papel de dona-de-casa. Além do mais, eu acho que a mulher, mesmo não precisando trabalhar para ajudar nas despesas do lar, deve ter sua profissão e assim conseguir o dinheiro para ter as coisas que quer ter sem precisar pedi-las para o marido(...). As moças de hoje não se submetem mais à depen-

(8) A oposição dos homens ao trabalho feminino foi encontrado ser da ordem de 56,1% na França; cf. Sullerot, E., ob. cit., pg. 370. Já, no Brasil, (Goldberg, M. A. A., et al. ob., cit. pg. 98-101) o trabalho da mulher casada foi concebido da seguinte forma: 29,0% afirmam que ela "deve exercer atividade remunerada, independentemente de qualquer necessidade econômica", 18,0% não exercer qualquer atividade remunerada; 45,0% indicaram restrições ao exercício do trabalho da mulher casada.

dência total do marido, principalmente na parte econômica. Desse modo, eu acho que elas devem ser preparadas para serem mães, esposas, donas-de-casa e para serem, também, profissionais, o que as tornará muito mais felizes e realizadas. Pensando assim, sempre quis que minha filha estudasse e procurasse fazer com que ela se forme. Sempre procuro incentivá-la para os estudos e procuro mostrar-lhe que a vida, dia a dia, está mais difícil e que ela precisa estudar e se formar para não ser, eternamente, dependente do marido, se um dia vier a se casar. Mesmo querendo que meus filhos se formem nunca influí na decisão deles em relação à escolha da carreira que deverão escolher, mas sempre os fiz ver que devem escolher algo que tenha futuro e que lhes dê dinheiro. Não sou de opinião de que o dinheiro é o fator principal para a felicidade de alguém ou de um casal, mas não deixo de achar que ele é um dos fatores essenciais para a felicidade de alguém ou para que um casal viva feliz".

Pedro, marido de Mariana, através das suas opiniões sobre a profissionalização da mulher casada, expõe claramente a condição de submissão da mulher ao homem e da sua limitação ao papel doméstico.

"- Se minha mulher quisesse trabalhar fora de casa e justificasse esse seu querer, com motivos justos, não sei qual seria a minha reação. Mas se ela insistisse no assunto e eu achasse que ela tinha razões reais para isso, eu a deixaria trabalhar, mas a avisaria bem que se isso viesse a atrapalhar a nossa vida de casado e a sua orientação na educação dos nossos filhos, ela teria que abandonar o trabalho sem qualquer justificção para isso(...). Para dizer a verdade, prefiro a minha mulher como ela é, dona-de-casa somente. Eu não preciso que ela me ajude nas despesas da casa, portanto ela não precisa sair de casa para trabalhar(...) acho que ela fazendo o que faz já está me ajudando muito e não precisa fazer mais nada além disso. De mais a mais eu me sentiria vencido na vida se precisasse da ajuda da minha mulher para sustentar a minha família (...). Acho mesmo que o lugar das mulheres que se casam é dentro de casa, educando os filhos e sendo a companheira do marido para tudo que ele precisar(...)".

Esses relatos têm como finalidade ilustrar a história de uma mulher não-profissional, e mostrar como é vista a profissionalização feminina. Eles ainda nos mostraram que a origem social da entrevistada nos parece básica para enquadrá-la no problema aqui colocado sobre o papel profissional. As representações de sua família, os valores e as motivações que permearam a educação desta mulher tenderam a encaminhá-la para uma formação secundária, que iria conferir-lhe um status social

valorizando na época em que ela concluiu seu curso Normal. Essas representações, resultantes de pressões familiares, levaram-na para o colégio de freiras, onde ficou como interna. A conduta dos pais da entrevistada era justificado pela possibilidade de proporcionarem à filha "um grau de instrução necessário para garantir o futuro", e pelo fato de ser através do diploma que a filha iria adquirir uma forma de firmar valores da classe da qual faziam parte. Para eles era pacífico, como diz a entrevistada, que as filhas frequentassem "uma escola de grau médio", no caso a Escola Normal, não somente devido às razões já apontadas, mas também porque, sendo esta uma escola religiosa, sentir-se-iam protegidos no que diz respeito "à conservação dos valores morais da cultura tradicional", o que não aconteceria se a entrevistada fizesse seu curso numa escola que não fosse dessa categoria.

Essa orientação envolve com grande nitidez os valores da família da qual a entrevistada se originou e onde os pais decidiam o futuro dos filhos e definiam certas profissões e ocupações como as mais adequadas à mulher.

O marido da entrevistada, embora seja favorável à profissionalização da mulher, não a vê como necessária para sua esposa, que diz preferir tal como é, e com essa afirmação delinea o seu tipo ideal de mulher, isto é, que a mulher tem que ser, além de tudo, "ótima esposa, boa mãe e boa dona-de-casa, como a minha".

Logo em seguida ressalta os valores masculinos refletidos na sua capacidade de poder, sozinho, sustentar o lar e de poder com isso ter sua esposa somente para ele e para o lar. Isto nada mais revela do que a própria valorização da sua condição masculina e o desejo de manter sua mulher subordinada a ele através da dependência econômica, independentemente

do fato de procurar saber o que sente com isso e por isso.

Desse modo, a mulher economicamente dependente do marido aceita a sua condição de mulher casada dona-de-casa, justificando-a como "obrigação", conforme afirmou a entrevistada em questão. Entretanto, isso não revela a real satisfação que ela obtém em relação a esta posição, e isso a obriga a estar sempre de acordo com o modo de pensar do seu marido sobre os papéis que desempenha. Ver seus papéis como obrigatórios está, inevitavelmente, relacionado com a inexistência de uma disponibilidade efetiva de recursos econômicos próprios. Tanto é que a mesma valoriza a independência financeira da mulher e demonstra estar insatisfeita com a sua dependência econômica. Entretanto, podemos afirmar, nesse caso particularmente, que a dependência econômica da mulher não chega a provocar uma situação de tensão, mas, também, não deixa de ser percebida uma insatisfação quanto a esta dependência.

Assim, a procura do bom desempenho dos seus papéis não nos parece representar um sacrifício por parte da entrevistada, isso devido ao fato de como ela os concebe, mas isso também não pode deixar de ser visto como uma forma imediata de retribuição pelo que recebe, transformada em compromisso de dependência que ora aceita e ora nega, revelando a sua preocupação com o futuro e a independência econômica dos filhos.

Desta forma, podemos concluir que a entrevistada não está totalmente satisfeita com a situação de dependência que lhe é imposta, pois quando ela examina as condições que cercam suas ações em relação às expectativas dos que a cercam não deixa de ser crítica, revelando uma percepção do que ela tem que ser e do que ela gostaria de ser.

Marilene, que também não é profissio-

nal, assim se expressa sobre a profissionalização feminina:

"- Sempre aspirei ter o meu dinheiro e poder com isso fazer o que bem entendesse com ele, sem depender do meu marido e sem dar a ele satisfação disso ou daquilo que gasto. Sinto-me mal assim sempre dele tão dependente. Isso me coloca sempre em um plano inferior, o que muito me aborrece(...). Meu desejo de lecionar está sempre vivo em mim, mas isso para mim é impossível, devido ao modo que meu marido encara a vida e os deveres de uma mulher casada(...). Ele não é propriamente contra a profissionalização da mulher, mas é contra a minha em particular(...). Gostaria mesmo de ter uma outra ocupação que não fosse a de dona-de-casa e isso me tiraria dessa minha dependência e me tornaria mais feliz".

O marido de Marilene sustenta o mesmo ponto de vista do entrevistado anterior, e com isso diz preferir a sua mulher "como ela é, desempenhando os papéis a ela atribuídos como mulher casada e só isso mesmo". Ao declarar isso, afirma: "como ela está, já me ajuda muito. Além do mais, acho mesmo que o lugar de uma mulher casada é no lar, cuidando do marido, da casa e dos filhos".

Entretanto, o marido de Marly mostra-se mais incisivo na sua declaração sobre o assunto. Diz aceitar a possibilidade de uma mulher casada trabalhar fora de casa, mas nega a sua esposa essa possibilidade, pois tem medo de ser julgado pelos outros como "incapaz de manter o seu lar". Para ele o "trabalho profissional feminino só é aceito se houver necessidade para isso, como por exemplo dificuldades financeiras", o que afirma não ser o seu caso. Além do mais, acha que se sua mulher trabalhasse fora depararia contra ele, "pois iriam pensar que não sou capaz de manter a minha família com o que recebo na minha profissão". Ao seu ver, "a mulher foi feita para ser mãe, esposa e dona-de-casa. Se ela fizer isso bem feito já está cumprindo com a sua obrigação. O resto é tarefa do homem, pois só a ele compete o sustento do lar".

Nestas afirmações, como nas dos maridos anteriormente analisados, estão refletidos os valores masculinos e a conseqüente desvalorização da mulher. Para eles a mulher continua tendo somente uma função: a de ser dona-de-casa, mãe e esposa. Ela tem que se prender a casa, e ao marido dedicar a maior parte do seu tempo, enquanto espera que o homem ganhe a sua vida e mantenha a sua casa, função que, no dizer deles, só aos homens compete. Nisso se vêem valorizados perante o grupo social que pertencem. Logo, as causas da não aceitação da profissionalização das suas esposas podem ser buscadas tanto nas condições sociais quanto na concepção que têm a respeito do trabalho profissional feminino.

Essas constatações nos permitem concluir que a concepção do papel profissional da mulher está presa a uma discriminação do trabalho feminino a fim de que os homens possam alcançar maior controle sobre os papéis desempenhados pelas mulheres, mantendo-as dependentes.

Estas afirmações se evidenciam quando o marido de Marilene declara, como que concluindo sua opinião sobre a profissionalização da mulher:

"- Também sou contra minha mulher trabalhar fora de casa. Acho que as mulheres que assim fazem se tornam muito ativas e com isso passam a se ver como sendo donas de si mesmas, o que nada me agradaria se isso se desse com a minha mulher(...)".

Esses depoimentos fazem ver porque esses homens são contra o papel profissional a que suas esposas aspiram. Eles nos mostram que temem que as suas mulheres percam as "qualidades tradicionais" do papel feminino e a subordinação a eles, o que acham necessário para se firmarem como homens e como maridos.

Enfim, a palavra profissionalização pressupõe, para eles, a perda da concepção que sustentam sobre a mulher, que "tradicionalmente tem que ser cordata, modesta e até sem qualquer projeção", como afirma um dos maridos entrevistados. Portanto, acham que a mulher não deve ter outra atividade além daquelas que eles consideram como "próprias das mulheres". Com isso, procuram manter a situação de fato das mulheres em questão, obrigando-as a se restringirem somente à vontade deles, o que os torna realizados, sem ao menos se preocuparem como elas vêem este fato. Portanto, é a vontade deles que se impõe, e não o querer das mulheres que prevalece.

Nestes casos, o papel tradicional do homem, como chefe da casa e responsável pelo sustento dela, é evidenciado, e do mesmo modo os papéis destas mulheres são por eles determinados. Esse processo é firmado diante das atitudes dos maridos em relação ao trabalho profissional, não das outras mulheres, mas das suas próprias mulheres. Nos depoimentos observa-se igualmente uma regularidade de julgamentos e de opiniões e de concepções sobre os papéis desejáveis para as mulheres e para os homens. Para eles as suas mulheres devem ter consciência do seu papel de mãe e de dona-de-casa mais do que de outro qualquer. Assim, o desejo e as necessidades pessoais de profissionalização destas mulheres não são satisfeitos, são latentes mas não se concretizam frente às opiniões e atitudes masculinas (9).

(9) Pelo fato dessas mulheres constituírem no grupo estudado aquelas que se situam como pertencentes a um grupo economicamente mais alto (embora elas se declarem como classe média) pode-se argumentar a existência de uma concepção diferencial por classes sociais em relação à profissionalização feminina. Os maridos da "classe média" seriam favoráveis à profissionalização, ao passo que os de classe mais abastada seriam desfavoráveis. Interessante observar que na pesquisa

As questões relativas à profissionalização feminina não se esgotam no que se apresentou até aqui, mas trazem à tona alguns pontos que são centrais para os nossos propósitos.

Entre esses pontos, que se situam no que é concebido sobre o papel profissional, um deles refere-se às relações entre o trabalho profissional e as necessidades econômicas familiares. Fica claramente evidenciado que, para o grupo de mulheres profissionais, a valorização do papel profissional está relacionada à participação do seu produto na renda familiar. Disso resulta uma aceitação desse papel, o que permite às mulheres nele permanecerem. Esta necessidade de participar na renda familiar não é apontada pelas mulheres não-profissionais, pois "ter mais dinheiro para gastar" e "ser economicamente independente" são suas expectativas. Entretanto, o conhecimento das atitudes dos maridos frente à não participação das esposas no setor profissional é de grande importância para o assunto em questão, pois nos permitiu verificar como e quando suas atitudes operam como forças contrárias à profissionalização de suas

realizada na França, cf. Sullerot, E., ob. cit., pg. 371, 65% dos homens do "meio operário" e 55% do "meio intermediário" são contra o trabalho feminino; sendo que a "hostilidade ao trabalho da mulher diminui à medida que nos acercamos das classes mais abastadas. Na Polónia, verificou-se que os operários eram em sua quase totalidade contra o trabalho das mães de filhos pequenos; 92% dos operários de Varsóvia e 95% dos de Lodz. Cf. Piotrowski, J.-Atitudes em relação ao trabalho da mulher. In: Chombart de Lauwe, P-H., ob. cit. pg. 104. Chombart de Lauwe, P-H, ob. cit., pg. 22, resumindo os dados colhidos tanto na França, como na Polónia e Marrocos, estabeleceu a seguinte imagem-guia do trabalho feminino: "a mulher solteira deve trabalhar (salvo oposições devidas à preparação da moça para a função tradicional de esposa, tais como aparecem ainda no Marrocos e entre os operários, poloneses, e o temor de certos meios franceses mais favorecidos e economicamente de ver a mulher adquirir muito facilmente uma independência econômica); a mulher casada sem filhos pode trabalhar (às vezes com certas reservas por parte dos homens); a mulher casada com filhos pequenos não deve trabalhar, salvo casos excepcionais".

mulheres. Elas estiveram presentes no caso dos maridos das não-profissionais. Suas opiniões são bastante significativas porque evidenciam que é no espaço familiar que os desejos das mulheres são abafados e é nele que florescem as forças contrárias à profissionalização das entrevistadas inseridas nesta categoria de mulheres. Assim, elas se vêem ligadas às suas atividades domésticas e as aceitam sem qualquer resistência, mesmo que isso não venha ao encontro das suas aspirações.

Ao lado dos motivos apontados pelo primeiro grupo de mulheres-profissionais anteriormente citados (motivos financeiros), afloram outros de ordem diversa, que englobamos na denominação de psicossociais, expressados na noção de ser útil socialmente e profissionalmente. Esta noção é também revelada como fator de valorização do papel profissional. Assim, motivos dessa ordem mostram que o processo de profissionalização das mulheres, quando ligado ao magistério primário, não é resultante, somente, de fatores extrínsecos. A verificação desses motivos levá-nos a vê-los inclusive em uma extensão ético-social. Esta última motivação fica bem clara quando as mulheres dizem que no exercício da profissão se sentem úteis, pois estão contribuindo para "orientar as crianças para serem os homens de amanhã, mostrando-lhes os seus direitos e deveres como futuros membros ativos de uma comunidade". É neste aspecto que o papel profissional é redefinido numa dimensão que o transforma de papel instrumental em papel expressivo, adquirindo um significado associado ao papel de mãe. Vêem o aluno como um filho, ao qual dedicam "toda atenção e amor" o que lhes traz, como afirmam, uma satisfação dentro do papel profissional e do desempenho das suas funções ligadas à profissão que exercem. Ela se torna edu-

cadora e orientadora tanto dentro como fora do lar (10). Em muitos relatos estes pontos ficam evidenciados quando essas mulheres declaram "gostar da profissão" que exercem, relacionando-a com o seu papel de mãe, aos papéis sociais e ao melhor desempenho deles. Assim, as mulheres que exercem uma atividade profissional não vêem esse papel como um meio de se libertarem dos seus papéis de mulher casada, mas como um meio de neles mais se realizarem e de se firmarem, elevando o nível econômico-familiar, e proporcionarem, como mães, melhores meios de vida educacional para seus filhos e serem, com isso, mais valorizadas no papel de mãe, o que lhes traz maior satisfação pessoal.

Frente aos argumentos apontados para a valorização da vida profissional dessas mulheres, pode-se concluir que há ajustamentos recíprocos entre o papel profissional, a família e o papel de mãe. A profissão exercida pelas entrevistadas passa a ser vista e aceita como uma profissão "própria das mulheres", porque de um lado ela vai ao encontro da concepção relacionada aos papéis femininos e de outro porque nela são apontados atributos considerados específicos das mulheres: mais pacientes, mais carinhosas, mais maternais. Desse modo, as entrevistadas vêem a profissão exercida como a melhor forma de profissionalização feminina, tanto para a família como para a sociedade. Além do mais, esse modo de profissionalização mantém a mulher numa posição hierárquica inferior no quadro das profissões e, ainda, dependentes ou não tão independentes economicamente dos seus maridos. Como é claramente exposto por Pereira,

(10) A idéia da escola como continuação do lar assume inclusive aspecto relacionado à noção de parentesco, haja visto que é muito comum nas escolas brasileiras, nos cursos maternos e pré-primários, os alunos chamarem as professoras de tias.

"Trata-se de elaboração ideológica tendente a acomodar orientações sociais divergentes relativas às modalidades de participação da mulher adulta na vida social - uma pelo envolvimento no padrão doméstico e outra pela filiação ao padrão profissional de atividades" (11).

2. O papel de dona-de-casa

Algumas evidências de que existe uma adequação do papel profissional ao de dona-de-casa foram estabelecidas anteriormente. Nos casos analisados não existe uma dicotomia entre o mundo ocupacional e o doméstico. Este fato não é estranho aos estudos que se dedicaram a este aspecto. Recentemente, Saffioti (12) conclui que isto se deve ao fato da adoção de uma carreira modesta ou quando a ocupação permite o exercício de pelo menos alguns papéis de dona-de-casa. Neste momento a nossa atenção volta-se para um aprofundamento não nesse aspecto, mas como as entrevistadas se colocam frente ao papel de dona-de-casa, qual é o grau de identificação com esse papel e se existem diferenças em suas concepções pelo fato de serem exclusivamente donas-de-casa ou não.

As primeiras sugestões procedem do depoimento de Márcia, apresentado a seguir:

"- Sempre fui, por minha mãe, ensinada a fazer os serviços da casa. Meu pai era um homem muito severo, neste ponto, com a minha educação. Sempre achou que

(11) Pereira, L., ob. cit., pg. 87.

(12) Saffioti, H. I. B. A mulher sob o modo de produção capitalista. Contexto, 1 (novembro), 1976: 21

os trabalhos da casa eram obrigação das mulheres e o profissional dos homens. Assim cresci e assim fui educada, sempre ajudando a minha mãe nos serviços domésticos e com isso sendo, como papai dizia 'preparada para o casamento'. Apesar de ter-me formado para professora primária, minha preparação para ser uma boa dona-de-casa continuava e nunca foi descuidada. Depois que me casei, a esses serviços, além do profissional, me entreguei. Era eu quem fazia tudo em casa e, como para isso fui bem preparada, me revelei uma ótima dona-de-casa. Como dona-de-casa sempre fui elogiada por todos e isso só me deixava envaidecida e por isso nunca me senti diminuída nesta tarefa. Passei a considerá-la a mais importante da minha vida, assim como de todas as mulheres que se casam. Sempre achei que do bom desempenho desse papel dependiam os meus outros papéis, isto é, o de mãe e de esposa. Por isso às tarefas domésticas sempre me dediquei de corpo e alma. Nelas eu me via como um reflexo da minha mãe e sempre me lembrando do que sobre esse papel ela me falava: 'nada melhor para um homem e para os filhos do que ter uma mãe e uma esposa organizada'. Assim, nunca, mesmo trabalhando fora de casa, me descuidei de nada, sempre procurei trazer a casa arrumada e as roupas do meu marido e dos meus filhos limpas e em ordem. Vendo-me como uma boa dona-de-casa, sempre me vi realizada e feliz como mulher casada. Fazendo todos os serviços da casa me via cumprindo com a minha obrigação. Assim, sempre quis ter todas as coisas nos seus devidos lugares e com isso dava aos meus a idéia de estar sempre me lembrando deles e do seu conforto. Nelas me achava insubstituível e essas tarefas nunca pensei em passar para ninguém (...)"

O relato de Márcia nos dá uma idéia de que a valorização do papel de dona-de-casa está fortemente enraizada nos processos de socialização desenvolvidos dentro da família (13). É também interessante notar que a valorização desse papel não implica em desvalorização dos demais papéis, sendo, sim, uma reafirmação deles através do outro - dona-de-casa. Daí o estímulo para bem desempenhá-lo e para cada vez nele mais se projetar e com isso conservar-se "bem" dentro de um universo que considera seu próprio mundo - o lar. A satisfação com o desempenho dos papéis domésticos e a necessidade de se ver valorizada com o desempenho desses serviços são baseadas nas opiniões

(13) A importância do estudo do processo de socialização dos papéis sexuais é focalizada em recente trabalho de Graciano, M. Contribuições da psicologia contemporânea para a compreensão do papel da mulher. Cadernos de Pesquisa, 15, 1975: 145-154.

dos outros e daquilo que sempre lhe foi ensinado, desde criança. O valor deste papel, dado pela entrevistada, parece também estar relacionado com os outros papéis que desempenha, e nesse relacionamento considera-o uma obrigação e o principal de uma mulher que se casa. Analisando o discurso mais profundamente, não se pode negar que nele está contida uma ideologia doméstica e uma noção de moral que se associam aos trabalhos da casa. Eles são desempenhados "sem a ajuda de ninguém", com isso a entrevistada sente-se "feliz e orgulhosa", perante os outros, com seu desempenho nesse papel. Logo, os argumentos para valorizá-lo são matizados de um interesse pessoal, isto é, de querer que a vejam como ela realmente quer ser vista neste papel, o que a "realiza" e a "torna feliz". À primeira vista essas afirmações podem parecer exageradas, mas, se atentarmos para o relato, encontraremos pontos que as reforçam, positivando-as. Ele está repleto de motivos ideológicos que não podem ser negados, como por exemplo o relacionamento desse papel com as relações conjugais e familiares. Assim, a entrevistada sente-se realizando um ritual, fazendo-se ver cheia de méritos nesse papel, para obter como recompensa a segurança do seu casamento e a dos seus outros papéis de mãe e de esposa. Desta forma, poderemos pensar que o que a entrevistada faz para os outros, neste papel, se transforma em um fim em si, no qual os outros têm que reconhecer o seu valor como dona-de-casa, o que lhe traz um alto grau de satisfação. Através do papel de dona-de-casa, ela canaliza seus ideais e sua satisfação pessoal. Esse é o modo pelo qual a valorização do papel de dona-de-casa é conferida em todo o relato. Esse papel é tido como o que completa os outros. Através dele e por meio dele é que a entrevistada se vê, como já dissemos, "realizada" e "elogiada" como mulher casada, esposa e mãe. Ela não deixa de vê-lo como "obrigação" e dever da mulher que assume a responsabi

lidade do casamento", colocando-o como o "principal" das mulheres casadas. Ao colocar seu papel neste nível de valorização, faz todos verem que ela não se sente, com o seu desempenho, "desvalorizada" perante as outras mulheres que não o desempenham inteiramente.

A ênfase dada por Márcia ao papel de dona-de-casa não é tão sentida nos discursos das outras mulheres entrevistadas e que são também profissionais, embora elas, ao falarem sobre esse papel, também o relacionem com os demais que desempenham como mulheres casadas que são. Não o vêem como "uma realização", mas sim como "obrigação e dever". Não o julgam "o principal na vida de uma mulher casada", e não sentem, ao desempenhá-lo, "qualquer emoção" ou "satisfação".

Ao vê-lo como "obrigação" ou "dever", Maribel não deixa de tecer críticas a esse respeito: "Não gosto dos serviços de casa, apesar de saber que eles são uma obrigação, acho que eles me absorvem e me colocam como doméstica e desvalorizada". Magda, de maneira similar, também não deixa de ver seu papel de dona-de-casa da mesma maneira que Maribel: "acho que os serviços domésticos bitolam as mulheres e com isso nos privam de usar melhor toda a nossa capacidade criadora. Eles não passam de uma rotina que se estabelece obrigatoriamente na nossa vida após o casamento(...)". Maria também dá sua impressão: "Prefiro lecionar do que fazer serviços de casa, nos quais não me realizo. Como profissional me vejo valorizada e recompensada e como dona-de-casa me sinto somente desvalorizada. Nunca me vi como sendo rainha do lar, estando trabalhando nos serviços da casa; me vejo, sim, escravizada, cansada, aniquilada, o que me transforma numa rainha sem trono e desvalorizada(...)".

Entretanto, os maridos das mulheres a-

qui analisadas são unânimes em afirmar que "a mulher deve saber ser boa dona-de-casa e uma mãe antes de mais nada" e atribuem a esse papel "a felicidade do casamento", além de também dizerem que seriam infelizes se suas mulheres não dessem a esse papel u ma "real importância".

Alguns maridos, como o de Márcia, chegam a comparar suas mulheres com suas mães, e com isso enfatizam a importância do papel, citando fatos como estes: "Minha mãe era como a mãe da minha mulher, eram mulheres excepcionais e excelentes donas-de-casa. Minha mãe não ajudava meu pai trabalhando fora de casa, mas o ajudava muito dando a ele toda a atenção que ele merecia, como chefe do lar, e ficando em casa ela fazia muito mais economia, porque assim controlava mais os gastos da casa, o que ajudava muito no orçamento da casa e para que ele também vencesse na vida(...)". O marido de Maria também afirma: "Minha mãe era uma excelente dona-de-casa, ela tudo fazia para que meu pai nada tivesse para reclamar dela nesse papel, e com isso eles viviam felizes e nós também, como seus filhos".

Vimos, até o momento, como as mulheres encaram o papel de dona-de-casa e como se colocam frente ao seu desempenho, dando-nos assim, a concepção sobre este papel. Passaremos, agora, a analisar os pontos de vista que as mulheres que não exercem atividades que não sejam as do lar têm sobre o papel de dona-de-casa.

"- Sempre fui filha única, e sempre fui orientada, para depois de casada, ser uma boa mãe, ótima esposa e exemplar dona-de-casa, por minha mãe que considerava estes papéis os principais de uma mulher que se casa. Por ter sido educada assim, passei a ver estes papéis do mesmo modo que minha mãe; desse modo sempre procurei, após o meu casamento, ser todas essas coisas e aplicar bem aquilo que ela me havia ensinado. Apesar de eu ter me formado no Normal, nunca lecionei, e depois que me casei sempre exerci as minhas atividades de dona-de-casa. Nunca as realizei sozinha, sempre tive empregadas para me ajudar nelas. Não considero esse meu papel o mais importante da minha vida de casa

da. Vejo-o como uma obrigação de uma mulher que se casa. Ele já é o esperado por todas as mulheres que assumem o casamento, logo, quando me casei, já sabia que ia assumi-lo. Com isso ele passou a ser uma obrigação que adquiri como status que passei a ter com o casamento. Apesar de ter aprendido a fazer de tudo com minha mãe, sempre soube dirigir os serviços da minha casa, pois acho que uma mulher que não sabe fazer nada de casa não sabe mandar os outros fazer, também não poderá se fazer obedecida. Assim, procuro ensinar à minha filha e até aos meus filhos os serviços da casa para que eles saibam se defender um dia que precisarem fazer algo nesse sentido. Mesmo não precisando fazer os serviços da casa sempre me sai bem neles como dirigente, e com isso acho que correspondo às expectativas do meu marido, que sempre achou que estas tarefas da casa somente às mulheres compete dirigir".

O relato de Mariana nos revela que ela, como Márcia, sempre foi educada para o desempenho das funções domésticas, para o cuidado do lar e dos papéis a ele ligados após o casamento. Assim, foi dirigida para um papel feminino doméstico, que sempre lhe foi mostrado como o "verdadeiro papel de uma mulher casada".

Pelo que pudemos depreender do relato, muitas concepções dos papéis femininos, assim como o de dona-de-casa, que lhe foram ensinados, continuam dirigindo o comportamento da entrevistada como mulher casada e dona-de-casa.

O interessante é observamos que tanto Mariana, como Marilene e Marly, que não são profissionais, vêm, como as entrevistadas anteriores, com exceção de Márcia, os serviços domésticos como sendo o de menor importância dentre os papéis que desempenham como mulheres casadas. Chegam mesmo a vê-lo como "desvalorizante e rotineiro" e declaram que não gostam de fazê-los ou que com eles não se identificam e não se realizam.

Marilene acha que este papel "é esperado e, assim sendo, a mulher, quando se casa, passa a assumi-lo sem outra alternativa". Para mim, ele não passa de uma obrigação desagradável. Neste caso, como nos demais, entre as mulheres des

ta categoria, os serviços do lar não são executados pelas entrevistadas, mas elas os dirigem e, com isso, correspondem às expectativas dos maridos que vêem, como os maridos das entrevistadas profissionais, "a direção desses trabalhos como obrigação feminina e somente da mulher que se casa".

Enquanto estas mulheres se mostram mais ou menos realizadas dentro desse papel que só dirigem mas não executam, Marly afirma não se realizar nele nem de um jeito nem de outro, pelas seguintes razões:

"Não me vejo em nenhum momento desempenhando este papel. Sou nele secretária do meu marido, por que só transmito às empregadas as ordens que ele me dá(...) ele é quem determina o que deve ser feito ou não nas refeições, controla os gastos da casa e vive gritando economia (...). Quando fico sem empregadas, faço os serviços da casa, porém não gosto deles, detesto-os. Acho que eles não compensam, não trazem satisfação e nenhuma recompensa, não são reconhecidos por ninguém, principalmente por meu marido, que não me considera uma boa dona-de-casa porque diz que não sou econômica e nem sei dirigir uma casa(...). Não chego, portanto, a me identificar com esse papel, mas o pouco que o vivo não sinto satisfação alguma, nele ou com ele(...)"

Regra geral, as mulheres criticam de maneira negativa o papel de dona-de-casa. É bastante revelador quando a ele associam expressões depreciativas como: "rotineiro", "bitolador", "enfadonho", "cansativo", etc. De outro lado, a ele se sujeitam, vendo-o como "necessário", "obrigação", "dever", "próprio das mulheres que se casam". É na expectativa dos maridos que assentam a sua fixação nas atividades domésticas. E isto é característico de ambos os grupos. Existe uma exceção, mas que só serve para confirmar a opinião do grupo. Outro ponto importante é que este papel não tem autonomia. Ele está em situação de complementaridade com os papéis de mãe e esposa. Nes-

ta situação ele assume as proporções de um compromisso moral. Além disso fica revelada, pelas entrevistadas, uma aceitação tácita das atribuições inerentes ao papel pela própria imposição social que o cerca. Há inclusive uma historicidade na concepção do papel quando visto pelos maridos - as suas mulheres devem seguir as mesmas formas de comportamento que suas mães tiveram. Procuram, assim, assegurar uma continuidade que se pauta por padrões essencialmente conservadores. Por seu lado as mulheres mascaram-se ao desempenhar o papel - devem satisfazer os maridos - e assim asseguram a imagem de um lar feliz. Neste espaço doméstico é que se evidenciará claramente a polarização de ser masculino e ser feminino na dimensão da divisão do trabalho. Com bastante propriedade Faber e Wilson retratam a situação: "Assim, assume (a mulher) a responsabilidade da criação física e espiritual dos filhos, do estabelecimento de uma atmosfera feliz no lar e do desenvolvimento de um marido satisfeito. Neste papel, os seus objetivos são o cuidado do lar, o casamento, a companhia, a segurança, marido, filhos, e o conhecimento satisfatório de que está preenchendo o tradicional papel feminino" (14).

3. Papel de Esposa

As imagens que as mulheres têm de si mesmas, quando se colocam frente às relações que se estabelecem entre elas e os maridos, forneceram os elementos para a conceptualização do papel de esposa (15). Muitos aspectos das rela-

(14) Faber, M. S. e Wilson, R. H. L., ob. cit., pg. 179.

(15) A expressão foi de modo geral utilizada pelos maridos, e muitas vezes também usaram a expressão "minha mulher". Quanto às mulheres só a empregaram quando a associaram à palavra papel, fora isto a expressão mais usada foi "eu sou mulher de fulano de tal".

ções conjugais não foram por nós estudados, por exemplo o relacionamento sexual. Embora reconheçamos que isto seja de importância, as próprias entrevistadas omitiram-no. Logicamente, podemos pensar que esta omissão seja reveladora de quanto o assunto ainda é tabu, pelo menos para este grupo de mulheres. Apesar dessa limitação, os depoimentos foram bastante esclarecedores quanto ao grau de satisfação, desempenho, importância atribuída ao papel de esposa.

Iniciaremos analisando os relatos das mulheres casadas profissionais, procurando detectar o que dizem sobre este papel, como ele se apresenta para elas e ao mesmo tempo como é visto não só por elas, mas também pelos outros que as rodeiam. Num primeiro momento, a análise do papel de esposa se prenderá ao fato de como ele é visto e desempenhado por estas mulheres e, assim, teremos possibilidade de verificar se ele está, para elas, relacionado a certos valores culturais, "pois todo papel é um compromisso entre os projetos e a realidade, entre as atitudes (que são ligadas a valores) e a pressão das condições sócio-econômicas"(16). Para isso, retomaremos, novamente, o relato de Márcia. Ele poderá dar-nos uma noção de como ela vê, vive e desempenha esse papel.

"Sempre considereirei o meu papel de esposa relacionado com o meu papel de dona-de-casa. Como sou uma mulher casada, sempre o vejo como uma obrigação minha, e desempenhá-lo bem é para mim um dever. Com esse meu modo de pensar ele ficou sendo importante para a minha vida, pois acho que no bom desempenho dele está a felicidade do meu lar, dos meus filhos e do meu marido, além da minha felicidade também. Por isso, procuro viver o meu papel de esposa do melhor modo possível e, com isso, espero estar cumprindo a minha obrigação de mulher casada, que assumi com o compromisso do casamento. Mas, mesmo assim, vendo-me nesse papel, nunca o coloquei acima do meu papel de dona-de-casa, pois no de esposa me julgo substituível e no de dona-de-casa não me julgo assim. Logo, para mim, sendo dona-de-casa e sabendo desempenhar bem este papel já estou sendo uma boa esposa,

(16) Chombart de Lauwe, P-H., ob. cit., pg. 196.

pois o marido valoriza a esposa pelo que ela é como dona-de-casa. Assim, cumprindo bem este meu último papel, automaticamente estou me saindo bem no primeiro também, e correspondendo ao meu papel de mulher casada, isto é, a esposa esperada e desejada pelo meu marido(...)".

Ser dona-de-casa, para esta entrevistada, como já mostramos anteriormente, "é honroso", ao passo que ser esposa "é obrigação e dever da mulher casada". Na opinião da entrevistada é do papel de dona-de-casa que derivam todos os outros, como o de esposa e mãe, e "é do primeiro que depende o meu sucesso nestes dois últimos papéis". Assim, a concepção que esta mulher tem do seu papel de esposa é de complementaridade. O fato de estabelecer comparações entre o papel de esposa com os outros não deixa de ser significativo para nossa análise. Para a entrevistada, o papel de esposa é assumido por todas as mulheres que se casam. Ela ainda o vê como um dos fatores que poderão assegurar a sua felicidade e a do seu lar.

Estas afirmações não deixam de revelar uma ideologia baseada na sua própria segurança conjugal, pois com isso continuará sendo vista pelos "outros" como aquela esposa que queriam que fosse e que esperavam que ela fosse.

Ver esse papel como "obrigação", "dever" da mulher que se casa é uma constante nas declarações das outras mulheres pertencentes à categoria de profissionais. Entretanto, algumas outras qualificações são a essas acrescentadas, quando outras entrevistadas se referem a esse papel. Magda, por exemplo, não deixa de achá-lo "importante para uma mulher casada, ele é também uma obrigação que assumi quando me casei e que eu já esperava. Mas acho-o penoso e até muitas vezes cansativo, pois nele a gente tem que se desdobrar para sempre ver o marido contente e satisfeito com a mulher que ele escolheu para se casar. Por isso eu o desempenho como posso e nele dou muito de mim, porque me vejo nisso recompensada com a segurança do meu casa-

mento. Pensando assim, faço tudo para nele me realizar e nele me sentir feliz, para que os outros sintam felicidade também (...)"

Enquanto a maioria das mulheres vê o papel de esposa como as entrevistadas acima, Mara e Margarida não o colocam no mesmo nível de importância e de satisfação:

"- Não dou a esse papel muita importância. Nunca o vivi intensamente. Por ter me casado com um viúvo me vi sendo um reflexo da outra, da falecida mulher do meu marido. Ele só falava nela e dela, só citava as boas qualidades da primeira esposa, sem ao menos ver se eu as tinha também. Logo, eu, a princípio, para salvar a situação, passei a ser um retrato da outra, e não eu própria. Mas, por mais que eu fizesse, ele sempre se voltava para o passado e eu me via dia-a-dia sendo comparada com alguém já morta. Cheguei mesmo a pensar muitas vezes que meu marido havia se casado comigo para me fazer um molde da mulher que ele havia perdido. Desse modo, nunca me vi eu mesma nesse papel, mesmo fazendo o possível para nele me sair como meu marido dizia querer(...) mas todo o meu esforço foi em vão. Logo, neste papel não me realizo e com ele não me identifico(...)" (Mara)

"- Este papel tem sido um desastre para mim, nele não me vejo projetada nem feliz. Todos os dias eu e meu marido temos desavenças, e nestas ocasiões vejo o erro que cometi e o quanto me enganei com as aparências, e mais ainda por não ter feito nada para conhecê-lo melhor antes de me casar. Se eu tivesse procurado ver que ele era de outra raça, que os costumes nossos não eram iguais, que nem iguais eram os nossos modos de pensar e de proceder, hoje não me condenaria tanto pelo que fiz, isto é, casando-me com ele. Não me vejo bem dentro desse papel e nem nele sinto qualquer satisfação" (Margarida).

Os maridos das entrevistadas, com exceção dos das duas últimas que as consideram incompreensivas, autoritárias, difíceis para se estabelecer um acordo ou um diálogo, consideram suas mulheres como boas esposas e as vêem como "exemplo nesse papel". Mas, ao falarem sobre isso, não deixam de enfatizar que "esse papel é obrigação das mulheres que se casam" e que "todas as mulheres, para viverem bem dentro do lar, devem ser boas esposas e corresponder às expectativas que os homens têm quando escolhem alguém, entre muitas, para ser sua esposa".

A satisfação ou não com o desempenho do papel de esposa é também encontrada nos depoimentos das mulheres não-profissionais. Mariana afirma:

"- Eu fui criada dentro de uma família que sempre foi muito feliz. Meu pai e minha mãe viveram muito bem. Meu pai se fazia respeitar por todos e minha mãe sempre procurou ser boa esposa, acolhendo as vontades expressadas por meu pai e adivinhando aquelas que ele não externava, a fim de satisfazê-las. Desse modo, minha mãe sempre colocou o seu papel de esposa acima de todos os outros e eu assim fui por ela ensinada. Depois que me casei, continuei achando que esse papel é mais importante do que os de mãe e de dona-de-casa. Acho que desse papel depende a minha felicidade e a do meu marido. Por isso, tudo faço para que meu marido de mim se orgulhe e se sinta feliz tendo-me como sua mulher. Para isso, faço questão de ser carinhosa, dedicada e compreensiva para com ele e assim me sinto a companheira ideal para todas as horas e com quem meu marido gosta sempre de estar. Saio com ele por todas as partes, porque ele me convida para ir com ele em todos os lugares que ele vai. Isso me deixa orgulhosa, feliz e realizada como esposa e companheira, chego mesmo a achar que ele vê em mim uma companhia indispensável. Nunca fui de opinião que as mulheres devam se casar somente para terem um marido, mas, sim, para serem a esposa, a mulher, a companheira, a amante do homem que escolheram para ser o seu esposo; caso isso não se der elas jamais serão felizes nesse papel e na sua vida de casadas (...)"

Mais uma vez podemos afirmar que a educação da pesquisada foi encaminhada para o preparo das funções domésticas e para o desempenho dos papéis ligados ao casamento. Sempre lhe foi mostrado que "o verdadeiro papel da mulher casada é o de ser esposa, além de mãe e de dona-de-casa".

Pelo que se pode depreender do relato, muitas concepções desses papéis que lhe foram ensinados continuam dirigindo o seu comportamento de mulher casada. Entre elas a que se refere ao papel de "esposa, mulher e companheira do marido para todas as horas". Diante disso, a entrevistada, tal como sua mãe, vê o papel de esposa como "sendo o mais importante" da sua vida.

O desejo de se firmar como esposa é bastante significativo para nossa análise. Para isso ela evoca as

qualidades que a mulher tem que possuir, e que ela diz possuir, e com isso se vê como exemplo da "companheira ideal", o que a torna "realizada e feliz" neste papel. Porisso diz desempenhar esse papel com "satisfação" e que nele tudo faz "para tornar feliz o homem" com quem se casou. Nesse papel se vê "como insubstituível" e tudo faz para que seus "valores" como esposa sejam reconhecidos pelo marido, por saber que ele também acha que o "papel de esposa é o mais sagrado dever da mulher casada, pois a ele está ligada a felicidade do casal e dos filhos. No desempenho desse papel está a possibilidade de uma vida a dois".

Se passarmos aos outros relatos das mulheres não-profissionais veremos que nem todas colocam o papel de esposa como Mariana o fez, isto é, como sendo "o primeiro entre todos os papéis que desempenha como mulher casada".

Ao se referirem a esse papel, fazem-no como sendo ele "de menor importância", o que reflete de forma bastante evidente o fato de não se sentirem satisfeitas com o seu desempenho. Este fato se evidencia se ouvirmos o que elas dizem:

"- Este papel", diz Marilene, "não é assim tão importante para mim. Nele me sinto frustrada, pois não sou aquela esposa que desejaria ser para meu marido(...). Ele não me dá chances para isso e também sinto que não tenho muita importância como esposa, tanto é que não me vê como uma confidente, talvez por se achar auto-suficiente para resolver os seus problemas e os nossos sozinho(...). Assim, não me sinto realizada neste papel e nem necessária nele também, embora eu desejasse que assim não fosse (...)"

Como Marilene, Marly também não se sente satisfeita com o desempenho do papel de esposa:

"- Vejo-me nesse papel muito infeliz. Nele me vejo como esposa somente porque me casei com o meu marido e com ele tive nossos filhos. Faço tudo para cumprir os meus deveres de esposa, porque acho que isso é uma obrigação minha, e porque acho que meus filhos têm o direito de exigir um lar feliz. Porisso, submeto-me aos seus mandos, não me revolto contra isso, e assim, dentro das minhas possibi-

lidades, vou tocando a vida e tudo fazendo para que a situação não se torne pior e para ver se meu marido um dia reconhece em mim uma esposa pelo menos paciente e que tudo faz para que ele e os filhos tenham um lar feliz(...)".

Nos dois últimos casos as mulheres encaram esse papel como "obrigação", e não como "uma satisfação", como no caso de Mariana.

Dos depoimentos evidencia-se que também o papel de esposa não é concebido pelas mulheres como sendo autônomo. Elas o concebem como relacionado com os demais papéis. O fato relevante é que, com exceção de Mariana, as outras mulheres não dão a esse papel um lugar de importância em suas vidas. Entretanto concebem-no de uma forma que corresponda às expectativas que os maridos têm a respeito dele (papel). Podemos, mesmo, afirmar que se apresentam para os maridos conforme elas pensam que os maridos querem vê-las. Aham que agindo assim estão protegendo o seu mundo familiar, pelo qual se julgam responsáveis. Vêm-se, a todo instante, envolvidas por sua situação de casadas, empenhadas em adivinhar os desejos dos maridos e satisfazê-los, e com isso acreditam realizar os projetos familiares, que consideram importantes para a preservação do lar e dos seus casamentos. Assim, constantemente, como esposas, dão de si mais do que recebem. Aceitam o papel como obrigação. O papel assim visto é revestido de um valor, valor este medido apenas em termos daquilo que ele pode proporcionar mais aos outros do que a si mesmas. Encaram-no como destinação e nele reconhecem o dever de servir e de agradar, o que as torna símbolos responsáveis pela preservação da família e, com isso, procuram encontrar, em seu desempenho, um sentido de vida e de satisfação. Esse fato é por elas continuamente afirmado. Mesmo as que declaram nele não ob-

Mas nenhuma satisfação dizem tudo fazer para bem exercê-lo, para se sentirem nele valorizadas pelos maridos e filhos. Portanto, podemos afirmar que a satisfação com esse papel não é relacionada à própria satisfação pessoal e sim à do grupo familiar do qual as mulheres são parte. Nestes termos, o papel de esposa não é visto como o principal, ele é um dos componentes do triângulo formado pelos papéis socialmente atribuídos às mulheres - mãe, esposa e dona-de-casa. Assim, mergulhadas nesse universo de valores e imagens, mesmo que criados para elas, as mulheres se preocupam com o bom desempenho desse papel. Portanto, continuam presas às imagens que foram criadas em torno do papel, mesmo não se vendo como sujeitos, mas como suportes dessa própria representação, em torno da qual constroem suas vidas de casadas. Nesta simbologia do papel elas conseguem se projetar para seus maridos. Dessa forma, tentam dirigir aos maridos toda a atenção exigida por eles, e assim exprimir a gratidão de terem sido elas as escolhidas para esposas. Além disso, expressam que neste papel as expectativas dos outros são mais importantes do que as suas próprias expectativas. Claramente, é na relação que se vai encontrar a emergência dos significados dados a esse papel, onde as normas que o regem são prontamente manifestadas. Logo, o comportamento das entrevistadas como esposas é envolvido pelas relações familiares e sociais estabelecidas e para as quais essas mulheres não só são qualificadas como julgadas pelos sucessos e fracassos dele advindos. Assim, quando desempenham esse papel deixam claro ver nele os maridos como centro do universo familiar, e em torno disso criam a concepção do papel de esposa baseando-se em valores para ele criado pelos próprios maridos. A nosso ver estariam frente à situação discutida por Goffman (17) em sua análise da apresentação do eu, quando enfã-

(17) Goffman, E. A representação do eu na vida cotidiana; Trad. de M.C.S. Raposo. Petrópolis, Vozes, 1975.

tiza as contradições entre o que um ator pode fazer e a impressão que a audiência pode obter de seu desempenho. Ele assinala que para todos os atores certos aspectos do desempenho devem ser planejados, a fim de que eles possam controlar a definição da situação. No caso em estudo, as mulheres admitem que esse papel, ao qual se prendem sem grandes satisfações, é que lhes dá privilégios especiais, poder e uma expectativa favorável para as outras relações, tanto sociais como familiares. Mesmo que a posição dessas mulheres como esposas esteja relacionada à subordinação e à submissão marital elas se vêem recompensadas por sabermos que seus maridos, em parte, delas dependem para desfrutarem de suas posições sociais ou profissionais.

4. O Papel de Mãe

A interpretação dos papéis, que vimos fazendo até aqui, marca em linhas gerais alguns pontos que são cruciais. Através do papel profissional a mulher se situa como produtora, inserida num quadro ocupacional que lhe dá, como vimos, possibilidades de projetar-se além das especificações exclusivamente técnicas e instrumentais da ocupação que exerce. No papel de dona-de-casa ela se apresenta como ordenadora das atividades, estabelecendo um campo de ação exclusivamente seu. Será a preservadora dos valores sociais e morais em suas representações sobre o papel de esposa. Quais seriam as funções do papel de mãe? Estariam nele presentes as funções anteriores, ou outras existiriam que o aproximam, o distanciam ou diferenciam dos outros?

Estas duas questões bastante genéricas são centrais na interpretação desse papel, porém outros pontos se evidenciaram quando da análise das entrevistas. Sobressai em todos os casos que a ele é assegurada uma valorização que o pro

jeta em relação aos outros papéis e a qualificação "ser boa mãe", constantemente, é citada em todos os depoimentos. Afirmam, ainda, sentir e compreender a "importância do papel de mãe para sua vida de casada", mesmo quando não o colocam em lugar prioritário entre os demais papéis que desempenham. Estes pontos valorativos do papel de mãe são encontrados em diferentes momentos das entrevistas e ficam ainda mais claros quando as mulheres falam sobre o que sentem ao desempenhá-lo. Dizem nele "viver"; "existir através dele"; "continuar a vida com ele", e se propõem a enfrentar quaisquer problemas se se virem expostas a perderem o seu desempenho por qualquer razão. Assim, podemos acreditar que elas têm necessidade desse papel, mesmo porque ele é visto por todos como o mais feminino. É nele que estão concentrados os valores femininos e é no seu desempenho que os valores das mulheres casadas passam a ser encontrados. Portanto, as mulheres sendo ou não profissionais, sendo boas esposas ou não, sendo boas donas-de-casa ou não, não temem tanto as suas imagens nesses papéis, mas todas mostram-se temerosas de não serem reconhecidas como boas mães, e de com isso perderem a oportunidade de se verem realizadas como mulheres que, ao se casarem, constituíram uma família pela qual se sentem responsáveis. Logo, o papel de mãe parece-nos ser visto, na maioria dos casos que analisamos, mais pelo prisma da valorização do sexo feminino do que da valorização que procuram dar ao próprio papel. Assim considerando, utilizam-no para se definirem e se colocarem como mulheres numa situação privilegiada e promoverem-se dentro da família, caso ocorra algo que as deprecie, dentro desse grupo, em relação aos seus desempenhos nos demais papéis.

Márcia, cujos depoimentos abriram a análise dos outros papéis, volta novamente a falar:

"- Logo que me casei, eu e meu marido começamos a tecer planos para arrumarmos nosso primeiro filho. À primeira suspeita de gravidez, fui consultar um médico. Nesse dia eu estava feliz e incerta do meu estado. Mas

logo a última sensação desapareceu e me certifiquei que o meu primeiro filho estava a caminho. Uma nova etapa da minha vida, uma experiência maravilhosa e desejada intensamente por mim e por meu marido, estava prestes a começar. Todos os parentes dele queriam participar, e felizes como nós eles se mostravam, também. Meu marido não cabia em si, eu sentia isso, me sentia mais realizada como mulher. Dentro de mim só um pensamento me agitava e tudo se mostrava mais maravilhoso quando eu pensava que ia ser mãe e ia dar assim ao meu marido um filho que ele tanto desejava. Dentro de mim, alegria e ansiedade se alternavam; de vez em quando eu até sentia vontade de chorar. Juntos eu e meu marido planejávamos o quarto do nenê, o enxoval, e ele contava a todos sobre a minha esperada maternidade. Como boa dona-de-casa eu planejei tudo e arrumei a minha casa com todo o cuidado para esperar o novo membro da nossa família, o que iria completá-la(...). Depois de nove meses, nasceu nossa primeira filha, tudo foi festa, como também foi festa quando veio a nossa segunda filha. Como eu já trabalhava, comecei a dar mais de mim. Precisava trabalhar mais e mais ainda para vê-las ter uma educação à altura, o que consegui, e o que me torna realizada como mãe. Desse modo, comecei a pegar trabalhos para fora, de tricô, que fazia depois que arrumava a minha casa e regressava do meu trabalho profissional. No Grupo eu permanecia poucas horas, assim meu trabalho fora de casa nunca chegou a atrapalhar os meus papéis de mãe e de dona-de-casa. Com isso, meu lar e minhas filhas nunca se viram abandonados por muito tempo. Principalmente o primeiro nunca foi esquecido, porque mesmo depois que me tornei mãe, continuei vendo o meu papel de dona-de-casa como sendo o mais importante para mim, porque continuei achando que é esse papel que dependiam os meus outros papéis de esposa e de mãe. Com isso não quero dizer que considero o meu papel de mãe secundário, pelo contrário eu o considero importante, como sendo um sonho de todas as mulheres casadas, como dever e uma obrigação. Por estas razões eu procuro sempre desempenhá-lo como melhor posso, pois acho que assim meu marido e minhas filhas esperam, e acho mesmo que do seu bom desempenho dependem a felicidade do meu marido, das minhas filhas e a preservação do meu lar, coisa que tanto amo e desejo conservar só para mim e para eles. Mesmo depois que as minhas filhas foram crescendo nunca deixei de achar esse papel divino, maravilhoso e um dos mais importantes para a minha vida. Assim, continuei, como todas as mães, vendo minhas filhas como sendo ainda aquelas crianças de antes e tudo faço para elas se sintam felizes com a mãe que têm. Sempre fiz tudo para ser amiga delas, o que nos une muito e me torna dia-a-dia mais feliz neste meu papel. Assim, ser mãe para mim é tão importante como viver, porque foi depois da maternidade que pude ver o que é a vida e como nasce uma vida. Mesmo vendo o meu papel de mãe como obrigação e dever, nele me realizo, porque ele só me trouxe recompensas e através dele me sinto útil e amada. Depois que minhas filhas cresceram eu ainda me vi mais realizada como mãe, isto porque vejo que contribuí para que elas sejam o que hoje são e que tudo fiz para que elas vencessem na vida como até agora tem acontecido. Eu as vejo como sendo moças ajuizadas e me vanglorio por ter-lhes dado a educação que lhes dei. Nelas, portanto, vejo a minha vida continuando, elas são exatamente como eu queria que elas fossem e como eu queria ter sido na minha mocidade, orientada mas realizando os meus sonhos de moça que me foram negados(...)"

João, marido de Márcia, vê sua mulher

como "uma perfeita mãe" e "continuação e o retrato" da sua própria mãe, que tudo fazia para "que fôssemos felizes em casa e fora dela e para isso nos orientava o mais que podia. Assim, se desdobrava e sempre se revelou como uma ótima mãe. Minha mulher é exatamente como minha mãe, ela tudo faz para que nossas filhas a vejam como uma orientadora e amiga, e assim, eu a admiro ainda mais como mãe e como esposa".

Márcia não é admirada só pelo marido que a acha "perfeita" neste papel. Suas filhas também a admiram pelo que ela é e a apontam como boa mãe, dizendo: "mamãe sempre foi uma excelente mãe; mesmo trabalhando fora de casa ela nunca se esqueceu de ser uma mãe ideal e sempre procurou fazer de nós crianças felizes. Não podemos negar". Diz Kátia, uma das filhas de Márcia, que:

"Mamãe sempre foi uma mãe muito exigente. Até há pouco tempo eu e minha irmã tínhamos hora certa para chegarmos em casa. Isso nos irritava muito. Quando nos atrasávamos um pouco mamãe fazia um frege e nós ouvíamos isso por muito tempo. Isso fez com que não viéssemos muito mais para casa nos fins - de - semana, pois passamos a achar que ela ainda queria nos dirigir como fazia quando éramos crianças. Hoje vemos que ela não tinha essa intenção, como toda boa mãe ela somente queria zelar por nós e se entregava a esse exagero sem mesmo perceber o que fazia. Assim, isso nunca chegou a desmanchar a imagem que sempre fizemos de mamãe e a vemos, até hoje, como um exemplo de mãe e acho que quando me casar vou educar os meus filhos como mamãe nos educou e tenho certeza que eles serão crianças normais como nós e que nos farão felizes como nós procuramos fazer com que mamãe se sintasse(...)".

Mesmo achando a mãe "exagerada" e "exigente" com a educação dela e da irmã, Kátia não deixa de ver a mãe como exemplar, tanto é que, ao falar sobre isso, afirma que tudo fará para ser depois de casada uma "repetição" do que a mãe é, "semelhante a ela porque quero fazer o meu marido e os meus filhos felizes como minha mãe conseguiu nos fazer(...)".

Nestes relatos percebe-se claramente os valores atribuídos pelos entrevistados ao papel materno. A valo

rização do papel de mãe está contida nas palavras que o adjetivavam: "sublime", "honroso", "sonho de todas as mulheres que se casam", "exemplo para os filhos", "responsável pela educação e sucesso deles", "continuação da vida", etc. É interessante que ao falar sobre seu papel materno a entrevistada não deixa de enfatizar o seu papel profissional. Ela lhe confere valor pela possibilidade que lhe oferece de acomodá-lo aos seus papéis de mãe e de dona-de-casa. Do mesmo modo, o papel profissional, em outras entrevistas, é valorizado pelo mesmo motivo. Nele, da mesma maneira, o fator "pouco tempo de ausência do lar", enfatizado por Márcia, é citado por outras mulheres profissionais relacionado ao desempenho do papel de mãe. Assim, ao papel de mãe é conferida uma importância semelhante à dada por Márcia, embora nem todas achem que do bom desempenho do papel de dona-de-casa dependa o bom desempenho do papel materno:

"Não vejo meu papel de mãe relacionado com o bom desempenho do meu papel de dona-de-casa. O primeiro para mim é mais importante do que o segundo. Como mãe me sinto realizada e recompensada, como dona-de-casa me vejo infeliz. No primeiro não me vejo cumprindo uma obrigação, mas sim uma devoção. O segundo eu o vejo como uma obrigação e um dever que não me torna feliz e realizada. Assim, não os comparo e nem os relaciono, visto a distância e a importância que aos dois confiro. Entretanto, não posso negar que o meu sucesso como mãe é também atribuído ao meu papel de profissional. Isto porque de um lado ele me ajuda na educação do meu filho e de outro porque ele me tira pouco tempo de casa, o que não me faz negar o carinho que meus filhos necessitam(...)", (Malú).

Marcela dá também sua opinião sobre o seu papel de mãe. Fazendo isso, não deixa, de maneira semelhante a Malú, de conferir a ele maior importância do que a atribuída ao papel de dona-de-casa: "ser mãe para mim é uma coisa e ser dona-de-casa é outra coisa. Ser mãe para mim é sublime, ser dona-de-casa não é. Nesses dois papéis as obrigações não se assemelham, logo não são dependentes entre si(...)".

Mesmo salientando que o fato de "ser mãe" constitui "uma obrigação e um dever", encontra-se nos relatos uma evidência de que as mulheres procuram, através des-

se papel, sentir-se úteis e indispensáveis e, assim, elas ovêem como um dos "mais importantes" que desempenham nas suas vidas . Algumas entrevistadas, como Malvina, além de enfatizarem esse papel, como já demonstramos, ainda associam ao aspecto biológico da maternidade uma função social, e com isso procuram valorizá-lo mais. Assim Malvina o vê: "ser mãe é a maior aspiração de uma mulher que se casa. Eu acho que através desse papel a mulher se realiza totalmente como mulher apesar de, ao assumir esse papel, a mulher se depara com uma série de obrigações e deveres sociais, além de morais(...)" .

Ao falarem sobre o papel de mãe, muitas das mulheres profissionais estabelecem relação dele não com o papel de dona-de-casa, como faz Márcia, mas com o de esposa. Entretanto, a relação entre esses dois papéis é feita nos termos das que o relacionam com o de dona-de-casa, isto é, de forma a valorizar o de mãe e a depreciar o de esposa. Mara e Margarida estão incluídas nesse grupo. Como exemplo, citaremos o relato de Mara:

"- Sinto-me plenamente feliz no meu papel de mãe, mas isso não acontece com o meu papel de esposa. Às vezes eu acho estes dois papéis relacionados, mas este relacionamento não me obriga a sentir a mesma satisfação em relação aos seus desempenhos. Como mãe sinto-me como eu mesma e como esposa nunca me sinto assim. No papel de mãe eu me vejo dando ordens e orientando, no de esposa eu me sinto submissa e infeliz. Logo, acho que o primeiro é o verdadeiro papel para uma mulher que se casa. Ele não é fácil de ser desempenhado, mas é gostoso de ser vivido. O de esposa é difícil de ser desempenhado e vivido, e ele não me traz nenhum grau de satisfação. Entretanto, não deixo de vê-lo como importante para a preservação do casamento e faço tudo para nele ainda permanecer, mas nem por isso eu o considero o mais importante para a vida de uma mulher casada. Eu ainda faço um pouco por ele e para vivê-lo por causa do meu filho, não quero que ele sofra as consequências do meu mau casamento. Assim, eu o vivo de um modo artificial, já que disso eu acho que depende o meu papel de mãe, que muito valorizo(...)" .

A valorização do papel de mãe nem sempre é explicada do mesmo modo como as entrevistadas anteriores o fazem. É o caso de Marion: para ela, a menor valorização deste papel não se prende ao papel propriamente dito e sim ao seu descontentamento na maneira que o desempenha:

"Nunca pude viver este meu papel de mãe intensamente. Como moro junto com os meus pais e perto de uma tia, elas não me deixam sentir este meu papel. São as duas que o vivem para mim(...) são elas que se julgam responsáveis pela minha filha e pelo seu bem-estar, por isso não sei se este papel é para mim tão importante, já que não me vejo, como as demais mulheres, nele indispensável".

A avaliação de Marion quanto a esse papel, não o considerando de grande importância, reflete de forma bastante evidente o fato de não se sentir realizada com o seu modo de desempenhá-lo.

Outro aspecto que fica ressaltado é a tentativa de algumas mulheres, como Maria, de se projetarem através da maternidade: "ser mãe é uma afirmação do meu próprio eu, além do mais é uma forma de eu me refletir em alguém". Mesmo que elas, como exemplificamos no caso de Mara, salientem o fato de que constitui "uma obrigação ser boa mãe", pode-se encontrar nos relatos uma evidenciação de que através desse papel a grande maioria das entrevistadas procura enfatizar o ser "útil", "indispensável" e não raramente encaram-no como um "dever". A entrevistada Maribel, como Marcolina, neste ponto é bastante incisiva ao afirmar que "o meu papel de mãe é uma obrigação que só mesmo eu posso desempenhar".

Para que melhor se compreenda a concepção que as mulheres têm do seu papel de mãe, assim como os aspectos objetivos e subjetivos nele encontrados, é necessário que ouçamos o que os maridos pensam desse papel e do desempenho deles por suas mulheres. Para o marido de Marion, o papel de mãe é assim concebido:

"Eu acho que este papel é o mais importante para uma mulher que se casa. A ele a mulher deve dedicar todas as horas da sua vida. Depois dele é que, na minha opinião, vêm os outros papéis que ela tem como mulher casada. Sempre digo isso para a minha mulher, ela também pensa assim, embora se queixe que não o vive de um modo satisfatório devido ao fato de morarmos com os pais dela. Mas isso será por pouco tempo, nós já estamos tratando de separar casa, e com isso que quero vê-la feliz vivendo o seu papel de mãe como todas as mulheres o vivem".

Nem sempre o papel de mãe é visto como no caso acima; alguns, como o marido de Magali, vêem os papéis de mãe, esposa e dona-de-casa como sendo papéis inter-relacionados. Esta afirmação fica bem clara quando este entrevistado fala:

"Não me incomoda que minha mulher assumas atividades além das da casa. Mas, para isso, é preciso que se diga que as obrigações de saber ser mãe, dona-de-casa e esposa não podem ser por ela esquecidas. Ao meu ver, estas obrigações são tão importantes para uma mulher que até se completam. Os filhos e a casa nunca devem ser vistos como inferiores aos outros deveres de uma mulher casada frente às outras obrigações que ela assumiu, uma vez que ela se comprometeu a assim fazer quando assumiu a responsabilidade do casamento(...)".

Verifica-se que as palavras "dever", "obrigação" e "responsabilidade" assumem, tanto nos discursos masculinos como nos femininos, uma posição importante quando se referem aos papéis femininos.

Torna-se interessante, mais uma vez, observar que os maridos, como no caso exemplificado, ao analisarem o papel de mãe, projetam nele o que julgam ideal para suas mulheres. Este aspecto é evidenciado quando ouvimos outros maridos, como os de Mary e Maria:

"Na minha opinião, a mulher, mesmo trabalhando fora de casa, não deve se esquecer que os seus papéis de mãe, esposa e dona-de-casa são muito mais importantes para ela. Minha mulher pensa como eu, assim nós vivemos bem e nossos filhos também, pois ela como boa mãe faz com que nossos filhos sejam felizes dentro da nossa casa, e com isso eu me sinto feliz com eles também".

"Minha mulher é tudo que eu esperava dela quando nos casamos: carinhosa, boa mãe e boa dona-de-casa, como mãe ela tem se revelado dia-a-dia. Ela, nesse papel, é excelente, eu sabia que ela ia se sair bem como mãe, por isso nunca temi ter os filhos que tivemos. Ela sabe que eu me orgulho dela por isso e, assim, ela procura se sair cada vez melhor como mãe e orientadora dos nossos filhos. Isso é o que mais me realiza como homem casado. Ter uma mulher como eu tenho, boa mãe, além de boa esposa e boa dona-de-casa, é tudo que um homem pode aspirar na vida(...)".

As mulheres não-profissionais têm a mes

ma concepção do papel de mãe apresentada pelas entrevistadas anteriores. Revelam, portanto, a mesma opinião das primeiras, isto é, dando a ele "grande importância". Glorificam a maternidade como evidentemente boa e válida por si mesma, tão válida que tudo que em torno dela gira assume um aspecto satisfatório e grandioso. Entretanto, mesmo envaidecidas deste papel, o grau de satisfação que sentem não é o mesmo das mulheres profissionais. O papel materno é visto como uma conquista ou um triunfo da mulher. Para elas a "realização" neste papel é uma destinação do próprio sexo.

Mariana tem 37 anos de idade. Está casada há 20 anos, é mãe de três filhos: dois homens, um de 19 anos e outro de 10 anos, e uma menina de 15 anos de idade. Sua vida de casada, como afirma, "é das mais felizes que pode existir". Seu papel de esposa a "satisfaz plenamente", e o mesmo acontece com o seu papel de mãe. Vê esse papel como sendo "importante para a vida das mulheres que se casam", mas não o coloca "como sendo o mais importante" da sua vida.

Ao explicar esse modo de ver o seu papel de mãe, Mariana afirma:

"Dou ao meu papel de mãe muita importância, mas não o coloco acima do meu papel de esposa, isto porque vejo os meus filhos como não sendo meus e sim como algo que me foi emprestado, o que não acontece com o meu marido, que considero como sendo meu. Os filhos nos são emprestados para que com eles nos realizemos como mulheres e enquanto eles forem pequenos. Depois eles vão crescendo e nos vão substituindo pelas pessoas que escolheram para se casarem e com isso nos vemos outra vez sozinhas e só com o homem que escolhemos para ser o nosso marido; sim, eu já estou me preparando para isso e dou ao meu marido a maior parte das minhas atenções e da minha vida(...), pois a ele devo grande parte da minha felicidade atual e a realização da minha vida de casada. Ser mãe é um dos papéis mais difíceis de ser desempenhado. Mas mesmo assim ele tem que ser desempenhado com amor, com carinho e com afeição. É uma obrigação e um dever de todas as mulheres que se dispõem a por filhos no mundo, por isso não deixo de dar a ele toda a atenção que me é possível. Creio que os filhos tudo esperam da mãe, por isso procuro conduzi-los pela vida e orientá-los para o mundo que os espera. Sempre fui de opinião que os fi-

lhos nada devem aos pais, mas acho que os pais é que têm de veres para com os filhos. Apesar disso acho que a mulher se completa através dos filhos e neles se vê continuando. Só me realizei depois que tive meus filhos e com eles me sinto útil e responsável(...)"

Coloca-se como mãe exigente para com os filhos. Mas, ao se ver assim, procura justificar-se, dizendo que:

"Não quero vê-los iguais os outros meninos que vejo por aí, metidos em brigas e em encrencas de todas as espécies e chegando altas horas da noite sem que os pais saibam onde eles estão. Não me importo que meus filhos me taxem de impertinente, exigente ou ranzinza, porque acho que um dia eles irão reconhecer em mim outras qualidades e nunca poderão me culpar de eu não lhes ter mostrado os pontos maus da vida e do mundo. Acho que os filhos são o retrato dos pais e isso minha mãe sempre me fazia ver, por isso ela sempre me mostrou as coisas boas e más e com isso en caminhou-me pela vida e me preparou para ser o que hoje sou, fato este que nunca me arrependi por tê-la ouvido, embora às vezes eu fizesse como meus filhos hoje fazem, brigava com ela e a achava muito brava. Mas agora vejo que ela estava com a razão e reconheço que o meu sucesso no casamento e na minha vida está somente baseado nos seus ensinamentos ou no que com ela aprendi. Por isso, espero dar aos meus filhos a educação e a orientação que tive, para vê-los felizes mais tarde".

Pedro, marido de Mariana, vê na esposa todas as qualidades para desempenhar esse papel. Quais seriam essas qualidades que ele encontra na mulher, para colocá-la como uma "excelente mãe" dos seus filhos? De que partiria para uma "glorificação incondicional" desse papel? Estariam elas ligadas às significações e às referências simbólicas do tema maternidade sentidas nas declarações da entrevistada? Qual a função social que ele vê nesse papel?

Essas perguntas encontrarão algumas respostas na entrevista de Pedro:

"Vejo minha mulher como uma excelente mãe. Ela tem um jeitinho todo especial, e com isso consegue conduzir bem os nossos filhos pela vida. Ela, como todas as mulheres que se casam, já foi feita para ser mãe, mas eu ainda acho que a minha mulher é mais especial para isso. Ela é carinhosa para com os filhos e tudo consegue deles. Por isso,

meus filhos não podiam querer uma mãe melhor para eles e eu também não poderia desejar uma mãe melhor para os filhos que sempre desejei ter para continuar a minha vida e usar o meu nome(...). Do modo que ela age como mãe, ela conseguiu ser feliz como mãe e fazer com que eu e meus filhos nos sentíssemos felizes dentro da família que formamos. Eu e meus filhos não podemos desejar mais nada além do que temos, isto é, uma esposa excepcional, uma mãe excelente, uma orientadora magnífica e uma ótima dona-de-casa que zela sempre pela felicidade de todos nós(...). Desse modo, posso afirmar com segurança que Mariana sempre correspondeu a tudo que eu dela esperava quando me casei. Dou graças a Deus por ter acertado na escolha que fiz. Ela sabe o quanto eu a admiro, por isso sempre se mostrou cada vez melhor, acho que para não desmerecer a confiança que eu deposito nela quanto à minha vida, ao futuro dos meus filhos e a felicidade do nosso lar e, com isso tudo, da nossa vida familiar(...)"

Confrontando os dois depoimentos, vemos que a mulher expressa seu desejo de preservar a "felicidade do grupo familiar", que é esperado pelo marido.

Para a mulher, ser mãe é sentir-se reconhecida como útil neste papel, correspondendo às expectativas do seu companheiro. É um desejo de ver-se "realizada" perante si e perante o outro nesse papel. Ela tem necessidade de se firmar no papel de mãe, de mostrar a sua feminilidade (ser carinhosa, orientadora, etc.) e com isso garantir a sua imagem diante desse papel através do bom desempenho do mesmo. Mostra ao marido que foi capaz de lhe dar filhos e fazer com que ele veja sua vida e seu nome continuando do modo que ele sempre desejou. É nesse fato que nos parece estar a razão do modo de viver esse papel, e com isso consegue assegurar a sua felicidade como mulher, mãe e esposa, considerando este último o papel principal da sua vida. Tudo tende, portanto, explicita ou implicitamente, de modo claro ou por transferência, a fixar a entrevistada em sua função de mãe e vivê-la como esperam que ela a viva.

Partindo dessas afirmativas, não podemos deixar de concluir que a maternidade está presa a um estereótipo. A mulher casada tem que viver bem este papel e não tarda a perceber isso e ver que este é o desejo dos que a rodeiam

e que, entre este estereótipo e o desejo dos outros, está, pois, o fim, a justificação, o sentido, a prova da sua feminilidade e causa da sua existência como mulher, mãe e esposa, revelados com o bom desempenho do papel de mãe, no qual é tão elogiada e até julgada inigualável pelo marido, quando fala sobre o papel materno de sua mulher e da forma como ela o desempenha. Este fato é percebido por ela e, assim, faz do seu papel de mãe um fim em si, sua significação é definida, mesmo sabendo que um dia nele será lograda, porque, como ela mesmo afirma, não o considera o principal da sua vida e não o coloca acima do papel de esposa, mencionando que os filhos são emprestados e logo mais se casarão, vindo a substituí-la por alguém que escolherão para companheiros. Mas, mesmo pensando assim, para a entrevistada o fato de ser mãe, no momento, não a dispensa de suas obrigações para com os filhos e procura nele sentimentos mais altos, mais profundos, o seu sentido próprio, a sua própria vida. Procura a satisfação em seu desempenho, não vendo nele apenas a incumbência de criar os filhos para ela, mas também a obrigação de orientá-los para a vida social. Nisto parece-nos estar a constatação da importância que ela atribui ao papel de mãe: a função de orientadora. Fica evidente a busca de fazer com que seus filhos existam por eles mesmos e não através dela, mas nunca os deixa esquecer que eles serão o "reflexo dos pais que tiveram e de alguém que tudo deles esperam". Afirma, no decorrer do seu relato, que tudo isso deve ser adquirido através do bom desempenho desse papel, que é um meio para que se alcance um objetivo esperado, e assim o vive "do melhor modo possível". Portanto, nesse papel está, também, o sustentáculo da imagem dela criada pelo marido. Nele estão todos os modelos que ele e a sociedade lhe impõem com relação a esse papel e ao seu desempenho, e com isso ela vê assegurados os seus direitos de mulher casada e de esposa, que tanto valoriza para sua vida.

Seus filhos dizem "admirar muito" a mãe, "por tudo que ela é" e a apontam "como exemplo da mulher, mãe e esposa". Chegam mesmo a achá-la, como diz Júnior, seu filho, "um espelho para a mulher que escolherei para me casar".

Do mesmo modo que a entrevistada anterior, as outras mulheres que não exercem atividades fora do lar colocam o papel de mãe como sendo de "grande importância". Pelo bom desempenho dele é que irão "assegurar a felicidade dos filhos e a estabilidade do casamento" além "da preservação de um lar feliz".

Marilene, ao falar sobre seu papel de mãe, acha-o "importante" e associa a importância que lhe dá ao fator de ser ele "uma obrigação da mulher que se propõe a pôr filhos no mundo". Acrescenta ainda às suas declarações:

"Sinto-me feliz com o meu papel de mãe, nele me realizo como mulher e como esposa. Ser mãe para mim é algo sublime, pois é através da maternidade que uma mulher pode dar tudo de si em benefício de alguém, sem com isso nada exigir. Neste papel eu me realizo, nele me sinto eu e mais ninguém. Eu o vivo intensamente e torno com isso todos felizes e contribuo para a felicidade do lar que eu ajudei a construir quando me casei(...)"

Embora veja este papel sob o mesmo prisma que a entrevistada anterior, o grau de satisfação de Marly quanto ao papel e seu desempenho é diferente daquele expressado por Marilene. Mesmo assim, coloca-o acima de todos os papéis que desempenha, afirmando vê-lo como "importante para sua vida", mesmo não o vivendo intensamente, causa apontada pela entrevistada como a sua não satisfação e não total realização neste papel:

"Não me vi ainda realizada no meu papel de mãe, embora o considere importante. Não o vivo devido à interferência do meu marido, que não me deixa desempenhar esse papel, assumindo mesmo meu lugar nele e dirigindo a educação dos nossos filhos, coisa essa que ao meu ver só a mim competiria(...)"

Para essa entrevistada a aquisição do

papel de mãe através da maternidade não é um fim em si, como nos demais casos, pelo menos explicitamente e no nível das motivações delineadas pelas entrevistadas de um modo geral. Ele não é a afirmativa da plenitude em si mesmo, vindo a trazer para a entrevistada a sensação de "incompetência" para desempenhá-lo; afirmando que o papel de mãe é seu "e de mais ninguém", sente-se impossibilitada de exercê-lo por causa da posição assumida pelo marido, considerando-a "absurda", e isso lhe traz insatisfação, que não é atribuída ao papel em si, mas à forma como se sente colocada nele.

Considera-se tolhida pelo marido quanto à sua experiência como mãe, pois a paternidade não é vista como complementar, mas sim como essencial para a educação dos filhos, que ela encara como tarefa da mulher e não do marido. Ela experimentou a maternidade, mas sente-se impossibilitada de assumir o papel de mãe, destinação que vê como sua e não do marido.

Neste caso, marido e mulher não se completam. Pelo contrário, nota-se no depoimento de Marly a sensação de incapacidade de orientar os filhos, tarefa que está sendo desempenhada pelo homem com quem se casou e que ela julga direito e obrigação dela.

Dessa forma, ela não deixa de atribuir importância ao papel de mãe, tal como as outras entrevistadas, porém compreende a limitação de seu desempenho imposta pelo desejo do marido, que a reconhece como mãe de seus filhos apenas porque ela os teve e não por julgar que ela viva o papel de mãe, como desejaria a entrevistada.

A valorização deste papel é ressaltada em termos da reprodução biológica. Porém, é evidente que as mulheres estendem a função do papel ao nível da reprodução social. Visto ele se aproxima do papel profissional: ser mãe é também ser educadora e orientadora. Neste papel, de mãe, é que ela se sente necessária; ele centraliza uma relação de dependência dos outros para com ela. E se gerar os filhos é de fundamental importância, criá-los é uma missão, e quando excluídas desse papel (caso de Marly), reclamam-no e lutam para conquistá-lo. Realmente, a importância que dão a esse papel não se equipara ao de esposa e ao de dona-de-casa. Mesmo em relação ao papel de professora, que tem similaridade com o de mãe, a sua importância é relativa.

5. Como São Classificados Os Papéis

Durante o transcorrer de toda a primeira parte, foram fixadas as imagens que as mulheres casadas elaboram em torno dos seus papéis. Estas imagens tomam contornos mais "objetivos" quando elas classificam os seus papéis em ordem de prioridade. Obviamente, esta classificação não se afasta do enfoque que vimos tratando, pois ela é expressada pelas próprias mulheres quando enfatizam a ordem em que classificam os diversos papéis. Assim, entre os quatro, aparece com significativa preeminência o de mãe, que é citado por 16 mulheres profissionais em primeiro lugar e por duas não profissionais, vindo a seguir o profissional, referido por seis, que aparece citado em segundo lugar por 11 mulheres. É notável a posição ocupada pelo papel de dona-de-casa, que aparece em quarto lugar citado por cerca de 50% das mulheres casadas, independente das categorias a que pertençam. Já o papel de esposa, mesmo sendo colocado em primeiro lugar por uma mulher não profissional, aparece entre os de

ela com uma distribuição bastante uniforme, isto é, em segundo, terceiro e quarto lugares, independente das categorias. Distribuído em cada uma destas classificações por cerca de 28% das mulheres. Estes dados, que podem ser vistos na Tabela 1, levam-nos a inferir que a tendência do grupo, independente das mulheres serem ou não profissionais, é colocar em posição de destaque o papel de mãe, seguindo-se o profissional para as mulheres que exercem atividades fora do lar, e, secundariamente, o de esposa e de dona-de-casa.

Neste ponto parece-nos que a compreensão de como são concebidos os papéis pelas mulheres, independentemente do grupo a que pertencem, encontra sua expressão quando a entrevistada Magda, em seu relato, fornece as dimensões que procuramos situar: a classificação dada, conferindo grau de importância aos papéis, e os significados que atribui aos papéis:

"Tenho 33 anos de idade e três filhos. Uma menina de 16 anos que está fazendo o curso colegial, um menino de 14 anos que está no ginásio e o caçula, com 6 anos, cursando o Jardim da Infância. Reiniciei pela primeira vez os meus estudos, na Escola Normal, após 8 anos de casada, que havia na época do meu casamento abandonado por imposição do meu marido, que achava que o lugar de uma mulher casada era dentro de casa, cuidando dos deveres de dona-de-casa.

Um ano depois que me casei nasceu a nossa filha e, assim, assumi o meu papel de mãe que sempre procurei desempenhar do melhor modo que pude, por considerá-lo o mais importante para mim entre os papéis que desempenhava como mulher casada. A ele fui cada vez mais me apegando, com o aparecimento dos meus outros filhos, e nele me realizei e me vi sempre recompensada, amada e feliz. Através desse papel sinto-me, até hoje, útil e responsável. Considero ser mãe a maior alegria que Deus pôde me dar em toda a minha vida e o encaro como sendo a missão mais linda e mais sublime de uma mulher casada. Vejo os meus filhos como um pedaço de mim mesma e, quando penso nisso, vejo como uma mãe que abandona um filho sofre, pois se ela pensar como eu, acho que nunca faria isso, que deve ser o ato pior para uma mulher que dá à luz a uma criança. Dar um filho, ou abandoná-lo, deve ser a coisa pior do mundo, é como dar para outra pessoa um pedaço da gente e que é da gente e de mais ninguém. Ser mãe é aspiração de todas as mulheres, principalmente das que se casam. Mas, apesar de achá-lo maravilhoso, não posso negar que seja um papel difícil de ser desempenhado. Isto porque a mulher, ao se transformar em mãe, depara com uma série de obrigações e deveres sociais, além dos morais, e, se vê com isso mais obrigada a dar de si, esquecendo-se até de

TABELA 1 - Distribuição da população estudada quanto à classificação dos papéis por ordem prioritária e por categoria de mulheres, antes do ingresso na Faculdade (1).

| CLASSIFICAÇÃO E CATEGÓRIAS | 1º Lugar | | 2º Lugar | | 3º Lugar | | 4º Lugar | | TOTAL | |
|-------------------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|
| | Profissionais | Não Profissionais |
| Mãe | 16 | 2 | 6 | 1 | - | - | - | - | 22 | 3 |
| Esposa | - | 1 | 5 | 2 | 8 | - | 9 | - | 22 | 3 |
| Dona-de-casa | 1 | - | 1 | - | 9 | 3 | 11 | - | 22 | 3 |
| Profissional | 6 | - | 11 | - | 5 | - | - | - | 22 | - |

(1) Os dados desta Tabela foram obtidos da relação nominal que aparece no Quadro I, na página seguinte.

QUADRO I - Relação das entrevistadas e da classificação dada aos papéis antes do ingresso na Faculdade.

| ENTREVISTADAS \ PAPÉIS | MÃE | ESPOSA | DONA-DE-CASA | PROFISSIONAL |
|------------------------|----------|----------|--------------|--------------|
| Magali | 1º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Márcia | 2º Lugar | 4º Lugar | 1º Lugar | 3º Lugar |
| Marion | 2º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 1º Lugar |
| Mary | 2º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 1º Lugar |
| Magda | 1º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Maria | 1º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Mara | 1º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar |
| Marilene | 1º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar | - |
| Marly | 1º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar | - |
| Mariana | 2º Lugar | 1º Lugar | 3º Lugar | - |
| Malú | 1º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar |
| Marta | 1º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Marcela | 1º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Madalena | 1º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar |
| Mari stela | 2º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 1º Lugar |
| Marciana | 1º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar |
| Marcelina | 1º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Marielena | 1º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar |
| Margô + | 1º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar | 1º Lugar |
| Margarida | 2º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 1º Lugar |
| Marlene ++ | 2º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar | 1º Lugar |
| Marilú | 1º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar |
| Marcolina | 1º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar |
| Maribel | 1º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Malvina | 1º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |

+ Esta entrevistada atribuiu a mesma classificação aos papéis de mãe e de profissional.

++ Esta entrevistada atribuiu a mesma classificação aos papéis de mãe e esposa.

si mesma. Mas tudo isso é recompensado quando a gente vê que está, a contento, saindo-se bem, como eu, nessa missão que lhe foi confiada. Quando isso acontece, nesse papel, a gente até se esquece dessas dificuldades e passa a se ver como vitoriosa e realizada como pessoa e como mulher.

Mesmo depois que consegui me formar para professora e iniciei a minha vida profissional nunca coloquei o meu papel de mãe em segundo plano. Nunca me esqueci dos deveres que tenho para com os meus filhos, apesar de considerar a minha profissão como sendo de grande importância para mim e para a melhoria da minha vida econômica.

Este papel tornou-se muito importante para mim, porque através dele e do que nele ganho pude ajudar meu marido nas despesas da casa e dar aos meus filhos uma situação de vida melhor do que a que eles tinham antes.

Gosto do meu trabalho, com ele me identifico, e nele me vejo como no meu papel de mãe, útil e responsável pelo sucesso dos meus alunos. A ele me apeguei muito e não pretendo deixá-lo nunca mais. Com ele pude suprir as minhas necessidades econômicas, antes sentidas, portanto a ele devo muito e por isso a ele dou muito valor, através do meu ordenado posso dar aos meus filhos um melhor nível de educação e, com isso, poderei me ver ainda melhor realizada como mãe.

Pelas razões que já falei, e por me identificar com a minha profissão, nela me sinto feliz. Além do mais, ela nunca atrapalhou os meus papéis e, ainda, me tirou da rotina dos serviços domésticos com os quais nunca me identifiquei.

Não digo que me afastei de todo deles, mas os passei, o mais que pude, para uma empregada que arranjei e que pode pagar, também, com o ordenado que recebo do meu trabalho.

Sei que ser dona-de-casa é uma obrigação da mulher casada e que ele se relaciona com os papéis de mãe e de esposa. Mas não acho, por isso, que para ser boa mãe e boa esposa tenha a mulher que se prender, demasiadamente, aos afazeres da casa. Não o vejo como o principal papel da minha vida e nele não me realizo e nem sinto qualquer emoção.

Meu marido não pensa exatamente como eu sobre esse papel, ele acha que só a mulher competem os serviços domésticos. Então, para satisfazê-lo, nos domingos ainda vou para a cozinha fazer coisas que ele gosta de comer, mas só nos domingos. Fazendo isso, ele não reclama muito, e eu posso trabalhar sem que ele implique com o meu serviço. Desse modo, eu o agrado, faço o que quero, trabalho, e posso me livrar dos serviços da casa quase sem que ele perceba que assim estou agindo.

Não estou querendo censurar o meu marido, mas ele tem uma maneira esquisita de encarar os deveres de uma mulher casada. Por exemplo, ele acha que a mulher tem que dedicar ao marido todo o tempo dela quando ele está em casa, para com isso ser boa esposa. Eu, da minha parte, acho que ser boa esposa é, também, uma obrigação e um dever meu, mas acho que ele exagera um pouco nessa parte. Mesmo assim, faço tudo para me sair bem nesse meu papel. Esforço-me, também, para isso, porque acho que esse papel completa o meu papel de mãe. Acho que vivendo bem com o meu marido e me submetendo, em parte, aos seus mandos, estou, indiretamente, concorrendo para o bom ambiente da minha casa, assegurando o meu bom viver e a felicidade dos meus filhos. Mas nem por isso posso deixar de ver esse papel como sendo difícil de ser desempenhado. Nele a gente mais dá do que recebe, ainda

mais tendo um marido tão exigente como o meu. Mas tenho que agir assim, portanto(...)".

Analisando as representações elaboradas sobre os papéis, verifica-se que elas se assentam em dois níveis. Em um primeiro os papéis não se apresentam como entidades isoladas. São concebidos como interrelacionados, formando um conjunto onde mesmo o papel profissional é visto como elemento constituinte do papel de mulher casada. Em um segundo nível aflora uma percepção diferencial em relação a cada um dos papéis. Assim, de um lado ocorre uma percepção genérica de mulher casada e de outro uma visão que particulariza cada papel. Se na visão genérica os papéis são apreendidos como uma totalidade e se apresentam mutuamente relacionados, na visão particularizada eles se apresentam em sua realidade específica. Dessa forma, o todo se reordena conforme os valores dados pelos próprios sujeitos. Em ambos os níveis os papéis são marcados, inicialmente, pelas díades estabelecidas entre mulher-marido, mulher-filhos, mulher-casa e mulher-trabalho, que por sua vez foram relações inter-diáticas. Acreditamos que não incorremos em erro de interpretação ao afirmarmos que os sujeitos da investigação, ao refletirem sobre os vários papéis, reúnem-nos a fim de apresentar uma representação coerente. Ao nosso ver, esta coerência está em consonância com uma ordem institucional que serve de suporte a essa representação, e no caso se refere à família*. E nessa or

* Uma discussão sobre as relações entre papel e instituição é proposta por Berger, P. L. e Luckmann, T., ob.cit., pg.101-109.

da institucional o papel preponderante é o de mãe; será o mais valorizado, pois através dele a mulher pode corresponder às expectativas biológicas, às expectativas do marido e às expectativas sociais. Além disso, permite-lhe alguma forma de poder que se expressa nas funções de educadora e orientadora dos filhos. A maternidade torna-se, assim, o caminho para a realização feminina*.

A associação muito estreita entre a profissão e o que é esperado dela como mulher leva-a a dar relevância ao papel profissional na ordenação dos diversos papéis. Não será conflitante e o grupo o interpretará como adequado, por ser visto como tipicamente feminino. De outro lado, a mulher é vista como colaboradora na manutenção da família, possibilitando que as relações marido-mulher se tornem menos assimétricas.

Em resumo, os dois papéis que vimos até agora são sempre positivados. Isso não acontece com o de esposa e o de dona-de-casa. Parece-nos que a base desta desvalorização está associada quando do primeiro, pelo fato de não lhe trazer autonomia, e o segundo pela correspondência entre ser dona-de-casa e empregada. Sem dúvida, as entrevistadas foram bem claras quando enunciaram sua insatisfação com esses papéis, mas em relação a eles também diríamos, como nos dois anteriores, que seus desempenhos, por fazerem parte de uma expectativa intra e extra-familiar, são representados como os outros esperam que assim sejam. Do bom desempenho desses papéis depende o sucesso dos outros papéis e a estabilidade da instituição.

* Friedan, B., ob. cit., pg. 272, aponta também que a realização sexual e a posse de objetos materiais seriam os outros caminhos abertos à mulher para auto-realização, auto-estima e auto-expressão de sua individualidade humana.

CAPÍTULO SEGUNDO

EM BUSCA DE UM NOVO PAPEL

A partir do momento em que as mulheres se voltam para um outro papel, que não estava inscrito em seu repertório de papéis, colocam-se as primeiras aproximações de confronto com as imagens que haviam elaborado anteriormente. As próprias motivações que intervieram na decisão de estudar lançam as avaliações iniciais em torno dos seus papéis domésticos e profissionais. Embora a volta aos estudos seja tomada como um evento, ela traz consigo uma série de dimensões que delineadas separadamente permitem traçar o quadro mais amplo do que foi importante para se assumir um novo papel. Como ele veio a se definir no interior do grupo familiar é ponto fundamental neste Capítulo. No processo da nova escolarização a escolha do curso e da Faculdade, onde o novo papel encontra a sua concretidade, são dois aspectos que concorrem para se visualizar o tipo de formação superior buscada por esse grupo de mulheres. Esses aspectos, mais os anteriores, conduzem-nos a um primeiro delineamento da

reavaliação dos papéis e, revelando as expectativas das mulheres, concorrem para que se conheça a sua própria situação.

1. As Expectativas

a. A Faculdade: um caminho para a profissionalização?

Entendemos o termo profissionalização como um processo que leva o indivíduo a alcançar um status profissional através da aquisição de um conjunto de novos conhecimentos formalizados pela Escola e que lhe possibilitará competir no mercado de trabalho. Dentro desse conceito, verificamos que, entre as mulheres desta população, este motivo é mencionado por 28%, e nele incluem-se as três mulheres que não exercem nenhuma atividade profissional. Mesmo entre estas últimas a questão coloca-se não como algo imediato, mas como uma possibilidade futura e sem precisão definida. Isto é exemplificado com o relato de Marlene, no qual a situação fica bem clara quando afirma:

"Desejo possuir um diploma superior para poder ter mais chances de me firmar no curso secundário e, talvez, até no superior(...). Não que esteja insatisfeita dentro da minha profissão, mas é que já estou cansada de lecionar para crianças e tenho vontade de mudar, isto é, continuar lecionando, só que para pessoas que tenham mais idade(...). Só com um diploma superior vejo possibilidades não só para isso como também para melhores propostas de serviço dentro do mercado de trabalho que exerço. Não posso dizer que já não estou colhendo frutos dos meus esforços e com isso atingindo parte do meu objetivo: até novas ofertas de trabalho já estou tendo dentro da minha atual profissão, já estou me projetando. Hoje dentro do meu trabalho sou mais ouvida e mais respeitada(...)".

O mesmo caso não ocorre com Mariana (não-profissional); há uma aspiração de profissionalização, mas esta não é vista como algo de necessidade imediata. Seu depoi-

mento traz exatamente essas marcas:

"Sempre desejei fazer um curso superior porque sempre tive vontade de ter o meu emprego e com isso ter o meu dinheiro. Embora tenha voltado aos estudos para encher o meu tempo, que já estava se tornando vazio, eu no fundo mesmo desejava assegurar o meu futuro, pois vejo num diploma superior possibilidades para isso, isto é, de conseguir uma colocação se um dia vier disso precisar(...)".

Dessa forma, rigorosamente, não se poderia afirmar que estas mulheres buscam o curso superior como meio de profissionalização. Esta situação, de um lado, prende-se ao fato de as próprias entrevistadas declararem-se satisfeitas com a profissão que exercem ou com a atual situação que vivem, e encararem o curso como forma de aprimoramento dos conhecimentos que lhes possibilitará um melhor desempenho profissional, nas atividades do magistério que já exercem, ou lhes oferecerá condições de ter uma profissão caso venham a precisar dela.

Para aquelas que ainda não exercem outra atividade (como é o caso de Mariana, anteriormente citado), a não ser a de dona-de-casa, exercer uma atividade profissional é uma possibilidade mais remota.

Marlene, que é professora primária, está entre aquelas cujos ideais se resumem em:

"Procurei fazer uma Faculdade para aprender a lidar melhor com os meus alunos. Estudando, estou sempre me atualizando e com isso poderei transmitir melhor aos meus alunos os meus conhecimentos, usando para isso métodos de ensino mais modernos e mais adequados aos dias de hoje. O professor, mesmo sendo primário, tem que se atualizar, porque é nele, mais que nos outros, que estão depositadas as esperanças de todos, além das crianças que nele crêem e de quem tudo esperam para serem os homens de amanhã. Somente o professor que aumenta os seus conhecimentos através de uma maior atualização poderá se realizar como pessoa e como educador(...). Como gosto da minha profissão e a vejo como importante para mim, faço tudo para nela me ver dia-a-dia mais situada e mais realizada. Por este motivo, particularmente, nunca me arrependi de ter voltado aos estudos, até pelo contrário, com isso mais me realizo profissionalmente, o que me traz muita satisfação(...)".

A significância desta motivação (atualização profissional e aumento de conhecimento) é expressiva, pois atinge 64% das opiniões das entrevistadas. E embora, como veremos posteriormente, outros motivos a ela se associem, parece-nos que representa tanto uma manifestação idealizada em torno do curso superior como também está envolvida por um caráter utilitário: ajudá-las no exercício do magistério.

De outro lado, e de forma bastante realística, há aquelas que voltam aos estudos objetivando usufruir as vantagens legais oferecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação. É o caso de Magali, Marcela e Mary:

"Voltei aos estudos influenciada pelas vantagens profissionais oferecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5.692). Essa Lei promete dar aos professores portadores de um diploma superior grandes vantagens econômicas e profissionais, que espero desfrutar como recompensa dos esforços que hoje faço para estudar e para me formar na Faculdade" (Magali); "resolvi voltar aos estudos, novamente, porque um diploma superior somente me trará os benefícios econômicos e profissionais previstos pela Lei" (Marcela); "voltei aos estudos porque a Lei me assegura maiores possibilidades profissionais, maiores oportunidades de ascensão na minha carreira. Com a minha decisão espero ter mais oportunidades, mais me projetar na minha vida profissional, além de gozar dos direitos que a Lei me confere. Sempre esperei ser mais valorizada dentro da minha profissão e vi, com a minha volta aos estudos, esse meu sonho realizado(...) hoje já gozo de maior prestígio dentro do meu setor profissional e espero mais para os dias que virão, isto é, após eu estar formada num curso superior(...)" (Mary).

Marion e as demais mulheres que, como ela, ainda não são efetivas no Magistério Primário, mencionam o que chamaram de "segurança profissional", considerando a volta aos estudos o meio mais seguro de se efetivar no cargo que ora exercem como substitutas. Os motivos "aumento de prestígio" (colegas que já haviam ingressado no Curso Superior), e "igualdade de condições com os homens no mercado de trabalho", quando considerados isoladamente, são citados em número bastante reduzido.

A rigor, os motivos profissionalizan-

tes não são os determinantes da volta aos estudos, e só se tornam de relevância se incluirmos o Curso Superior como um elemento que auxilia a carreira na qual as mulheres já estão inseridas.

b. O Ingresso na Faculdade: de interesse individual a projeto familiar

Uma vez que a volta aos estudos não constitui, para a maioria das mulheres, um projeto de uma nova carreira, mas considerando-o muito mais como uma afirmação da sua posição profissional, quais teriam sido as suas motivações?

Como será mostrado a seguir, o discurso das mulheres foi extremamente revelador dos problemas que elas vinham enfrentando como donas-de-casa: frustradas, desencantadas e insatisfeitas com o papel. Mostra, também, os argumentos que foram utilizados junto à família a fim de que as mulheres pudessem romper o cerco formado pelo marido e filhos quando estes se opunham à idéia de terem uma esposa e mãe estudante.

"Sair da rotina do lar"; "ser o trabalho doméstico enfadonho e cansativo"; "sentir a vida vazia e sem objetivos"; "encher o tempo"; "vida vazia e aborrecida"; "sentir-se entediada"; "não ser dona-de-casa", são expressões que permeiam tanto a história das mulheres casadas profissionais como a das donas-de-casa. Este fato chama a atenção, pois as mulheres profissionais, embora exerçam uma atividade fora de casa, fornecem depoimentos através dos quais vêm à tona aspectos importantes da ideologia em torno do serviço doméstico. Não desejando perpetuar-se nessa atividade, a busca de, pelo menos transitóriamente, (enquanto durar o curso) de uma outra atividade (estudar) seria a justificativa do afastamento das tarefas

domésticas, e neste aspecto o retrato traçado por Marilene e Marly são protótipos.

Marilene, aos 31 anos de idade, ingressa na Faculdade. Casada há 11 anos e mãe de 3 filhos (10, 8 e 1,5 anos de idade) terminara os estudos secundários há 14 anos e exercera a profissão de professora primária antes de se casar.

Quando conta porque se decidiu a voltar ao curso superior afirma:

"Pouco a pouco fui cansando da vida vazia que levava e da rotina que nela se fazia. Apesar de não ser obrigada a realizar as tarefas da casa, nunca a esses serviços me prendi de modo satisfatório. Desse modo, a minha vida tornava-se dia-a-dia mais vazia e enfadonha. Sentia-me desatualizada perante meu marido e bitolada na vida caseira que levava. Via-me desvalorizada e ociosa perante as minhas amigas que tinham uma vida profissional, e muitas vezes as invejava por isso. Um dia, cansada disso tudo, resolvi consultar meu marido sobre as possibilidades de voltar aos estudos. Discutimos o assunto. Ele me fez ver os prós e os contras das minhas pretensões, mas eu lhe falei sobre o vazio que sentia. Expliquei-lhe que não queria ser vista nem por ele nem pelos nossos filhos como uma esposa e mãe desatualizada, incapaz mesmo de orientar nossos filhos nos estudos quando eles de mim, para isso, precisassem. Fiz com que ele visse como eu me sentia inútil e o quanto isso me aborrecia. Falei-lhe que queria fazer algo que tivesse mais objetivo e que isso diminuiria o meu tédio e o meu complexo de inutilidade. Meus argumentos foram convincentes, e meu marido acabou cedendo. Assim, pude voltar aos estudos(...)"

A queixa dos serviços domésticos, a desvalorização sentida com o seu desempenho, o viver em função dos outros e a obrigação de servir, de ter que só compreender e não reclamar, também não era a vida que Marly almejava. Ela desejava ser "mais admirada e merecer mais confiança" dos filhos em relação aos seus conhecimentos. Portanto, achava que sua volta aos estudos seria um meio para conseguir isso, além de achar que com sua volta aos estudos poderia reconquistá-los. Portanto, a possibilidade de ter um curso superior, para essas mulheres é tida como forma de conseguir colocar-se em posição de igualdade intelectual com o marido perante os filhos, e poder com isso o-

orientá-los, função esta assumida pelos maridos, que eram vistos pelos filhos como sendo mais atualizados. Pode-se até afirmar que em alguns casos essa situação chega a ser competitiva e que foi essa competição a causa da decisão. Se esta competição não é manifestada claramente, ela é revelada e sentida pelas mulheres quando falam, pois elas dizem querer se atualizar para desempenhar melhor os seus papéis de orientadoras dos filhos. Na tentativa de reintegração no papel de mãe, que sentem estar perdendo, está nitidamente definida a posição das mulheres em relação à tomada de posição para a adoção de um novo papel. Desse modo, pode-se afirmar que elas chegam a ingressar na Faculdade procurando uma forma de melhorar as suas relações maternas com os filhos, relações estas abaladas pela desigualdade de saber estabelecida entre elas e os maridos.

A decisão baseada nestes motivos representa, para elas, uma forma de solucionar o fato de se sentirem insatisfeitas com o papel de mãe, e com isso encontrar uma maneira de auto-afirmação dentro do meio familiar e assim escapar das frustrações e das desvantagens que revelam ter com a situação de inferioridade em que se colocam. Por outro lado, pode-se também afirmar que a volta aos estudos está baseada em necessidades pessoais, além de competitivas, pois elas desejam mostrar o seu verdadeiro valor e com isso serem dignas de respeito, tomando "suas próprias decisões" e tentando comunicar-se de igual para igual com seus filhos, como fazem seus maridos.

A "valorização" que buscam com os estudos seria a de provar que são capazes de não ser apenas donas-de-casa, mas também de orientar seus filhos.

Se considerarmos o que afirmam, concluímos que as motivações citadas levaram-nas a uma decisão-ação -, com a qual reagem contra uma situação estabelecida.

Esses motivos, como anteriormente já dissemos, são também apontados por grande parte das mulheres profissionais.

Marcela poderá ser um exemplo ilustrativo desta categoria das mulheres:

"Acho que minha volta aos estudos me possibilitará ser algo mais do que sou. Além do mais não quero ficar, além das minhas funções profissionais, muito envolvida com os serviços da casa e dentro de uma rotina que eles estabelecem na vida de uma mulher casada. Voltando aos estudos poderei afastar-me deles e com uma desculpa louvável para que ninguém me condene por isso. Esses serviços só cansam a gente e não refletem o real valor que a gente tem, o que não acontecerá se eu a uma outra atividade mais objetiva me entregar. Acho que me tornando uma estudante, estou me valorizando mais e me tornando mais valorizada também pelos meus familiares, pois eles verão em mim uma mulher mais atualizada e mais capaz de desempenhar os meus papéis de mãe e de esposa. Com isso, espero ser um orgulho para meu marido e um estímulo para os meus filhos nos estudos, coisa que até hoje luto para conseguir(...)".

Para outras mulheres estes não são somente os motivos determinantes da decisão. "Insatisfação familiar", "a chance de se afastar de casa por algumas horas", "maneira de reajuste familiar", são apontadas como motivações para a volta aos estudos por Margarida e por Mara, que, logo após o ingresso na Faculdade, se desquitaram. Embora afirmem que a volta aos estudos tenha sido uma tentativa para solucionar os seus problemas familiares e as insatisfações sentidas com o desempenho do papel de esposa, dizem não terem se sentido recompensadas nesse esforço, pois a ausência de compreensão entre o casal e o desejo de se verem afastadas de casa agravaram ainda mais a situação antes existente.

"Fiz tudo", diz Margarida, "para ser uma boa esposa, até usei do recurso de me afastar de casa para ver se meu marido sentia mais falta de mim e com isso nossa situação familiar melhorasse e o nosso relacionamento também, mas não fui por ele compreendida. Dia-a-dia a nossa permanência lado a lado se tornava mais insuportável. A decisão foi vista por mim como uma possível solução dos nossos problemas e a ela me agarrei, mas a situação se agravou por vários motivos por ele apontados: mudança de pensar e de encarar a nossa vida e as nossas relações, novos vínculos de

relações, perguntas indiscretas e insinuações eram sempre feitas contra mim e levantadas injustamente(...) e o nosso fim foi a separação definitiva, da qual até hoje não me arrependo".

No caso destas duas mulheres, os motivos surgiram devido ao fato de viverem em situação tensa, insatisfeitas e frustradas. A insatisfação familiar levou-as à busca de uma forma de conciliação, através da volta aos estudos. Um corte vertical se deu na vida dessas mulheres depois da decisão, e se a volta aos estudos por um lado pareceu ser a solução imediata de um problema conjugal, por outro pode ser vista como o meio encontrado, por uma das partes, para a efetiva separação do casal, há muito desejada.

Esses dois casos, à primeira vista, parecem excepcionais, e realmente o são em termos da solução encontrada (a separação), porém como os demais inscreve-se naquela dimensão de reajustes de ordem familiar que são buscados através do papel de estudante e que constituem a solução para a maioria das mulheres nesta pesquisa.

Esta idéia que vimos desenvolvendo contra sua reafirmação se caminhar-mos no sentido de verificar as formas como se manifestam os membros da família em relação ao papel de estudante. Esta manifestação, em síntese, é a de ver o papel de estudante como "canalizador das esperanças de dias melhores" através de uma reorganização da vida familiar. E mesmo quando contam os sacrifícios decorrentes da situação da mulher ser estudante, os maridos apontam as vantagens deste fato. Muitos exemplos poderiam ilustrar essas nossas afirmações, porém um apenas poderá nos dar a medida exata:

"Nossos filhos sentem a ausência da minha mulher, mas eu e ela fazemos com que eles vejam que isso mais tarde será para o bem deles mesmos. Assim, procuram entender o que ela faz e cooperam para que o sacrifício da mãe não seja tão grande como na realidade sabemos que é. Jun

tos traçamos planos para uma vida melhor. Com minha mulher, eles sonham o dia em que poderão desfrutar as vantagens da atual situação. Com as nossas frequentes reuniões, para esclarecer esses pontos de vista com os nossos filhos, nós e eles nos tornamos mais próximos e com isso ficamos mais amigos. Hoje eles valorizam mais a mãe, porque reconhecem que ela, como mãe, está fazendo tudo para que um dia eles sejam mais felizes que hoje". (marido da entrevistada Mary).

O projeto de "uma vida melhor", que é por todos almejada, atua como estímulo para a compreensão da conduta das mulheres e contribui para a sua valorização.

Estes dados tornam possível compreender a aceitação do papel de estudante pelo grupo familiar, pois eles revelam um plano onde todos são co-participantes.

Os desejos expressados claramente pelas mulheres juntamente com o dos familiares correspondem à "esperança de uma vida bem melhor".

Não seria exagero, inclusive, apontá-lo como elemento mediador entre a mulher e a vida doméstica, o que é reconhecido tanto pelos maridos das que trabalham fora, quanto pelos das donas-de-casa.

"Minha mulher nunca trabalhou depois que nos casamos", diz o marido de Marilene. "Ela sempre se dedicou aos serviços da casa, não que os fizesse, mas os dirigia como uma boa dona-de-casa. Eu nunca havia percebido que essa tarefa a tornava uma mulher frustrada, como mais tarde ela mesma me fez ver. Quando resolveu voltar aos estudos eu a fiz ver que isso poderia trazer uma desorganização na nossa vida familiar e doméstica e, por isso, fui um pouco contra a sua resolução. Mas, hoje, analisando os fatos, vejo o quanto teria errado se não a tivesse deixado voltar aos estudos. Depois que ela se tornou uma estudante é que vi realmente como as suas alegações para isso eram verdadeiras. Ela agora é uma mulher mais feliz e nós também. Ela é capaz de participar de todas as prosas nas rodas que frequentamos e até parece uma outra mulher. Isso me orgulha muito e esse meu orgulho aumenta mais quando vejo que ela é capaz de desempenhar tão bem suas funções como dona-de-casa e mãe e se sair, ao mesmo tempo, muito bem como estudante".

O caso de Márcia servirá para ilustrar os casos das mulheres profissionais. Para isso, vejamos o que fa

la seu marido:

"Minha mulher, antes de entrar para a Faculdade, era uma mulher implicante, tremendamente exigente(...) com tudo ela implicava e de tudo se queixava, chegando do mesmo, muitas vezes, a impedir que eu e nossas filhas recebêssemos visitas em casa, alegando para isso ter que limpar sozinha as sujeiras que nós e as visitas fazíamos. Hoje está bem mudada. Depois que se tornou estudante, passou a não mais implicar com essas coisas e, desse modo, vivemos mais unidos e felizes. Ela consegue conciliar os serviços que já desempenhava antes, com a mesma dedicação de agora, com os seus estudos, e aqui em casa, a não ser o comportamento dela em relação a mim e às filhas, nada mudou, tudo continua correndo como antes, só que agora nos sentimos muito mais à vontade dentro de casa, o que antes não acontecia(...)"

Diante dessas declarações, a figura da mulher casada estudante, profissional ou não, é sempre relacionada com a figura da mulher casada de antes, sendo que a primeira passa, a não ser em casos excepcionais como o das desquitadas, a ser a preferida devido às "mudanças" ocorridas com a entrada na Faculdade, pois nestas "mudanças" estão pautadas as satisfações de ambas as partes - mulher e família. Com o novo papel foram estabelecidos novos vínculos familiares, através dos quais a família se sente "mais assegurada e feliz".

De um modo geral, percebe-se que, embora o projeto de estudar não tenha sido uma decisão da família, ele se converte em um projeto no qual a família se empenha, pois ela será recompensada por isso. Por isso acreditamos que ele se converte em projeto familiar. Não é de menor importância o fato de que através da aquisição de novos conhecimentos a mulher procura reassumir sua posição no interior da família e, mais do que isso, tenta estabelecer novas formas de relações com os maridos e filhos. Os reajustamentos nem sempre foram conseguidos. Há rompimentos nas relações, como no caso das desquitadas, porém vimos que não foi o novo papel assumido o causador de tal rompimento, mas, sim, constituindo uma tentativa de fortalecer certos laços que já se vinham deteriorando há bastante tempo.

c. Ainda o Projeto Familiar

O ponto que tentamos fixar anteriormente, no qual se situa a volta aos estudos como meio de uma tomada de posição frente aos papéis (negando o de dona-de-casa, reafirmando o de mãe e o de profissional) na órbita familiar, atinge uma dimensão que amplia o significado desta tomada de posição dentro dos interesses de um projeto familiar, tanto econômico como social.

Ao nível econômico, as alusões de como o estudo representa uma possível solução para os problemas familiares são evidentes. Isto se aplica particularmente ao caso das mulheres profissionais que visam, como Margô, "alcançar uma maior remuneração", e o de Malú, que espera "ter melhores condições econômicas" para ajudar o marido nas despesas da casa e dar aos "meus filhos uma vida melhor"; ou "ter melhores condições para ajudar o marido" (Marta).

Seria exaustivo citar outras entrevistadas, porém o que para nós define esta situação de maneira bastante precisa, está contido nos relatos que os próprios maridos fazem quando se referem à volta de suas mulheres aos estudos:

"Minha mulher", diz o marido de Margô, "me fez ver as vantagens que poderemos ter com a volta dela aos estudos. Ela e eu depois achamos que um curso superior poderá nos dar melhores meios de vida social, profissional e econômica. Se isso vier a acontecer, nós nos veremos recompensados com o seu sacrifício e poderemos dar aos nossos filhos uma melhor formação cultural e eles poderão ocupar um meio social melhor do que até agora lhes pudemos proporcionar(...)".

Este trecho, além de tudo, revela que neste projeto social, objetivando a ascensão social, o prestígio social, a "melhoria social", a "melhoria de status social e econômico", e o estudo é tido como uma solução. Este projeto social contido nas motivações que encaminham essas mulheres aos estu-

dos superiores é evidente quando nos relatam:

"Valorizo o meu papel de estudante por que com ele espero vencer mais na minha vida profissional e ganhar mais dinheiro para dar aos meus filhos as coisas que mais tarde poderão querer e que talvez só com o que eu e meu marido atualmente ganhamos não poderíamos lher dar" (Marcela); "Neste papel deposito as minhas esperanças de melhoria econômica, social e profissional. Ele me apresenta mais perspectiva de uma vida melhor, tanto para mim como para os meus. Espero que, após formada, possa pegar aulas extraordinárias, e com isso verei os meus vencimentos aumentados e os meus filhos poderão continuar a vida que têm e poderão frequentar ou continuar frequentando os lugares que frequentam, o que não aconteceria se continuássemos recebendo os ordenados que eu e meu marido recebemos(...)" (Marilú).

Novamente, um dos maridos, ao expor a sua opinião, corroborará a posição que antes já havíamos sublinhado. O marido de Marta aponta:

"A volta da minha mulher aos estudos poderá ser um meio de vivermos melhor economicamente — e da gente ter um pouco mais de dinheiro em casa para darmos mais conforto para os nossos filhos, pois as coisas estão piorando dia-a-dia e com o que atualmente recebemos não dará para tocarmos nossa vida como até agora fizemos(...)"

Não é raro que a questão do prestígio dos estudos superiores seja vista em função do que poderíamos chamar o desprestígio do magistério primário, em razão dos baixos vencimentos. Em um longo depoimento, uma das entrevistadas (Magda) nos assegura:

"Não desejo abandonar o Magistério, mas pretendo formar-me para dar aulas no curso secundário ou superior, quem sabe assim me verei mais valorizada, pois hoje ser professora primária é depreciativo. A gente até se envergonha de dizer que tem esta profissão. Não que eu não goste dela(...) mas eu gostar somente não diz nada, o que vale é a opinião que a gente sente que o povo tem dela e das pessoas que a desempenham(...). Isto é sentido quando vou comprar alguma coisa no crediário e tenho que preencher fichas. Todas as vezes que faço isso, faço com um certo receio, pois sinto que quando digo a minha profissão sou olhada com desconfiança. É como se tivessem dúvidas sobre as minhas possibilidades de pagamento e como se eu pertencesse a uma classe social inferior, pretendendo coisas além das minhas possibilidades econômicas(...). Ser hoje professora primária é como se sentir relegada, marginalizada profissionalmente e socialmente, além de economicamente e culturalmente. Até as autoridades governamentais nos relegam a um segundo plano, haja visto pelo ordenado que recebemos, o que nos proporcio

na o status que gozamos dentro do meio social que vivemos(...). Não sei o porque desta cotação(...). Será que elas se esqueceram que hoje são o que são e têm a posição social que possuem graças ao que nós, professoras primárias de ontem, lhes ensinamos? Isto tudo me descontenta e me decepciona(...). Não estou mesmo satisfeita com o status social e econômico que atualmente desfruto e se hoje faço um curso superior é visando uma melhoria econômica e consequentemente social, pois na sociedade que vivemos estes dois fatores se integram. Os homens são classificados pelo que ganham e não pelo que valem, foram-se os bons tempos do professor primário, hoje ele não é mais reconhecido e nem valorizado, pelo contrário é sempre visto num plano inferior, quer seja ele social, profissional, econômico e cultural(...)."*

Como foi lembrado no início deste item, tantos os motivos econômicos como sociais são especialmente citados pelas mulheres profissionais. No caso das donas-de-casa (Marly, Marilene e Mariana) isto não ocorre. Parece-nos que pretendem ter maior segurança dentro dos grupos a que pertencem do que sair dos mesmos via educação superior.

"Os estudos mudaram a minha vida e com isso me tornei mais feliz. Hoje sinto que sou um motivo de orgulho para meus filhos e para meu marido. A minha volta aos estudos me projetou dentro da minha casa e dentro do grupo de amigos que temos, acho mesmo que neste último me tornei mais admirada, pois hoje quando estou entre nossos amigos as minhas opiniões são respeitadas, porque agora estou mais dentro de todos assuntos e com isso mais atualizada e mais apta para discutí-los(...)" (Marly); "este meu novo papel me tornou muito mais extrovertida diante do grupo social de que eu e meu marido fazemos parte. Hoje não sou mais aquela que tinha medo de abrir a boca e falar algum disparate sobre assuntos diversos que conversavam nas reuniões, o que me deixa muito mais segura de mim e mais respeitada por todos(...)" (Marilene); "Hoje me sinto mais realizada dentro de casa e dentro do grupo dos nossos amigos. Acho mesmo que me projetei dentro destes grupos. Falo isso porque todos falam que mudei muito e que hoje estou muito mais interessante. Sou até muitas vezes consultada por minhas amigas sobre isso ou aquilo, e muitas delas até mandam os filhos tomarem opiniões comigo sobre o que devem ler e escrever nos trabalhos das escolas em que eles estão(...) isto para mim é fator de vitória, o que antes não acontecia, porque eu não me achava, e era assim também vista, uma mulher atualizada e capaz de algo mais além de desempenhar bem as tarefas de uma dona-de-casa" (Mariana).

* Um outro relato similar a este é o da entrevistada Marcolina. Ela revela, além desses aspectos, uma certa nostalgia quando se refere ao respeito e ao valor que se atribuía à professora primária, que hoje não está acontecendo.

2. Apoios Familiares e não Familiares na Decisão

Se a volta aos estudos está inscrita como um fator que se determina, em última instância, nos limites de um projeto familiar, a retomada não mais dos eventos que a determinaram, mas das pessoas que o apoiaram, poderá trazer maiores esclarecimentos sobre o papel desempenhado pela família.

Quando Márcia decidiu-se pela volta aos estudos "duas correntes de opiniões se formaram em torno do assunto. Na primeira estavam meu marido e minhas filhas, que achavam ótima a idéia, Nela se encontravam também algumas amigas minhas que muito me encorajavam e, entre elas, uma em particular, porque foi esta que me convidou para prestar, com ela, o exame vestibular. Na segunda estavam meu irmão e minha cunhada, que se diziam positivamente contra a idéia. Achavam-me velha para assumir uma nova atividade e diziam mesmo que eu estava ficando louca em querer estudar quando já estava nas portas de uma aposentadoria(...) Chegaram mesmo a tacer comentários desairosos contra minha pessoa e insinuavam certas coisas* que me aborreciam e que até feriam o meu amor próprio. Mas isso foi até bom, porque as opiniões contrárias que expressavam serviram para mais reforçar o meu querer e colocar meu marido e minhas filhas mais a favor da minha decisão. Desse modo, posso dizer que a primeira influência, a da minha amiga para a minha decisão, passou a ser vista não como a mais importante na minha decisão e, sim, a do meu marido e das minhas filhas se fez a principal para minha opção. Eles começaram a fazer tudo para que eu não fosse influenciada pelo que diziam meu irmão e sua mulher, e me faziam ver, quando eu me mostrava desanimada, o que eu seria capaz de fazer e de me mostrar o que eu poderia fazer. Faziam-me ver, ainda, que se eu recuasse me daria por vencida e, assim, me punham para frente(...). Com isso, os considero como sendo as figuras principais para a minha volta aos estudos, e não posso nunca deixar de reconhecer isso neles. Eles, sem dúvida, foram as pessoas que contribuíram para que eu concretizasse um velho sonho da minha vida, e com isso me visse, hoje, realizada como estou(...)"

Mariana, também, sofreu pressões dos familiares quando tomou a sua decisão. Seu pai e seu irmão não viram a decisão "com bons olhos". O primeiro por "achar que esta não era a vocação real" da filha. Ao seu ver, ela deveria, já que

* A entrevistada citou que as pessoas lhe dirigiam ditos populares como "burro velho não pega marcha"; "tá mais prá lá do que prá cá".

havia se decidido pela volta aos estudos, ser advogada. Uma por que "este era o velho sonho da vida dele", isto é, "ter um filho advogado, e outra porque sempre achou que a filha era dotada de qualidades para essa profissão". O segundo se opunha à idéia por achar "que o lugar de uma mulher casada era dentro de casa, cuidando dos filhos, do marido e dos serviços domésticos, e não procurando outras coisas que somente aos homens competiam(...)" Mas Mariana, influenciada por uma amiga e principalmente pelo filho, firmou-se na decisão, e foi a primeira vez que tomou uma iniciativa sem antes consultar o marido. Ela explica este fato do seguinte modo:

"Eu estava em casa, cansada da vida que levava, sem empregadas e fazendo todo o serviço da casa, quando meu filho entrou pela porta adentro, já gritando, foi falando: Mamãe, prepare-se para fazer os exames do vestibular na Faculdade. Estou vindo da casa da dona Marly e ela mandou que eu a convidasse para fazer com ela os exames para entrar na Faculdade. Ela já está estudando, mas só tirará prestá-los se você for com ela. Esta é uma das condições que o marido dela impôs para que ela volte aos estudos. Mamãe, é uma chance para você e ela continuarem os estudos, não é uma coisa maravilhosa? Eu me vi pega de surpresa e nem sabia o que responder a ele, diante do seu entusiasmo. Aleguei que nada podia resolver sem antes consultar o meu marido, mas ele argumentou dizendo que o pai não se oporia, e que era uma oportunidade para eu sair daquela rotina de vida que tanto a mim e a minha amiga aborrecia, e de que tanto nos queixávamos(...)".

Levada por esses argumentos e pelo entusiasmo do filho, Mariana e Marly foram fazer suas matrículas na Faculdade, sem mesmo ter Mariana consultado o marido, o que até então não acontecera em relação às suas decisões. E quando o marido chegou em casa "já estava tudo resolvido, minha sala já estava transformada em um campo de estudo com livros por toda a parte, e nós estudando feito loucas, tendo meu filho como professor(...)". Nem por isso Mariana deixou de ter apoio do marido, nem as opiniões dos parentes de Mariana serviram para mudar a sua decisão.

Como aconteceu com estas mulheres, ou-

tras também encontraram nos filhos e nos maridos, além dos amigos, apoio para a adoção do novo papel.

Mas nem sempre isso se repetiu, quando ocorreu a opção de volta aos estudos para algumas entrevistadas. Muitas delas não consideraram o marido ou os filhos como as principais figuras para sua decisão.

Marion, por exemplo, vê o pai e os amigos dele como as figuras centrais para sua volta aos estudos:

"Foi meu pai quem mais lutou pela minha volta aos estudos. Meu marido não aceitava essa possibilidade e, influenciado pela minha sogra, que via nisso uma desculpa da minha parte para eu me afastar de casa, da minha filha e do meu marido, além de dizer que eu havia arrumado mais um jeito de fazer o meu marido gastar mais dinheiro, se opunha dia-a-dia à minha volta aos estudos. Isso transformava o meu querer e o de meu pai em um sério obstáculo. Mas não desistimos da idéia, e sempre que eu me mostrava desanimada com a idéia e cansada de lutar por ela devido às brigas que tínhamos quando eu falava nesse assunto para meu marido, meu pai me animava e me fazia ver que se eu cedesse jamais me livraria da interferência da minha sogra na minha vida conjugal e na de meu marido".

Um dia o pai de Marion "resolveu lançar a última jogada. Reuniu alguns dos seus amigos e provocou uma mesa redonda com eles, eu e meu marido, e nos fez, com eles, ver as vantagens de possuir um diploma superior". Os amigos do pai de Marion "falaram de suas filhas que já estavam desfrutando vantagens com isso" e o pai de Marion chegou quase a impor ao genro o consentimento para a volta da filha aos estudos. Vendo-se nesta situação, o consentimento foi dado por parte do marido, que "concordou mas não se conformou com a decisão" e, assim, Marion iniciou a sua volta aos estudos. Por isso, ela considera seu pai "a principal figura na decisão, apesar de mais tarde" ter seu marido aceitado e até incentivado Marion para continuar estudando, quando, durante o curso, ela se mostrava desanimada.

Nos relatos apresentados, sentimos as

opiniões positivas e as negativas com respeito à tomada de decisão por parte das mulheres em questão. Mas em dois casos, principalmente, as pressões negativas foram as que mais contribuíram para reforçar o pretendido, tendo conferido às entrevistadas reforços para permanecerem e se efetivarem na vida de estudante.

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que as alegações negativas se transformaram em processos positivos que influíram, com mais força, para a opção de iniciar uma nova vida e para reforçar o querer dos familiares para isso também. Logo, a reação pode ser vista, nestes casos e em outros semelhantes, como um desafio; desafio este que foi tanto das mulheres que já trabalhavam fora de casa como as que até aquele momento eram donas-de-casa.

Portanto, essas declarações são importantes, pois permitem verificar quão sugestiva é a relação entre as opiniões das entrevistadas e como se desenvolvem os mecanismos para a efetivação de uma tomada de decisão. Através delas, pode-se compreender a conduta das personagens, quando algum obstáculo se apresenta frente a uma ação por elas pretendida.

Em outros casos, o marido, por si só, foi o personagem principal da decisão da mulher.

Mara não foi "influenciada por ninguém", além do marido, para a tomada de decisão. Ela se queixava de sentir-se "inferior perante as amigas que já cursavam a Faculdade"; não estava satisfeita com o ambiente familiar; desejava "um aumento de cultura e de prestígio social e profissional"; "queria evoluir e tornar-se independente nas decisões e viver uma outra vida além da do trabalho e a do lar", que lhe desse mais satisfação. Assim, logo de início, quando manifestou desejo de vol-

tar aos estudos, foi apoiada pelo marido, que até a ajudou a preparar-se para os exames que já se aproximavam. Este caso apresenta bastante peculiaridade, pois o marido que a incentivou no início viria a se opor, mais tarde, a essa decisão. O casal viria a se separar quando Mara estava cursando a Faculdade.

A decisão de Marilene, também, foi pessoal. Mas ao participar ao marido o que havia decidido, ele lhe deu todo apoio, apesar de antes fazê-la "ver que acima dos estudos estariam sempre os seus papéis de esposa, mãe e dona-de-casa, que por nada deveriam ser esquecidos".

Margarida foi a única mulher que não teve "apoio de ninguém" para sua decisão. Resolveu tomá-la para se "afastar do convívio familiar", para tornar-se "mais independente economicamente" e "ter com um diploma superior mais segurança futura", tanto para ela como para seu filho, já que seu "casamento não estava indo bem" e, também, para conseguir "uma realização pessoal não encontrada no casamento".

Nas histórias, a posição assumida pela família é bastante clara. Mas uma síntese do que disseram as 25 mulheres entrevistadas fornece a informação quantitativa das influências recebidas.

Na Tabela 2 estão discriminadas as pessoas e grupos, mostrando que há uma forte tendência das decisões terem sido apoiadas pela família, principalmente pelo marido. Isto não exclui que amigos do grupo familiar e outros parentes tenham tido também parte importante nessa resolução. Dessa forma, fica bastante evidenciada a situação que vimos descrevendo até aqui; em realidade o papel da família foi de maior importância para que se concretizasse a entrada em um novo papel.

A história de Marion, que já relatamos,

TABELA 2 - Distribuição das pessoas que apoiaram a decisão das mulheres ingressarem em um Curso Superior.

| PESSOAS | CATEGORIA DAS MULHERES | PROFISSIONAIS | NÃO PROFISSIONAIS |
|--|------------------------|---------------|-------------------|
| Marido e amigos do grupo familiar..... | | 5 | - |
| Marido..... | | 3 | - |
| Marido e outros parentes ⁺ | | 3 | - |
| Marido, "estranhos" ⁺⁺ e filhos..... | | 1 | 1 |
| "Estranhos" e filhos..... | | 2 | - |
| "Estranhos" e outros parentes..... | | 2 | - |
| Outros parentes..... | | 1 | 1 |
| Não houve influência de outras pessoas..... | | 1 | 1 |
| Marido, outros parentes e filhos..... | | 1 | - |
| Marido, "estranhos", filhos e outros parentes... | | 1 | - |
| Marido, "estranhos" e outros parentes..... | | 1 | - |
| "Estranhos"..... | | 1 | - |
| TOTAL DE MULHERES | | 22 | 3 |

+ = Outros parentes: pai, irmã, sogro, e sogra.

++ = "Estranhos": pessoas que se relacionavam somente com a mulher ou com outros parentes.

e na qual a influência paterna foi considerada a mais importante, é retomada, pois ilustra claramente a afirmação anterior. É seu marido quem diz:

"Minha mulher voltou aos estudos porque o pai dela quase me obrigou a deixar. Nessa época nós tínhamos casado e morávamos com ele e minha sogra, e eu não podia falar muito alto porque deles em parte nós ainda precisávamos. Ele e minha mulher alegavam que só com o diploma do Normal ela não poderia arranjar um bom emprego se precisasse, e com isso ela nunca estaria segura no futuro. Eu não queria entender isso porque o meu desejo era que minha mulher ficasse mesmo em casa, mas um dia ele me chamou e disse: Olha, vocês moram aqui comigo e eu tenho muito prazer nisso, prometo ajudar vocês em tudo e nunca interferir na vida de vocês, mas uma coisa eu vou pedir em troca de tudo isso que estou disposto a fazer; não atrapalhe o desejo da minha filha e o meu de que ela volte aos estudos, deixe-a ir para a Faculdade. Explicou que isso era um grande sonho dele, porque ele sempre desejou ter uma filha que tivesse o curso superior. Como ele estava sendo muito bom para nós, eu nada mais pude fazer, deixei que ela fosse para a Faculdade, embora fosse contra o curso que ela escolheu. Eu sempre achei que se ela queria mesmo fazer um curso superior que fosse fazer Artes Plásticas, Decoração ou outra coisa parecida, uma porque, se ela quisesse mesmo trabalhar, ela poderia me ajudar no meu ramo, outra porque acho que esses cursos são mais próprios para mulheres, porque elas podem ganhar dinheiro sem sair de casa, e outra porque acho que o curso que ela escolheu é uma continuação do seu curso anterior e nada de novo ela irá aprender. Mas ela se bateu por este, e eu, como havia dito que a deixaria estudar, e não falei o que, nada pude fazer. Não sei, mas não vejo muito futuro neste curso como ela diz ter, existem muitas mulheres com ele e estão aí sem empregos e sem se verem recompensadas nos seus esforços, e um dia minha mulher será uma delas. Mas ela se diz realizada neste curso. Mesmo assim, não sei o que ela pretende dele. Ela teima em continuar e eu estou só vendo o que vai dar isso tudo. Bem, se ela se sente feliz e o pai dela também, não custa nada eu fazer isso por ela, se bem que não goste disso tudo que está acontecendo e vejo isso tudo, pelo lado da minha mulher, como mais um meio dela sair mais um pouco de casa, mas ela está feliz com isso e, assim, eu concordo com o pedido que ela e o pai fizeram, assim estamos todos felizes e morando na mesma casa(...)".

3. A Escolha do Curso

Nos itens anteriores procuramos mostrar os tipos de orientações sobre as quais as mulheres casadas apresentam os motivos que as conduzem à opção pelo ingresso em um curso superior. Destacaremos a escolha do curso e da Faculdade.

Estes dois pontos têm sido apresentados, nos estudos que tratam do acesso da mulher ao ensino superior, como marcos orientadores de suas escolhas(1). De outro lado, especialmente em relação aos cursos escolhidos, poder-se-á verificar quais são os valores configurados pelas mulheres em relação às áreas do conhecimento que selecionam dentro das Faculdades. Se no encaminhamento que precede esta análise tentamos detectar as condições sociais que conformam o projeto maior de estudar, neste momento a situação se concretiza: o que estudar e onde estudar.

As 25 mulheres selecionadas para esta pesquisa cursavam uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Este fato não é excepcional, pois ingressar nessa categoria de curso superior tem sido uma constante no panorama educacional brasileiro. Conforme é assinalado por Barroso e Melo(2), a porcentagem de mulheres matriculadas nesse curso, no início do ano de 1971, no Brasil, era de 77%. Verificaram, ainda, que com porcentagem superior a essa havia somente dois cursos: o de Enfermagem, com 94% e o Serviço Social, com 95%. Nesse mesmo trabalho anotaram que a expansão de matrículas de 1956-1971 afetou principalmente as áreas de Pedagogia, Ciências Sociais, História, Geografia e Psicologia, que passou de 34% para 50%. Assim, como é salientado pelas autoras, houve maior expansão dos cursos que preparavam para o Magistério, fato ao qual se associam as circunstâncias desses oferecerem maior oferta de vagas e custo baixo. No caso específico da população que foi estudada, é digno de menção o fato da Faculdade funcionar em período noturno, o que não prejudica a mulher em suas atividades profissionais e domésticas.

(1) Barroso, C.L.M. e Melo, G.N. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro e sua participação nas atividades econômicas, em 1970. Cadernos de Pesquisa, nº 15, 1975:21-36.

(2) Barroso, C.L.M. e Melo, G.N., op. cit., pag. 53.

ticas. Esses aspectos estruturais são importantes na medida em que evidenciam que a força de trabalho feminino está sendo preparada em direção a determinados setores de serviço. Em 1970, conforme Miranda(3), o setor terciário contava com 63,95% de mulheres casadas e 62,81% de solteiras. Especificando as ocupações, a autora mostra que a percentagem de professoras primárias era maior entre as casadas (16,72%) do que entre as solteiras (10,23%); e que o magistério secundário também apresentava maior concentração de mulheres casadas (3,12%) quando comparada à de mulheres solteiras (1,46%). As profissões liberais, muito pouco representadas entre as solteiras (0,55%), sofriam entre as casadas ligeiro acréscimo (1,31%), mas no conjunto das ocupações femininas eram significativamente menos expressivas. Esses dados mostram que parece realmente existir a tendência assinalada por Barroso e Melo de que "egressas em sua maioria no Normal e aspirando um curso superior, é bastante explicável que a perspectiva profissional da moça estenda-se do magistério primário para o magistério secundário(...). Além disso, o fato de que a posição social da mulher ainda continua determinada mais pela profissão do marido do que pela sua própria ocupação parece fazer com que a preocupação com o prestígio e o status não seja, para ela, tão dominante na escolha de uma carreira"(4).

Pelo que analisamos em relação à busca de um curso superior com finalidades profissionalizantes, a população pesquisada não o aponta como principal motivo. Isto até certo ponto contradiz a tendência que delinearíamos acima. Porém, isto talvez se explique, pois grande parte das mulheres investi

(3) Miranda, G.V. A educação da mulher brasileira e sua participação nas atividades econômicas em 1970. Cadernos de Pesquisa, nº 15, 1975:29.

(4) Barroso, C.L.M. e Melo, G.N., op. cit., pag. 54.

gadas estão há muito tempo na profissão (professora primária) e eventualmente mudariam totalmente para o magistério secundário. Regra geral aspiram às aulas excedentes do magistério secundário, que só lhes são atribuídas se estiverem cursando uma Faculdade ou de posse de um diploma universitário. O que podemos frisar é que a situação encontrada, em 1974, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo, quanto à distribuição por sexo da população estudantil, nos diversos cursos, não distoa daquela apontada para o país como um todo, no ano de 1971. Do total de 410 alunos, 84,6% (347) era de mulheres e 15,4% (63) era de homens. Em relação aos cursos existentes, as matrículas apresentavam as seguintes proporções: no curso de História, 78,7% de mulheres e 21,3% de homens; no curso de Ciências Sociais, 67,2% de mulheres e 32,8% de homens; no de Letras, 88,2% de mulheres e 11,8% de homens e no de Pedagogia 83,3% de mulheres e 16,7% de homens.

Na população estudada, 9 mulheres estavam no curso de História; 5 no de Pedagogia; 8 em Ciências Sociais e 3 em Letras.

Quais teriam sido os motivos particulares que levaram à escolha desses cursos?

Para as que escolheram Pedagogia, o motivo mais comumente citado está relacionado à identificação desse curso com a profissão que exercem (professoras primárias). Este aspecto é ressaltado por Maria, quando fala:

"Escolhi este curso porque achei que ele estava mais relacionado com a minha profissão. Ao meu ver ele me possibilitará aprender novos métodos de ensino, atualizando-me na minha profissão e com isso fazendo-me sentir melhor professora, pois poderei dar aos meus alunos melhores aulas, orientá-los melhor nos estudos e torná-los mais aptos para enfrentarem a vida que os espera lá fora, quando eles se virem na hora de cumprir com as suas obrigações de

os cidadãos".*

A preferência para o curso de Ciências Sociais, excetuando-se duas mulheres que o escolheram em lugar dos cursos de Matemática e Psicologia Clínica (Mara e Malú) que teriam preferido, recai no fato dessas Ciências oferecerem "a possibilidade de ampliar a visão do mundo"; "atualização dos aspectos econômicos, políticos e sociais"; "aperfeiçoar a minha cultura".

Mariana, que escolheu o curso de Ciências Sociais, apresenta um relato onde justifica a sua opção:

"Logo que decidi voltar aos estudos escolhi o curso de Ciências Sociais por achar que ele seria o único que me proporcionaria condições de aumentar o meu conhecimento geral. Nunca me arrependi por ter assim agido. Hoje me vejo realizada dentro desse curso, pois ele me ofereceu tudo que dele esperava, ou seja, uma completa atualização, um aumento dos meus conhecimentos gerais, deu-me noções de economia e fez-me conhecer fatos de História Econômica do Brasil que eu desconhecia; despertou em mim a vontade de ler e de aprender mais e mais. Enfim, este curso é o que eu esperava e, para dizer a verdade, ele foi além das minhas expectativas, o que de fato me surpreendeu(...)".

Esses motivos não diferem totalmente dos encontrados em outros levantamentos. Na pesquisa feita na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília(5) foi encontrado que: "As razões predominantes dessa escolha relacionam-se com as aspirações pessoais e poderíamos denominá-las fatores

* Posteriormente essa entrevistada faria uma crítica sobre a escolha, afirmando que deveria ter optado por Ciências Sociais, pois este curso lhe ampliaria os conhecimentos, lhe possibilitaria passar para o curso secundário, enquanto o de Pedagogia era uma continuação do curso Normal.

(5) Ricci, Terezinha D'Aquino-Análise do Curso de Ciências Sociais de Marília e o Mercado de Trabalho para os licenciados nesse setor. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1971, pag. 12, mimeografado.

(vocação, interesse pelas matérias do curso, inclinação por Ciências Humanas) e pelos problemas de que tratam". Na investiga o dos egressos do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia de Marília e Letras de Araraquara(6) foram citadas como as três principais utilidades do curso: para 31,1% a de "aprofundar conhecimentos"; para 20,8% a de "ampliar oportunidades profissionais"; e para 13,8% "dilatar os horizontes culturais" (7).

Para as três mulheres que escolheram o curso de Letras, os motivos para duas delas (Mary e Magda) estão relacionados com as melhorias de vencimentos e maior campo de trabalho (lecionar no curso secundário e dar aulas particulares) e Marilene cita um motivo bastante pessoal "poder aperfeiçoar-me em línguas para acompanhar o meu marido nas viagens para o exterior, que ele faz a negócios".

As entrevistadas que optaram pelo curso de História referem-se a motivos vocacionais ("porque sempre gostei"; "porque mais me satisfaz"; "porque sempre sonhei em dar aulas de História", etc) e pessoais. Nesta categoria incluem-se aquelas que afirmam que a História possibilita uma resposta sobre os povos e sobre acontecimentos atuais e passados. Márcia, que escolheu esse curso, relata-nos o seguinte:

"Optei pelo curso de História porque só ele poderia responder profundamente as perguntas que fazia a mim mesma sobre determinados comportamentos da humanidade e para ampliar os meus conhecimentos. Com esta minha

(6) Saffioti, H.I.B. - Profissionaliza o de Sociólogos. Ciência e Cultura. 28 (6): 1976:631 (625-640).

(7) Dados e análises sobre o mercado de trabalho, ensino da Sociologia, forma o e atua o do cientista social podem ser vistos em Cadaval, M. -Notas para um debate sobre mercado de trabalho e orienta es no ensino de sociologia. Ciência e Cultura, 28(7), 1976:750-757. Weber, S., Forma o escolar e fun es profissionais de sociólogo. Ciência e Cultura, 28 (7), 1976:758-761.

escolha tomei rumo certo e nunca me arrependi, adoro meu curso e sempre o recomendo aos mais jovens e amigas que se mostram curiosos como eu pela vida da humanidade e dos povos nela existentes".

4. A Escolha da Faculdade

A Faculdade escolhida para esta pesquisa foi criada em 1966, sendo que este período é assinalado pelo aparecimento de 47,5% das Faculdades no Estado de São Paulo(8), o que representa uma expansão acelerada da rede de estabelecimentos superiores. Este fenômeno é evidente na região administrativa de Campinas, à qual pertence a Faculdade(9). Este fato, já assinalado, sobre a expansão do ensino, não pode ser marginalizado quando se analisa a busca do ensino superior. A este associam-se outros fatores, que estão presentes nos relatos das entrevistadas. Assim, a localização geográfica da Faculdade de São José do Rio Pardo contribuiu para que se tornasse de acesso mais fácil para muitas mulheres. Como relata a entrevistada Mary:

"Sempre foi o meu sonho fazer um curso superior. Mas depois que me casei tudo se tornou mais difícil para que isso se tornasse realidade. Os filhos vieram, os deveres de profissional e de dona-de-casa me prendiam mais em minha cidade e, assim, eu ia ficando sem ver esse meu sonho realizado. Um dia pude ver possibilidades de realizá-lo, pois havia saído uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação que obrigava os professores primários a ter um curso superior. Fomos obrigadas a estudar esta Lei e fomos in-

(8) INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. O Ensino Superior em São Paulo, 1969-1970: pág.19. Segundo este trabalho, das 184 escolas pesquisadas 3,1% foram criadas antes de 1920; de 1921-1930, 2,1%; de 1931-1940, 7,0%; de 1941-1950, 12,5%; 1951-1960, 23,5% e de 1961-1968, 47,5%.

(9) Nesta região no período de 1961-1968 foram criadas 12 Faculdades, cf. INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. O Ensino Superior em São Paulo. 1969-1970: pg: 20.

formados sobre as possibilidades que teríamos se possuíssemos um curso superior. Como esta Faculdade ficava perto de casa e como já havia uma turma da cidade que a cursava, falei com meu marido e o fiz compreender as chances que teríamos de melhorar a nossa vida econômica. Depois de muito discutirmos sobre o assunto ele concordou, e eu comecei a cursar a Faculdade. Logo, a proximidade dela com a minha cidade foi uma das causas que facilitaram a minha decisão de voltar aos estudos. Se não fosse isso eu ainda estaria esperando uma oportunidade de realizar o que mais sonhava na vida - ter um diploma superior".

De um modo geral, a distância média entre a Faculdade e a cidade de procedência das entrevistadas é de 93 Km.*. Deve-se lembrar que esta distância é duplicada, considerando-se as viagens de ida e volta diárias feitas por estas mulheres. Obviamente, para as que residem na própria cidade, a existência de uma Faculdade é de grande importância. Marly, por exemplo, "nunca teria tido oportunidade de cursar uma Faculdade" se ela não estivesse localizada na sua cidade. Seu marido nunca lhe permitiria viajar "para cursar uma Escola" numa outra cidade, pois acha "o fim alguns maridos permitirem que suas mulheres se desloquem de casa e viajem de noite para virem estudar aqui em São José(...)".

Com Mariana teria acontecido o mesmo. Seu marido, também, nunca lhe permitiria:

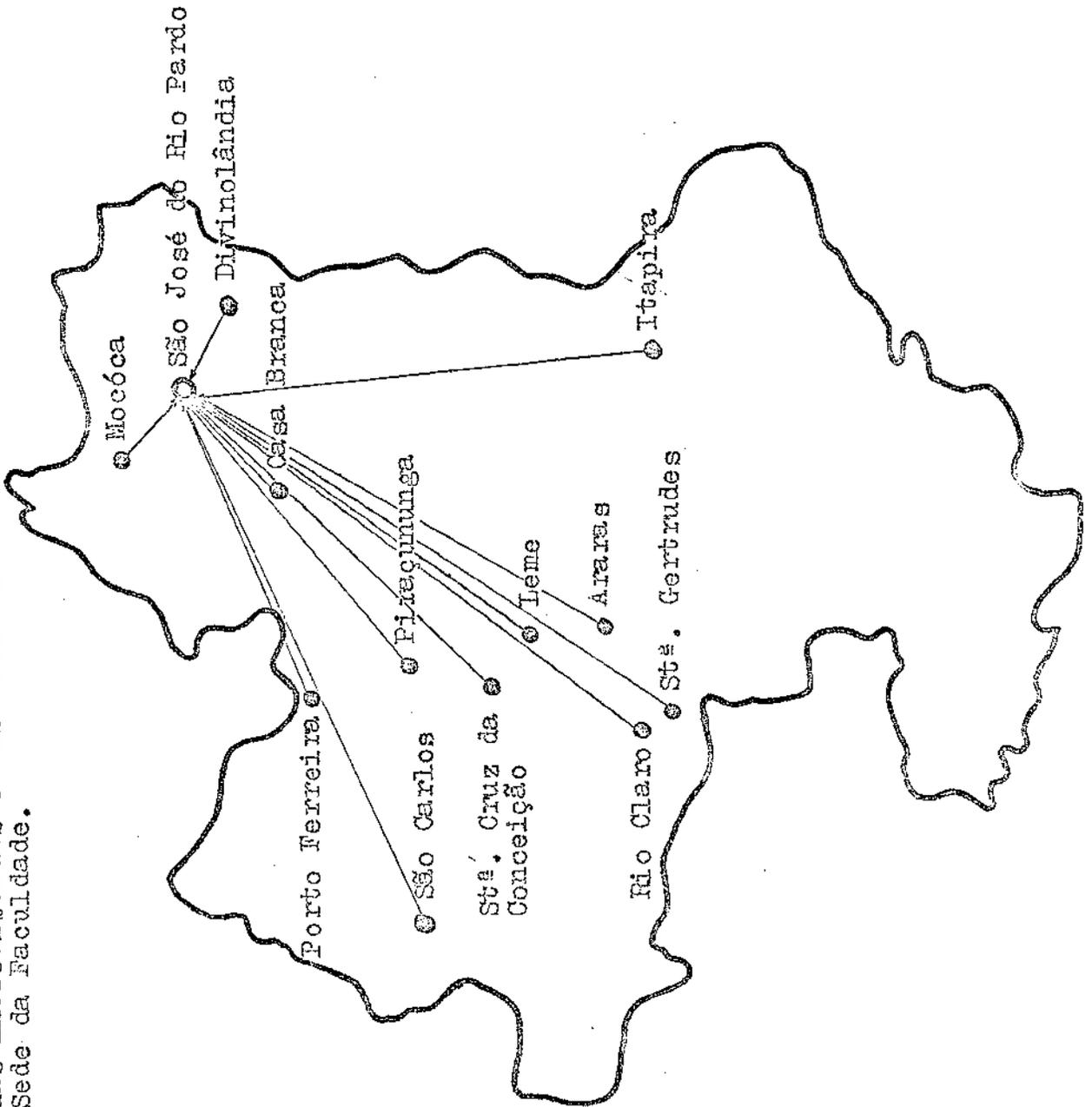
"Sair de casa para estudar fora, uma porque não veria necessidade disso para a minha vida e outra porque acharia que eu iria me sacrificar, muito além de sacrificar, também, os meus deveres de esposa e de mãe que ele acha mais importantes para uma mulher casada".

Malú, como as outras, também não teria oportunidade de fazer a Faculdade, se ela não estivesse na cidade em que ela reside. Os motivos da não viabilidade centram-se

"Nas despesas maiores e no prejuízo que teria, pois precisaria abandonar algumas aulas excedentes, o que ocasionaria prejuízos e danos econômicos, luxo este que não estaria em condições de ter".

* Este fato já foi anteriormente citado mas, de forma específica, pode ser visto, na página seguinte, no Mapa localizando as distâncias entre a Faculdade e as cidades de procedência das entrevistadas.

Localização das Cidades de procedência das Entrevistadas e Distância da Sede da Faculdade.



Distância entre as cidades e o local da Faculdade e o número de entrevistadas

| CIDADES | Distância em Km. | Nº de Entr. |
|--|------------------|-------------|
| São José do Rio Pardo (sede da Faculdade)..... | 22 | 5 |
| Mocóca..... | 28 | 4 |
| Casa Branca..... | 65 | 2 |
| Piracununga..... | 74 | 1 |
| Porto Ferreira..... | 122 | 1 |
| São Carlos..... | 49 | 1 |
| Sts. Cruz da Conceição..... | 167 | 1 |
| Rio Claro..... | 161 | 4 |
| Sts. Gertrudes.... | 132 | 2 |
| Araras..... | 111 | 1 |
| Leme..... | 120 | 1 |
| Itapira..... | 27 | 1 |
| Divinolândia..... | | 1 |

Os motivos para a escolha dessa Faculdade apresentam-se de forma associada. Se de um lado a localização é vantajosa, o fato de "terem tido boas informações e recomendações", "maior facilidade de condução", "companhia de pessoas da mesma cidade", "por ser noturna", "por ser menos cara que as outras", também concorreram para que fosse escolhida*.

Como dissemos no início, as motivações para estudar, ir em busca de um novo papel, abriram para as mulheres um questionamento sobre os seus próprios papéis. Isto nos parece perfeitamente comprovado através de todo este Capítulo. Para nós a interpretação desses dados leva-nos a um encaminhamento da própria posição da esposa-mãe dentro da estrutura da família. Ela poderá tentar uma outra saída - estudar - (lembramos que sua aceitação como profissional já se definira), desde que se conserve dentro daqueles padrões standardizados de expectativas que são vistos como ideais. E justamente por esse fato a mulher justifica o aprimoramento cultural como forma de melhor desempenhar as suas funções de orientadora, de um lado, e de provedora, de outro. A nosso ver, por isso conseguem sensibilizar os outros a fim de que a aceitem no novo papel. Assim, obtêm a aprovação do grupo familiar. Ela repensa os seus papéis

* Numericamente, a distribuição dos motivos da escolha foi a seguinte: proximidade geográfica, curso noturno, 8; Faculdade boa e companhia para viajar à noite, 6; maior facilidade de condução, companhia de viagem e boas recomendações do ensino, 4; estar na minha cidade, 3; curso noturno e bom nível educacional, 2; ser na minha cidade e menos cara, 1; por ser na minha cidade e funcionar no período noturno, 1.

de mãe, esposa e dona-de-casa e profissional, mas enquanto a nova opção não se torna vista pelo grupo como algo que lhes interessa, nada poderia ser feito. Inegavelmente há o apoio de maridos e filhos, mas dentro de uma ordem negociável. Estabelecem-se barganhas e, mais que isso, a sua posição subalterna vem à tona.

Há, de outro lado, uma opção por cursos que preparem para o Magistério. Parece-nos que a possibilidade de outras opções estariam barradas, dado que as circunstâncias em que vivem essas mulheres, dentro de uma ordem estabelecida de papéis, não poderia ser facilmente rompida. A extensão da atividade de professora primária para a de professora secundária seria uma perspectiva realizável dentro dos padrões do grupo, mesmo assim, uma nova profissionalização não é a finalidade primeira entre as mulheres que investigamos. As profissões liberais nem se colocaram como opções. A situação de casadas e mães foi marcante nas limitações que se impuseram, para uma pretendida escolarização superior. Somente quando a Faculdade é próxima e o curso é noturno, há a possibilidade de voltar a estudar.

CAPÍTULO TERCEIRO

OS PAPÉIS REAVALIADOS

Vimos anteriormente que tanto as mulheres profissionais como não-profissionais se auto-definiam como orientadoras e educadoras, colocando o papel de mãe em situação privilegiada.

As profissionais colocavam, ainda, sua profissão como sendo própria de sexo feminino. Viam na profissão um meio de contribuírem para a economia do lar, relacionando-a com o papel de mãe. Assim, definiam o seu papel profissional em termos do que elas como pessoas podiam fazer para obter algo em troca, não exclusivamente o dinheiro, mas também uma realização pessoal num outro papel. Segundo elas, esse tipo de atividade remunerada não as impedia de desempenhar bem os seus outros papéis de mulheres casadas, e lhes sobrava tempo para se dedicarem aos seus afazeres de casa. O trabalho profissional não era visto como uma forma de desgaste físico, e sim como uma for

ma de satisfação e de valorização. Não o viam como incompatível com a vida familiar, mas como um meio de contribuir para a renda familiar. A imagem que transmitiam do trabalho que exerciam como professoras primárias era formulada através de termos frequentemente repetidos: "próprio", "integração familiar"; "melhoria de vida e de renda", o que indicava uma valorização em relação ao tipo de atividade profissional que exerciam e, quando mencionado, era sempre associado ao plano da política familiar.

Quanto ao papel doméstico, era relacionado com o de esposa e ambos vistos como obrigação da mulher que se casa. Antes de tratarmos especificamente dessas reavaliações, é essencial que retomemos, embora de forma sumária, alguns aspectos que vêm sendo estudados quando se analisa a mulher frente à educação superior.

A problemática da educação superior feminina não é recente. Sobre ela se estabelecem no decurso do tempo as mais diversas e contraditórias questões. Lembraríamos a conhecida posição de Erasmus Darwin (1797), ao apontar que a educação redundaria em uma perda da feminilidade: "O caráter feminino deveria possuir as virtudes suaves e retraídas, ao invés das audazes e brilhantes; grande superioridade em quase tudo é prejudicial a uma jovem, cujo temperamento deveria parecer dócil ao invés de resoluto, estar pronto para receber impressões ao invés de ser resolutamente marcado; grande força de caráter, ainda que excelente, é sujeita a alarmar tanto o seu quanto o sexo oposto, e criar admiração ao invés de afeição"(1).

(1) Citado por Feldman, S.D. Impediment or Stimulant? Marital Status and Graduate Education. In: Huber, J. (editor), Changing Women in a Changing Society. Chicago, The University Chicago Press, 1973:220.

Como o próprio Feldman(2) aponta, hoje as discussões quanto à educação superior da mulher não se concentram neste aspecto. Os estudos, como no caso do realizado por esse autor, são feitos na esfera do conflito entre os papéis. Embora o estudo mencionado suscite algumas questões, é limitado à verificação do conflito entre o papel de esposa e o de estudante, deixando de tratar os outros papéis. A própria literatura brasileira, que vem se dedicando ao assunto da mulher com bastante propriedade, não tem abordado esse tema dessa forma, enfatizando a área das relações entre educação da mulher e sua participação nas atividades econômicas, o acesso da mulher ao ensino superior, vistos de forma genérica(3).

De outro lado, alguns têm demonstrado, por exemplo, que entre estudantes colegiais a porcentagem daquelas que planejam ser donas-de-casa e as que tentariam combinar as atividades profissionais é a mesma(4). Este tema foi retomado de maneira bastante ampliada por Fogarty e Rapoport(5), que

(2) Feldman, S.D., ob. cit., pag.221.

(3) Entre os trabalhos citamos: Miranda, G.V.A. ob. cit; Barroso, C.L. de M. e Mello, G.N. de, ob. cit; Blay, E.A. Trabalho industrial X trabalho doméstico: a ideologia no trabalho feminino. Cadernos de Pesquisa, nº 15, 1975:8-17; Gaus, M., Pastore, J. e Wilkening, E.A. A mulher e a modernização da família brasileira. Ciências Políticas e Sociais, 1 (1), 1972:64-92.

(4) Turner, R.H. Some aspects of woman's ambition. American Journal of Sociology, 70:271-285, 1964, encontrou ser de 48% tal porcentagem.

(5) Fogarty, M.P., Rapoport, R., e Rapoport, R.N. Sex, Career and Family. Including an International Review of Women's Roles. London, Allen and Unwin, 1971:278. Neste trabalho os autores situam quatro ideologias encontradas nos estudos nos estudos sobre papéis: 1) segregação dos papéis, com clara preferência pela mulher do lar; 2) prioridade para o papel doméstico, o desempenho profissional não intervindo senão secundariamente; 3) alternativa de dois desempenhos, seguindo um ritmo de 3 fases: trabalho profissional antes da chegada dos filhos e após o fim de sua educação, ou após sua adolescência; 4) carreira profissional plena e contínua, com in-

pesquisando 865 diplomados (45% homens e 55% mulheres) saídos de universidades inglesas oito anos antes, encontraram alguns dados interessantes. Entre outros, que 82% das mulheres casadas com filhos viam na família a maior satisfação da existência, porcentagem essa que atingia 58% das mulheres casadas sem filhos, sendo que somente para 4% das primeiras ter uma carreira era ideal, aumentando este percentual para 19% em relação às mulheres do segundo grupo, sem filhos.

Embora essas pesquisas demonstrem relações entre os papéis quando a mulher ingressa em um curso superior, elas não respondem àquelas questões que se referem às imagens desses papéis nessa situação - ser estudante.

Vimos anteriormente (Capítulo II) que a decisão pelos estudos provocou mudanças nas relações familiares. Esclarecemos que o determinante não foi somente o evento, mas o significado que foi dado a ele pelo grupo familiar. Isto porque se estabelecem negociações entre os componentes do grupo familiar, e a volta aos estudos converte-se em um projeto da própria família.

Encerraria esse evento alguma outra dimensão ou ele realmente se resumiria em formas de ajustamentos, sem conflito e rupturas? Teriam as formas de representações sobre os papéis permanecido na situação atual da mulher casada e estudante? Continuariam essas mulheres descrevendo o papel profis

terrupção mínima para a maternidade. Acrescentam uma 5ª categoria que denominam "escolhas múltiplas com chances iguais", ou seja: "O que a sociedade deve admitir, é que os tipos de atividades realmente exercidas pelos maridos ou pelas mulheres sejam bastante variados para convir às variedades das situações concretas". (pag. 109).

sional do mesmo modo, ou o trabalho é valorizado pelo acréscimo de outras modalidades ou pelo aparecimento de outros elementos valorativos? E as mulheres não-profissionais, teriam mudado as suas concepções dos papéis?

Rever a questão dos papéis neste segundo momento torna-se básico para se entender não somente o ter-se tornado estudante, mas como construíram as imagens sobre os papéis numa situação que mesmo sendo transitória pode ter sido de desencadeadora de revisões e redefinições dos próprios papéis. Nesta reavaliação estão contidas tanto as expressões da própria mulher como dos outros, estes representados pelo marido, filhos, parentes. No final, é o produto destas imagens que irá formar a nova representação que se tem do papel. Analiticamente estas partes constitutivas estarão presentes neste Capítulo. Partindo da reavaliação das próprias mulheres, passamos para a reavaliação feita pelo grupo familiar. A reavaliação é feita não exclusivamente sobre os papéis, mas também sobre as relações intra-familiares e extra-familiares. Acrescentamos, assim, um estudo das redes sociais como complemento deste Capítulo.

1. A Reavaliação das Mulheres Profissionais

a. Reavaliando o papel de mãe.

Se atentarmos para a Tabela 3, verificaremos que é grande o número de mulheres que continuam atribuindo ao papel de mãe lugar de maior importância entre os demais papéis por elas desempenhados. Não deixa, também, de ser significativo que três entrevistadas juntaram-se a esse grupo, passando a ver esse papel como sendo o primeiro entre todos os papéis que desempenham.

TABELA 3 - Distribuição da população estudada quanto à classificação dos papéis por ordem de prioridade e por categoria de mulheres, após o ingresso na Faculdade (1).

| CLASSIFICAÇÃO E CATEGÓRIAS | 1º Lugar | | 2º Lugar | | 3º Lugar | | 4º Lugar | | 5º Lugar | | TOTAL | |
|-------------------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|-------------------|
| | Profissionais | Não Profissionais |
| Mãe | 19 | 1 | 2 | 2 | - | - | 1 | - | - | - | 22 | 3 |
| Esposa | - | 1 | 5 | 1 | 4 | - | 8 | 1 | 5 | - | 22 | 3 |
| Dona-de-casa | - | - | - | - | 1 | 1 | 6 | 2 | 15 | - | 22 | 3 |
| Profissional | 2 | - | 11 | - | 6 | - | 1 | - | 2 | - | 22 | - |
| Estudante | 1 | 1 | 4 | - | 11 | 2 | 6 | - | - | - | 22 | 3 |

(1) Os dados desta Tabela foram obtidos da relação nominal que aparece no Quadro II, na página seguinte.

QUADRO II - Relação das entrevistadas e da classificação da
da aos papéis depois do ingresso na Faculdade.

| ENTRE- VISTADAS \ PAPÉIS | MÃE | ESPOSA | DONA-DE- CASA | PROFIS- SIONAL | ESTUDAN- TE |
|-----------------------------|----------|----------|------------------|-------------------|----------------|
| Magali | 2º Lugar | 5º Lugar | 4º Lugar | 1º Lugar | 3º Lugar |
| Márcia | 1º Lugar | 3º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar |
| Marion | 1º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar |
| Mary | 1º Lugar | 5º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |
| Magda | 1º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar |
| Maria | 4º Lugar | 2º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar | 1º Lugar |
| Mara | 1º Lugar | 5º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |
| Marilene | 1º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar | - | 3º Lugar |
| Marly | 2º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | - | 1º Lugar |
| Mariana | 2º Lugar | 1º Lugar | 4º Lugar | - | 3º Lugar |
| Malú | 1º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar |
| Marta | 1º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |
| Marcela | 1º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |
| Madalena | 1º Lugar | 3º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar |
| Maristela | 1º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |
| Marciana | 1º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar |
| Marcelina | 2º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 1º Lugar | 3º Lugar |
| Marielena | 1º Lugar | 3º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 4º Lugar |
| Margô | 1º Lugar | 2º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar |
| Margarida | 1º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |
| Marlene | 1º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 2º Lugar | 3º Lugar |
| Marilú | 1º Lugar | 4º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar |
| Marcolina | 1º Lugar | 3º Lugar | 5º Lugar | 4º Lugar | 2º Lugar |
| Maribel | 1º Lugar | 2º Lugar | 5º Lugar | 3º Lugar | 4º Lugar |
| Malvina | 1º Lugar | 5º Lugar | 4º Lugar | 3º Lugar | 2º Lugar |

Assim, a mudança na classificação desse papel é feita no sentido de positivá-lo.

No grupo que passou a colocá-lo em posição secundária (num total de 3 mulheres), quando se compara a classificação antes atribuída, encontramos os seguintes motivos: "meu filho já está casado e não precisa tanto mais dos meus cuidados"; "por razões econômicas passei a considerar meu papel profissional como muito importante para mim e para minha família", etc.

Márcia, que anteriormente havia dado destaque ao papel de dona-de-casa, passou a considerar, posteriormente, o de mãe, em primeiro lugar. Em seu relato verificou-se que o papel de estudante lhe trouxe "algumas perturbações".

"Tive que reajustar a minha vida depois que voltei aos estudos. O meu lar, os meus estudos e a minha vida profissional passaram a funcionar como sendo uma balança de três pratos, vitória de um em detrimento dos outros. Equilíbrio quase nunca consegui".

Assim, procurando "reestruturar" a sua vida, Márcia tentou "acomodar" os seus papéis "do melhor modo possível, mesmo sabendo que isso não seria fácil". Deixar o papel de estudante que assumira, "nunca", porque ele já passava a "ser importante como os demais". Nele ela se sentia "dia-a-dia mais realizada e feliz". Achava que a sua "entrada para a Faculdade era uma das coisas mais importantes" que conseguira em toda a sua vida. Ele lhe proporcionava "uma vida cheia de emoções e de surpresas". Nele aprendia "coisas novas com os estudos" e desse modo se "via mais completa" no seu papel profissional, o que a fazia sentir-se "mais útil" àqueles que tudo dela esperavam como professora. O novo papel, ainda, tornava-se "importante" porque a havia "tirado de uma rotina" anteriormente estabelecida na sua vida. Além do mais, este papel fazia com que ela

se sentisse "mais jovem", e nele aprendeu, também, "com o maior relacionamento obtido na Faculdade, a compreender mais as pessoas", além de poder tornar-se "mais independente nas ações dentro e fora do lar". Tudo isso a fazia sentir-se "mais respeitada por todos", que reconheciam nela "uma grande força de vontade e uma grande dose de coragem por ter retornado à escola e nela permanecido". Isto a fazia sentir-se, também, "mais admirada pelo marido e pelas filhas, que passaram a contar, com orgulho, para todas as pessoas conhecidas, que tinham uma esposa e mãe estudante". Quando lembra esse fato, Márcia assim se pronuncia:

"Meus familiares sentem mesmo orgulho de mim. A prova disso está justamente no incentivo que nunca deixaram de me dar depois que entrei na Faculdade e tudo fazem para que eu me sinta bem como estudante. Falam a todo instante que se orgulham de mim e do que eu consigo no meu novo papel. Isto me torna importante e me vejo mais presa ao meu novo papel porque sinto que tenho obrigação de não decepcioná-los, já que eles se orgulham tanto do que faço (...)"

Por sentir o entusiasmo constante do grupo familiar, Márcia passou a identificar-se "mais com o papel de estudante" e nele sentir-se "mais realizada e feliz". Afirma que esta sua "felicidade contamina todos da casa e, assim passaram a viver" com ela o seu novo papel. É de opinião que, depois que voltou aos estudos, tudo ao seu redor melhorou: "até minhas filhas ficaram mais minhas amigas e de mim mais se aproximaram". Por ter sua vida "mais cheia", Márcia não dispõe de tanto tempo para se dedicar aos afazeres da casa como antes fazia. Por isso, passou, também a exigir menos dos seus familiares, tornando-se "mais tolerante e menos exagerada com a ordem da casa, que antes impunha a todos". Este fato foi reconhecido pelo marido e pelas filhas, mas nunca disseram nada a esse respeito para Márcia, até que um dia, "sem querer" ela ouviu "uma prosa" das filhas e do marido sobre o assunto. Era Kátia quem falava:

"Vocês não acham que mamãe está muito mudada depois que começou a estudar? Ela até deixou de ser aquela mulher exigente e intolerante de antes(...). Ela, ho

je, já não se mata tanto pela casa e não nos obriga mais a isso também. Tem até tempo de conversar com a gente e de ou vir os nossos problemas. Agora eu a vejo como sendo a mãe que eu sempre quis ter, aquela amiga e confidente. Nem de-feitos ela aponta mais na gente, não diz mais que só desar-rumamos as coisas que ela punha em ordem. Isto até me enco-raja de trazer minhas amigas para cá, porque agora sei que ela não vai mais fazer papelão como fazia antes(...). Agora sim, a casa é também nossa, e isso me dá mais vontade de vir passar aqui em casa os fins de semana, o que antes não acontecia e não me dava prazer(...)".

O "melhor relacionamento" não foi somente sentido e comentado por Kátia e sua irmã. João, marido de Márcia, também o sentiu, afirmando achar que Márcia havia "muda do muito". Chegou mesmo a afirmar para as filhas que isso o deixava feliz. Para ele, um dos maiores benefícios conseguidos com a volta da mulher aos estudos foi o fato dela ter "deixado da mania de doenças e de querer tomar todos os remédios que ensinavam". Dizia reconhecer, também, a mudança sofrida por Márcia em relação ao seu "exagerado zelo pela casa", o que lhe tirava muitas vezes "a liberdade" de sentir-se "bem dentro dela". Casualmente Márcia ouviu o marido, em conversa, afirmar que "jamais a deixaria abandonar os estudos que iniciara" porque achava que a través dele haviam conseguido "um milagre" e temia que "esse milagre" cessasse se a esposa "viesse a viver novamente a vida que antes levava".

Márcia, "escondida", tudo ouviu. Refletiu e pensou em tudo que disseram. Comparou a sua vida anterior e viu "o quanto havia errado colocando o papel de dona-de-casa acima de todos os outros" que até então desempenhava. Sentiu o quanto ele a havia "bitolado" e até "desvalorizado como mãe e como esposa perante os olhos do marido e das filhas". Passou, "neste momento, a vê-lo mais como uma obrigação e não mais como sendo o papel principal de uma mulher casada e, portanto, o menos importante" da sua vida. Reconheceu que neste papel "poderia ser a qualquer momento substituída", o que não aconteceria com os seus outros papéis de mãe e de esposa, que até agora não

julgava tão importantes, porque achava que desempenhando bem o seu papel de dona-de-casa já estaria desempenhando, de modo satisfatório, os outros papéis "que hoje seus familiares reclamam". Passou, então, desse dia em diante, a ver que "do bom desempenho dos papéis de mãe, esposa e companheira é que dependem a harmonia do casal, a felicidade dos filhos" além da sua própria felicidade.

O novo papel trouxe muitas mudanças na vida de Márcia: "as coisas relacionadas com a casa foram ficando não abandonadas, mas relegadas a um segundo plano. Outras se fizeram mais importantes, como as relacionadas ao estudo e aos meus papéis de mãe e esposa, além das ligadas ao meu papel profissional", com os quais Márcia passou a mais se identificar, mais se realizar, além de neles sentir-se "mais valorizada" do que no papel de dona-de-casa, que antes mais enfatizava.

Interessante observar que as entrevistadas que conservaram o papel de mãe na mesma posição anterior acentuam ou acrescentam a este papel certos aspectos para mais valorizá-lo. Ressaltam que o fato de terem voltado aos estudos foi o fator positivo para que se vissem desempenhando melhor esse papel.

Um exemplo onde a valorização anterior permanece, sendo acrescida de alguns novos aspectos, é dado por Madalena:

"O meu papel de mãe continua para mim sendo muito importante, interessante e emocionante. Sempre achei e continuo achando que este papel é o principal da vida de uma mulher casada. Os estudos não vieram interferir nesse meu modo de pensar e, se eles tivessem me mudado nesta parte, eu os abandonaria, pois os consideraria inoportunos para mim. Felizmente isso não se deu, pelo contrário eles vieram fazer com que eu me sinta mais mãe, porque posso acompanhar mais meus filhos nos estudos e ter mais certeza do que lhes ensino devido ao melhor nível cultural que adquiri através dos meus estudos".

Marcolina e Maribel também reafirmam a

concepção anterior. O fato de terem entrado para uma Faculdade não "modificou o desempenho" delas nesse papel, pelo contrário afirmam que este fato só veio completá-las e recompensá-las no papel de mãe, porque passaram a ser mais admiradas pelos filhos e mais respeitadas por eles, além de torná-los, com isso, "mais amigos" e "fazê-los se aproximarem" mais delas, o que as tornou mais felizes neste papel.

Um dos fatores mais significativos para uma melhor apreciação do papel de mãe, apontado pelas mulheres, é a afirmação de terem encontrado nesse papel não somente "uma maior satisfação"; "uma maior realização"; "uma maior valorização pessoal", como também por terem "visto a tempo que o papel de mãe é o principal da vida de todas as mulheres casadas" e que "dele e do seu bom desempenho dependem a felicidade dos filhos e do casamento". Assim, esperam "poder recuperar os erros cometidos, como mãe, em relação à orientação" que antes deram ou deixaram de dar aos seus filhos, por terem atribuído aos outros papéis uma maior importância que a este. Mary é uma dessas mulheres:

"Sempre dei ao meu papel profissional, por razões econômicas, o primeiro lugar de importância. Com isso, muitas vezes, esquecia-me do meu papel de mãe, deixando, assim, de dar aos meus filhos a atenção que mereciam. Quando a mim recorriam, para ajudá-los resolver seus problemas, eu me negava, por falta de tempo, a ouvi-los. Mas, depois que voltei aos estudos, me vi mais afastada de casa. O meu maior afastamento me fez ver e sentir a falta que faço para meus filhos. Então, passei a me apegar mais a eles, me dedicar mais a eles também. Isso nos aproximou mais e a eles mais me apeguei. Hoje vejo como errei, colocando, antes, o meu papel de mãe em segundo plano, mas espero ainda recuperar o meu erro e, com isso, me ver mais recompensada e feliz como mãe e como mulher responsável pela educação dos filhos".

Agora, mais que antes, a mulher passa a se ver como um componente importante no mundo da família. Assim, neste mundo se coloca e, através de avaliações críticas,

justifica a conduta presente com bases no passado. Em realidade, a ênfase dada a esse papel coloca-o num plano no qual ela se sente ainda mais responsável pela orientação dos filhos.

b. Reavaliando o papel profissional

Somente duas mulheres colocam o papel profissional em primeiro lugar, e esta reavaliação é importante porque anteriormente haviam atribuído esse lugar ao papel de mãe. Mesmo vendo-se "mais recompensadas" no papel de mãe, "mais valorizadas pelos filhos" e pelos maridos, essas duas entrevistadas, Magali e Marcelina, não irão dar o maior destaque a esse papel. A mudança dessa valorização prende-se ao fator econômico e por verem no papel profissional maiores possibilidades para darem aos filhos, com o dinheiro que recebem, "as mesmas condições de vida anterior nesta difícil fase econômica que passamos". Fica evidente que é somente em termos de prioridade de classificação que o papel profissional é o primeiro, pois em realidade a sua valorização está em relação direta com a representação que essas mulheres têm do papel de mãe. Devemos lembrar que essas duas mulheres passaram a ser as principais provedoras da economia doméstica.

A ordenação do papel profissional em lugar de menor destaque é clara, em uma simples observação dos dados da Tabela 3. Vê-lo secundariamente totaliza a maioria das mulheres. Este fato já se notara na situação anterior à entrada na Faculdade, mas cresce após o ingresso. Por que? Regra geral, uma reavaliação dos outros papéis, em termos de uma melhor imagem frente aos filhos e maridos, levou-as se não a depreciar esse papel, pelo menos a considerá-lo de menor importância. A isso liga-se um fato que não é de menor relevância, a melhoria de

situação econômica do casal, passando o papel profissional da mulher a ser secundário para a economia doméstica. Exemplificam esta situação os casos de Márcia e Maria.

"Sempre valorizei minha profissão por ter sido ela, no início da minha vida de casada, muito importante para ajudar meu marido nos despesas da nossa casa. Hoje eu ainda a vejo como importante para a minha vida, mas não necessária para a ajuda da manutenção da minha casa. Hoje até a minha situação mudou, pois a nossa situação econômica é outra. O meu dinheiro atualmente é só meu e o do meu marido é nosso. Ele me ajuda, quando meu dinheiro acaba, nas minhas despesas tanto nas dos meus estudos como nas minhas que faço por aí (...). Meu marido acha que eu deveria deixar de trabalhar porque não vê nisso mais necessidade, mas eu nunca faria isso pelas seguintes razões: primeiro porque gosto de ter o meu dinheiro sem ter que pedir a ninguém e tratá-lo como me convier e como eu quiser, outra porque não falta pouco tempo para me aposentar e não vou deixar uma coisa certa, como o meu ordenado, pelo simples prazer de me fazer passar como uma mulher bem colocada economicamente na vida ou para dizer que meu marido já venceu na vida e já não precisa mais do meu auxílio para saldar as despesas da casa e fazer com que nossas filhas tenham a educação que sempre nos tendemos lhes dar (...). Outra razão ainda é porque eu, pela minha profissão e por achar que se ela nunca me ajudou em nada não seria agora que minhas filhas já estão casadas que o fato de eu trabalhar iria trazer prejuízo para a nossa vida familiar (...)" (Márcia).

"Hoje a minha vida econômica já adquiriu uma outra feição. Meu marido já está bem colocado, meu filho já está casado, formado e independente da nossa ajuda. Mesmo assim, continuo dando uma certa importância para a minha profissão, muito embora não a veja mais como tão importante como antes a via para a manutenção da minha casa e da educação do meu filho. Nunca pensei em abandonar o trabalho sabendo que sem o dinheiro que dela recebo já não sentiria a falta que antes dele sentíamos. Até pelo costume que eu me apeguei um pouco mais, pois ela me enche o coração. Quando se fez vazio com a saída do meu filho da nossa casa, eu não fiz importante para mim, mas a importância que a profissão para mim é diferente da anterior. Hoje exerceo a minha profissão mais por prazer do que por necessidade, o que a torna para mim suave de ser desempenhada. Sendo assim, não pretendo abandonar o meu papel profissional e, sim, estendê-lo até a aposentadoria. Isto é, após formada, pegar mais aulas, o que me dá mais tempo e me manteria independente economicamente. Sempre fui e me senti (...)" (Maria).

c. O questionamento do papel de esposa

Se no caso da classificação do papel

de mãe houve uma notada concentração de mulheres colocando-o como sendo grande o seu significado valorativo, já o papel de esposa apresenta uma distribuição onde o maior número de mulheres coloca-o em lugar de menor importância.

Os motivos destas avaliações são vistos quando enfatizam a "obrigação"; por relacioná-lo com o papel de mãe ou por acharem que se saindo bem como mãe já estão desempenhando, a contento, o seu papel de esposas. Neste sentido, a reavaliação feita por Marlene é bastante explícita: "ser esposa não é só ser a mulher do homem com quem se casa, é mais. É saber ser mãe dos filhos dele". Concluindo esta afirmação, fala: "acho que sendo boa mãe e fazendo tudo para dar aos filhos o que eles esperam de uma mãe, a mulher casada, como eu, já está sendo uma boa esposa, e o que mais o marido poderá dela exigir?"

Nem o papel de estudante fez com que Mary e Malu se vissem mais realizadas com o papel de esposa. Assim, continuam vendo-o como não sendo "tão importante" para elas, que "dia a dia" se vêem mais afastadas desse papel e do seu desempenho, por nele não acharem "satisfação e nem compreensão" por parte dos seus maridos.

A insatisfação com esse papel é ainda sentida nos relatos de Mara e Margarida. A não identificação com ele "nem antes e nem depois" da volta aos estudos, guardar dele "só péssimas recordações" e o desligamento do seu desempenho, ocasionado pelo desquite, são as causas apontadas por estas entrevistadas.

Mara era casada com um viúvo. Atualmente está desquitada e tem um filho de 10 anos. Desquitou-se depois que retornou aos estudos. Vê o seu papel de esposa como tendo sido "o de menor importância" para sua vida, e afirma tê-lo visto sempre dessa maneira:

"Mesmo antes de voltar aos estudos, não me identificava com este papel. Uma das razões para isso é porque sempre nele via refletida a imagem da primeira mulher do meu marido. Nele eu me sentia sempre vivendo à sombra da outra. Todos os meus atos eram sempre comparados com os da falecida, o que me trazia uma enorme insatisfação nesta minha função".

Outra razão para a não identificação com este papel apontada pela entrevistada é não querer "ser submissa aos mandos do marido, porque este tipo de vida não faz o meu gênero, ainda mais quando não se vê, como eu, nenhuma recompensa por isso". Declara, ainda, não ter e nunca ter tido "gênio para aguentar imposições de ninguém, principalmente de um homem igual ao que me casei". Por estas razões, hoje se diz "feliz quando pensa que está livre do desempenho deste papel". Concluindo, tece uma crítica a esse papel e à concepção que algumas mulheres têm dele, afirmando:

"Continuo achando que este papel não é o principal para uma mulher casada, como muitas por aí acham e afirmam, mas nem sabem explicar o porque da opinião delas sobre esse papel(...). Eu não entendo mesmo o que elas pensam, afirmando o que afirmam e dizendo o que dizem sobre esse papel(...). Enfim, elas é quem sabem".

Margarida também desquitou-se depois que ingressou na Faculdade. Ficou casada 4 anos e tem um filho de 3 anos. Por sentir-se "oprimida" no seu papel de esposa, Margarida não o vê "como tendo sido importante" na sua vida. Afirma ter com ele rompido por nunca ter sentido nele qualquer satisfação. Dele só tem péssimas recordações, a não ser o filho que "é ainda uma motivação de vida depois da desilusão" que sentiu com o casamento. Não pretende "nunca mais assumir este papel", pois acha que "errar uma vez é perdoável, mas insistir no erro duas vezes é índice de burrice" e ela diz que não quer ser assim julgada. Deixa bem claro que não tem essa opinião por ter fracassado como esposa, mas é que acha que outros papéis "são mais importantes, como o de mãe e de estudante". Neles se vê "recompensada e feliz", além de neles mais se identificar. "Estes

papéis não me oprimem nem me deprimem. e, sim, me completam, o que nunca senti em relação ao meu papel de esposa, que eu, por acaso, passei a desempenhar, quando me casei (...)".

Para estas últimas mulheres parece que o papel de estudante serviu para uma avaliação crítica do papel de esposa. Ele as ajudou a adquirir maior confiança em si mesmas, para substituírem as tristes recordações por novos desejos e para uma nova ação (rompimento com o papel). Assim, as críticas a ele feitas não se resumem apenas em palavras, elas se refletem na ação das próprias mulheres entrevistadas. A negação do papel não é alheia à depreciação de si mesmas frente a esse papel. Assim sendo, ele passa a ser visto como algo de nenhuma importância.

A nosso ver, o que explica a colocação secundária dada a esse papel, pela maioria das mulheres desse grupo, é o fato de que em relação aos outros (mãe e profissional) é o que menos oferece possibilidades à mulher de se projetar dentro da família.

Entretanto, algumas mulheres, como Márcia, passaram a ver o papel de esposa como sendo mais importante quando estabelecem comparação entre a situação anterior e a posterior ao ingresso na Faculdade. Magda, também, diz ter "cuidado um pouco para dar valor e atenção" ao seu papel de esposa e "ver o quanto errei agindo assim". Afirma que depois que voltou aos estudos se viu melhor nesse papel. "Nele passei a ser mais admirada pelo meu marido, além de com ele poder, agora, manter mais diálogo, conseguindo, assim, um melhor relacionamento com ele, o que nos tornou muito mais felizes".

d. O último lugar - o papel de dona-de-casa

Entre as mulheres, somente um pequeno número dá ao papel de dona-de-casa a mesma posição conferida na situação que antecedeu a volta aos estudos. Márcia, para quem esse papel era visto como "sendo o principal da sua vida", passou a vê-lo de modo diferente, dando-lhe a mais baixa classificação entre os demais papéis, como mostramos na história inicial, onde nos dá os motivos desta sua reavaliação. A esse papel, todas as mulheres atribuem um escalonamento a partir do terceiro lugar de importância. A maioria, ao mudar a classificação, irá situá-lo em posição secundária. (Ver Quadro II).

Marlene, ao reavaliar este papel, coloca-o como sendo "um papel de menos importância para a mulher casada". Em seu relato afirma:

"Nele a gente não é insubstituível e nem nele ou para ele é preciso preparo intelectual, qualquer pessoa, mesmo as brancas, o desempenham, pois ele não exige criatividade ou outras coisas mais que são exigidas para outros papéis mais refinados como os de mãe e de estudante (...)"

Usando os mesmos termos de Marlene para definir o papel de dona-de-casa, Maria afirma:

"Nele a gente pode ser substituída, o que não acontece com o papel de mãe, principalmente quando a mulher tem filhos pequenos. No entanto, faço tudo para nele me sair bem, mas não me mato por ele, ainda mais agora que voltei aos estudos e não tenho muito tempo para a ele me dedicar, e com isso estou feliz(...)"

Por tê-lo "passado a uma empregada", diz estar agora "mais folgada do que antes, quando me matava com os serviços da casa". Como reforço das suas afirmações, conclui, em tom de crítica e desaprovação:

"Só mesmo uma mulher que não tem visão de nada pode valorizar este papel e colocá-lo acima dos outros que desempenha como mulher casada, e com isso se valorizar perante todos e tudo(...)"

Marciana, mesmo tendo assumido o papel de estudante, ainda continua fazendo os serviços da casa. Isto não a satisfaz, nem a faz feliz. Acha-o "penoso e cansativo". Ao relacioná-lo com o seu papel de esposa e mãe, fala:

"Ser esposa e ser mãe é uma obrigação, mas nelas a gente ainda se vê recompensada, mas ser dona-de-casa e fazer os serviços não traz recompensa nenhuma, e, além do mais, esses serviços tomam todo o tempo da gente, que assim não se pode dedicar mais às outras atividades com as quais mais me identifico e me satisfaço. Fico boba quando vejo alguém falar que se identifica com os serviços da casa e, para falar a verdade, não sinto nenhuma inveja de pessoas assim. Brilhar panelas e sentir-se satisfeita e feliz é uma coisa que eu não entendo. Quando estou fazendo isso me identifico mesmo com uma empregada doméstica e me desvalorizo, o que me deixa muito infeliz, pois acho que sou alguém mais do que isso. Acho mesmo que quem não se valoriza é que vê este papel como uma realização pessoal(...). Faço estes serviços porque não posso ter uma empregada, mas não me vejo feliz assim, e espero um dia deles me livrar, quem sabe quando me formar terei oportunidade para isso, com as chances de trabalho que me poderão ser oferecidas(...) e quando isso se der poderei ter uma empregada e a ela passarei os serviços domésticos sem pestanejar, aí sim, e que estarei feliz e realizada neste papel, isto é, só mandando que os façam, mas não os fazendo(...)".

Marlene fazia todos os serviços da casa antes de voltar aos estudos, "para evitar ter uma empregada", mas após ter assumido o papel de estudante passou-os para uma. Relembrando o seu procedimento em relação ao seu desempenho neste papel, Marlene se auto-critica, dizendo:

"Como fui boba querendo fazer tudo sozinha para evitar ter uma empregada, só para não ter uma pessoa estranha dentro de casa. Foi preciso que eu entrasse na Faculdade para ver como eu estava errada fazendo o que fazia. Hoje para mim este é o último papel da minha vida e, com ele, dia-a-dia menos me identifico(...). Sabe, a gente quando se casa é uma boba mesmo, mas hoje eu me valorizo e nunca mais vou me entregar a esses serviços rotineiros e nelas me cansar como antes(...). Acho mesmo que eles são próprios de pessoas que não sabem fazer mais nada além deles, e isso não acontece comigo, sou capaz de muito mais, e não só disso, logo(...)".

Magda também depois que voltou aos estudos deixou de fazer todos os serviços da casa. Tem agora uma em

pregada e, como afirma, "passei para ela tudo o que pude".

Verifica-se que o papel de dona-de-casa é concebido de modo diferente nas duas situações. Mesmo a maneira de desempenhá-lo sofre alterações*. Não se pode dizer que elas o abandonaram de todo, pois ainda o vêem como "obrigação" das mulheres que se casam. Mas, mesmo assim, não se pode negar que houve mudanças quanto ao significado que lhe atribuem.

É interessante notar que as entrevistadas reforçam, na situação de "após", a afirmação de se dizerem felizes no desempenho desse papel, depois de tê-lo passado a outra pessoa, chegando mesmo a criticar as suas atitudes anteriores em relação ao seu desempenho.

2. A Reavaliação das Mulheres Não-Profissionais

Encontramos entre as mulheres profissionais algumas características distintivas em suas imagens dos papéis: centrá-las em torno do papel de mãe, do papel profissional, uma negatização do papel de esposa e uma desvalorização do papel de dona-de-casa. Para o grupo das não-profissionais essas características, com exceção das imagens centradas no papel profissional, também se fazem presentes quando reavaliam seus papéis.

a. O Papel de Mãe

* Este ponto será tratado, mais detalhadamente, neste Capítulo, no item 4.

De um modo geral, essas mulheres, vêem-se mais felizes, mais compreensivas, no seu papel de mãe e com isso planejam uma nova vida familiar. Isto é bastante explícito no relato de Mariana.

"A minha nova vida faz com que eu me sinta mais feliz. Ela me deu mais oportunidades de me viver mais realizada, mais ocupada e além de tudo me sinto fazendo uma coisa mais útil tanto para mim como para os outros. A minha vida de hoje é muito mais cheia de satisfações. Ne-la me tornei mais útil para meus filhos e passei a compreendê-los melhor que antes. Antes de eu voltar aos estudos, nunca dei razão para os meus filhos e nunca os orientei nos seus problemas surgidos na escola. Se eles se queixavam de um ou de outro professor, eu cortava logo, dizendo que eles é que estavam errados, que hoje os alunos não tinham mais aquele respeito que no meu tempo era exigido para com um professor e que não entendia como podiam fazer isso ou aquilo na escola e para isso lhes citava, como comparação, os meus tempos de Colégio, e isso era sempre motivo de brigas entre nós. Muitas vezes eu sentia que eles tinham razão, mas nunca voltava atrás na minha opinião, e com isso me via firmando o meu ponto de vista por ser esta a única orientação que eu sabia ou me lembrava para dar aos meus filhos. Com isso, eu me esquecia que as pessoas mudam com o tempo e com elas também a educação, os professores e o ensino. Assim pensando, nada fazia para me atualizar ou para ver as coisas de outro modo. Apesar de saber que eu não estava muito certa nesse ponto de orientação eu assim permanecia, pois não sabia como fazer e o que fazer para consertar o meu erro, e nele permanecia mesmo sob os protestos dos meus filhos. Mas depois que voltei aos estudos passei a compreender melhor as crianças e os seus problemas. Acho que este fato ficou muito claro, porque, como eles, passei a ter, também, os meus problemas como estudante. E, como estudante, pude ver que nem sempre os alunos são os culpados do que acontece nas salas de aulas. Não, os professores não são mais aqueles de antes e do meu tempo. Eles por si só não se impõem. Isto porque o ensino está mais aberto para todos. Todos se formam e com isso tudo acontece ou pode acontecer entre alunos e professores. Passando a entender, ver e sentir essas coisas, passei a agir de um modo diferente com os meus filhos e, com isso, hoje me vejo mais próxima deles. Hoje vivo mais os seus problemas, entendo-os melhor e com isso me sinto mais querida por eles, o que acho uma delícia, o que meu marido e meus filhos passaram a achar também, porque acabaram-se as brigas dentro de casa, vivemos em paz, o que antes não acontecia".

A observação da maneira pela qual essa mulher passa a perceber dá a ela outras condições de vida e de visão dos seus papéis tanto no plano da vida familiar como da vida pessoal. Esses fatos parecem nos possibilitar uma compre-

ensão maior das atitudes, das aspirações e dos novos comportamentos elaborados pela entrevistada sobre o papel de mãe. Assim, a vida dela dentro da família, naturalmente, é a primeira a sofrer os benefícios ocasionados por uma nova situação - volta aos estudos - e pelo novo papel - o de estudante. Desse modo, não se pode negar que essa mulher muda seu comportamento quando desempenha o seu papel de mãe, pois com isso está visando não só a "felicidade" do grupo familiar, mas também como um meio para assegurar a sua vida de mulher casada e mãe. Logo, as mudanças ocorridas podem ser vistas como que condicionadas somente pela visão que ela tem da sua própria felicidade. As causas desta "maior felicidade", frequentemente evocada, são antes de tudo, as melhores condições obtidas, na nova situação, para viver o papel de mãe: "mais amiga dos filhos"; "mais admirada por eles"; "mais respeitada"; e "ganhar mais confiança dos filhos", etc. Essas vantagens das quais se beneficia são sempre ressaltadas pela entrevistada, pois através disso ela se vê mais uma vez ligada a um aumento do poder dentro da família, o que lhe proporciona um ambiente "mais feliz e mais alegre" e lhe confere um maior otimismo para que viva melhor e mais satisfeita nesse papel, além de proporcionar aos seus familiares "uma vida bem melhor". Com isso se vê recompensada e gratificada no seu papel de mãe.

Esses sentimentos são também enfatizados pela entrevistada Marly, que também diz ter-se tornado "mais satisfeita e feliz como mãe do que antes de voltar aos estudos". Embora faça estas afirmações, Marly diz ter passado o seu papel de mãe para o segundo lugar de importância entre os seus demais papéis. O primeiro lugar passou a ser dado ao seu papel de estudante, agora assumido. Procurando verificar o porque desta situação, constatou-se que o papel de estudante lhe serve de es-

tratégia para a recuperação do seu papel de mãe, tomado pelo marido. Sobre este assunto, ela fala:

"Depois que voltei aos estudos passei a ver que este meu novo papel poderia me restituir o meu papel de mãe, antes tomado pelo meu marido. Como estudante, passei a ser vista pelos meus filhos não mais como aquela mãe incompetente apontada pelo pai deles para acompanhar ou orientar os meus filhos nos estudos. Como estudante passei a merecer mais confiança dos meus filhos, que hoje a mim recorrem, na ausência do pai, para orientá-los nas tarefas da escola. Por isso, passei a colocar o meu papel de estudante como sendo o primeiro da minha vida, porque através dele estou começando a desempenhar o papel de mãe, que considero meu e o principal da minha vida, e pelo qual tanto luto(...)".

Pelo relato pudemos confirmar o que anteriormente dissemos. Esta entrevistada realmente confere grande importância ao papel de estudante. Entretanto, a importância a ele conferida não pode deixar de ser vista em termos de ser ele o intermediário isto é, o meio usado pela entrevistada para recuperar seu papel de mãe. Ela reconhece, também, o valor da instrução como meio essencial para a melhoria da sua posição de mãe. A importância do papel de estudante para a reavaliação do papel de mãe não é só vista por Marly e por Mariana. Marilene também a enfatiza. Assim, esse fato pode ser visto como uma tomada de consciência mais nítida, onde há esforços para uma maior apuração da imagem tradicional do papel de mãe, para que reconheçam seus valores próprios e se tornem figuras centrais dentro da família. Assim, elas em nenhum momento vêem os estudos como uma forma de se libertarem desse papel, mas antes como um meio de se fixarem nele nas situações familiares que vivem. Desse modo, esse grupo de mulheres, como o das mulheres profissionais, luta pelo papel de mãe. As modalidades para isso parecem não ser as mesmas para ambos os grupos, pois o papel profissional cria para as mulheres que o desempenham novas exigências e lhes oferece outras possibilidades, mas nem por isso podemos ne-

gar que em ambos os grupos os objetivos são os mesmos. As entrevistas deixaram bem claro que o valor conferido ao papel de estudante está também no fato de poderem experimentar uma outra vivência, que trazida para o âmbito da família dá às mulheres algumas chances de se colocarem em posição de igualdade com os maridos. Pudemos, ainda, verificar que as mulheres vêem o papel de estudante como um meio de adquirir conhecimentos, o que lhes dá possibilidades de poderem se firmar como agentes educacionais e sociais. Desse modo, podemos concluir que as mulheres não-profissionais, ao reavaliarem seu papel de mãe, tornam-se conscientes da sua inferiorização, resultante de um menor grau de atualização dentro do grupo familiar. Assim sendo, valorizam o papel de estudante por virem nele um meio canalizador das suas esperanças de superação desta falha, pois é nisso que reside a sua melhor imagem de mãe.

b. O Papel de Esposa

Como Mariana quer conservar a mesma imagem do papel de esposa, ela estabelece uma separação entre o papel de esposa e o de estudante. Para ela existem dois mundos: o do estudo e o doméstico. Isto ela não esconde e textualmente declara:

"Como ele não viaja sem mim, passamos a marcar as viagens só nos dias em que eu não tinha provas ou podia faltar às aulas sem me ver nisso prejudicada e com isso também não vi meu papel de esposa prejudicado ou passado para trás, e meu marido com ele. Com esse nosso acordo, meu marido foi o que mais adaptou a sua vida à minha, e não eu a dele, mas eu continuo fazendo-o ver em mim aquela mesma esposa e mulher de sempre e, assim, continuamos vivendo felizes como antes vivíamos. Sou ainda vista por ele como a esposa ideal e continua achando a minha companhia, como antes, indispensável para ele. Passei a viver a minha vida como se ela fosse dividida em duas: a que eu tenho dentro da Faculdade, exercendo o meu papel de estudante, e a do lar, onde continuo sendo a esposa de antes e a mãe mais amiga dos

meus filhos. Não quero dizer com isso que eu tenha passado a ter duas personalidades, mas adotei este critério porque me vi na necessidade de ter em cada uma das situações um comportamento diferente, para nas duas me sair bem. Isto eu fiz pelo fato de não poder agir de outra forma, pelo seguinte motivo: moro numa cidade pequena que exige da gente, em dadas horas, determinados comportamentos. Deste modo, na Escola sou uma estudante e ajo como tal, isto é, de igual para igual com minhas colegas, e na vida social continuo sendo uma senhora, mãe e esposa. Mas, dentro de casa, com meus filhos e com meu marido, vivemos felizes. Aqui não divido a minha vida, conversamos livremente sobre os assuntos relacionados aos estudos. Meus familiares participam da minha vida de estudante e me sinto, por eles, mais admirada, e mais valorizada, além de mais realizada nos meus papéis anteriores".

Marilene se vê no papel de esposa como a entrevistada anterior: "mais admirada" pelo marido e "mais realizada como mulher". Entretanto, não o considera como sendo "o mais importante para uma mulher casada" e continua dando a ele o mesmo lugar de classificação que anteriormente lhe atribuía, isto é, o segundo lugar entre os papéis por ela desempenhados. Ao enfatizá-lo, Marilene diz que nele, depois que voltou aos estudos, ainda mais se realizou, porque:

"Meu marido passou a me dedicar mais tempo, e até está acatando, agora, minhas opiniões e com isso tudo me sinto mais realizada(...) hoje já posso até me considerar aquela esposa e confidente como antes eu não me sentia e por isso me sinto mais que nunca feliz no meu papel de esposa".

Por não se ver "realizada no papel de esposa", Marly passou a dar a ele uma classificação inferior à atribuída anteriormente. Diz, ao reavaliá-lo, que nele sente-se "diminuída e mais que isso menos identificada" e que depois que voltou aos estudos não luta mais por este papel, "nem para manter as aparências", como antes fazia. Ao reavaliar esse papel, a entrevistada diz vê-lo como "uma obrigação", por vê-lo relacionado ao seu papel de mãe. Mas, mesmo estabelecendo este relacionamento entre os papéis, declara que não está mais interessada no de esposa e que só pensava nele após recuperar o papel de

mãe.

c. O Papel de Dona-de-casa

A volta aos estudos é vista por Mariana como sendo "a melhor decisão" que tomou na sua vida, "depois da do casamento". Entretanto, ao fazer esta afirmativa ela não deixa de reafirmar que se viu obrigada a fazer uma readaptação na sua vida de acordo com o seu novo papel. Esta readaptação se fez sentir mais no papel de dona-de-casa do que no papel de esposa.

"A minha casa passei menos a me dedicar, deixei de ser implicante com os meus filhos em relação à ordem que nela eu fazia e que exigia que todos fizessem também. Até com as empregadas me vi menos severa, de quem exigia sempre mais e mais. Com isso meus filhos passaram a ter mais liberdade dentro de casa, coisa que antes não acontecia. Com isso, passaram nela mais a permanecer e assim me vi mais relacionada com eles e mais próxima deles".

Ao fazer estas afirmações declara que quando pensa "no modo como antes agia" sente-se "envergonhada" das suas atitudes anteriores como dona-de-casa, "pois estava com o meu proceder perdendo os meus filhos sem que ao menos eu desse por isso. Foi preciso que eu voltasse aos estudos para ver o quanto eu estava errada e entender melhor o que estava acontecendo, mesmo que isso fosse independente da minha vontade".

O fato de sentir-se "mais realizada como esposa e como mãe", no caso da entrevistada Marilene, não é extensivo ao seu papel de dona-de-casa. Passou a ver esse papel, "agora mais que antes", como um "meio de bitolação da mulher", ou "como um meio da mulher não se ver valorizada, e não obter nenhuma satisfação". Vendo assim o papel de dona-de-casa, Marilene "pouco a pouco começou a passar para outras pessoas o pouco que nele fazia" antes de se tornar uma estudante. Com isso, diz sentir-se "mais feliz e realizada". Embora declare que dei-

xou de fazer os serviços domésticos, a entrevistada afirma que tudo está fazendo para que o marido não perceba como ela passou a agir, porque "assim ele não poderá me ver como uma inútil dentro de casa, já que isso é minha única ocupação(...) mas, sempre que posso dou um jeito de me livrar das tarefas da casa e ele até agora não percebeu a minha atitude. Vê em mim, ainda, aquela mulher dona-de-casa de antes, o que me faz feliz e a ele também(...)".

3. A Reavaliação dos Papéis pelo Grupo Familiar

a. As famílias unidas

Os papéis das mulheres casadas que voltam aos estudos são também reavaliados pelos maridos e filhos, revelando a nova imagem que eles constroem das suas mulheres e mães. Isto é feito quando, avaliando o papel de estudante, reelaboram o que pensam sobre os papéis femininos, reforçando as características ideais dadas a eles.

De um modo geral, a visão dos homens e dos filhos está voltada mais para o presente do que para o passado. Assim, os filhos, ao falarem sobre suas mães, e os maridos sobre suas esposas, vêem-nas mais como estão e não tanto como eram, embora procurem nisso estabelecer comparações entre o espaço de tempo que medeia a situação que precedeu a entrada na Faculdade e a situação atual.

Constatou-se que é grande o número de maridos, independente da categoria em que as mulheres se acham inseqüidás; que afirmam que após a mulher ter voltado aos estudos o relacionamento "se fez mais próximo", o que os tornou mais felizes e, com isso, viram a vida de casados "muito mais segura" que anteriormente. De outro lado, passam a valorizar a mulher em seus diversos papéis.

Por que teria isto acontecido?

Pelo que depreendemos, esta valorização dada à mulher na situação atual liga-se ao fato do papel assumido ter concorrido para o "estreitamento dos laços familiares" ou "a maior solidariedade" do grupo familiar. Não podemos, porém, deixar à margem um aspecto que sobressai em todas as entrevistas. Embora enfatizem que o "relacionamento familiar mudou para melhor"; "que passamos a nos entender mais"; "que ela se tornou mais mãe, mais mulher"; "mais compreensiva" ou "mais carinhosa como esposa e como mãe", vêem o novo papel como uma forma de alcançarem os seus objetivos e se sentirem com isso "mais beneficiados e mais felizes".

Podemos verificar que o novo papel vem de encontro aos interesses individuais de cada um dos atores que formam o grupo familiar, que as expectativas em relação a ele se revestem de dimensões significativas no processo do relacionamento familiar, e por isso a permanência da mulher na sua nova condição é aceita. Desse modo, no próprio papel de estudante estão as condições para a elaboração de uma imagem favorável não só para a própria mulher, mas também para os "outros". Portanto, o grupo que passou a valorizar as mulheres depois que elas ingressaram na Faculdade enfatiza o novo papel principalmente pe-

lo que foi trazido para relação familiar. Vinculam, ainda, ao novo papel as mudanças observadas nas mulheres quanto ao desempenho dos papéis anteriores, a ponto de não vê-lo como obstáculo e, sim, como fator favorável para a concretização das suas expectativas e como projeto familiar de efetivação de "uma vida melhor".

Pode-se, assim, afirmar que os objetivos dos "outros" se firmaram no decurso da nova vida das mulheres, levando-os a não colocar obstáculo à realização do projeto feminino - volta aos estudos. Isto pode às vezes trazer rompimento com outros parentes, mas como o alvo visado é o familiar mais próximo, não importa. O importante é que este alvo seja atingido e, para isso, todos lutam, de um lado incentivando a mulher-mãe-esposa nos estudos, de outro lado fazendo com que ela sinta o quanto se vêem felizes vendo-a do modo que eles queriam que "ela fosse e não como antes ela era". Desse modo, há uma política familiar com respeito ao papel de estudante assumido pelas mulheres. Este passa a ser entendido, compreendido e aceito pelo grupo interno à família. Além do mais, eles não se viram prejudicados e nas afirmações este fato é confirmado: "com o novo comportamento da minha mulher, ela passou a desempenhar seus papéis de um modo mais desejado por nós, e não se desligou deles". Logo, não rompendo os compromissos efetivos com os papéis, a alternativa passiva de dependência que lhe é imposta pelo status de casada ainda continua. Ela opta por um novo papel, é vista como "mais independente nas suas ações", mas isso não a desligou efetivamente dos seus compromissos com os papéis que lhe são atribuídos. Continua no seu papel de esposa e mãe, mas "uma melhor esposa e ainda mais carinhosa que antes"; "continua sendo orientadora dos filhos", mas "agora se sai melhor nesse papel". Assim, é vista como a mesma mulher, só que agora ela é tida como "uma mãe mais perfeita" e que a todos agrada e, por isso,

se torna por todos "mais admirada e mais valorizada".

As afirmativas acima já se evidenciaram no depoimento do marido de Márcia, que exemplificou o que pensam os maridos das mulheres profissionais sobre a atual situação da sua mulher e do desempenho de seus papéis.

Como já dissemos, os maridos das entrevistadas que não exercem atividades profissionais também se mostram satisfeitos quando relacionam o papel de estudante com o atual desempenho dos papéis de donas-de-casa e esposas:

"Minha mulher já não é mais tão exagerada com a limpeza da casa(...) hoje eu e meus filhos já nos sentimos mais à vontade dentro de casa e até mais unidos também. O fato dela ter voltado aos estudos não alterou o seu comportamento como esposa. Ela continua como antes, até mais carinhosa, e dando a esse papel mais valor, continuando a vê-lo como o principal da sua vida, o que muito me satisfaz. Mas, nos outros papéis, ela se tornou mais feliz, principalmente no de mãe e amiga dos filhos(...) até as brigas dela com os filhos por causa dos problemas escolares acabaram. Eles chegam até a temer que ela volte a ser aquela de antes depois que terminar os estudos. Mas acho que isso não se dará, pois ela já entendeu que o seu novo modo de agir com eles é o certo e acho que por isso ela nunca mais será como antes(...). Ela é inteligente e certamente já percebeu que tudo, aqui em casa, está agora melhor e nossa família muito mais feliz". (Pedro, marido de Mariana).

Essas afirmações são também reveladas no depoimento do filho de Mariana:

"Mamãe mudou muito depois que voltou aos estudos. Ela parece ter ficado mais inteligente. Ela chegou até a reconquistar a mim e meus irmãos que já estávamos ficando cheios das suas imposições dentro de casa e das suas implicâncias conosco e com nossos estudos. Hoje ela é muito mais nossa amiga e se aproximou muito mais de nós. Passou a entender mais os nossos problemas e até já os discutimos com ela, o que antes não acontecia porque ela nunca nos dava razão em nada e não nos orientava dentro deles. Uma hora ela achava que éramos crianças para conversarmos certos assuntos, outra hora que já éramos grandes para não entendermos outros assuntos; isso trazia entre nós brigas constantes, por isso sempre nos fechávamos e, com ela, passamos a não mais nos abrir quando tínhamos algum problema. Hoje temos uma verdadeira mãe e temos até medo que um dia ela possa vir a ser aquela de antes e não mais a amiga que hoje ela é".

Ser "motivo de orgulho" para o marido e para os filhos é outra afirmação positiva do papel de estudante, apontada pelo marido de Marilene:

"Minha mulher, depois que voltou aos estudos, ficou mais atualizada e assim passamos a nos orgulhar dela aqui em casa. Agora ela e eu podemos conversar sobre vários assuntos, ela se sai bem em todos eles. Com isso, passei a vê-la com mais orgulho; eu me sinto mais satisfeito quando vamos fazer nossas visitas e a vejo participando das prosas e fundamentando seus pontos-de-vista com muita segurança. Isto antes não acontecia. Hoje eu a vejo como uma perfeita companheira, até meus filhos, que são pequenos, observam isso, e se orgulham da mãe que tem - uma estudante. Posso mesmo dizer que os estudos modificaram o modo de ser da minha mulher e que interferiram de modo benéfico nas nossas relações de marido e mulher e, com isso, as nossas relações familiares se tornaram mais completas e mais próximas(...)"

Torna-se evidente que o relacionamento familiar, para a maioria dos maridos, é visto como tendo melhorado muito ou de modo significativo, e que ser estudante é um fator positivo.

Os depoimentos que aqui transcrevemos exemplificam essa situação, oferecendo até mesmo a constatação de que a família reavalia positivamente a volta aos estudos. É um evento que estreita as relações familiares. E este conjunto de famílias pode ser visto como famílias unidas ou felizes, que transmitem uma imagem de harmonia.

b. As famílias desunidas

O fato apontado acima não é o encontrado para as 25 famílias estudadas. Em quatro delas o fato das mulheres terem voltado aos estudos não é visto como um fator positivo para uma possível melhoria da vida familiar. Quando falam sobre esse assunto negativamente a ação das mulheres, criticam

seus comportamentos atuais e responsabilizam os estudos como a causa principal da desunião e da maior desarmonia familiar. Por suindo esses pontos de vista sobre a volta das mulheres aos estudos, os maridos não a valorizam. Nisso não depositam nenhuma esperança para a melhoria da vida conjugal que antes já se apresentava em situação de tensão, como declaram em seus depoimentos.

Para se compreender a situação do relacionamento familiar desse grupo é necessário transcrever as entrevistas dos maridos, porque os seus conteúdos revelam o seu posicionamento diante da situação.

Entre esses casais, dois se desquitaram depois que as mulheres assumiram o papel de estudante. Os desquitados são unânimes em afirmar ser ele o "causador de uma pior situação", os outros dois afirmam que ele em "nada contribuiu para melhorar a nossa situação dentro de casa". Para melhor entendermos o que dizem sobre o assunto, dividiremos os homens desse grupo em dois sub-grupos. Os que não se encontram satisfeitos com a atual situação familiar, mas que não romperam com ela, e os que não estão satisfeitos e que romperam com os laços do matrimônio.

A declaração abaixo foi feita pelo marido da entrevistada Marly (não-profissional), que continua afirmando:

"Minha mulher, mesmo estudando, ainda não está em condições para orientar os nossos filhos nos estudos ou para dirigir a parte econômica da nossa casa. Em vista disso nossas brigas continuam, porque ela alega que agora está apta para exercer estas funções que eu tomei dela. Mas eu não a reconheço como capaz disso somente por ter ela voltado aos estudos. Digo isso porque não vejo nenhum mérito na sua opção e nem observo nela nenhuma mudança ou melhoria de condições para desempenhar esses papéis, principal-

mente o de orientadora dos meus filhos(...). Ela ser estudante para mim não representa nada e não tem nenhum valor, porque voltar aos estudos por voltar, como é o caso dela, e visto por mim como coisa de uma pessoa não amadurecida, e em vista do seu procedimento é desse modo que eu a vejo. Sendo assim, ela nunca obterá os benefícios que poderia tirar dos estudos. Porisso, eu acho que posso afirmar, pelo que até a gora observei, que ela está simplesmente passando pela escola e não a escola por ela. Com isso, reafirmo que não a vejo mais capacitada para seguir os estudos dos filhos e, assim, esta tarefa ainda continua sendo minha e não dela como deveria ser ou ter sido depois que ela passou a ser estudante universitária, como ela mesmo sempre diz".

Quanto à ausência da mulher da casa durante o período escolar, diz este mesmo entrevistado "nem ser notada", a não ser "quando tenho que sair à noite e as crianças têm que ficar sozinhas". Assim dizendo, continua afirmando que "fora disso até gostamos quando ela sai, porque quando ela está em casa só briga e grita com as crianças", o que é visto pelo entrevistado, como pai, "como uma situação insuportável", ocasionando "brigas frequentes entre nós, piores que as de antes, porque agora os nossos filhos já estão maiores e já não suportam os gritos da mãe e vão do meu lado quando brigamos, o que a deixa mais desesperada e mais alucinada, chegando mesmo a me acusar de querer roubar o amor dos seus filhos jogando-os contra ela. Porisso, falo, não vejo nada de novo na minha vida conjugal depois que minha mulher voltou aos estudos(...) ela continua a mesma e a nossa situação dentro de casa também, se bem que às vezes até acho que ela piorou".

No caso desse entrevistado, a imagem atual da mulher é a mesma que ele tinha anteriormente. Essa imagem assim concebida é pré-estabelecida e relacionada a um modelo criado, elaborado e que nem um novo papel assumido pela mulher foi possível remover. Ocorre ainda que o marido transmitiu essa imagem da mulher para os filhos, que a aceitaram e ele age intensamente para reforçar a imagem negativa de sua mulher, como mãe e estudante, com forças que manipula segundo suas conveniências, como meio para fixar o seu querer, e a sua posição como parte insubstituível para a orientação dos filhos e da economia da casa.

Uma situação idêntica à anterior é mencionada pelo marido de Mary (profissional), que atribui o fato de não ter havido melhoria do relacionamento familiar, após a mulher ter se tornado estudante, ao "mau gênio da mulher", que o aponta frequentemente como "responsável" pela atual situação econômica do casal. Diz ele que depois que sua mulher voltou aos estudos "tornou-se insuportável e muito mais ambiciosa economicamente que antes" taxando-o de "comodista e acomodado, quando não de vagabundo(...). Ela dia-a-dia quer se mostrar mais superior a mim, principalmente na parte intelectual e financeira, e tudo faz para que eu me sinta inferior a ela". Acusa-a de ter-se "tornado mais egoísta e mais afastada" dele, "esquecendo-se até do seu papel de esposa", negando-se mesmo "a desempenhar qualquer função ligada aos seus deveres de esposa". Diz "não conseguir" ter com ela "mais diálogos", que isto os "afasta mais um do outro" e que quando se encontram só o fazem "para discutir e brigar".

Neste caso, as razões que provocaram o relacionamento familiar não satisfatório estão em parte ligadas à volta da mulher aos estudos, mas nos parece que outros fatores, como os econômicos e sexuais, são os maiores determinantes da atual situação do relacionamento entre o marido e a mulher. Desse modo, poderíamos concluir que razões familiares mais íntimas são as que mais contribuíram para a conservação da situação familiar antes já existente. Entretanto, não podemos deixar de admitir que as aspirações da mulher tendem a provocar uma situação onde o relacionamento dos cônjuges é bastante tenso.

Situações similares são enfocadas pelos casais que se desquitaram após a mulher ter voltado aos estudos (maridos das entrevistadas Mara e Margarida - profissio-

nais).

Estes maridos afirmam que a situação familiar, quanto ao relacionamento marido-mulher, que "antes era péssimo", tornou-se "insuportável" levando-os ao desquite. Eles, também, não vêem os estudos como sendo a causa única dos seus desquites, mas também não deixam de lhes atribuir uma parcela da responsabilidade da atual situação conjugal em que se encontram. Nestes dois casos as transformações havidas no relacionamento familiar foram bem mais profundas, como já observamos acima. Referem-se às suas mulheres de forma bastante negativa. Entretanto, outras causas e essas se juntam, como reforço da imagem que passaram a fazer de suas esposas. O "ter-se casado com uma mulher errada"; serem elas vistas como "egoístas, caprichosas e imaturas"; "não saber porque ela se casou comigo"; "insuportável emocionalmente"; "sempre querer se mostrar muito para despertar em mim ciúmes", etc, são causas frequentemente encontradas nas declarações, e apontadas para mau relacionamento entre o casal, mesmo na situação que antecedeu a volta delas à Faculdade. Entretanto, o marido de Mara afirma que depois que sua mulher assumiu o papel de estudante "estas qualidades más mais se acentuaram". Ela passou a "voltar altas horas da noite para casa" e não lhe respondia quando perguntava onde tinha "ficado até àquela hora". E, quando o fazia, respondia que o marido era "quadrado" ou "antiquado" ou, ainda, "desatualizado". Isso foi trazendo, pelo que afirma, "dentro de casa uma situação insuportável e era necessário que se tomasse uma resolução". Essa resolução foi tomada pelo marido do seguinte modo: um dia a entrevistada chegou da Faculdade "na hora costumeira", e ele não a "deixou entrar em casa" e, nesse dia, "tudo piorou". Um relacionamento melhor já não podia haver, "já que até agora não se ha-

via conseguido" e, quando ele a procurou propondo que ela "fosse de novo para casa", ela simplesmente lhe respondeu que até a gora ela "pensava que dele precisasse para viver, mas que agora já se convencera de que isso não lhe era necessário", que agora "estava para se formar" e ter o seu "diploma superior". Que poderia "muito bem viver com a mesada" que ele lhe desse e com os "benefícios econômicos" que o diploma lhe poderia proporcionar. Por esse motivo, o entrevistado afirma que os estudos contribuíram para que sua mulher se "visse mais independente" e dele se separasse. Ao fazer esta afirmativa, diz:

"Eu sempre a achei uma cabeça oca e sem coragem para tomar tal iniciativa, por isso acho que a sua volta aos estudos foi a gota d'água para que nossa separação se concretizasse e para que ela se sentisse mais segura apoiada nas pretensas possibilidades econômicas que um diploma superior lhe venha dar".

Comparando as declarações deste grupo, conclui-se que a volta aos estudos das mulheres em questão não funcionou como agente de ajustamento dos casais, como nos casos anteriores. Eles não serviram de reforço dos laços familiares. Pelo que os maridos falam, para as mulheres o objetivo da volta aos estudos foi a própria pessoa delas e não a busca de um bom relacionamento familiar através do papel de estudante.

4. A Redistribuição das Atividades Domésticas

Particularizando os aspectos ligados às atividades domésticas, pôde-se destacar os arranjos feitos pelas mulheres. Isto não significa que valorizem o papel de dona-de-casa, mas, estrategicamente, neste arranjo procuram uma saída para o papel de estudante e também para preservar a ima-

gem de mulher casada de quem se espera que dê algo de si para esse papel.

Nas listas de atividades fornecidas pelas mulheres, aparecem: preparo das refeições, lavagem de roupa, limpeza da casa, costuras, bordados e tricô, cuidado com os filhos, refeições da manhã e compras para casa. De um modo geral, como pode ser visto na Tabela 4, as alterações que se observam referem-se às atividades de lavar roupas, limpar casa, costurar, fazer bordados e tricô, que sofreram diminuição no número de mulheres que a elas se dedicavam, comparando a situação de antes e após a entrada na Faculdade, pois nas outras atividades não houve alterações.

De outro lado, as alterações mais importantes, e que vão dimensionar as mudanças tanto dos papéis femininos referentes à dona-de-casa, como numa redistribuição entre marido e mulher de três dessas atividades - cuidar dos filhos, preparo das refeições da manhã e compras - podem ser verificadas quando se analisa a forma pela qual eram e passaram a ser desempenhadas.

Os relatos das entrevistadas profissionais são bastante esclarecedores e permitem que, inclusive, as atividades sejam classificadas em três grupos, de acordo com a forma de seus desempenhos: independentemente, conjugadamente e complementarmente*.

* Desempenho independente: quando a atividade é exercida exclusivamente pela mulher; conjugado; quando é exercida pelo casal e complementar quando é exercida com o auxílio de empregada doméstica (Ver Tabela 4).

TABELA 4 - Distribuição da população, por categoria de mulheres, em relação às formas de desempenho das atividades domésticas nas situações de antes e após o ingresso na Faculdade.

| FORMAS DE DESEMPENHO, CATEGORIAS E SITUAÇÕES | INDEPENDENTEMENTE | | | | COMPLEMENTARMENTE | | | | CONJUGADAMENTE | | | | NÃO REALIZAM | | | |
|---|-------------------|------|-------|------|-------------------|------|-------|------|----------------|------|-------|------|---------------|------|-------|------|
| | Profissionais | Após | Antes | Após | Profissionais | Após | Antes | Após | Profissionais | Após | Antes | Após | Profissionais | Após | Antes | Após |
| Atividades | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Refeições | 11 | 4 | - | - | 11 | 17 | - | - | 1 | 1 | - | - | 1 | 1 | 3 | 3 |
| Lavagem da roupa | 11 | 1 | - | - | 10 | 10 | - | - | 1 | 1 | - | - | 1 | 11 | 3 | 3 |
| Limpeza da casa | 10 | 2 | - | - | 12 | 12 | - | - | 1 | 1 | - | - | 1 | 3 | 3 | 3 |
| Costuras | 10 | - | 1 | - | 3 | - | - | 1 | - | - | - | - | 9 | 21 | 2 | 2 |
| Bordados e tricô | 9 | 3 | 3 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 13 | 19 | - | 3 |
| Cuidados com os filhos | 7 | - | 1 | - | 5 | 9 | 1 | 1 | 13 | 13 | - | 1 | - | - | 1 | 1 |
| Refeição da manhã | 9 | 6 | 1 | - | 13 | 12 | 1 | 1 | 6 | 6 | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Compras | 17 | 8 | 2 | - | 4 | 5 | - | 2 | 1 | 8 | - | - | - | - | 1 | 1 |

OBSERVAÇÕES: 1. Independentemente; sozinha, sem a ajuda de ninguém.

2. Complementarmente: com a ajuda de empregadas ou parentes.

3. Conjugadamente : com a ajuda do marido.

O desempenho independente é ilustrado pela narração de Márcia:

"Desde que me casei fui eu que fazia todos os serviços da casa. Nunca tive empregadas, era eu quem lavava, passava, cuidava da casa. Ainda por espírito e conômico eu costurava para todos da casa e ainda aceitava encomendas de fora para ganhar um pouco mais. Meu marido nunca me ajudou em nada dentro de casa. Nem mesmo o prato que ele comia ele tirava da mesa. Como eu lecionava no período da manhã, fazia estas coisas à tarde e à noite. Além do mais, cuidava das minhas filhas quando elas eram crianças e olhava as suas tarefas de escola".

Apesar de Márcia fazer todos os serviços da casa sozinha, sentia-se "feliz", pois via-se "cumprindo" com sua "obrigação de mãe, esposa e dona-de-casa". Ao desempenhar, sozinha, as tarefas da casa, Márcia via-se como o tipo clássico da mulher casada e dona-de-casa e, por isso, sentia-se "dia-a-dia mais amarrada aos serviços domésticos", chegando mesmo "a sentir por eles um grande devotamento", pois nisso via a "mais excelsa das virtudes da mulher que se casa". Ao seu ver:

"A mulher casada tem que desempenhar, primeiramente, o seu papel de dona-de-casa e a ele se dedicar de corpo e alma. O marido espera isso da esposa e ela não pode decepcioná-lo de modo algum, porque se isso se der ela perde a imagem que o marido dela formou e uma decepção dessa espécie poderá ser o fim de um casamento".

Como Márcia, outras entrevistadas também se dedicavam sozinhas às atividades do lar, apesar de nem todas sentirem nisso a satisfação revelada por Márcia quanto ao desempenho do papel de dona-de-casa. Entretanto, observa-se em todas elas um ponto comum, ou seja, não encontrarem um modo de não fazê-las, pois são vistas como exigências do papel. A idéia de "obrigação" e "dever", associada às tarefas do lar e ao seu desempenho, está sempre presente. Apesar de se dizerem "cansadas", muitas vezes as queixas se transformam em realização quando os maridos a elas se dirigem com palavras elogiosas, apontan

do-as como boas donas-de-casa. É o caso de Marilena e Marlene:

"Sinto-me cansada e entendiada com os serviços da casa, acho-os rotineiros e enfadonhos", diz Marilena, "mas ao mesmo tempo me vejo recompensada por me ver cumprindo com a minha obrigação e podendo dar aos meus filhos um lar organizado e com isso fazer com que eles e meu marido sintam que correspondo às suas expectativas a esse respeito", ou

"Faço o possível para que meu marido se sinta bem dentro de casa. Por isso, me desdobrei com os cuidados dela e trazendo-a bem organizada eu não me privo da companhia dos meus familiares, que me vêem como uma excelente dona-de-casa e a todos contam o que faço e como faço para que tudo aqui em casa corra como eles acham que tem que ser ou que deve ser". (Marlene).

Assim, tentando desempenhar sozinhas as funções de dona-de-casa, as mulheres se vêem presas às atividades domésticas e, com isso, "cumprindo uma missão". Esse comportamento torna-se ritualizado, e através dele criam a imagem ideal de esposa, que acham ser necessária para a "efetivação do casamento".

Pelo que se pode depreender, mesmo quando se tornam estudantes a maioria das entrevistadas não escapa do desempenho desses serviços e continuam presas ao padrão doméstico. Embora muitas dessas tarefas passem a ser desempenhadas com o auxílio de outras pessoas, ou seja, de um modo "complementar", o preparo das refeições é ainda realizado por grande número dessas mulheres. Nisto elas se vêem como "insubstituível" ou apontadas pelos maridos como sendo "a melhor cozinheira do mundo", o que as deixa "vaidosas e presas" a essa atividade. Márcia é um exemplo típico desse fato. O marido a aponta como "uma excelente cozinheira", o que a "enche de satisfação". Chega mesmo a sentir "orgulho dos pratos" que lhe apresenta e se aborrece "quando ele não os repete", achando que está "perdendo" os seus "dons culinários" e com isso a "admiração" do marido.

Quanto às demais tarefas, as entrevistadas, como Márcia, declaram que passaram a desempenhá-las, na situação atual, somente "quando a empregada falta" ou quando não têm "ninguém para fazê-las".

Nas tarefas do lar está refletido agora o comportamento de antes e ainda vêm nestas tarefas a possibilidade de continuarem a corresponder à expectativa do marido. Isto é, elas já não as fazem, mas as dirigem e delas tomam conta. Novamente expressam que a "imagem de uma mulher casada" dependendessas expectativas e, mais ainda, revelam uma subvalorização do trabalho de uma empregada: "a mulher pode não fazer os serviços da casa, mas a ela compete dirigi-los da melhor maneira possível para que tudo não fique relegado ao segundo plano e solto nas mãos das empregadas que nem sempre são responsáveis" (Maribel). Entretanto, ao assumirem o papel de estudante, as mulheres não deixam de criticar os seus comportamentos anteriores com relação às atividades domésticas e de se mostrarem mais "felizes com a situação atual das coisas", pois essas atividades passaram a ser ocasionais e voluntárias. Continuaram a dar a essas atividades uma certa importância - a de obrigação - mas não mais as tomam "como devoção" e somente as realizam quando se vêem forçadas a isso, sem perderem de vista o fato enfatizado por Márcia, Marta e por muitas delas, de que: "a gente morre se matando pela casa e, com isso, a gente vai e ela fica". Frente a essas afirmações pode-se concluir que as mulheres profissionais, após terem assumido um novo papel, procuram escapar, pelo menos parcialmente, das atividades domésticas, pois sempre que podem as transferem a serviçais.

A ajuda do marido, "quando necessário", passou a ser um fato relevante na vida das entrevistadas, em algumas atividades.

As tarefas como: cuidados com os fi

lhos; fazer ou ajudar o preparo do café da manhã e as compras, passaram a ser atividades "conjugadas" em um número significativo de casais. Alguns maridos, como o de Márcia, que antes "nem mesmo o prato da mesa tirava", passou a ajudá-la a "colocar o lixo para fora" e a "fazer o café da manhã" enquanto ela se prepara "para ir dar aula". Desde que Márcia voltou aos estudos "é ele quem faz as compras no mercado, vai ao açougue" e inclusive quando é solicitado faz "outras coisas mais". Entretanto afirma, como o marido de Marta e como outros maridos, que faz isso porque sente "dó" da sua mulher por vê-la tão atarefada. Ao mesmo tempo que fazem essas afirmações, deixam bem claro que só fazem "essas coisas" quando elas pedem, pois não querem que elas se vejam "mal acostumadas" e pretendam, com isso, "empurrar os trabalhos caseiros por cima" deles.

Quando se referem à cooperação que passaram a dar às esposas, deixam bem claro, como é o caso do marido de Malvina, a não satisfação com o desempenho desses serviços, por considerá-los como "obrigação e próprio das mulheres e não dos homens".

O marido de Maria também passou a dar a sua cooperação, mas só faz o que lhe é solicitado, quando não tem "ninguém em casa" além dele e da mulher. Ao falar sobre isso, Maria justifica o comportamento do marido, dizendo: "Acho que ele tem medo de se ver diminuído perante os olhos dos outros, fazendo esses serviços que a mim ele acha que competem".

Frente a esses relatos conclui-se que os serviços domésticos continuam ainda segregados, apesar de serem desempenhados de um modo diferente por parte das mulheres. Embora os maridos declarem ajudar as esposas "quando faltam empregadas", "quando ela está sobrecarregada de serviços", "quando solicitados", etc., esses serviços não deixaram de ser vistos

como "próprios das mulheres" e, sendo assim, eles, ao contribuírem para o seu desempenho, o fazem com certa tensão, e sempre demonstrando um certo grau de insatisfação.

Diante disso, pode-se concluir que a volta das mulheres profissionais aos estudos reformulou parcialmente o desempenho das tarefas domésticas. O papel doméstico continua a marcar a divisão do trabalho, onde as diferenças sexuais se acentuam sob uma base onde é enfatizado o papel da mulher como dona-de-casa, ligado aos estereótipos sexuais. Essa afirmação é confirmada quando se tomam outras declarações, como as das mulheres que não exercem outra atividade além das de dona-de-casa:

"Meu marido", diz Marilene, "nunca me ajudou dentro de casa, nem antes e nem agora, depois que voltei aos estudos, mas também nada lhe peço, porque acho que ele já faz muito na indústria e não posso exigir dele mais esses serviços que a mim competem como mulher casada. Fazer compras e cuidar dos filhos é ao meu ver um papel exclusivo de uma mulher que nada mais faz do que tomar conta da casa. Os demais serviços são feitos por empregadas que mantemos. Mas, mesmo que eu lhe pedisse para me ajudar quando faltam empregadas, ele se negaria, e sabendo disso evito pedir, pois sei que ele, mesmo sem nada ter dito até agora, acha que essas tarefas a mim, como mulher, competem".

Mariana é da mesma opinião da entrevistada anterior. É de opinião que "atender as necessidades do lar e fazer as tarefas, quando é preciso, é de inteira responsabilidade da mulher que se casa, principalmente de uma mulher como eu, que não trabalha fora de casa". Mariana ainda completa a sua afirmação dizendo que "ao homem compete trazer dinheiro para casa e fazer tudo para que as necessidades da casa sejam superadas". Diz que antes de estudar, como não tinha o que fazer, procurava "encher o tempo com cursos de bordados, tricô e costuras" ou ainda "ajudando as empregadas na limpeza da casa". Mas que após ter voltado aos estudos "nem isso mais faço, passei a fazer

ainda menos que antes, logo não posso exigir do meu marido nada, nem mesmo quando estou sem empregadas, pois ele iria me tomar como uma preguiçosa, o que não me faria muito feliz".

Já Marly, que também é somente dona-de-casa, vê as coisas sob outro aspecto, e aponta com certa insatisfação determinados comportamentos do marido com relação às atividades domésticas:

"Meu marido não me ajuda nos serviços da casa e acha que eles são próprios das mulheres. Mas isso acontece com determinadas atividades. Outras, como na educação dos filhos, na direção da casa, é ele quem executa, chegando mesmo a determinar o que deve ser feito para o almoço ou para o jantar. Até as minhas roupas, além de outras compras da casa, é ele quem compra, e isso me aborrece muito. É muito severo com as empregadas e por isso me vejo sempre sem elas. Antes de eu voltar aos estudos, eu ainda me virava, quando isso acontecia, e me via desesperada fazendo os serviços da casa sem a ajuda de ninguém, pois para isso ele nunca estava pronto para me ajudar. Mas depois que entrei para a Faculdade mudei muito e, quando isso acontece, não faço mais como antigamente, chamo uma arrumadeira, uma passadeira e ele que gaste, pois não foi ele quem provocou uma situação? Logo ele é que é o responsável e não eu(...)".

Como já dissemos anteriormente, estas afirmações revelam diferenças nos papéis conjugais e no desempenho das atividades domésticas, o que marca a segregação dos papéis ditos femininos e masculinos.

A volta das mulheres aos estudos, principalmente das não-profissionais, em nada alterou o papel da mulher, dentro das suas famílias, em relação aos papéis domésticos.

Pode-se dizer que os homens e as mulheres admitem a existência de dois mundos envolvidos pelos papéis sexuais, o que leva a uma situação em termos de submissão e mando. Isto fica claro em certos momentos das entrevistas dos maridos, como é o caso do marido de Marilene:

"Trago o dinheiro para casa e procuro dar aos meus familiares uma vida digna e decente; com isso cumpro a minha missão de pai e de marido. Tenho os meus afazeres no meu trabalho, o que já me cansa muito. Deste modo, quando volto para casa não quero saber de nada, e muito menos de ajudar a minha mulher no que quer que seja. Os serviços da casa somente a ela competem e, além do mais, ela não os faz sozinha, tem empregadas para isso(...), não ajudo minha mulher nos serviços da casa porque fui assim educado, trabalho de homem é do homem e de mulher é da mulher".

Mais uma vez pode-se verificar que a volta aos estudos não mudou a concepção dos maridos sobre o papel feminino, principalmente entre os maridos das mulheres pertencentes à categoria das que não trabalham fora de casa.

Importante é ressaltar também que a divisão do grupo em três sub-grupos favorece uma visão melhor da situação da mulher no espaço doméstico. Pode-se concluir que a adoção de um novo papel trouxe mudanças quanto à forma do desempenho, pois as atividades já não são executadas, pela maioria, independentemente, mas com a ajuda de outros, quer sejam empregadas ou maridos.

Verifica-se, também, que a segregação das atividades domésticas é muito mais evidente dentro da categoria das mulheres não-profissionais. A elas é dada, mesmo depois que voltaram aos estudos, e de um modo enfático, a responsabilidade dos serviços domésticos.

Observa-se, porém, que apesar dos maridos compartilharem das tarefas domésticas, no caso das mulheres profissionais, eles ainda se mostram preconceituosos de assim agirem, pois nisso eles vêem um distanciamento do padrão tradicional.

Finalmente, vê-se que às mulheres profissionais ou às não-profissionais, mesmo após a volta aos estudos, não é permitido deixar de ser dona-de-casa. Elas estão cient

tes deste fato e por isso continuam fazendo tudo para serem vistas como tal, pois sabem que se assim não procederem sofrerão pressões por parte dos maridos e do grupo familiar para que deixem os estudos, fato este que não lhes traria satisfação.

5. O Papel de Estudante e as Redes Sociais

Um aspecto que ficava sempre ressaltado nas entrevistas referia-se à afirmação feita pelas mulheres que após o ingresso na Faculdade haviam estabelecido "novos relacionamentos" e que tinham "mais amigos". De outro lado, afirmavam que as relações com alguns amigos e familiares tinham se tornado menos intensas. Estes dados levaram-nos a um aprofundamento no conhecimento das relações sociais. Sabíamos de antemão que este enfoque apresentaria alguma complexidade, e teríamos assim que delimitar o alcance da abordagem, pois como é referido por Bott(5), Mitchell(6), Barnes(7), para citarmos alguns autores, há muitas controvérsias sobre o assunto. Procuramos, assim, utilizar uma noção ampla de rede dentro da idéia prescrita por Barnes(8), de que as redes sociais servem para descrever uma ordem de relações sociais que é importante para entender o comportamento social das pessoas envolvidas nessas relações. Particularmente, e seguindo ainda os passos levantados por esse autor, a nossa utilização esteve voltada mais para as características

(5) Bott, E., op. cit., pg. 248-330

(6) Mitchell, J.C. The concept and uses of social network. In: Mitchell, J.C. (ed.) Social network in urban situations. Manchester, Manchester Univ. Press, 1969: 1-50.

(7) Barnes, J.A. Networks and political process. In: Mitchell, J.C. (ed.) Social networks in urban situations. Manchester, Manchester Univ. Press, 1969: 51-76.

(8) Barnes, J.A. Class and committees in Norwegian Island Parish, Human Relations, vii: 39-58.

morfológicas das redes sociais do que para o fluxo de comunicações através da rede. Centralizamos nossa atenção para o uso analítico da palavra rede social, em oposição ao seu uso metafórico(9).

Esta preocupação foi suscitada a partir do momento em que tendo colocado como hipótese que a mudança de situação (ter passado a ser estudante) seria acompanhada por mudanças nas relações sociais necessitaria ser avaliada através de alguns indicadores. Estes indicadores deveriam basicamente referir-se à extensão da rede e à intensidade nas relações. Dessa forma, poder-se-ia testar se havia ocorrido ou não uma ampliação na rede de relações e se isso havia ocasionado ou não um afrouxamento nas relações anteriores.

De outro lado, poder-se-ia associar esses indicadores às mudanças na concepção dos papéis e às atividades domésticas. Mais explicitamente, a noção de rede serviria a dois propósitos: 1- para a configuração das relações e 2- para estabelecer relações entre essa configuração e a análise de papéis.

Esses dois aspectos, o estrutural (composição das redes) e o interacional (intensidade nas relações) foram relacionados aos diversos grupos de relações, grupos estes que constituem as redes parciais. As redes parciais foram assim discriminadas: "rede familiar" - relações marido-mulher-filhos e parentes de ambos; "rede profissional" - relações de trabalho; "rede grupal" - relações com amigos; "rede de serviço" - relações comerciais (compras, bancos, etc.); "rede com empregados" - relações com empregada doméstica e outros empregados; "rede es

(9) Mitchell, J.C., op. cit., - Segundo o autor, a utilização das redes de relações como um conceito analítico, nos estudos britânicos, data de 1954.

colar" - relações com colegas, professores, pessoas ligadas à Faculdade.

Neste estudo a "ancoragem"(10) refere-se basicamente à mulher;isto não exclui a análise do casal. Assim, procuramos enfatizar o que segundo Mitchell seria a rede "pessoal" ou "egocêntrica", entendida como as "ligações pessoais que os indivíduos têm com um conjunto de pessoas e as ligações destas pessoas entre si e com outras". Desta forma, a partir da mulher, foi calculada a extensão e a intensidade de sua rede social. A extensão mede a proporção de relações que a mulher tem sobre o número total de relações do casal, ou seja, a sua participação nas relações do casal. A fim de quantificar este indicador usamos a fórmula:

$$\text{Extensão} = \frac{\text{Número de relações da rede da mulher}}{\text{Número total de relações da rede conjunta (rede do marido e da mulher)}} \times 100$$

A intensidade mede o grau maior ou menor do relacionamento entre a mulher e os elementos componentes da rede(11).

A fórmula usada para o cálculo foi a seguinte:

$$\text{Intensidade} = \frac{\text{Número de ligações intensas da rede da mulher}}{\text{Número total de ligações (intensas e frouxas) da rede da mulher}} \times 100$$

Os indicadores foram calculados nas duas situações: antes e depois do ingresso na Faculdade, o que

(10) A expressão ancoragem (anchorage) foi sugerida por Mitchell, J.C., op. cit., pg. 12.

(11) Este conceito difere do empregado por Mitchell, J.C., ob. cit., pg.27, segundo o qual "A intensidade de uma ligação em uma rede pessoal refere-se ao grau em que estas pessoas estão preparadas para honrar as obrigações ou se sentirem livres para exercer os direitos implícitos em seu elo com alguma outra pessoa".

tornou possível estabelecer as mudanças ocorridas.

Foram estudadas 14 redes, e agrupadas de acordo com as mudanças ocorridas pudemos classificar as redes em: mais, extensa e menos intensa; menos extensa e menos intensa; mais extensa e mais intensa. Um resumo destes achados é encontrado no Quadro, III. Para ilustrar esses casos, tomamos 4 redes que são analisadas em detalhes e que servirão para exemplificar as demais.*.

a. Rede social de uma mulher profissional - o caso de Márcia

Rede mais extensa e menos intensa

O traçado que aparece no Gráfico 1 (R.S. - la) mostra que, na situação que antecedeu a entrada na Faculdade, as relações do casal com o grupo familiar (parentes do marido e da mulher e filhos) configuram um relacionamento "conjunto", isto é, tanto o marido como a esposa compartilham relações comuns com os parentes dela e com os parentes dele. Quanto às relações com o grupo de amigos verifica-se que não há segregação, pois amigos da mulher e do marido são comuns. Relações que se incluem na categoria "conjunta" estão presentes quando se toma o grupo de serviços e a empregada doméstica. O relacionamento com o grupo de trabalho da mulher não é completamente segregado, pois o marido relaciona-se com uma parte dele, sendo que a mulher relaciona-se com todo o grupo de trabalho do marido.

Passando para o Gráfico 1 (RS - 2b), onde são traçadas as ligações entre o casal e os demais membros de sua rede de relações após o ingresso da mulher na Faculdade,

* Os gráficos das 4 redes aparecem no Texto, as demais no Anexo 3.

QUADRO III - Extensão, intensidade e mudanças nas redes sociais de 14 entrevistadas, antes e depois do ingresso na Faculdade.

| ENTREVISTADAS | SITUAÇÃO | EXTENSÃO (a) | INTENSIDADE (b) | MUDANÇAS (1) | |
|---------------|----------|-----------------|--------------------|---------------|---------------|
| | | | | (a) | (b) |
| Márcia | antes | 21,0 | 88,0 | mais extensa | menos intensa |
| | depois | 53,0 | 80,0 | | |
| Mariana | antes | 18,0 | 85,0 | menos extensa | menos intensa |
| | depois | 13,0 | 81,0 | | |
| Marly | antes | + | 94,0 | mais extensa | menos intensa |
| | depois | 23,0 | 89,0 | | |
| Marion | antes | 12,0 | 78,0 | mais extensa | menos intensa |
| | depois | 44,0 | 61,0 | | |
| Maribel | antes | 11,0 | 90,0 | mais extensa | menos intensa |
| | depois | 14,0 | 62,0 | | |
| Maria | antes | 27,0 | 92,0 | mais extensa | mais intensa |
| | depois | 30,0 | 100,0 | | |
| Mary | antes | 27,0 | 64,0 | mais extensa | mais intensa |
| | depois | 42,0 | 76,0 | | |
| Marciana | antes | 21,0 | 100,0 | menos extensa | menos intensa |
| | depois | 11,0 | 81,0 | | |
| Marilú | antes | 22,0 | 100,0 | menos extensa | menos intensa |
| | depois | 16,0 | 92,0 | | |
| Maristela | antes | 11,0 | 100,0 | mais extensa | menos intensa |
| | depois | 45,0 | 87,0 | | |
| Marcela | antes | 15,0 | 73,0 | mais extensa | mais intensa |
| | depois | 46,0 | 84,0 | | |
| Madalena | antes | 83,0 | 100,0 | menos extensa | menos intensa |
| | depois | 71,0 | 80,0 | | |
| Marlene | antes | 15,0 | 76,0 | mais extensa | menos intensa |
| | depois | 72,0 | 55,0 | | |
| Mara | antes | 5,0 | 72,0 | mais extensa | mais intensa |
| | depois | 12,0 | 100,0 | | |

+ Nesse caso a mulher não tinha uma rede exclusiva.

(1) A mudança refere-se à comparação da densidade e da intensidade nas duas situações.

NOTA: A extensão e a intensidade estão expressas em porcentagens calculadas de acordo com as fórmulas que aparecem no texto.

observa-se que na "rede escolar" o marido só se relaciona com alguns colegas da mulher; as demais relações (professores, bibliotecárias e funcionários) são exclusivas da mulher. O marido passou ainda a ter exclusividade na rede de serviços e a mulher na rede de empregados.

A síntese que apresentamos acima é elucidada com o relato que a própria Márcia faz da rede de relações.

"Meu marido e eu sempre nos demos bem com os nossos parentes. Os meus agora estão ainda mais chegados. Depois que as terras que meu pai deixou foram divididas entre nós, todos construíram casas perto, e aqui vivemos como se fôssemos uma só família. O que nos divide é um córrego que corta os sítios, mas sobre ele construímos pontes, e até ele não conseguiu nos separar. Depois que voltei aos estudos as minhas relações com meu irmão e com a minha cunhada ficaram um pouco abaladas por razões que já falei, mas depois pensei bem e vi que tudo isso era uma bobagem. Aí me aproximei deles e eles de nós e a nossa vida continuou como antes, não é melhor assim?

As minhas filhas sempre foram boas meninas. Elas e nós sempre nos demos muito bem. Mas, agora que me tornei uma estudante, estamos ainda mais unidas e juntas trocamos idéias e pontos de vista sobre todos os assuntos.

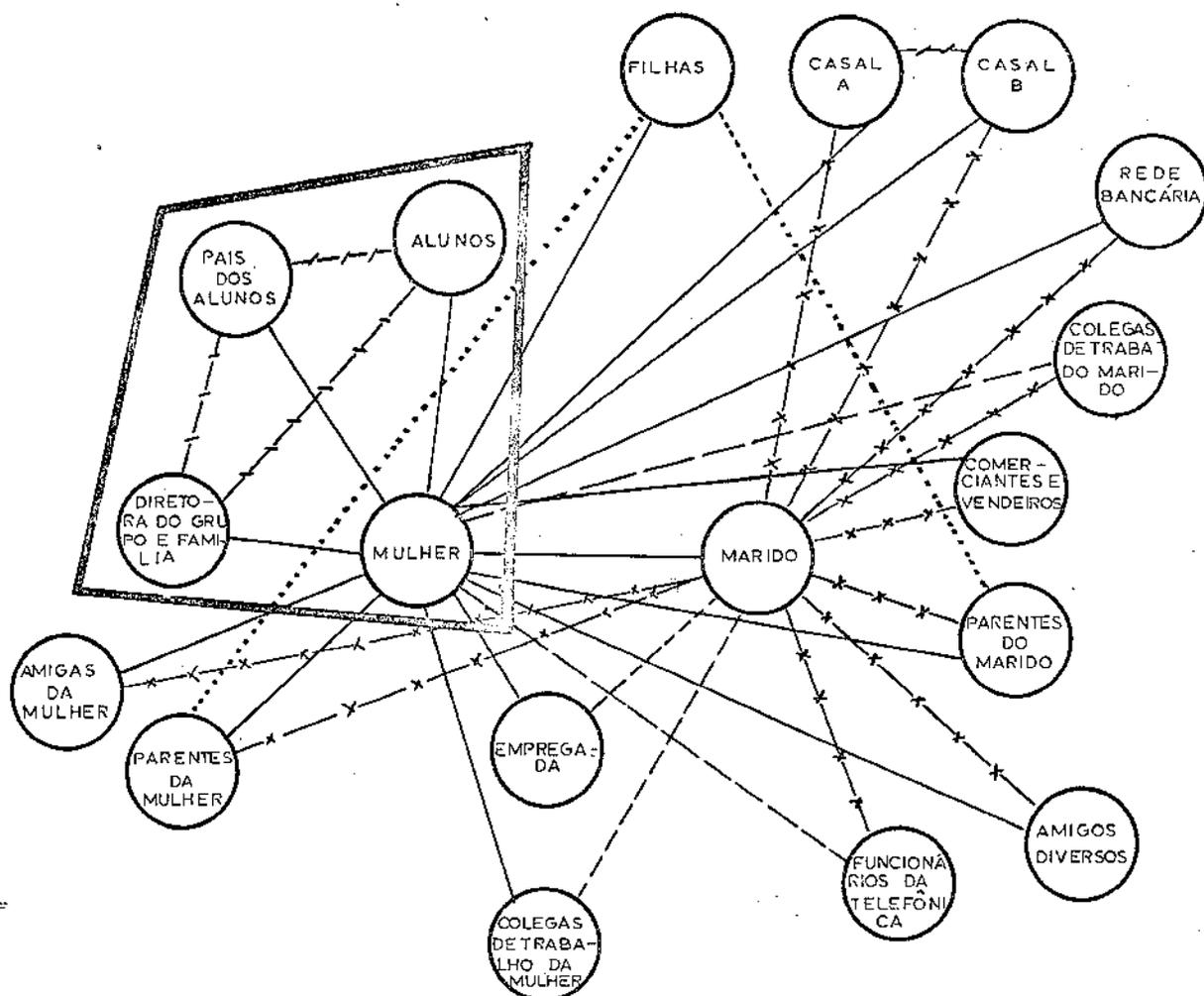
Sempre fui muito querida pelas minhas colegas de serviço, acho que isso se dá pelo fato de eu ser uma das mais velhas no lugar que trabalho. Assim, todas se chegam a mim para conferenciar, desse modo fomos cada dia nos tornando mais amigas. Elas poucas vezes vinham aqui em casa e, por isso, meu marido com elas pouco se relacionava. Mas depois que voltei aos estudos elas começaram a vir mais amiúde aqui para estudarmos juntas e com isso aumentou a amizade delas com o meu marido, como por exemplo a minha Diretora. Essa amizade foi a que reforçou a minha decisão para voltar aos estudos e a ela somos todos agradecidos. Sinto-me plenamente feliz entre as minhas colegas de serviço e a minha nova vida não mudou a minha amizade com elas.

Quanto às minhas outras amigas, passamos a nos encontrar menos, porque agora já não me sobra mais tanto tempo para visitá-las como antes. Mas, quando me encontro com elas, elas passaram a fazer mais festa comigo e dizem até que parece que passamos a não mais morar na mesma cidade, visto termos nos distanciado tanto e pelo fato de nos encontrarmos tão pouco como temos nos encontrado.

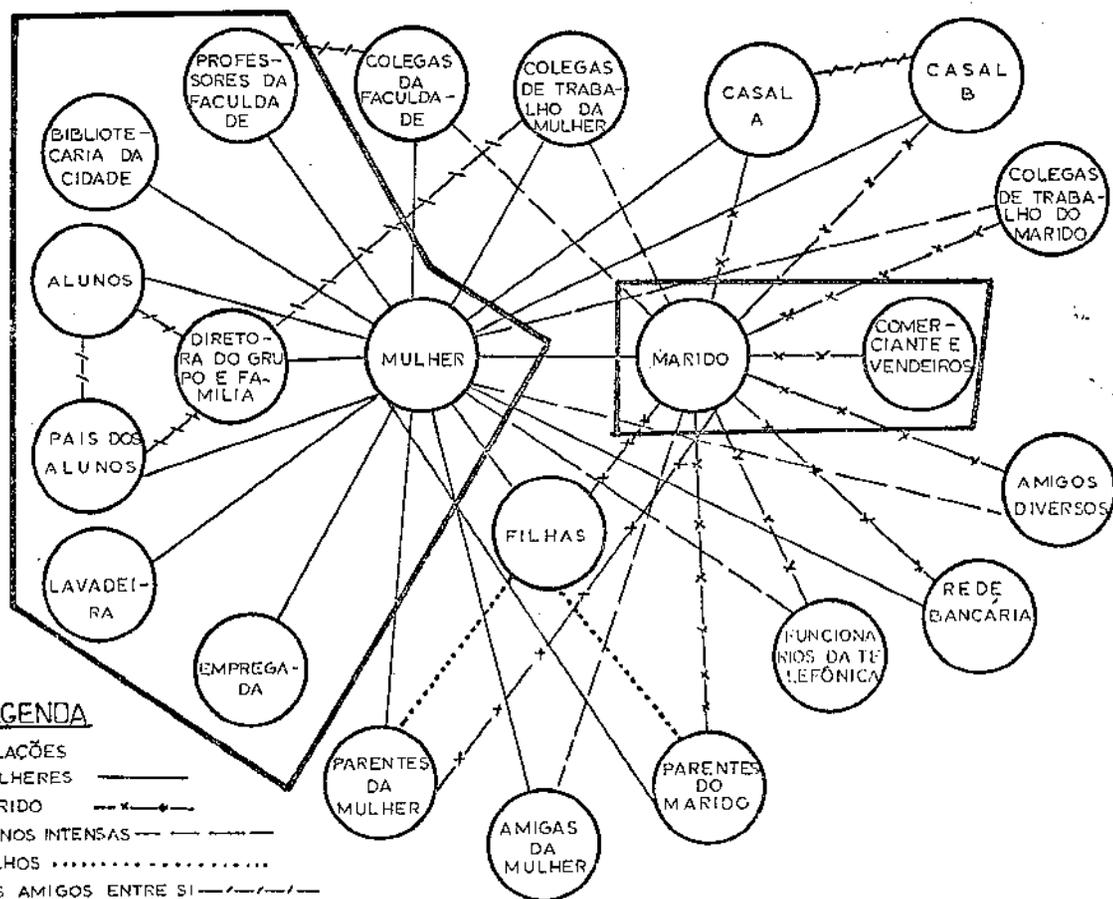
* Razões já citadas anteriormente como: pressão contra a decisão da volta aos estudos por parte da entrevistada, e teceu comentários desfavoráveis a esse respeito. Para melhor esclarecimento ver Capítulo II, pág.102.

Grafico - 1 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MÁRCIA E MARIDO

RS - 1a



RS - 1b



LEGENDA

- RELAÇÕES MULHERES ———
- MARIDO ———>
- MENOS INTENSAS - - - - -
- FILHOS>
- DOS AMIGOS ENTRE SI - - - - -
- REDE EXCLUSIVA [shaded box]

NOTA: A LEGENDA APLICA-SE A TODAS AS OUTRAS REDES

Os amigos do meu marido vêm aqui em casa e eu os trato bem, como uma boa anfitriã, e, desse modo, me relaciono com todos eles.

Com a minha volta aos estudos vi aumentado o meu número de amigos. Conheci várias pessoas interessantes, como os meus colegas e os meus professores. Todos me tratam bem e se mostram muito meus amigos. Essas novas amizades tornaram maior, também, o número de amigos do meu marido. Apesar dele não conhecer todos, passou a gostar deles como eu, de tanto que eu falo neles, assim sabe o nome de todos e se refere a eles como se fossem seus velhos amigos também. Nós nos sentimos muito felizes com o novo grupo de amizades que adquirimos e o valorizamos como ninguém pode imaginar".

Como pode ser depreendido desse relato, a entrevistada oferece muitos elementos sobre a "intensidade" das relações. Em resumo: as relações familiares eram intensas antes do ingresso e assim permaneceram após a entrada na Faculdade. As relações da mulher com seu grupo de trabalho eram intensas e assim permaneceram; da mulher para com o grupo de trabalho do marido eram frouxas e continuaram da mesma intensidade; o marido, por sua vez, não tinha relações com o grupo de trabalho da mulher na situação de antes, porém vieram a existir com intensidade frouxa; do marido com o seu trabalho sempre foram intensas. Uma ordem de relações que sofreu grandes mudanças em intensidade é a das relações grupais, como pode ser depreendido do Gráfico e que explicitamente assim se colocam: da mulher com os seus amigos, de intensa para frouxa; do marido com os amigos da mulher, de intensa para frouxa e somente do marido com seus amigos continuam intensas. Também a intensidade das relações entre a mulher e serviços, que eram intensas, passam a frouxas; isto não ocorre em relação ao marido, que case conservam intensas. Com o novo grupo que se forma, as relações da mulher serão intensas quando os contatos são com colegas de classe, com professoras e bibliotecária. Em seu conjunto, as relações da mulher tornaram-se menos intensas.

De um modo geral, observa-se que as

principais mudanças na rede dizem respeito ao acréscimo de novos elementos e também com a "intensidade" em alguns relacionamentos anteriores (grupais). É como a própria entrevistada relata, essas mudanças estão significativamente associadas ao novo papel. Fica bastante evidente que há um distanciamento do papel de dona-de-casa, pois esse passa a ser em grande parte desempenhado por outra pessoa. Neste caso houve mudança na classificação dos papéis: antes o papel prioritário era o de dona-de-casa, e agora é o de mãe.

b. Rede social de uma mulher não-profissional - o caso de Mariana

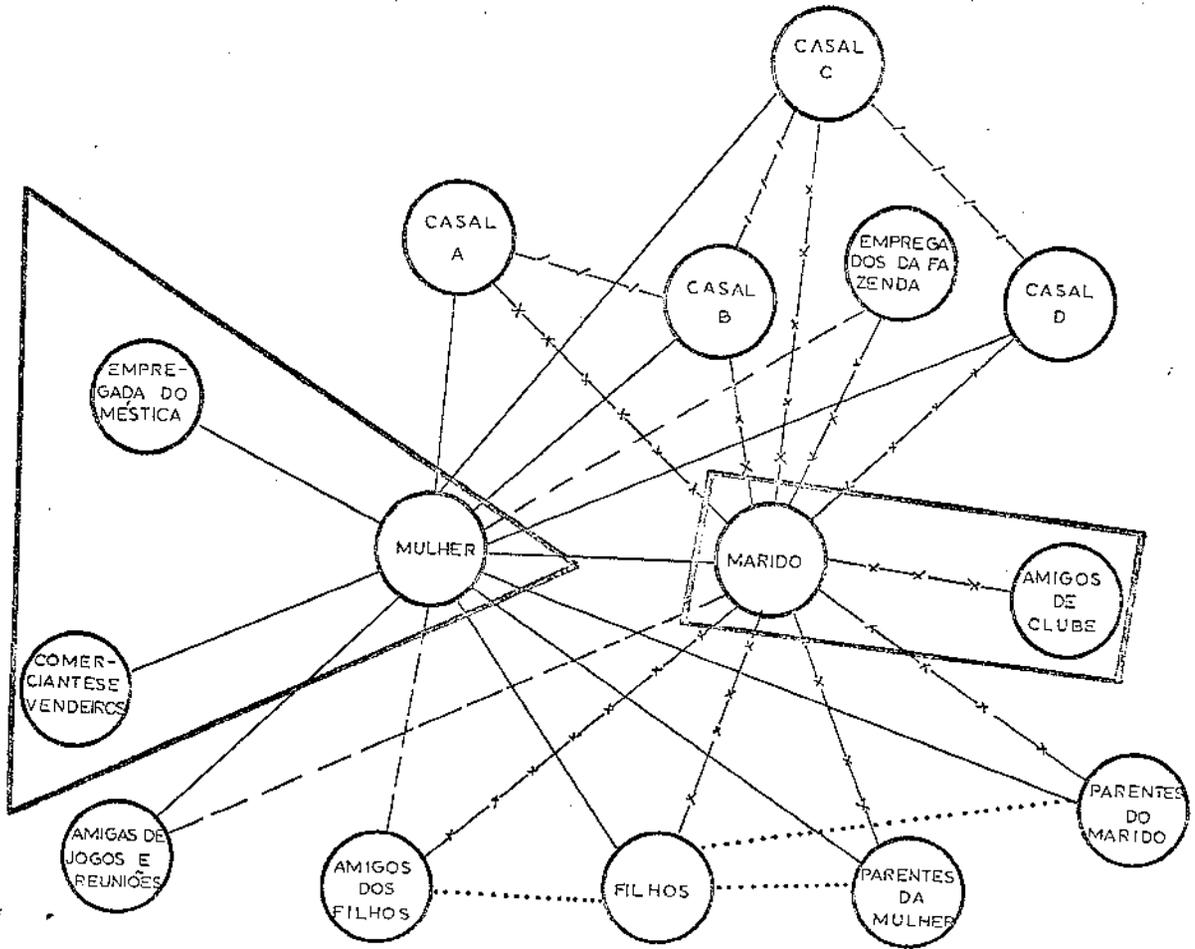
Rede menos extensa e menos intensa

Para ilustrar o caso de uma rede social que se tornou menos extensa e menos intensa após a entrada na Faculdade, escolhemos a de Mariana. Verificamos pelo Gráfico 2 (RS 2a e RS 2b) que antes e depois do ingresso Mariana possuía uma rede exclusiva que incluía somente 2 elementos; se compararmos o número total de relacionamentos do casal nas duas situações, a rede de Mariana tornou-se menos extensa, pois houve diminuição no número total de relacionamentos. Quanto à intensidade, também houve uma diminuição, e por isso esta rede é menos intensa quanto aos relacionamentos da mulher. Destacam-se no relato de Mariana alguns aspectos sobre as redes parciais; assim, quanto à rede familiar, esta continuou a ser conjunta, porém com o mesmo grau de intensidade:

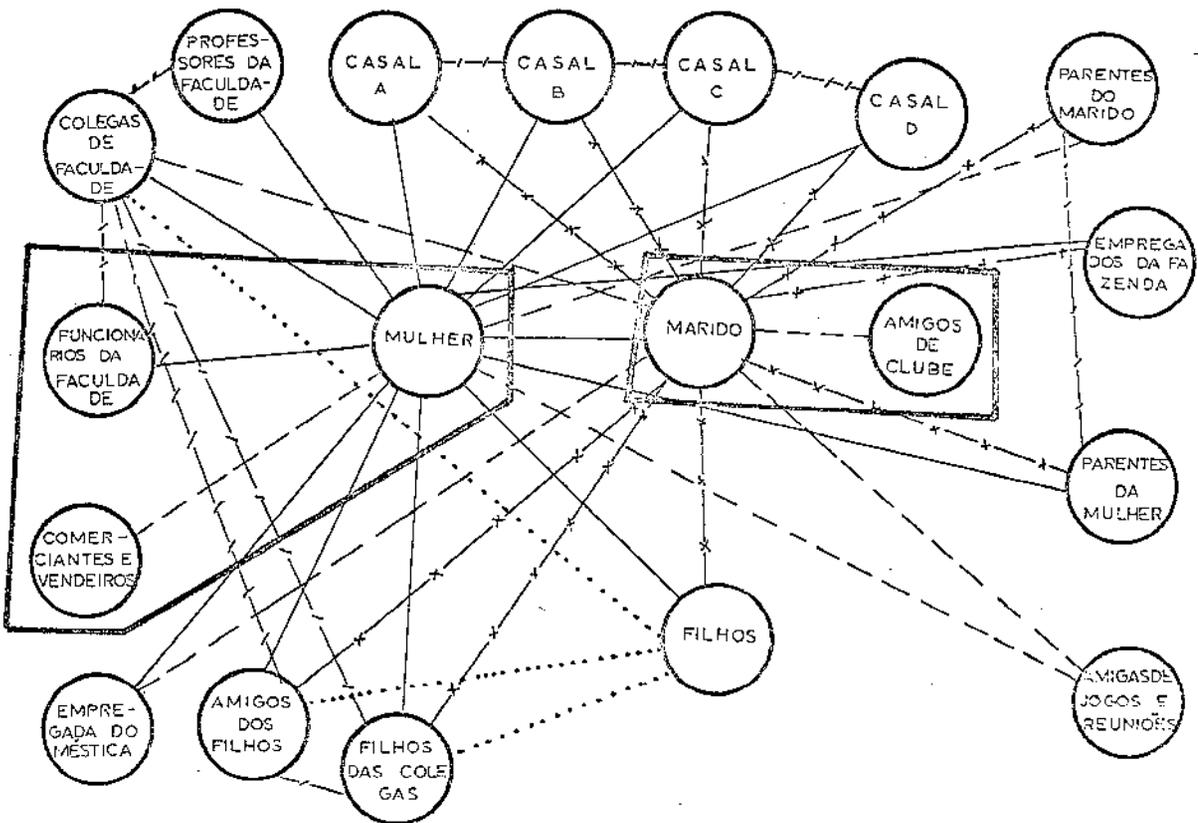
"Os parentes do meu marido sempre foram muito unidos comigo e eu sempre me dei muito bem com eles. Eu os trato como se eles fossem pessoas pertencentes à família que nasci. Eles sempre me trataram como se eu nunca tivesse pertencido a uma outra família. Do mesmo modo que eu os trato meu marido trata os meus parentes e eles têm com ele a mesma consideração. Por isso, todos juntos vivemos como sendo uma mesma família e com isso formamos um conjun-

Gráfico -2 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARIANA E MARIDO

RS-2a



RS -2b



to feliz. Desde que me casei, meu pai e minha mãe, que ainda vivia, visitavam os parentes do meu marido todas as vezes que vêm aqui em casa nos ver, e quando isso não acontece eles reclamam e acham ruim meu pai não ter ido vê-los, isso porque eles o admiram como eu e meu marido o admiramos".

A rede grupal foi assim caracterizada por Mariana:

"As minhas amizades são com os mesmos casais que são amigos do meu marido. Entretanto, tenho algumas amigas como as de jogo com quem meu marido não tem amizade, apesar de conhecê-las. Com elas, ele só encontra quando elas vêm aqui em casa para formarmos o nosso joguinho. Ele, por sua vez, também tem alguns amigos com quem não mantenho amizade, como por exemplo os seus amigos de clube ou os amigos de papo como ele mesmo os chama".

Com a entrada na Faculdade as relações com o grupo de amigos vai ser alterada. Pelo relato da entrevistada verificamos que a rede escolar é segregada, mas que houve uma extensão ao seu filho:

"Depois que eu voltei para a Faculdade nada mudou muito com relação aos nossos amigos de antes. Mas com o meu grupo particular de amigas a coisa mudou. O mesmo aconteceu com o grupo de amigos de papo do meu marido. Começamos a não nos encontrar muito com eles devido à falta de tempo, isto é, o tempo para mim ficou mais curto e já não tenho mais horas para me dedicar aos joguinhos e às reuniões de antes. O meu marido por sua vez também se viu, com a minha volta aos estudos, privado de encontrar com os amigos tão frequentemente como antes fazia, agora ele se dedica mais aos filhos quando eu não estou em casa, e lhes faz companhia enquanto vou à Faculdade. Mas, em compensação, adquiri um novo grupo de amigos com quem passei a viver e conviver mais intensamente nas horas que frequento a Escola. Estes meus novos amigos são os meus colegas, os meus professores e os funcionários da Faculdade. Todos os meus colegas me adoram, com eles me sinto muito bem. Eles a mim recorrem sempre que precisam, haja visto quando têm alguma coisa para ser dita para os professores ou para a direção da Escola. Nestas ocasiões sou sempre eu a escolhida, isto talvez seja porque sou uma pessoa extrovertida ou por ter cara de pau, como dizem meus próprios colegas, e no que meus filhos também estão de pleno acordo. Não sei mesmo se é por isso, mas não importa o que seja e o que dizem, o importante é que a mim sempre recorrem, e o mais importante ainda é que tenho sempre sucesso no que pleiteio ou peço. Este ano mesmo um fato se deu quando fui reclamar para o Diretor da sala de aula que nos foi dada. Protestei em meu nome e no de meus colegas, falei sobre o nosso descontentamento e defini as nossas reivindicações e acabei sendo atendida e, mais uma vez, vitoriosa. Com essas pessoas que passei a conviver, de

pois que me tornei estudante, sinto-me querida, o que acho uma delícia, pois adoro ser admirada por todos, pois a isso estou acostumada desde pequena. Esse fato foi uma das causas por que me mantive nos estudos, pois se um dia percebesse que não era querida pelos meus colegas eu teria abandonado a Escola, por não me ver adaptada a esse meu novo papel.

Meu marido não tem amizade com minhas colegas, a não ser com uma delas, que já era nossa amiga de antes. Alguns professores são seus conhecidos, mas mesmo assim não são seus amigos, a não ser um deles, com quem já mantinha relações de amizade antes de eu voltar aos estudos.

Apesar de só encontrar com a maioria dos meus colegas só na Faculdade eu os quero muito bem. Meu filho é que lucrou com isso, pois ele fez novos amigos, que são os filhos das minhas colegas, e se sente muito bem com isso, porque ele, como eu, é muito comunicativo e adora fazer novas amizades. Desse jeito torno a dizer, meus novos amigos me fazem sentir muito feliz e muito querida, e se isso não tivesse se dado na minha vida escolar acho que me sentiria muito infeliz e ela não teria dado tão certo como deu e nela eu não teria permanecido até hoje como permaneci".

Posteriormente, a "rede de serviços" continuou a ser segregada para a mulher. Porém, ela se apresenta como menos intensa, pois a empregada assumiu parcialmente essas atribuições. Quanto ao relacionamento com a empregada, continua a ser também segregado:

"Apesar de não ter nascido aqui, acho que conheço mais gente que o meu marido, que é natural da cidade. Atribuo isso ao fato de eu ser dona-de-casa e ter que fazer todas as compras da casa. Esse fato me força a ter um maior relacionamento com as pessoas com que meu marido nunca se relacionou, como o vendeiro, o açougueiro, a mãe das minhas empregadas, com a lavadeira, etc. Mas, depois que voltei aos estudos, a tarefa das compras passei, em parte, para minha empregada, e assim, atualmente, é ela quem mais executa essas tarefas que antes a mim somente eram atribuídas. Sempre tive empregadas para me ajudar nos serviços da casa. Elas são ainda por mim dirigidas e, por isso, o meu marido com elas pouco se relaciona. Mesmo depois que voltei aos estudos ele ainda continua mantendo com elas um distanciamento e, com isso, essa parte nada mudou depois que me tornei uma estudante".

c. Rede social mais extensa e mais intensa - o caso de Maria

Vimos anteriormente que nos dois casos as redes sociais das mulheres tendem a se tornar menos intensas após o ingresso na Faculdade, porém no caso de Maria a intensi-

dade é aumentada (Ver Gráfico 6, IRS.- 6a. e IRS.- 6b). Como nos casos anteriores, a rede familiar também se enquadra na classificação de rede conjunta. Em seu relato a entrevistada destaca a sua vida familiar da seguinte maneira:

"Sempre fui uma boa filha e com isso sempre fui apegada à minha família, e considero isso muito importante para todas as pessoas que nasceram, como eu, no seio de um lar bem estruturado. Depois que me casei continuei assim com os meus parentes e adotei como minha família a do meu marido também.

Meu marido pensa como eu nesse particular. Ele é descendente de italianos e como tal é também apegado aos parentes, que sempre considerou. Muitas vezes sentamos-nos e juntos falamos sobre eles, com saudades dos que já morreram, que mesmo assim não esquecemos nunca, como dos que vivem e que estão mais próximos ou mais longe de nós.

Graças a Deus, o casamento não nos fez desligar dos nossos parentes, pelo contrário tanto o meu marido como eu, com eles aumentamos a nossa família, eu adotando os parentes dele e ele adotando os meus.

Depois que me tornei uma sogra, apesar de todos acharem que essa missão é muito difícil, ainda não senti os problemas desse papel e com isso minha família e a da minha nora formaram uma só família. Procuro agradar a minha nora. Faço com que ela sinta que é da nossa família e que a queremos muito, pois sei que disso depende a união da minha família e que meu filho continue sendo meu filho, apesar de ter constituído com o casamento uma outra família independente daquela onde nasceu. Assim, continuamos a ser felizes como sempre o fomos dentro da minha casa, faço tudo para que ela veja em mim uma amiga e não aquela sogra que todos detestam. Ainda mais agora, que sou avó, quero que sejamos ainda mais unidos. Ah! como é bom ser avó. O meu neto é aquele outro filho que sempre sonhei ter e que não tive. Quero que ele cresça vendo em mim e no avô a continuação da sua família e não que ele cresça longe de nós, o que me deixaria muito triste".

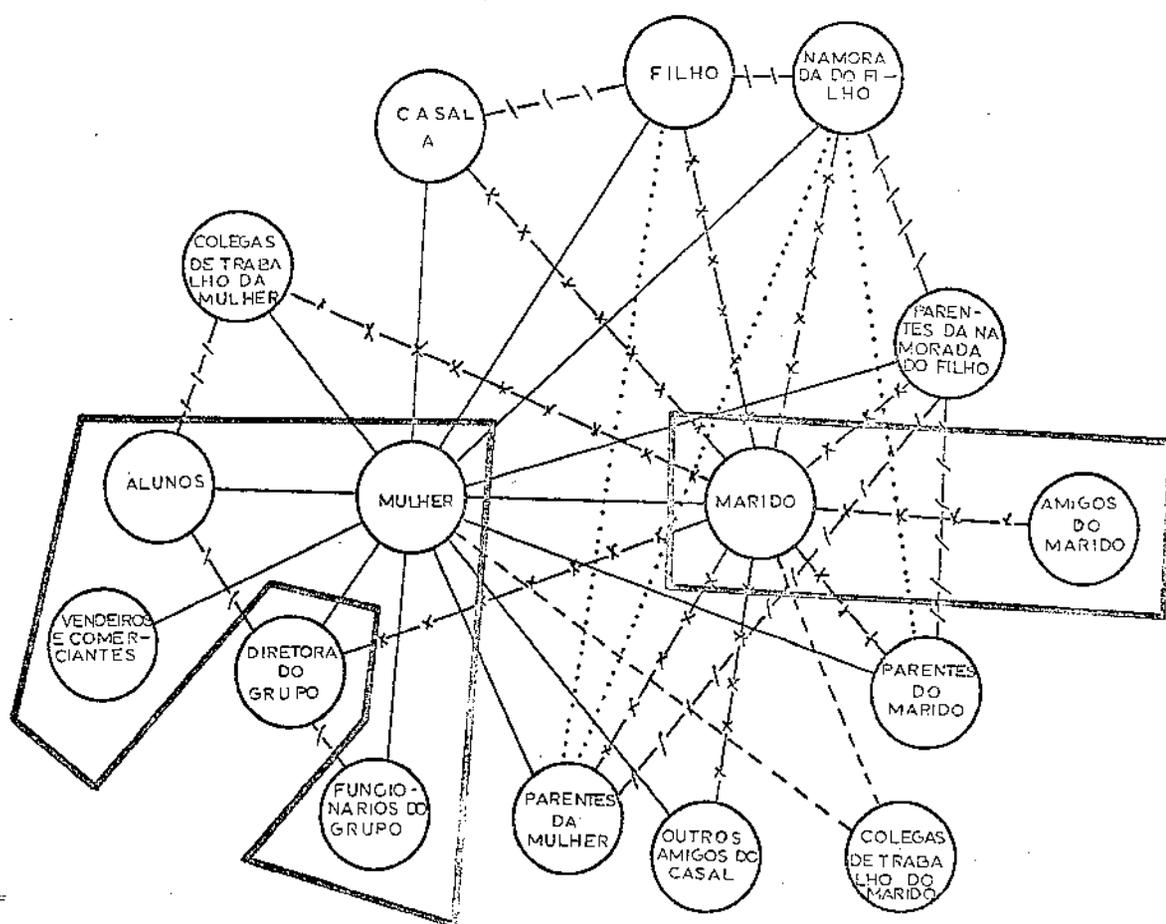
Os relacionamentos com o grupo familiar tornam-se menos intensos quando Maria ingressa na Faculdade.

"A minha volta aos estudos nunca interferiu nesse meu modo de pensar, eu hospedo todos os meus parentes como antes quando eles vêm aqui em casa e com os que moram aqui eu me relaciono do mesmo modo que antigamente. Só que agora viajo menos para fazer visita que antes, mas isso não quer dizer que me afastei do meu pessoal".

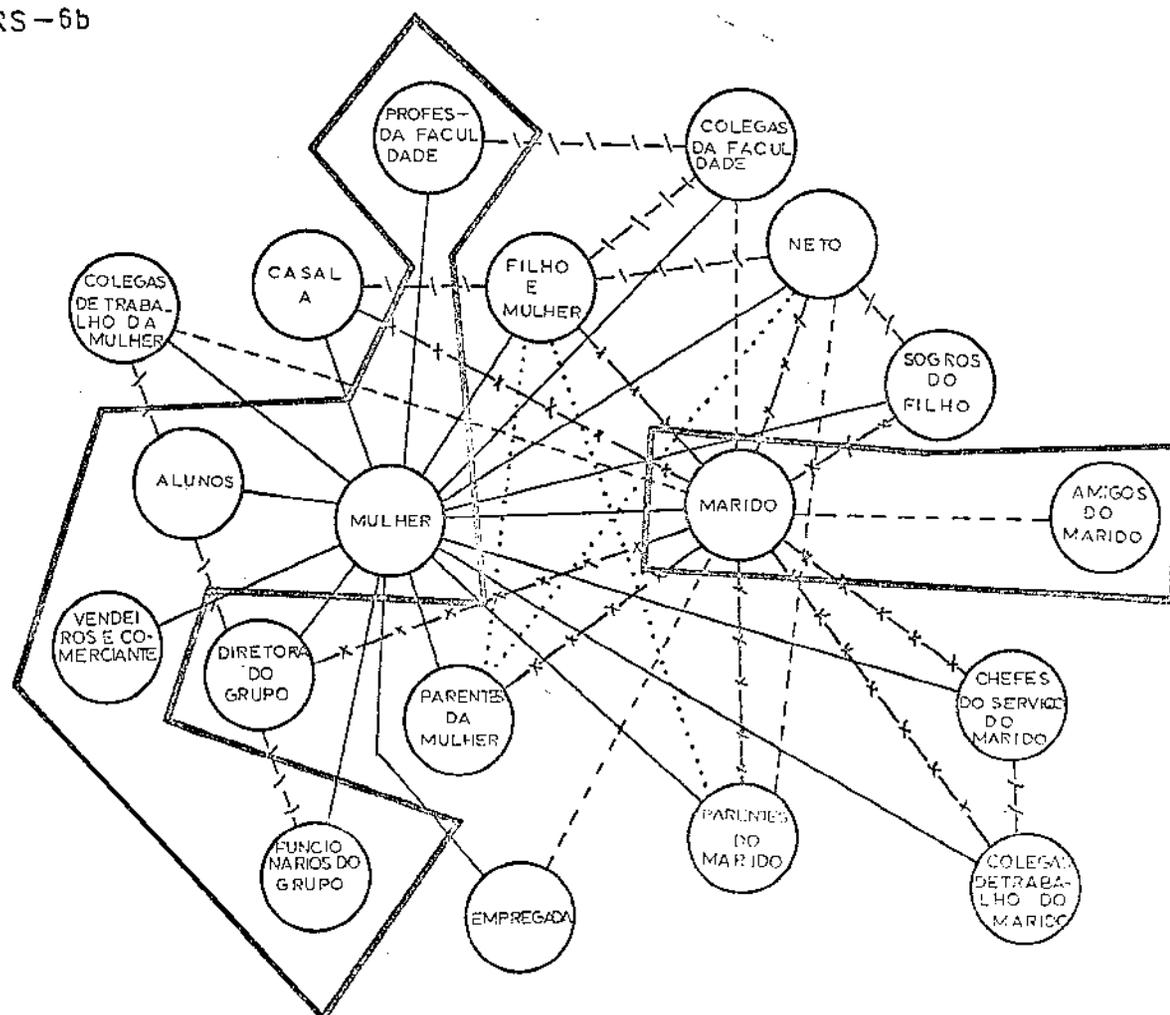
Em seu relato a entrevistada associa a "rede profissional" e a "rede grupal" e verificamos que havia cer

Gráfico-6 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARIA E MARIDO

RS - 6a



RS - 6b



tos amigos que formavam com o marido uma "rede segregada".

"Depois de casada iniciei a minha vida profissional. Nesse meio de serviço sempre fui querida por todas as minhas colegas e sempre fiz o possível para me ver assim. Sempre fui amiga das minhas colegas e da minha Diretora. Sempre fui querida pelos meus alunos e pelos pais deles, com quem mantive sempre contato, mesmo que depois que os meus alunos cresciam eu já não eram mais meus alunos. Minhas colegas de serviço sempre frequentaram a minha casa e assim se tornaram amigas do meu marido também. Ele as admirava muito, o que não acontecia comigo em relação aos seus amigos. Esses amigos, ao meu ver, só prejudicavam a nossa vida e tiravam o meu marido do serviço, para irem pescar e caçar, o que me deixava doente de raiva, e com isso desavenças surgiram entre nós. Por esse motivo eu com eles não mantinha amizade e, quando me encontrava com eles, eu os desconhecia para ver se eles desconfiavam que eu não os tolerava. Entretanto, a amizade com os outros amigos era comum a mim e ao meu marido, sendo com os meus parentes e com casais que antes de eu me casar eram a mim ligados".

As mudanças nos relacionamentos, que são descritas pela entrevistada, mostram que, embora a situação tenha se alterado em relação aos amigos do marido, este ainda conserva um grupo particular.

"Depois que entrei para a Faculdade, as coisas em relação às amizades do meu marido já estavam mudando. Meu marido já havia arranjado outro emprego. Seus amigos já não eram os mesmos, e com essas novas amizades dele comecei a me relacionar de um modo diferente. Eles eram pessoas que trabalhavam, e com isso meu marido se fez trabalhador também. Assim foi-se afastando dos seus antigos amigos e a nossa vida tornou-se melhor em todos os sentidos. Os seus chefes e os seus colegas de serviço começaram a frequentar a nossa casa. Eu com eles passei a me relacionar, e assim meu marido por si só passou a comparar as novas amizades com as antigas e a selecioná-las sozinho, sem que eu precisasse lhe mostrar as diferenças entre elas.

Nesse tempo a nossa situação financeira já estava melhor e como o tempo também já não era mais suficiente para eu fazer de tudo, isto é, lecionar e tomar conta da casa sozinha, arranjei empregada e a minha vida assim se tornou mais suave".

Interessante observar que os novos amigos da mulher, da "rede escolar", viriam a se tornar "conhecidos" do marido.

"Com a minha entrada na Faculdade as minhas novas amizades foram se chegando dia a dia mais a mim

e a minha roda de amigos se viu com isso mais aumentada. Não posso dizer que essas amizades tenham aumentado a roda de amigos do meu marido, porque a maioria dessas pessoas moram longe do lugar que moramos, com exceção de algumas poucas pessoas que moram aqui na mesma cidade que nós. Mas não é devido a esse fato que meu marido não conhece essas pessoas pelo menos de nome. Muitas vezes minhas colegas me telefonam para combinarmos os trabalhos para a Faculdade, e embora elas e meu marido não se conheçam pessoalmente, eles, na maioria das vezes, batem nessas ocasiões longos papos, como se fossem velhos amigos. Acho que esse interesse pelas minhas colegas por parte do meu marido é devido ao fato de eu falar delas com ele como se elas fossem conhecidas também. Logo, não posso dizer, como já expliquei, que a minha entrada na Faculdade tenha aumentado a roda de amigos do meu marido, mas também não posso dizer que ele não tenha com essas pessoas qualquer ligação afetiva. De um modo ou de outro eu me considero beneficiada quanto ao meu círculo de amizades, mesmo sendo elas mais de dentro da Faculdade do que efetivas; elas só vieram me dar alegrias e me realizar, pois sempre gostei de conhecer novas pessoas e de fazer novas amizades".

Ainda sobre a "rede escolar", o depoimento é bastante claro;

"Além dessas amizades que falei, um outro grupo de amigos aos anteriores se juntou, foi o grupo dos professores. Eles fazem tudo para me estimular quando percebem que eu estou deixando-me dominar pelo cansaço das viagens e pelo esforço que faço para estudar e para assimilar, devido à minha idade (53 anos), e para acompanhar a corrida dos estudos. Assim, depois que voltei aos estudos sinto-me admirada pelos meus novos amigos e pelos meus antigos amigos e, juntando estes dois grupos, me vi mais rodeada de amigos que antes, o que me deixa muito alegre e feliz. O fato de eu ter me tornado uma estudante não me afastou em nada da minha vida anterior e das minhas antigas amizades, apesar do tempo ter se tornado mais curto para mim. Os meus colegas de trabalho continuam como antes a ser meus amigos e não vejo motivos para ser ao contrário, pois ser estudante em nada me aumentou ou me fez sentir aumentada em relação aos outros que não quiseram ou não puderam agir como eu. Logo, não sei porque me afastar daqueles que antes me relacionava, só pelo fato de ter um novo grupo de amigos".

d. Caso de uma mulher desquitada

Rede mais extensa e mais intensa

Quanto às características de "extensão" e "intensidade" esta rede é semelhante à anteriormente analisada. Mesmo a configuração quanto aos grupos de relações, na

situação de antes, é semelhante, porém ela vai ser profundamente alterada na situação de após. Isto se prende ao fato de que desaparecem as relações conjuntas, excetuando-se com o filho. A entrevistada, tendo se desquitado, constituiu um grupo de relações completamente à parte do grupo de relações do marido, desparecendo inclusive o relacionamento com este. Interessante que a entrevistada caracterizou todas as suas atuais relações como sendo intensas (Ver gráfico 14: MRS. - 14a e MRS. - 14b). Em seu relato, Mara situa as inter-relações da "rede familiar" e da "rede grupal", e como esta agiu quando o casal estava em crise:

"Quando resolvi voltar aos estudos, a minha vida familiar já não era boa. Eu e meu marido brigávamos muito. Nesse tempo nossos amigos faziam tudo para ver se eu e ele voltávamos a viver melhor, mas os esforços deles de nada adiantavam. A situação piorava dia-a-dia. Ele de mim se queixava e de mim falava coisas que me machucavam, me entristeciam e que me desrespeitavam como mulher casada, mãe e esposa. Eu era apontada para todos como a única responsável de tudo que em casa acontecia(...). Aí, os nossos amigos que antes procuravam nos apoiar, se separaram em dois grupos: de um lado os que continuavam do meu lado, me apoiando e me prestigiando e que não aceitavam a idéia de ser eu a exclusiva culpada da minha situação familiar, e que a minha volta aos estudos nada tinha a ver com o que se dava conosco e com as brigas que eu e ele tínhamos. De outro lado, estavam aqueles que achavam que eu era a maior responsável de tudo que estava acontecendo entre eu e meu marido. Diziam mesmo que a minha volta aos estudos era a causa do nosso desentendimento e me aconselhavam a abandonar a Faculdade e tentar mais uma vez reorganizar a minha vida familiar. Ao afirmarem isso, falavam coisas que também me feriam e, assim, repetiam, de um modo semelhante, as palavras com as quais meu marido sempre me agredia e não entendiam o quanto me magoavam e me decepionavam".

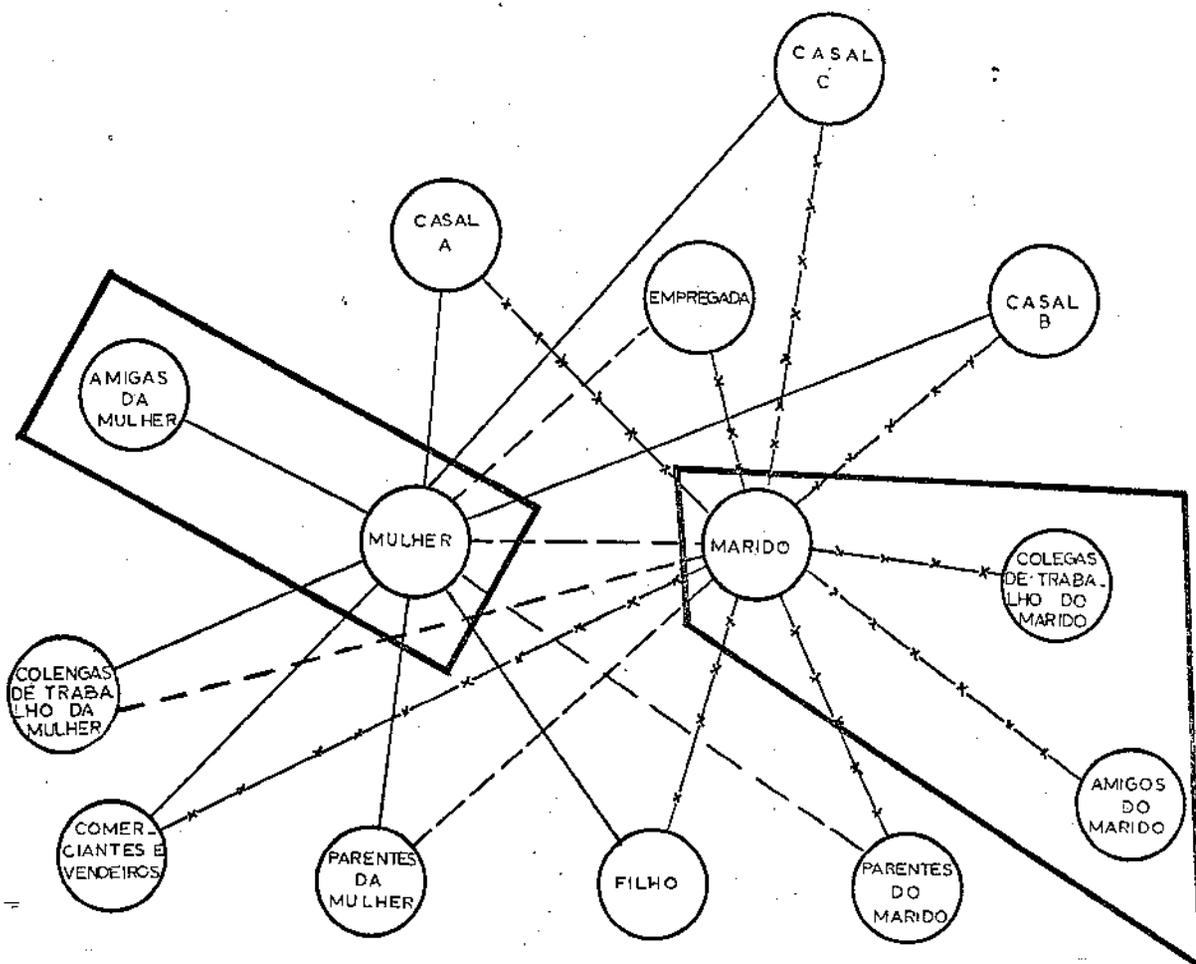
Mara explica, inclusive, as atitudes do filho como consequentes das observações feitas pelos amigos:

"Não entendiam, ainda, como as atitudes deles prejudicavam meu filho, e como ele sofria com a situação que se agravava. Quando iam em casa, para me aconselhar, falavam coisas perto dele, sem ao menos respeitarem a sua presença, e com isso ele dia-a-dia se mostrava mais rebelde e mais revoltado contra tudo e todos que dele se aproximavam".

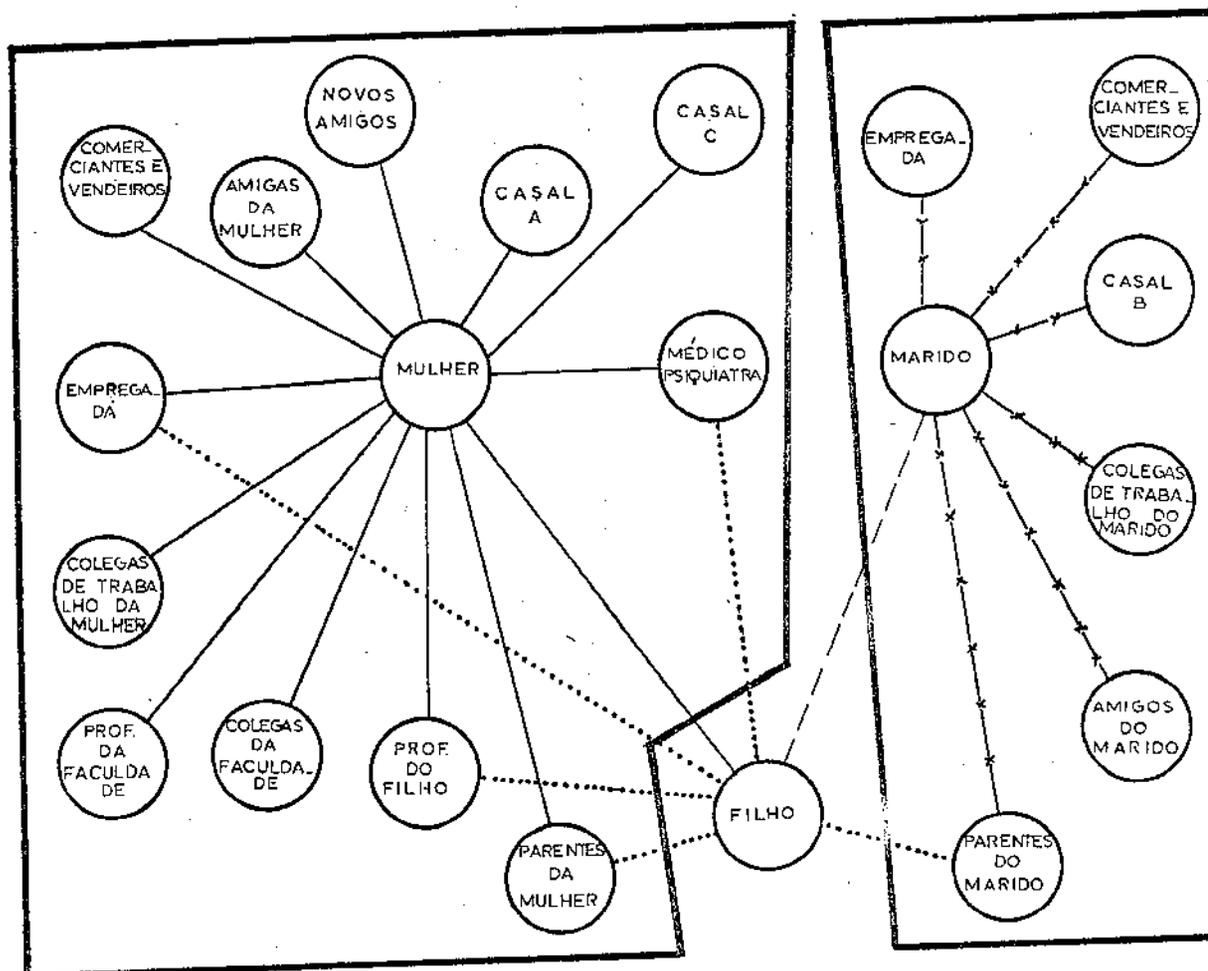
Mara se via alvo de acusações, e como

Gráfico-14 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARA E MARIDO

RS - 14a



RS - 14 b



afirma:

"Até a nossa empregada, que já era antiga na casa, quando me casei, se julgava no direito de me chamar a atenção e de me apontar como culpada de tudo que acontecia. Ela e meu marido, quando eu não estava em casa, conversavam com meu filho e procuravam jogá-lo contra mim".

A situação, segundo a entrevistada, "foi se tornando mais tensa", principalmente em relação ao filho:

"Um dia fui chamada pela professora de le, que dizia querer conversar comigo na escola, sem meu marido. Uma manhã sai de casa e fui ter com ela. Quando cheguei, ela foi me dizendo: 'preciso falar muito com você e mostrar um desenho que seu filho, durante uma aula, fez. Acho que você tem que tomar uma providência antes que tudo venha a tornar a situação em que você se encontra ainda pior'. Fiquei estremeçada, apavorada, quando vi o que tinha na folha que ela me entregava.

Meu filho havia feito um desenho onde estavam várias figuras representando uma família, que no caso seria a nossa. Elas estavam assim dispostas: na frente o nosso cachorrinho e ele, mais atrás uma figura de mulher que era eu, e atrás de tudo uma de um homem pintado de preto, que era meu marido, e em cima dele estavam riscos e mais riscos. Fiquei mesmo estupefata diante daquilo que eu via. Procurei ver se ela havia conversado com meu filho e tirado dele a interpretação do desenho. Ela assim me respondeu: 'Sim, eu conversei com ele e ele me disse que a principal figura para ele dentro da família era o cachorrinho, porque só ele o compreendia e só ele é que não o fazia chorar. Que você é importante para ele, mas que agora você está muito distante dele porque só briga com o pai dele e não faz mais conta dele, havia pintado o pai de preto porque tinha ódio dele, porque ele maltratava muito você'. Falou-me, ainda, que conversando com meu filho ele havia dito que gostaria de morar com a família de um colega dele (de um menino de cor) porque ele achava que, embora eles fossem pretos, eles não brigavam como eu e meu marido dentro de casa. Chorei muito perto dela, mas ela me animou e se propôs a me ajudar no que fosse possível".

Seguindo o aconselhamento dessa professora, Mara procurou um médico psiquiatra.

"Fomos várias vezes a São Paulo, apesar dos protestos do meu marido, ver um médico psiquiatra. Ele me aconselhava e eu fazia tudo que ele me mandava, mas nada mudava as atitudes do meu filho com relação a mim e ao meu marido. Um dia, já desanimada, cheguei até o médico e lhe disse que estava sem esperanças que meu filho viesse ser uma criança feliz. Então ele me disse: 'Eu só vejo uma saída para isso tudo, você tem que afastar seu filho do convívio com seu marido. Enquanto vocês estiverem juntos ele não a-

presentará melhoras. Ele não reconhece seu marido como pai dele e o odeia por tudo que ele faz com você'."

Frente à decisão a ser tomada, dois tipos de reações se manifestavam. Uma a do grupo de amigos e parentes (do marido), contra a solidariedade do grupo da Faculdade e dos seus amigos. Mas deixemos que sobre o assunto a própria entrevistada fale e nos conte o que sucedeu:

"Diante disso, eu voltei resolvida a deixar minha casa e ir morar com a minha mãe. Mas a situação não era assim tão fácil de ser resolvida. Quando cheguei e contei as minhas intenções para meu marido, expondo para ele a situação, ele me acusou de ter achado um pretexto para deixá-lo, chamou os parentes dele que também me acusaram da desgraça do nosso casamento, vieram os amigos que do lado dele haviam passado e falaram tudo que de mim pensavam, mas mesmo assim eu permaneci firme nas minhas resoluções. Deixei a casa, fui morar com a minha mãe e meu filho. Foi nessa ocasião que vi os meus reais amigos e pude sentir o apoio dos meus colegas de Faculdade. Eles e os professores que sabiam o que estava acontecendo comigo me deram forças para superar tudo, e enfrentar as coisas que aconteciam. Eram eles que me orientavam como eu deveria agir diante disso ou daquilo. Eles foram para mim mais que muitas pessoas que eu há muito já conhecia. Muitas vezes quando eu chegava na Faculdade chorando e sem saber o que fazer eles procuravam me distrair, contar coisas que me fizessem sorrir, e assim fui me distanciando com mais facilidade dos problemas que me envolviam. Por isso é que eu quero muito bem essas pessoas e os considero como meus amigos. Hoje dou graças a Deus por ter entrado para a Faculdade e pelos amigos que nela encontrei. Depois que me desquitei meu filho melhorou muito no seu comportamento, já não está mais aquela criança triste e com isso eu me vejo ainda mais feliz. Meu marido não se conforma até hoje com a atitude que tomei e ainda continua falando mal de mim para todas as pessoas com quem conversa. Muitas vezes, ainda, tenta jogar o meu filho contra mim, mas o menino não lhe dá atenção e dele se afasta mais dia-a-dia, não querendo mesmo vê-lo nem nos dias que ele tem que encontrar com o pai. Eu no princípio ficava preocupada com isso, pois não queria que ele tivesse se afastado desse jeito do pai, mas agora já aceitei a idéia e não me martirizo mais com o assunto. Até nessa parte a minha volta aos estudos me favoreceu, pois isso me deu oportunidade para enfrentar os meus problemas de um modo mais natural, foi através disso que me tornei mais independente para tomar uma resolução e foi como estudante que consegui obter outros amigos que foram mais sinceros que muitos anteriores e com isso conseguir apoio para sair de uma situação que antes não tive forças para enfrentar. Foi ainda através de minha volta aos estudos que pude me afastar da minha casa, pensar sobre minha vida e me reconhecer como querida pelo meu filho, o que antes não havia percebido, pois sempre achei que era do meu marido e não de mim que ele mais gostava, o que me fazia sentir mais presa ao meu casamento e menos mãe que agora".

Ao longo deste Capítulo muitos aspectos foram descritos. Serão agora retomados a fim de que os principais pontos sejam destacados. Inicialmente, aqueles referentes às redes sociais.

Como dissemos no item referente às redes, o estudo não se limitou aos quatro casos ali descritos. As características encontradas estendem-se aos demais casos, e por isso faremos uma apreciação geral sobre as redes.

A caracterização das redes mostra-nos algumas tendências. Em relação à extensão, verifica-se que, de um modo geral, a rede da mulher tende a se tornar mais extensa quando do seu ingresso na Faculdade. O Quadro III. mostra que há casos de aumento considerável na extensão, como por exemplo nas redes de Marlene, Márcia, Marly, Marion, Maristela e Marcela. No caso de Mara, onde também ocorre aumento na extensão, deve-se ressaltar que, excetuando-se o relacionamento com o filho, que é conjunto, não existe nenhuma rede comum, pois ambos os cônjuges constituíram redes completamente exclusivas. Isto não ocorre nos demais casos estudados. Esta ampliação da rede concentra-se sobre a rede parcial dos relacionamentos escolares. Não se constatou que fora deste grupo de relacionamentos tenha ocorrido a inclusão de outros elementos na antiga rede, ou que a rede escolar tenha desencadeado outras relações. De outro lado não há marcante extensão do grupo de relações escolares ao grupo familiar. As relações com o grupo familiar continuam do tipo de relações conjuntas, a não ser no caso das desquitadas.

Outro fato que pode ser constatado é que a mudança em relação à intensidade dos relacionamentos foi no sentido de terem se tornado menos intensos. Quando afirmamos que os relacionamentos tornaram-se menos intensos, na maio

ria das redes, referimo-nos à rede total, mas há um relacionamento mais intenso com as novas amizades. No caso da mulher desquitada, as relações mãe-filho tornaram-se mais estreitas. Podemos mesmo avançar que, neste caso, aplica-se a análise feita por Caplow(12). Segundo o autor, na procura de maior poder em relação ao pai, mãe e filho se associam. Ainda se destaca o fato de que no caso de Mara todas as novas ligações são caracterizadas como intensas.

Se quiséssemos estender a este caso a análise de tríade proposta por Caplow, poderíamos afirmar que se evidenciou a formação de outras coalizões: Mara e seus amigos se juntam contra o marido; Mara e seus parentes contra o marido. Por seu lado, o marido também forma coalizões (com parentes, amigos e empregada) contra Mara. Como não houve imposição de poder (quer dele, quer dela), há um rompimento nas relações marido-mulher.

Relacionando as redes sociais nos dois momentos, verificamos que o ingresso na Faculdade foi o elemento desencadeador da formação de novos grupos de relações, tanto assim que a mulher passa a ter uma proporção maior de relacionamentos. Inversamente, há uma diminuição na intensidade dos relacionamentos. Embora o número de casos de maior extensão e menor intensidade seja mais elevado (são 6 casos), estes não representam a maioria. A formação de redes que associam maior extensão e maior intensidade, assim como menor extensão e menor intensidade, também ocorre.

Ao relacionarmos a "extensão" e a clas

(12) Caplow, T. Two against one - trecho em cópia xerográfica pg.62-127. Neste Capítulo o autor discute a formação de coalizões em tríade composta pelo pai, mãe e crianças.

sificação dos papéis, verificamos que há forte tendência para a uma maior extensão corresponder uma mudança na classificação dos papéis. Esta tendência parece não existir em relação à "intensidade", pois tanto na rede mais intensa como na menos intensa é observada a mesma ocorrência (mudança na classificação dos papéis). A explicação que poderia ser avançada é que embora os contatos estabelecidos tenham tido algum grau de "intensidade", foram estabelecidos com pessoas que tinham concepções semelhantes sobre os papéis da mulher casada. Talvez por isso o novo grupo (referimo-nos às "relações escolares") não tenha exercido um grau considerável de influência.

Se associarmos as redes sociais nos termos das variáveis levantadas (extensão e intensidade) às atividades domésticas, verificamos não existir nenhum relacionamento direto. Provavelmente, porque em relação ao papel de dona-de-casa ocorre que a ação não corresponde à imagem. Ou seja, elas pensam de forma negativa, mas precisam continuar a exercer esse papel. Dessa forma, tanto faz existir uma maior ou menor extensão, uma maior ou menor intensidade, as atividades continuam sendo exercidas pelas mulheres, independentemente ou complementarmente.

Ainda que tenhamos escolhido como ilustração de rede menos extensa e menos intensa o caso de uma mulher não-profissional, isto não significa que estas duas características sejam encontradas no caso da outra mulher não-profissional (Marly) ou que seja característica exclusiva dessa categoria. A única diferença entre as duas não-profissionais é quanto à extensão. Sem pretender uma generalização, mas apontando as tendências encontradas, parece-nos que a maior extensão da rede após o ingresso é encontrada entre as mulheres profissionais, ao passo que entre as não-profissionais, tanto ocorrem uma maior como uma menor extensão. Quanto à intensidade, a tendên-

cia de uma menor intensidade não estaria relacionada às categorias, pois em ambas é esta a que mais se destaca.*

Retomando os dados levantados no início deste Capítulo, alguns aspectos devem ser comentados.

Primeiramente, em relação às concepções que são elaboradas pelas mulheres encontramos sempre dois sub-grupos: o das mulheres que valorizam o papel e as que não o valorizam. Nesta divisão encontramos que, no caso do papel de mãe, este é valorizado pela quase totalidade das mulheres; o inverso acontece com o papel de dona-de-casa; este é desvalorizado por quase todas as entrevistadas. Para a maioria, o papel profissional é colocado em posição secundária, o mesmo acontecendo com o de esposa. Observamos que na concepção que agora elaboram sobre os papéis estão sempre presentes certos elementos relacionados a uma possibilidade maior da manipulação das situações tanto no plano familiar, em termos de se tornarem figuras centrais, como o de adquirirem, pela profissão, independência econômica. Quando se afirma que as mulheres estão detendo maior poder, este se vincula a sua posição de mãe, pois no papel de esposa continuam a ser figuras de segundo plano. Talvez por isso se explique por que colocam este papel em uma posição de menor destaque, muito próximo àquele conferido ao papel de dona-de-casa, somente que os motivos deste desprestígio do papel de dona-de-casa relacionam-se à posição de inferioridade que dão ao trabalho rotineiro da casa.

* Acreditamos que esses achados sobre a relação extensão e intensidade da rede - categoria profissional e não profissional deveriam ser testados em um número maior de casos, a fim de serem ou não comprovados.

Até certo ponto, estas características não são diferentes das atribuídas aos papéis pelas mulheres não-profissionais. Chegamos mesmo à conclusão de que, em realidade, a distinção destas duas categorias se anula quando comparamos as imagens de ambas. O que as distingue situa-se no fato de poder sair do papel de dona-de-casa, que se tornou possível, mesmo que parcialmente, para as profissionais, o que as não-profissionais não conseguem. Se entre as mulheres profissionais e não-profissionais as imagens são semelhantes, quando vistas por elas, já entre os maridos parece existir uma diferença. Essa diferença não se refere à concepção propriamente dita, que é muito semelhante, mas se localiza no fato dos maridos das não-profissionais enfatizarem os papéis domésticos de suas mulheres e serem mais radicais em suas concepções do que os outros maridos.

Voltando às semelhanças entre os dois grupos, a reavaliação que o grupo elabora sobre os papéis da mulher evidencia que esta elaboração reflete a imagem que as mulheres querem que ele veja. Por isso, é que o grupo das famílias unidas se vê beneficiado pela volta das mulheres aos estudos. Nos casos em que a mulher assume uma postura diferente frente a sua situação, rompem-se os laços matrimoniais ou, se conservados, mostram uma situação conflitante. Se para adquirirem um novo papel - o de estudante - a mulher teve que fazer barganhas, agora, nesse jogo para poder conservá-lo, ela procura, no caso das famílias unidas, uma maior aderência àquilo que é considerado como tradicionalmente ligado ao seu papel de mulher. E, assim, como já dissemos, por questões táticas as mulheres desse grupo procuram transmitir aos "outros" uma imagem melhorada dos seus papéis. Portanto, os homens, ao falarem sobre suas mulheres e suas mudanças, na atual situação, fazem-no sempre comparando a mulher de antes com a mulher que hoje possuem e que, em última instância,

tância, era a desejada pelo grupo familiar. As mulheres, por sua vez, mostram-se cientes desses desejos, e, assim, firmam pontos comuns com o grupo familiar, a fim de que a sua nova imagem não seja uma distorção daquela almejada pela família. A idéia de como ela deve ser e as expectativas dos "outros" em relação aos papéis configuram a nova imagem (a imagem reavaliada). Neste ponto destaca-se claramente o sentido dado por Weber(13) às relações sociais, referindo-se à situação em que duas ou mais pessoas estão engajadas em uma conduta onde "em seu conteúdo significativa a ação de cada um toma em consideração a do outro e é orientada nestes termos". Ainda nos termos weberianos o ponto crucial na definição das relações está nas "expectativas" dos outros, e isto fica bem claro quando as mulheres elaboram a sua imagem de mulher casada.

Encontramos, inclusive, que na redistribuição das tarefas domésticas procura-se firmar a concepção que os "outros", especialmente o marido, têm do papel da mulher. De modo geral, quando comparamos as atividades desempenhadas independentemente, complementarmente e conjugadamente, embora estas últimas apareçam com alguma expressão, o que se destaca é a imagem que os maridos têm a respeito das tarefas, e a situação que os leva a exercê-las são circunstanciais (para facilitar à mulher) e são vistas como não fazendo parte intrínseca dos seus papéis.

(13) Weber, M. Economia y sociedad. México, Fondo de Cultura Económica. 1964.

CONCLUSUES

O estudo dos papéis da mulher casada, quando são mediados por um novo papel, foi o objetivo central deste trabalho. Os três capítulos que o constituem procuraram fixar os principais aspectos que se levantam antes da mulher ingressar na Faculdade e depois que ela ingressa. O corte entre as duas situações é constituído pelo capítulo em que se caracteriza, em linhas gerais, a busca do papel de estudante. Pela forma expositiva adotada, cada um desses capítulos contém as principais conclusões, e neste final trazemos a síntese explicativa dos principais aspectos abordados.

1

Na elaboração e reelaboração que as mulheres realizam sobre seus papéis, um ponto que fica bastante evidente relaciona-se a uma representação desses papéis como se os mesmos fossem inter-relacionados, à qual se associa a noção de complementaridade necessária para que não falhem na posição que ocupam. Assinalam pontos comuns entre eles. Porém, este reducionismo inicial, que numa primeira aproximação poderia encerrar a questão do papel da mulher casada, definido apenas pelas

expectativas normativas estabelecidas, na melhor tradição dada por Linton, ou seja, que a uma determinada posição correspondem direitos e deveres, necessita ser revisto. Isto porque, na medida em que os próprios personagens elaboram as suas representações, ocorrem variações nas percepções e definições. Isto não significa a inexistência de uma tipicidade nos papéis, que em última instância seria a resultante de um esquema de referência normativa, como sugere Goffman, porém esta tipicidade emerge de uma série de confrontos e a representação que fica será o produto das valorações sócio-culturais sobre o papel e também das transformações negociadas pelos personagens. Estes pontos são suficientemente claros quando se verifica que as mulheres vêem seus papéis como elos de uma corrente, porém isto não as impede de classificá-los e, inclusive, permitem-lhes não nivelá-los. Neste momento é que vem à tona uma visão segmentada dos papéis. Assim, tomando-se as imagens que são elaboradas, verificamos que, comparando os dois momentos e excetuando-se o papel de mãe para o qual a maioria conserva a mesma classificação, para os demais papéis a tendência caminha em sentido oposto, ou seja, mudar a classificação, quer no sentido positivo, quer no sentido negativo*.

Dois pontos se destacam nas concepções que são elaboradas: o primeiro é que o papel de mãe é centrípeto, e para ele tendem a convergir as imagens que se constroem sobre os papéis de esposa, dona-de-casa e profissional; o segun-

* Numericamente, temos a seguinte situação: para o papel de mãe: 15 mulheres conservam, 10 mudam (6 no sentido positivo e 4 no sentido negativo); esposa: 6 conservam, 19 mudam (6 positivas e 13 negativas); dona-de-casa: 5 conservam, 20 mudam (todas em sentido negativo); profissional: 7 conservam, 15 mudam (3 positivo e 12 negativo).

do ponto é que o fato de assumir um novo papel não descentraliza o de mãe. Este é mais enfatizado. O papel de estudante não somente se torna viável quando referendado pelo grupo familiar, como é realizável desde que não afete os demais papéis, principalmente o de mãe. Ser considerado como papel central não é difícil de ser explicado, pois este papel é tido como o esperado para a mulher que se casa. É um papel confirmatório da sua situação de mulher e através dele a mulher procura se posicionar tanto perante a família como fora dela. Neste papel ela encontra não somente a realização integral do seu destino fisiológico, visto que a maternidade é tida como vocação "natural"(1), mas também encampa múltiplas funções para as quais se julga indispensável. Perpetuar a espécie e reproduzir valores sociais irão se completar nas concepções sobre o papel. Realmente, para este grupo, pode-se afirmar que esta imagem de mãe sobressai de maneira bastante precisa. Suas representações trazem sempre um referencial de mãe-educadora, mãe-mestra, mãe-orientadora. E embora acreditemos que nem sempre exerçam sozinhas essas tarefas socializadas junto aos filhos, é sobre este ponto que assentam a sua posição e procuram construir uma mística em torno do papel. Sabem que se espera delas o desempenho dessas funções; elas não podem fracassar e sentir-se-iam derrotadas caso não as cumprissem a contento. Pelas histórias dessas mulheres sabemos que como profissionais nem sempre tiveram tempo integral para se dedicar aos filhos, porém em suas concepções o papel típico de mãe não pode prescindir dessa aura, pois sem essas funções perderiam prestígio e poder junto aos maridos e familiares. Estas são as expli-

(1) Beauvoir, S. de O segundo sexo - A experiência vivida; trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Vol. II, 1967:248.

cações que nos parecem ser a base dessa valoração do papel de mãe e que são de cunho normativo e calcadas em expectativas sociais. A elas podemos ainda acrescentar os aspectos gratificantes do papel de mãe. Este último argumento foi claramente exposto por Conti(2), quando, analisando a família italiana, compara o significado das perdas das diversas funções da família. Explica a autora que se a perda das funções produtoras, sanitárias e assistenciais não representa um sacrifício, a perda das funções educacionais, seria, ao contrário, na maior parte dos casos, um verdadeiro sacrifício.

Acreditamos que para as mulheres que estudamos, a perda represente não "um verdadeiro sacrifício", mas, como já dissemos, mais que isso, uma derrota. Conscientes estão das repercussões negativas de uma não correspondência com as funções de educadora que são esperadas e que procuram sublinhar a todo instante nos seus discursos. Em consequência, a presença de um script irá fornecer os elementos que permeiam as representações sobre os papéis(3). Mesmo a adoção de um papel profissional, nos casos estudados, está circunscrita a essa circunstância. Não se cria uma dualidade entre os papéis de mãe e o profissional. Como ficou mostrado, esta situação não se verificou, pois as mulheres exercem um papel profissional considerado com-

(2) Conti, L. in: A crise da família e o futuro das relações entre os sexos; trad. de G.V. Konder. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967:107.

(3) A idéia de script foi desenvolvida por Steiner, C. Os papéis que vivemos na vida: a análise transaccional de nossas interpretações cotidianas. Trad. G. Schlessinger. Rio de Janeiro, Artenova, 1976, não especificamente dos papéis aqui tratados, mas contém interessantes sugestões sobre o assunto.

patível com a sua posição de mulher casada. Plausível, também, é explicar, como faz Saffioti(4), que para o grupo das mulheres profissionais o seu trabalho tem um significado econômico para a família, e dessa forma não criou, para elas e para os outros, uma situação ambivalente - ser trabalhadora e dona-de-casa. De outro lado, a existência de preconceitos dos maridos das não-profissionais em relação ao trabalho profissional para suas mulheres foi detectado. Até certo ponto, pode-se explicar esse fato, que também comprova o acima exposto, quando se verifica que neste grupo estão incluídas aquelas mulheres que têm entre as outras um status econômico mais alto.

Tomando-se os outros dois papéis - o de esposa e o de dona-de-casa - mais uma vez verificamos que para eles também há um script. E o fato de valorizá-los menos que o de mãe e o profissional não as impede de continuar a exercê-los. Parece-nos, assim, que se tomarmos cada papel separadamente a idéia central é que a mulher os assume através das exigências estereotipadas que sobre eles se construíram e mesmo a sua reelaboração traz os reflexos desta situação. No momento em que a mulher se vê frente a uma opção (no caso, o estudo superior), precisa não somente negociar esta sua aspiração, como também reforçar positivamente as imagens que são socialmente aprovadas.

Esse aspecto que denominamos exigências estereotipadas será mais uma vez evidenciado quando tanto as mulheres como os homens se expressam sobre o movimento feminista*. Assim, as mulheres, embora aceitem o movimento, negam-no

(4) Saffioti, H.I.B. A mulher sob o modo de produção capitalista. Contexto, 1, 1976:18.

* A fim de oferecermos uma visão sintética das representações sobre o movimento, não transcreveremos no texto os depoimentos; alguns deles aparecem no Anexo 4.

na medida em que a sua aceitação significaria a perda das imagens que sobre ela são construídas. Quanto aos homens, advertem a mulher desse perigo, pois a participação dela poderá levá-la a perder as "preciosas qualidades femininas", salientando que tais movimentos são contrários ao comportamento que se espera de uma mulher. Esta visão passa, inclusive, a ser adotada pelas mulheres, que vêem o movimento como inadequado. O que fica ressaltado nas representações sobre o movimento é que tanto para as mulheres como para os homens há pontos comuns. Em primeiro lugar, por limitarem as questões relativas ao movimento a um plano individual e segundo por acharem que o mesmo redundaria em uma perda dos caracteres femininos. E, dentro do ideal de mulher que o homem deseja e ao qual a mulher procura corresponder, estabelece-se esta ideologia em torno do movimento feminista.

Em resumo, no âmago do questionamento encontramos uma dupla ordem de fatores: de um lado aqueles que refletem a própria organização familiar e social e, de outro, aqueles que refletem a situação da mulher nesses grupos onde seus comportamentos são julgados e avaliados.

2

Inicialmente, pensávamos que as duas categorias adotadas - mulheres profissionais e mulheres não-profissionais - pudessem mostrar diferenças nas concepções dos papéis. Isto, porém, não se evidenciou. Esta estratificação é abrangida por uma posição estrutural mais ampla dentro da qual se localizam as mulheres que estudamos. Elas próprias se identificam como pertencentes à classe média e as suas representações comuns estariam vinculadas ao fato de pertencerem a esse estra-

to. Determinações essenciais estariam presentes como pano de fundo, onde se assentam as imagens construídas sobre os papéis. Assim, a desvalorização do trabalho doméstico, a educação superior como via de ascensão social, mas não de profissionalização, a mistificação das relações das mulheres com os homens e estes fazendo delas o que eles querem que elas sejam seriam pontos básicos da ideologia deste grupo.

Descartadas as possibilidades de explicação relacionadas às categorias, procuramos verificar se certas variáveis como a idade das mulheres, número de filhos, espaço de tempo entre a saída do curso secundário e o ingresso no curso superior apresentavam relações significativas com as representações dos papéis. Não se verificaram diferenças quando essas variáveis foram consideradas. No referente à idade, realmente esta seria uma hipótese plausível, pois contávamos, nesse grupo, com mulheres em diferentes grupos etários, o que favorecia uma especulação em termos de geração. Embora a diferença de idade entre a mais velha e a mais nova fosse de 30 anos, a mais velha com 53 anos e a mais nova com 23 anos, não se encontraram diferenças nas representações quando esta variável foi tomada como interveniente. Ao nosso ver, isto encontra suas explicações pelos seguintes motivos:

a. As diferentes gerações tenderiam mais a reproduzir do que a modificar as concepções consagradas sobre os papéis. Estas representariam um contínuo, mesmo sob o impacto das transformações sociais ocorridas durante esse período. De outro lado, a participação das mulheres teria sido marginal e, como tem sido apontado pelos estudiosos, mesmo no movimento feminino, de 1920 a 1960, a mobilização da mulher para esse movimento não atingiu dimensões apreciáveis(5). Poder-se-ia lembrar que até a

(5) Toscano, M. Mulher: trabalho e política-Caminhos cruzados

questão do sufrágio foi liderada por um grupo reduzido de mulheres que pertenciam a um determinado grupo, as profissionais liberais(6).

b. Embora pertencentes a gerações diferentes, estas mulheres teriam permanecido dentro de padrões tradicionais, vivendo em uma mesma área geográfica e sujeitas às mesmas condições sociais, econômicas e culturais. Todas elas sempre viveram em suas cidades, que se localizam na chamada "zona velha" do Estado de São Paulo(7). Esta zona, em especial, caracterizou-se por um período de regressão econômica consequente da crise da monocultura cafeeira que se estendeu até o aparecimento de uma nova fase econômica iniciada com a industrialização. Isto se aplica de modo geral a toda zona, porém não aconteceu com a mesma intensidade e na mesma época a todas as cidades. Assim sendo, muitas destas cidades preservaram até recentemente características de sociedade agrária com estilos de vida correspondentes. Estariam, portanto, as mulheres expostas a uma mesma situação que somente em anos recentes vem sofrendo o impacto das mudanças sociais e econômicas. As chances de romper com os padrões vigentes na sociedade local eram limitadas, e mesmo as possibilidades de realizar um curso superior eram diminutas. Sair de suas cidades era praticamente impossível e cursos superiores em maior número somente vieram a se instalar após 1960. Isto se tornou possível, a partir da segunda metade da década de 1950, à ge

do feminismo. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1975.

(6) Alves, B.M. Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil - 1919/1932. Fatos e ideologia. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 1977.

(7) A divisão do Estado em três zonas: "velha", "tradicional" e "nova", é de autoria de Almeida, V.U. de e Mendes, O.T. Migração rural-urbana. São Paulo. Secretaria da Agricultura, 1951.

ração mais jovem, que, saindo do interior, viria a entrar em contato com outros modelos de comportamento existentes nos grandes centros(8).

Os aspectos levantados até o momento explicam o porque das mulheres apresentarem tantos pontos comuns em suas representações sobre os papéis. Isto não quer dizer que não tenham ocorrido modificações. Ao nível ideológico restrito, ou seja, no que se refere às representações sociais, ocorreu uma mudança na concepção do papel de esposa, especialmente no caso das duas mulheres que se desquitaram. Mas esta mudança não atingiu os demais papéis, sendo que continuaram a vê-los como as outras mulheres. Poder-se-ia também afirmar que o fato de uma desvalorização mais radical do papel de dona-de-casa, do profissional e do papel de esposa também se incluem nesta categoria.

Outra mudança ocorrida não ao nível das representações sociais, mas dos sistemas de atitudes, foi em relação ao papel de dona-de-casa. Mudam as formas de viver o papel, estabelecendo uma identificação parcial com o mesmo. Isto não é paradoxal e evidencia que a ideologia tem funções adaptativas e que entre ela e os sistemas de atitudes podem ser estabelecidas relações dialéticas nas quais a identificação pode ser parcial, total ou contraditória(9).

Dessa forma, o nosso estudo sugere que

(8) Em pesquisa realizada no ano de 1956 junto aos estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, foi encontrado que 60% originavam-se do interior do Estado e que 65% eram provenientes da "zona velha", cf. Moreira, M. S. F. Os alunos do interior na vida escolar e social da cidade de São Paulo: Técnica e resultado de uma pesquisa de treinamento. São Paulo, USP. Boletim, 259, 1962.

(9) Harnecker, M., ob. cit., pág. 101.

a adoção de um novo papel provocou um confronto com os demais papéis e que ele pode ter sido o catalizador das mudanças de algumas das imagens que as mulheres tinham sobre seus papéis. De outro lado, acreditamos que certas mudanças se evidenciaram ao nível das relações sociais. A reordenação dessas relações é clara, tanto no interior da família como fora dela. E se de um lado essa reordenação conduz à constituição de um grupo de "famílias unidas", de outro há aquelas famílias onde se rompem as relações marido-mulher. Não resta dúvida que as primeiras apresentam uma união negociada e, portanto, mistificada(10), ao passo que as segundas, não podendo estabelecer essas relações, encontram na separação a tentativa de solução de seus problemas. Mesmo nestes casos, as mudanças ocorridas afetam basicamente o papel de esposa, porém a família não desaparece e os papéis relacionados à mulher se reforçam. Nestes casos as mulheres se viram livres de um papel, mas necessárias nos outros.

Ao lado dessas mudanças havidas no interior da família, outras foram observadas, como as ocorridas nas relações extra-familiares. No estudo das redes sociais isto é evidenciado. O ingresso na Faculdade possibilitou às mulheres ampliar suas redes de relações e com isso novos vínculos foram estabelecidos. Entretanto, pode-se afirmar que a maior importância não está somente neste aspecto e sim nas consequências decorrentes, isto é, ao se formarem novos grupos há um distanciamento dos relacionamentos mais antigos.

(10) Um desenvolvimento sobre o tema da estrutura familiar da classe média mexicana, incluindo uma análise da chamada "família feliz" é feito por Careaga, G. - Mitos y fantasías de la clase média en México. México, Joaquim Mortiz, 1975:72-98. Ver também Costa, Bolivar. O drama da classe média. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974, especialmente páginas 128-140.

Na medida em que se coloca ênfase no aspecto das relações sociais abre-se a possibilidade de um encaminhamento que alarga a visão dos papéis, situando-os não só no contexto familiar, mas também da sociedade. Já tivemos oportunidade de mostrar que as concepções sobre os papéis não existem num vazio, e, mesmo considerando que as diferenças de personalidade são importantes no seu delineamento, eles não somente encontram as suas formas de expressão através desses contextos como também são produtos dos mesmos. Assim, seria quase desnecessário assinalar, mas para que não haja dúvidas, insistimos que as nossas observações, embora possam ser testadas junto a outros estratos sociais, aplicam-se ao grupo de mulheres que estudamos. Da mesma forma, o que se depreende deste estudo em relação à família refere-se à família de classe média e não à família operária ou burguesa.

3

A ênfase maior deste trabalho recaiu sobre a representação dos papéis; acreditamos porém que, mesmo circunscritas a este aspecto, muitas questões demandariam algum aprofundamento. Como dissemos na Introdução, não pretendíamos esgotar o assunto, pois são inúmeras as possibilidades que se abrem para o tema em discussão.

Embora tivéssemos fixado como marcos orientadores os conceitos de papel e representação, o nosso trabalho se voltou basicamente para uma elaboração que trouxesse à tona como os próprios sujeitos da investigação elaboram seus conceitos. Para tal, a estratégia metodológica usada foi deixar que os entrevistados relatassem de maneira a mais livre possível o que pensavam sobre os papéis. Esta orientação é básica neste

trabalho, onde a parte etnográfica é colocada em evidência. Foi através dela que se pôde reconstruir o universo (ou pelos menos grande parte dele) das representações. O caminho, portanto, foi não partir de uma teoria acabada sobre os papéis (mesmo porque, embora o conceito de papel seja um dos instrumentos chaves nas Ciências Sociais, inexistiu uma teoria acabada sobre o mesmo) e sobre ela pensar os dados, mas tentar situar a reconstrução da realidade dos investigados em um corpo mínimo conceitual. Esta tentativa pareceu-nos frutífera. Assim, ao nos afastarmos da perspectiva clássica preconizada pelo funcionalismo, no estudo de papéis, voltamo-nos para os aspectos dinâmicos que envolvem os papéis. Pelas proposições, tanto de Linton, como de Parsons, há um reducionismo do papel ao status e que com este podemos explicar aquele. Em realidade, pudemos verificar empiricamente que isto não acontece. E, mesmo existindo uma sobredeterminação estrutural, com sua correspondente ideologia (lembre-se que a rotulação e a presença de um script são significativas), os papéis são redefinidos nas diferentes situações enfrentadas pelos sujeitos. Esta redefinição dos próprios papéis irá centralizar-se na capacidade dos sujeitos manipularem seu universo simbólico. Esta capacidade estaria não somente condicionada às exigências da situação como também às necessidades e inclinações dos sujeitos, principalmente às alternativas que lhes são disponíveis. Este aspecto parece-nos importante, pois abre a possibilidade de que se recolocasse o estudo dos papéis da mulher casada dentro de uma abordagem não-determinista.

No que se refere particularmente às representações, procuramos não nos envolvermos nos complexos meandros do que já se escreveu sobre o tema da ideologia. A nossa posição foi uma tentativa: não foi teorizar sobre o assunto, mas apreender como um grupo pensa a sua situação e constrói a sua teo

ria em torno dos papéis. Há, como no caso do papel, uma preocupação em interpretar esses achados tomando uma noção básica de representação. E descobrimos que os sujeitos da investigação estabelecem claramente dois níveis em sua apreensão dos papéis: um de uma forma genérica, refletindo uma determinação social, e outro no qual, de forma específica, trazem à tona as suas reações que se manifestam principalmente nas atitudes.

Ao final deste trabalho, voltamos a insistir que muitas outras investigações deverão ser realizadas, pois o assunto apresenta aspectos inexplorados. Concordamos, assim, com Ethel M. Albert, quando escreve:

"Mesmo dentro de uma sociedade, existe tão alto grau de heterogeneidade nas realidades que somos levados a suspeitar que, embora haja milhões de mulheres neste mundo, não existe coisa tal como "mulher". Estudar a "mulher" ou mesmo "mulheres", é estudar um fragmento de nossa tradicional classificação da humanidade. Pois, se alguma coisa é verdadeira para a "mulher", deve ser verdadeira para as mulheres de todos os tempos e lugares. Estudar as mulheres como pessoas do sexo feminino é outra coisa. Então os papéis e características especificamente femininos podem ser observados em sua relação com outros tipos de papéis e características, somando-se tudo para obter totais significativos".

BIBLIOGRAFIA

ALBERT, E. M.

Os papéis da mulher: uma questão de valores. In: Farber, M.S. e Wilson, R.H.L. (Ed.) Que é a mulher. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1966: 133-145.

ALMEIDA, V. U. e MENDES, O. T.

Migração rural-urbana. São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1951.

ALVES, B. M.

Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil - 1919-1932 - Fatos e ideologia. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 1977.

BARNES, J. A.

Class and committees in a Norwegian Island Parish. Human Relations, 7, 1954:39-58.

Network and political process. In: Mitchell, J.C. (Ed.) Social networks in urban situations. Manchester, Manchester Univ. Press, 1969:51-76.

BARROSO, C. L. M. e MELO, G. N.

O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro e sua participação nas atividades econômicas, em 1970. Cadernos de Pesquisa, 15, 1975:21-36.

BEAUVOIR, S. de

O segundo sexo - A experiência vivida; Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 2ª. Ed., Vol. II, 1967.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T.

A construção social da realidade - tratado de sociologia do conhecimento; Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1973.

BLAY, E. A.

Trabalho industrial X trabalho doméstico - a ideologia no trabalho feminino. Cadernos de Pesquisa, 15, 1975:9-17.

BOTT, E.

Family and social network. London, Tavistock Publications, 1971.

CADAVAL, M.

Notas para um debate sobre mercado de trabalho e orientação no ensino de sociologia. Ciência e Cultura, 28 (7), 1976:750-757.

CAPLOW, T.

Two against one - Cópia xerográfica, pág.62-127.

CAREAGA, G.

Mitos y fantasias de la clase média en México. México, Editorial Joaquim Mortiz, S.A., 1975.

CHOMBART de LAUWE, P. H.

Imagens da mulher na sociedade. Senzala, Trad. Genny C. Pinto, São Paulo, 1967.

CICOUREL, A.

Cognitive sociology: language and meaning in social interaction. Middlesex, Penguin, 1973.

CONTI, L. In:

A crise da família e o futuro das relações entre os sexos; Trad. Giseh V. Konder, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967:107-111.

COSTA, B.

O drama da classe média. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974

DAMICO, S. e NEVILL, D.

The highly educated women: a study in role conflict. Council in Anthropology and Education Quarterly, 6 (3), 1975:16-19.

DURKHEIM, E.

As regras do método sociológico; Trad. de Maria I. P. Queiroz. São Paulo, Editora Nacional, 2ª. edição, 1960.

FELDMAN, S. D.

Impediment or Stimulant? Marital Status and Graduate Education. In: Huber, J. (Ed.), Changing women in a changing society. Chicago, The University Chicago Press, 1973:220-232.

- FOGARTY, M. P., Rapoport, R., Rapoport, R. N.
Sex, career and family. Including an international review of women's roles. London, George Allen & Unwin, 1971.
- FOUCAULT, M.
A arqueologia do saber. Trad. de Luiz Felipe B. Neves. Petrópolis, Vozes, 1972.
- FRIEDAN, B.
Mística feminina. Trad. de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, Vozes, 1971.
- GAUS, M., Pastore, J. e Wilkening, E. A.
 A mulher e a modernização da família brasileira. Ciências Políticas e Sociais., 1 (1), 1972:64-92.
- GINZBERG, E. et al.
Life styles of educated women. New York, Columbia University Press., 1966.
- GOFFMAN, E.
Encounters: two studies in the sociology of interaction. Middlesex, Penguin, 1972.
-
- A representação do eu na vida cotidiana; Trad. de M. C. S. Raposo. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GOLDEBERG, M. A. A. et al.
 Concepções sobre o papel da mulher no trabalho, na política e na família. Cadernos de Pesquisa, 15, 1975:86-120.
- GOUVEIA, A. J.
Professoras de amanhã: um estudo de escolha ocupacional. São Paulo, Pioneira, 2ª. ed., 1970.
- GRACIANO, M.
 Contribuições da psicologia contemporânea para a compreensão do papel da mulher. Cadernos de Pesquisa, 15, 1975:145-154.
- HARNECKER, M.
Os conceitos elementais do materialismo histórico, s. editora, 1973.

HOCHSCHILD, A. R.

A review of sex role research. In: Huber, J. (Ed.) Changing women in a changing society. Chicago, the University Chicago Press, 1973:249-267.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS

O ensino superior em São Paulo - Aspectos quantitativos e qualitativos de sua expansão. São Paulo, 1969-1970.

KATZ, N.; LISKER, R.; MYERS, M. e PETERSON, B. J.

The subject as subject: a study of the returning woman student. Council on Anthropology and Education Quarterly, 6 (3), 1975:19-22.

KLEIN, V.

El caracter femenino: historia de una ideologia. Trad. de Mireya R. de Fayard. Buenos Aires, Paide, 5ª ed., 1971.

KOESTENBAUM, P.

A interpretação dos papéis. In: Farber, M. S. e Wilson, R. H. L. (Ed.). Que é a mulher. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura S.A., 1966:164-186.

KOMAROVSKY, M.

Cultural contradictions and sex roles. American Journal of Sociology; 52, 1946:184-189.

Funcional analysis of sex roles. In: Coser, H.L. (Ed.); The family: its structure and functions. New York, St. Martin's Press, 1964.

LAING, R. D.

A política da experiência e A ave do paraíso. Trad. de Áurea B. de Weissenberg. Petrópolis, Vozes, 1974.

LINTON, R.

O homem: uma introdução à antropologia. trad. de Lavínia Vilela. São Paulo, Livraria Martins Editora, 5ª Ed., 1965.

LOPATA, H. Z.

Occupation: housewife. London, Oxford University Press, 1971

MEAD, M.

Sexo e temperamento; Trad. de Rosa Krauz. São Paulo, Perspectiva, 1969.

Macho e fêmea: um estudo do sexo num mundo em transformação; Trad. de Margarida M. Moura. Petrópolis, Vozes, 1971.

MIRANDA, G. V.

A educação da mulher brasileira e sua participação nas atividades econômicas em 1970. Cadernos de Pesquisa, 15, 1975:21-36.

MIRDAL, A. e KLEIN, V.

Women's two roles: home and work. London, Routledge & Kegan Ltd., 1968.

MITCHELL, J. C.

The concept and uses of social network. In: Mitchell, J. C. (ed.). Social network in urban situations. Manchester, Manchester Univ. Press, 1969:1-50.

MORAES, M.

A questão feminina. Estudos Cebrap, 16, 1976:157-168.

MOREIRA, M. S. F.

Os alunos do interior na vida escolar e social da cidade de São Paulo: Técnica e resultado de uma pesquisa de treinamento. São Paulo, USP., Boletim 259, 1962.

MOUTINHO, J. M. M.

A mulher operária. Dissertação de Mestrado, USP. 1974.

PARSONS, T.

Age and sex in the structure of United States. In: Parsons, T. Essays in sociological theory. Glencoe, III., Free Press, 1949.

e BALES, R. F.

Family, socialization and interaction process. Glencoe, III., Free Press, 1953.

PEREIRA, LUIZ.

O magistério primário na sociedade de classes: contribuição ao estudo sociológico de uma ocupação na cidade de São Paulo. São Paulo, USP., Boletim 277, 1963.

PIETROWSKI, J.

Atitudes em relação ao trabalho da mulher: In: Chombart de Lauwe, P. H. Imagens da mulher na sociedade. Trad. de Genny C. Pinto. São Paulo, Senzala, 1967:98-112.

REVUE CANADIENNE DE SOCIOLOGIE ET D'ANTHROPOLOGIE(La), 9 (1), 1972:73-94

REVUE FRANÇAISE DE SOCIOLOGIE, 13 (4) 1972:579-591

RICCI, T. D'AQUINO.

Análise do Curso de Ciências Sociais de Marília e o Mercado de trabalho para os licenciados nesse setor. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1971. (mimeografado).

SAFFIOTTI, H. I. B.

A mulher na sociedade de classe: mito ou realidade. São Paulo, Quatro Artes Editora, 1969.

A mulher sob o modo de produção capitalista. Contexto, 1 (novembro), 1976:1-22.

Profissionalização de sociólogos. Ciência e Cultura, 28 (7), 1976:758-761.

SARBIN, T. R.

Papel social - aspectos psicológicos. In: Enciclopédia Internacional de las Ciências Sociales. Madrid, Aguilar, 1975.

SCHUTZ, A.

The frame of unquestioned constructs. In: Douglas, M. (Ed.) Rules & meanings. Middlesex, Penguin, 1973.

STEINER, C.

Os papéis que vivemos na vida: análise transacional de nossas interpretações cotidianas; Trad. de G. Schlessinger. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.

SULLEROT, E.

Historia y sociología del trabajo femenino. Barcelona, Ediciones Península, 1970.

THOMAS, E. J. e BIDDLE, B. J.

The nature and history of role theory. In: Biddle, B. J. e Thomas, E. J. (Ed.) Role theory: concepts and research. New York, John Wiley & Sons, Inc. 1966.

TOSCANO, M.

Mulher: trabalho e política - caminhos cruzados do feminismo. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1975.

TURNER, R. H.

Papel social - aspectos sociológicos. In: Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales; Madrid, Aguilar, 1975.

Some aspects of woman's ambition. American Journal of Sociology, 70, 1967:271-285.

VAN VELSEN, J.

The extended case method and situational analysis. In: Epstein, A. L. (Ed.). The craft of social anthropology. London, Tavistock Publications, 1967:129-149.

WEBER, M.

Economía y sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, 1964.

WEBER, S.

Formação escolar e funções profissionais do sociólogo. Ciência e Cultura, 28 (7), 1976:758-761.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO FEMININA
(GERAL E AMOSTRAGEM)

T A B E L A S

TABELA 1 - Distribuição da população feminina (Geral e Amostragem) existente na Faculdade no ano de 1974, quanto ao curso e estado civil.

| ESTADO CIVIL CURSOS | POPULAÇÃO GERAL | | | | AMOSTRAGEM | | |
|------------------------|-----------------|-----------|-------------|-------|------------|-------------|-------|
| | Casadas | Solteiras | Desquitadas | TOTAL | Casadas | Desquitadas | TOTAL |
| Ciências Sociais | 6 | 10 | 1 | 17 | 7 | 1 | 8 |
| História | 7 | 15 | 1 | 23 | 8 | 1 | 9 |
| Letras | 13 | 27 | - | 40 | 3 | - | 3 |
| Pedagogia | 21 | 32 | - | 53 | 5 | - | 5 |
| TOTAL GERAL | 47 | 84 | 2 | 133 | 23 | 2 | 25 |

TABELA 2 - Distribuição da população feminina (Geral e Amostragem) existente na Faculdade no ano de 1974, quanto aos grupos de idade e estado civil.

| ESTADO CIVIL IDADE | POPULAÇÃO GERAL | | | | AMOSTRAGEM | | |
|-----------------------|-----------------|-----------|-------------|-------|------------|-------------|-------|
| | Casadas | Solteiras | Desquitadas | TOTAL | Casadas | Desquitadas | TOTAL |
| 21 a 25 | 3 | 32 | - | 35 | 6 | - | 6 |
| 26 a 30 | 9 | 35 | 1 | 45 | 3 | 1 | 4 |
| 31 a 35 | 14 | 9 | 1 | 24 | 4 | 1 | 5 |
| 36 a 40 | 10 | 6 | - | 16 | 6 | - | 6 |
| 41 a 45 | 8 | - | - | 8 | 2 | - | 2 |
| 46 a 50 | 1 | 1 | - | 2 | - | - | - |
| 51 a 55 | 2 | 1 | - | 3 | 2 | - | - |
| TOTAL GERAL | 47 | 84 | 2 | 133 | 23 | 2 | 25 |

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO USADO NAS ENTREVISTAS DAS MULHERES

I- Identidade da entrevistada:

- a- nome, idade, profissão, grau de escolaridade, tempo de serviço, tempo de casamento, número de filhos, local de trabalho, cidade em que reside, tempo de serviço;
- b- idade dos filhos, sexo, grau de escolaridade;
- c- nome do marido, idade, profissão;
- d- auto-classificação em termos de classe social.

II- A vida da entrevistada

1- Vida profissional.

- a- a escolha da profissão - motivos;
- b- opinião da mulher sobre a profissionalização feminina e sua própria profissionalização como mulher casada;
- c- opinião da mulher sobre o ponto de vista do marido sobre a profissionalização da mulher;
- d- grau de satisfação da mulher em relação a sua profissão; Este item inclui as mulheres que trabalham e as que não trabalham.

2- Sobre os papéis da mulher casada profissional e não-profissional - antes e depois da volta aos estudos.

Pergunta básica a ser feita: "Quem você é?". A partir dessa resposta, as questões se referirão a:

- a- grau de satisfação e de identidade;
- b- como o marido a vê nesses papéis nas duas situações;
- c- como ela vê esses papéis.

3- A vida doméstica

- a- a quem cabem as resoluções familiares:
 - ao homem, à mulher ou a ambos;
 - grau de satisfação da entrevistada quanto a sua situação nas decisões familiares;
 - mudanças ocorridas após a volta da mulher aos estudos;

b- a quem cabe a educação dos filhos:

- ao homem;
- à mulher;
- a ambos os cônjuges;
- mudanças ocorridas após o ingresso na Faculdade;

c- a quem cabem a direção e a economia da casa:

- ao homem;
- à mulher
- a ambos os cônjuges;
- mudanças ocorridas após o ingresso na Faculdade.

4- Afazeres domésticos

- a- relação das tarefas domésticas;
- b- quem as fazia e quem as faz agora;
- c- grau de satisfação;
- d- a ajuda do marido, dos filhos, dos familiares ou de outras pessoas.

5- As relações familiares

- a- situação antes e após o ingresso na Faculdade;
- b- mudanças ocorridas;
- c- grau de satisfação da mulher quanto às relações familiares nas duas situações;
- d- relacionamento do casal.

6- A rede social

- a- constituição das redes sociais;
 - da mulher;
 - do marido;
 - as novas relações.

III- A volta aos estudos:

- a- a decisão, os motivos, as influências, o apoio;
- b- a reação do marido, dos filhos, dos familiares e da re-

de social quanto à decisão;

- c- a opinião da mulher sobre a volta da mulher casada aos estudos;
- d- a figura principal na decisão;
- e- grau de satisfação da mulher quanto ao novo papel.

IV- O papel de estudante:

- a- vantagens e desvantagens para a vida da mulher casada;
- b- grau de satisfação com o papel;
- c- recompensas esperadas;
- d- novos comportamentos, novas relações sociais, afastamento ou distanciamento das antigas amizades.

V- A opinião da mulher sobre a situação feminina no mundo atual.

VI- Opinião sobre os movimentos feministas.

ROTEIRO USADO NAS ENTREVISTAS DOS MARIDOS

I- Identidade do entrevistado:

- a- nome, idade, profissão, tempo de serviço, local do trabalho;
- b- auto-classificação em termos de classe social.

II- Opinião sobre o casamento:

- a- vantagens e desvantagens para o homem e para a mulher;
- b- grau de satisfação pessoal quanto ao casamento.

III- Opinião sobre a profissionalização feminina:

- a- opinião sobre o trabalho profissional da mulher;
- b- opinião sobre o trabalho profissional da sua mulher.

IV- Opinião sobre a volta aos estudos da mulher casada:

- a- favorável ou não; vantagens e desvantagens para a mulher em geral;
- b- favorável ou não; vantagens e desvantagens para a sua mulher;
- c- os motivos que levam uma mulher casada a essa decisão.

V- Opinião sobre os papéis da mulher casada.

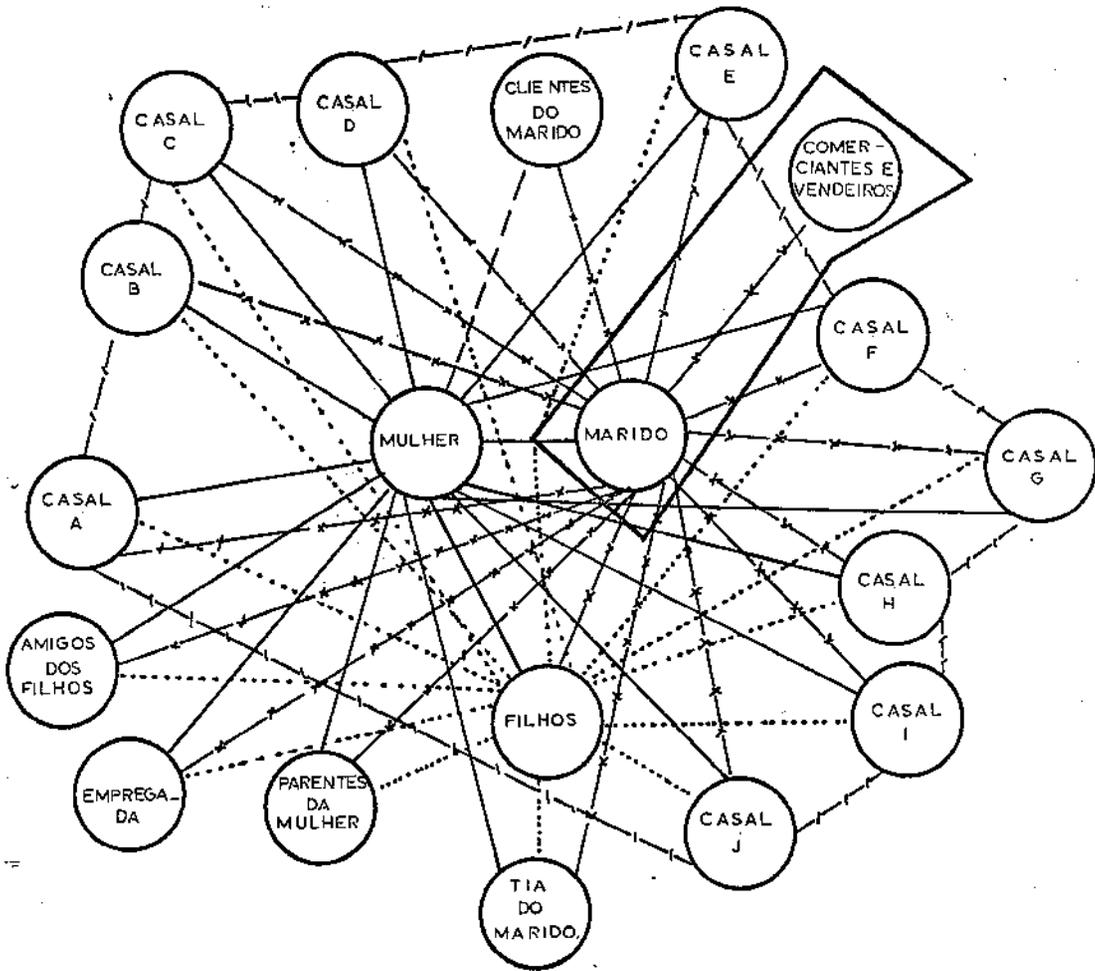
NOTA: Os sub-itens 3,5,6 do item II e os itens IV,V e VI do Roteiro da entrevista com a mulher foram também incluídos neste Roteiro.

REDES _ SOCIAIS

(GRÁFICOS)

Gráfico-3 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARLY E MARIDO

RS- 3a



RS-3b

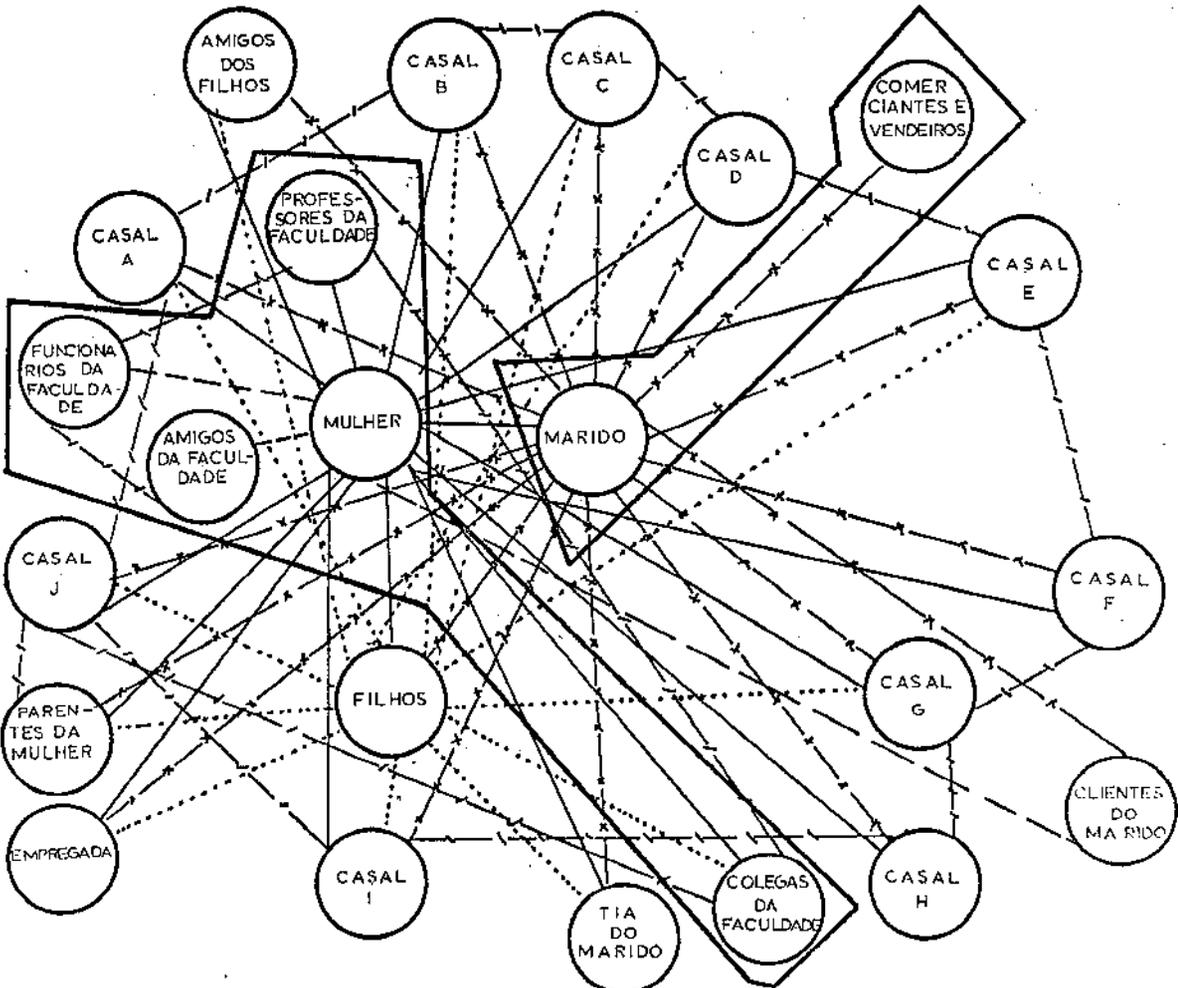
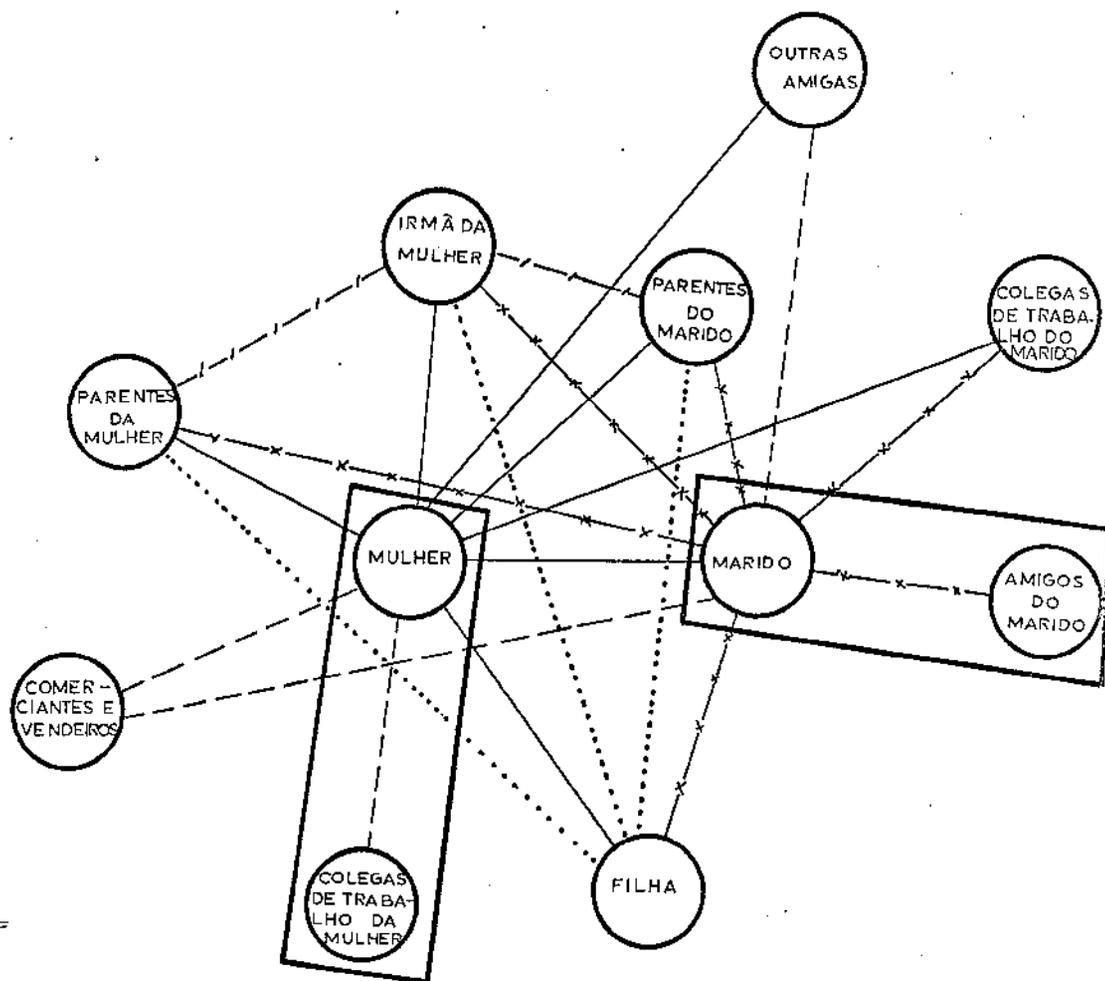


Gráfico -4 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARION E MARIDO

RS-4a



RS -4 b

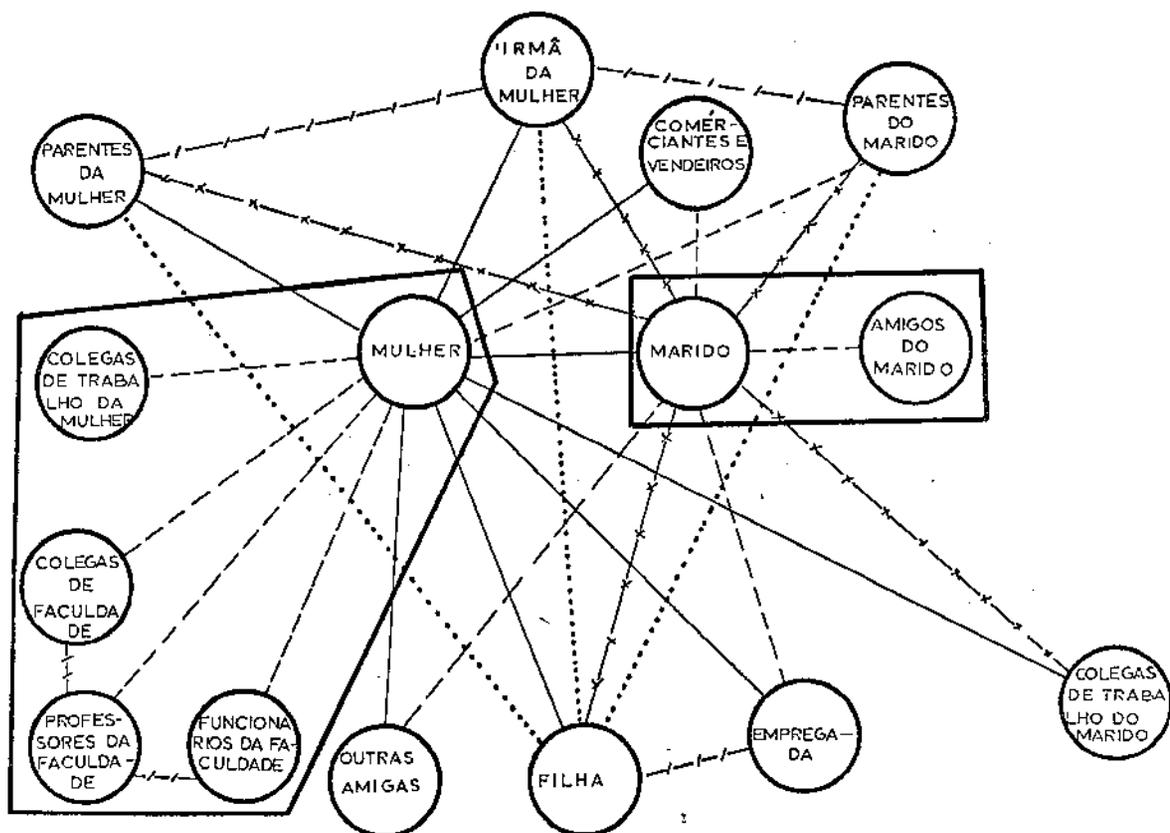
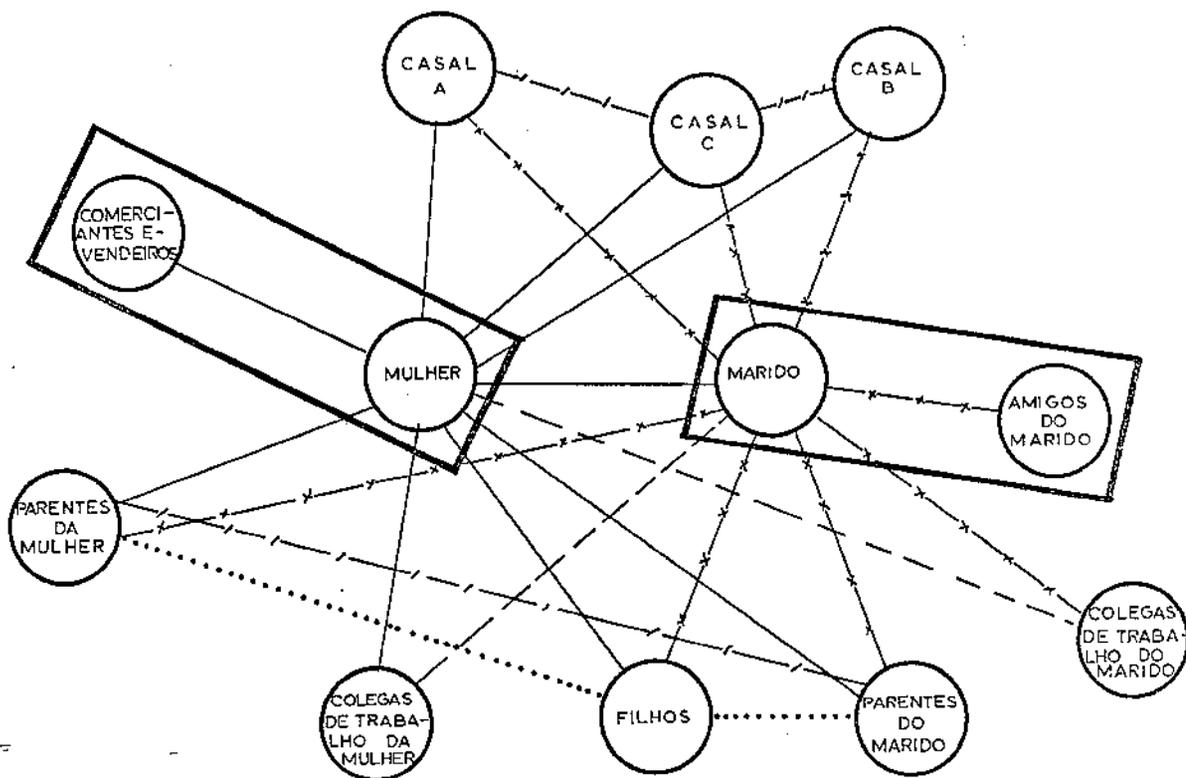


Gráfico -5 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARIBEL E MARIDO

RS -5a



RS - 5b

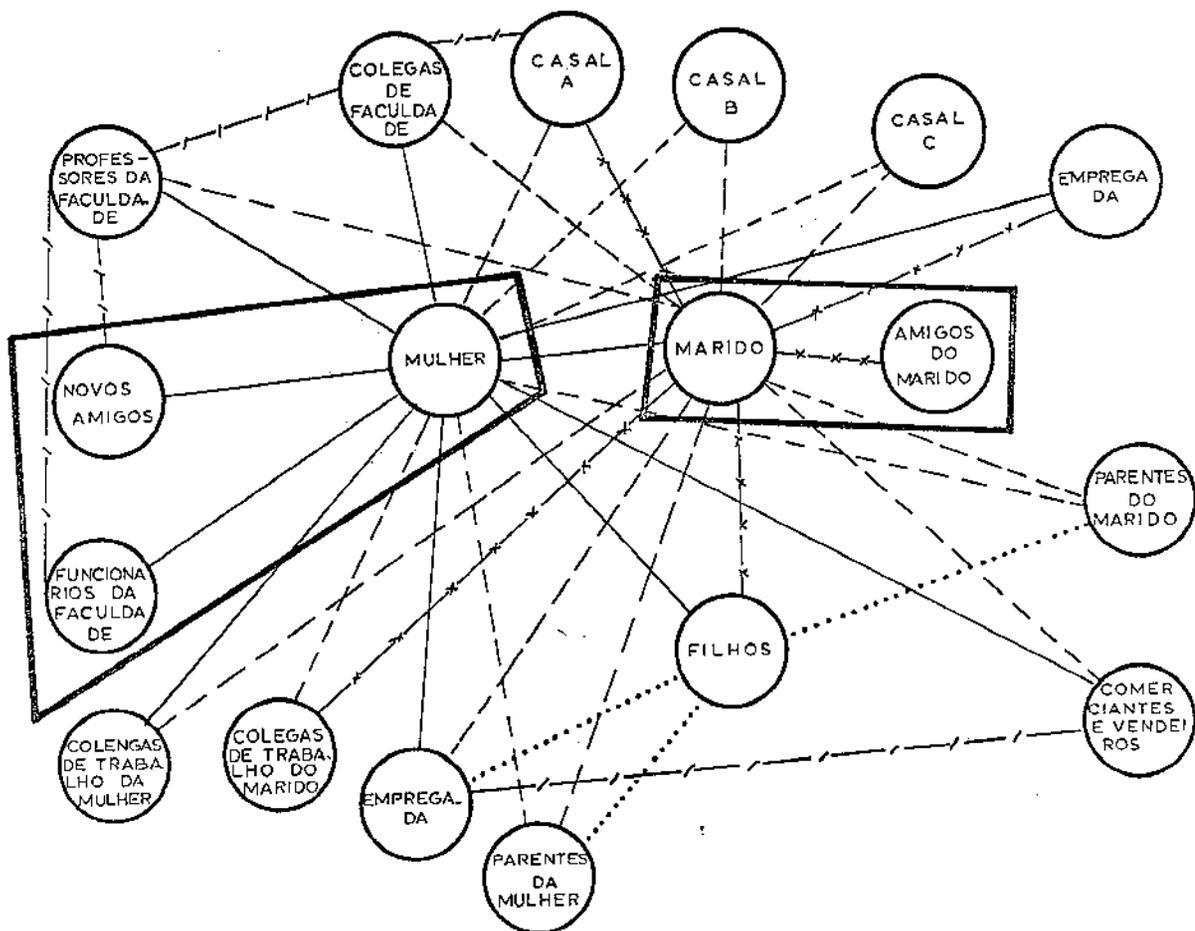
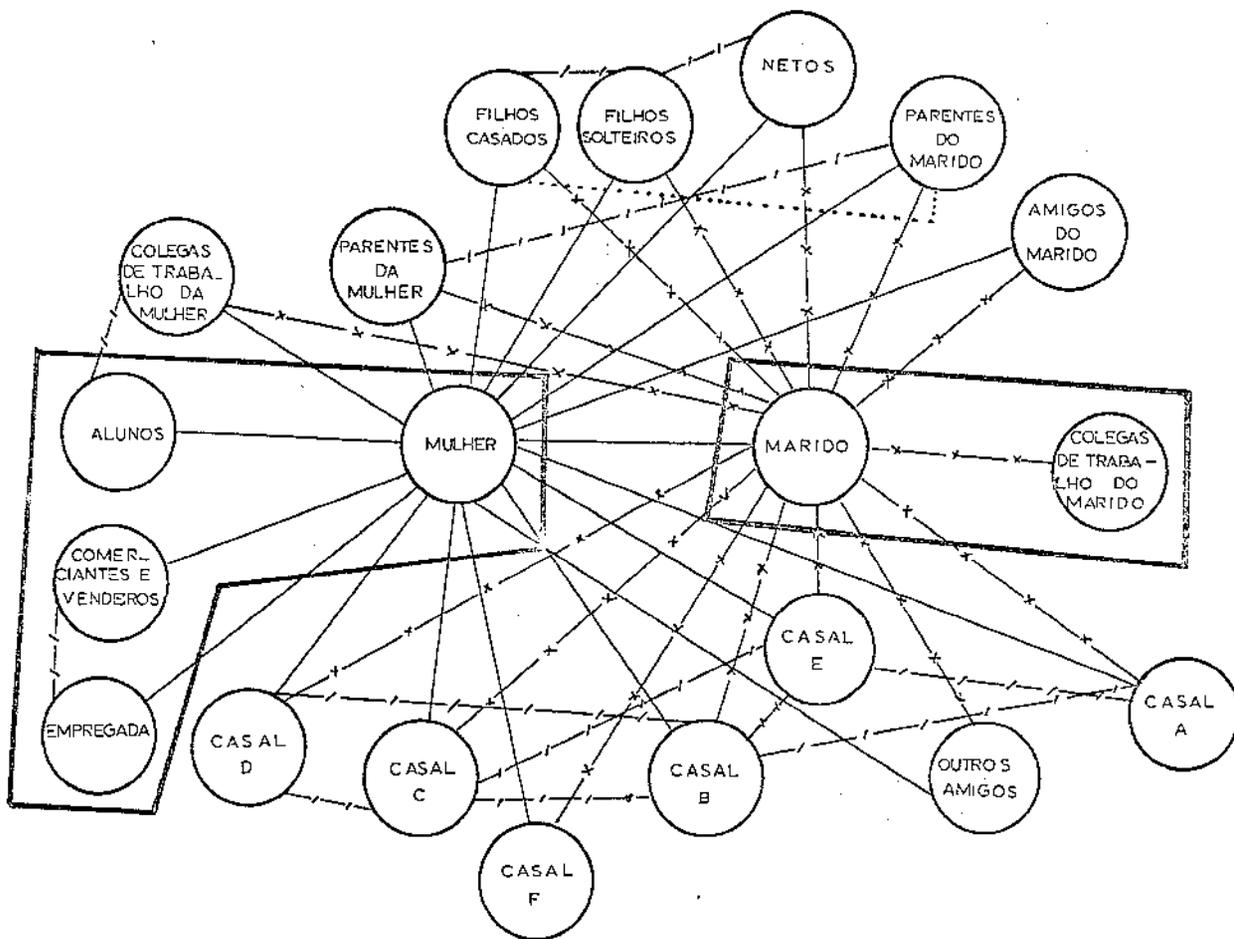


Gráfico - 8 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARCIANA E MARIDO

RS - 8a



RS - 8b

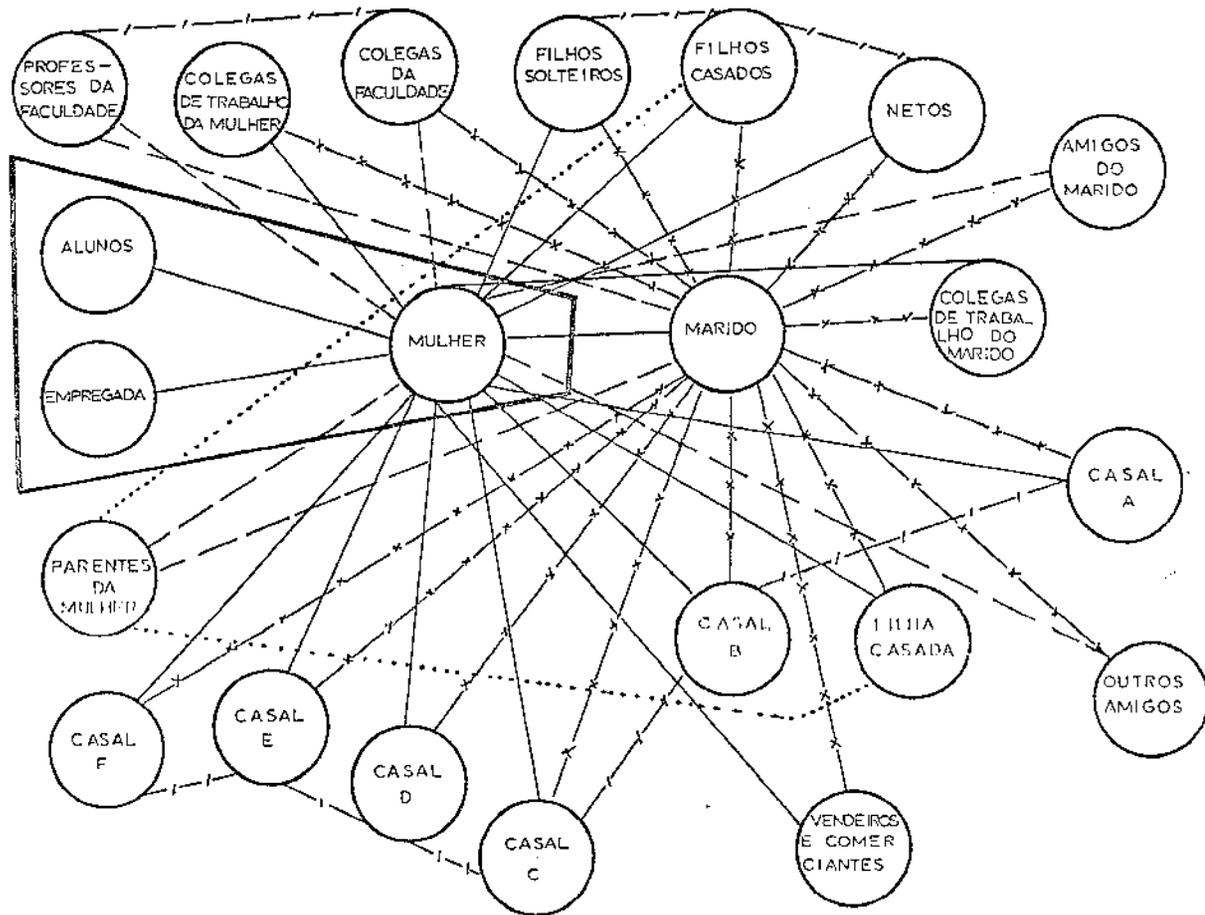
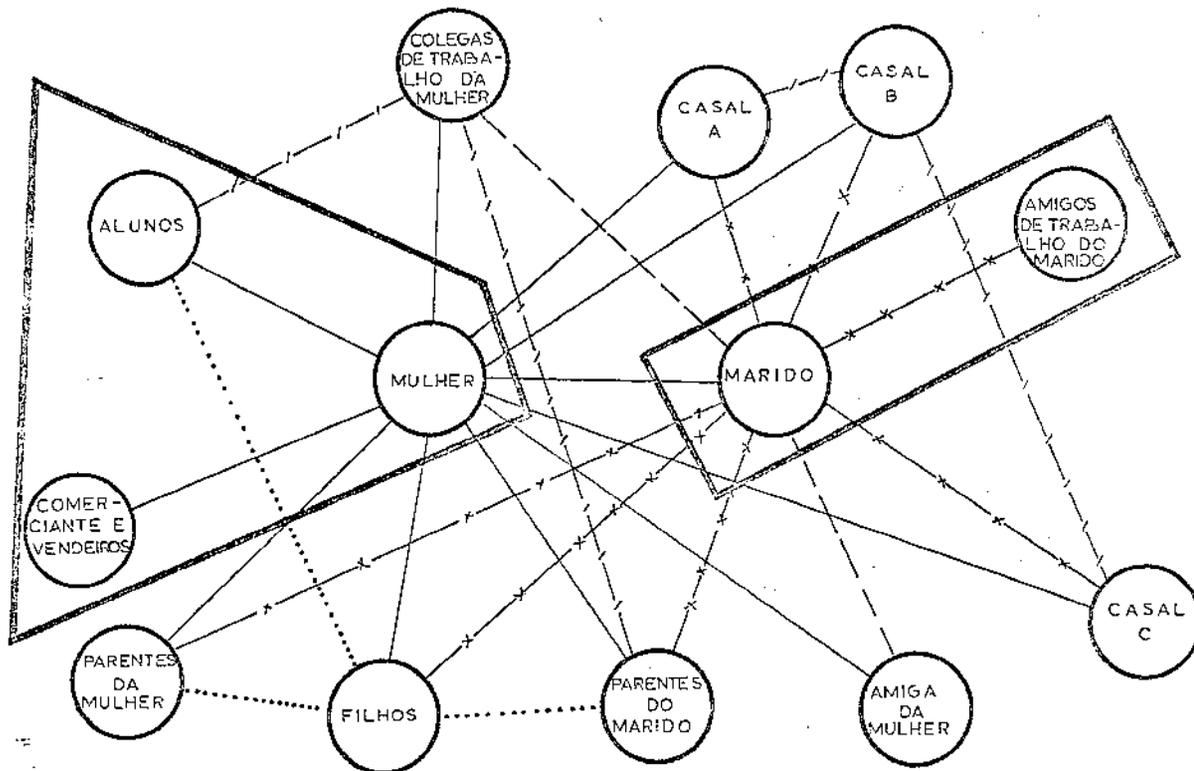


Gráfico 9 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARILÚ E MARIDO

RS - 9a



RS - 9b

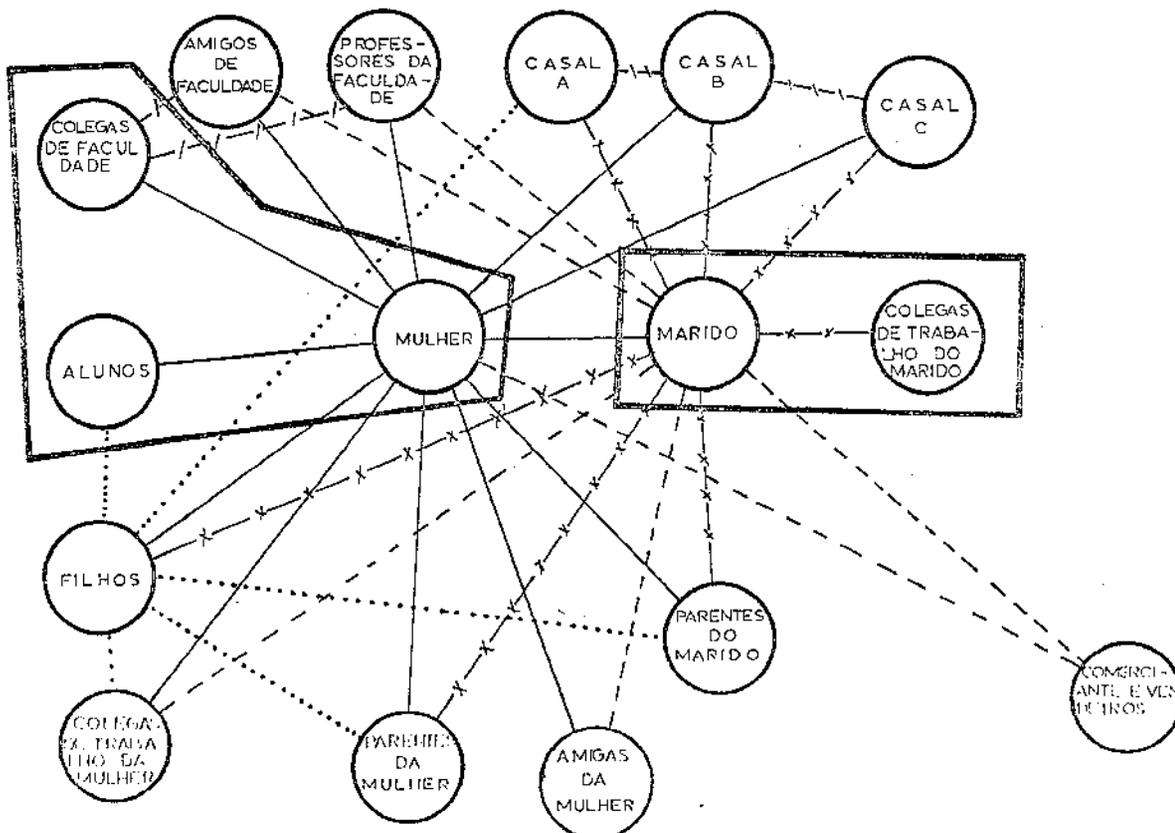
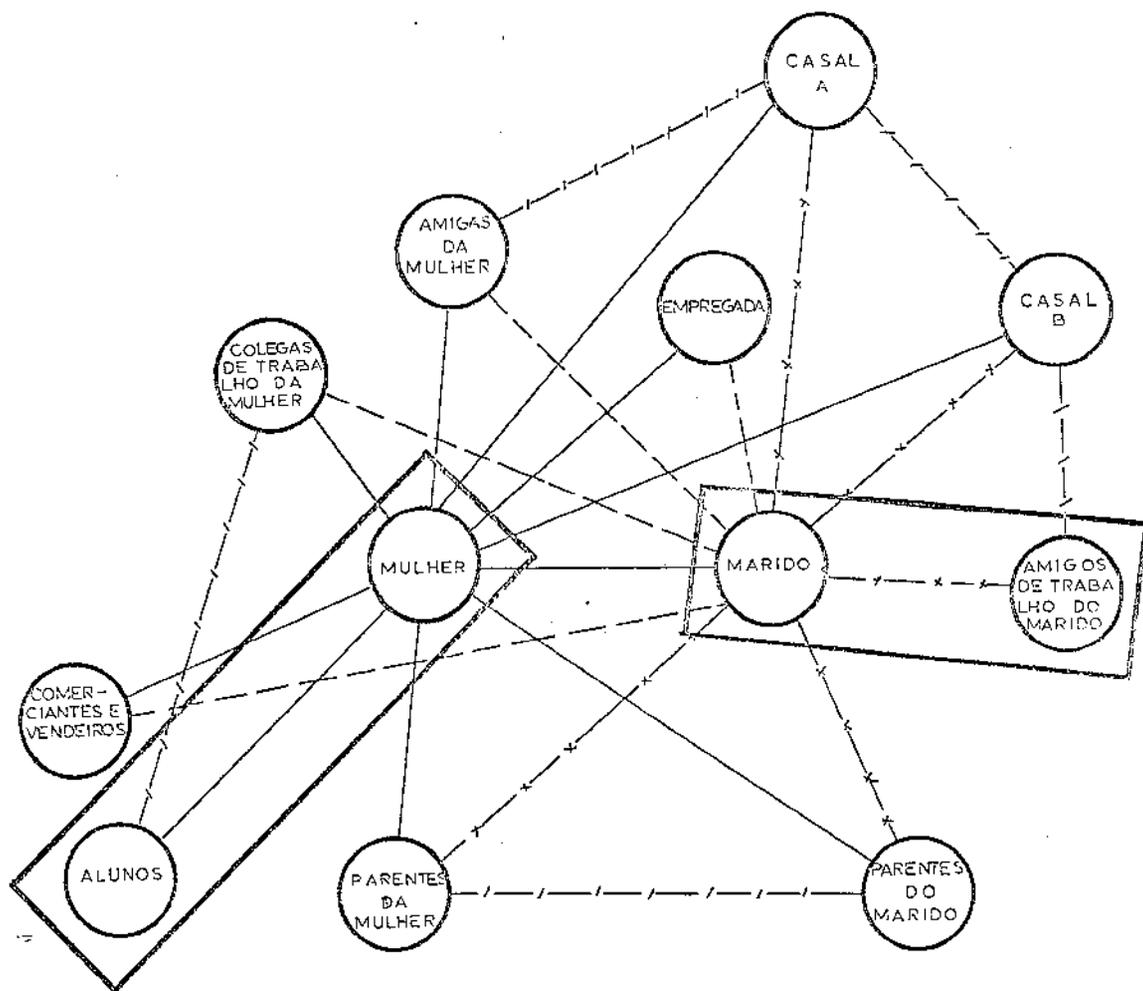


Gráfico - 10 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARISTELA E MARIDO

RS - 10a



RS - 10b

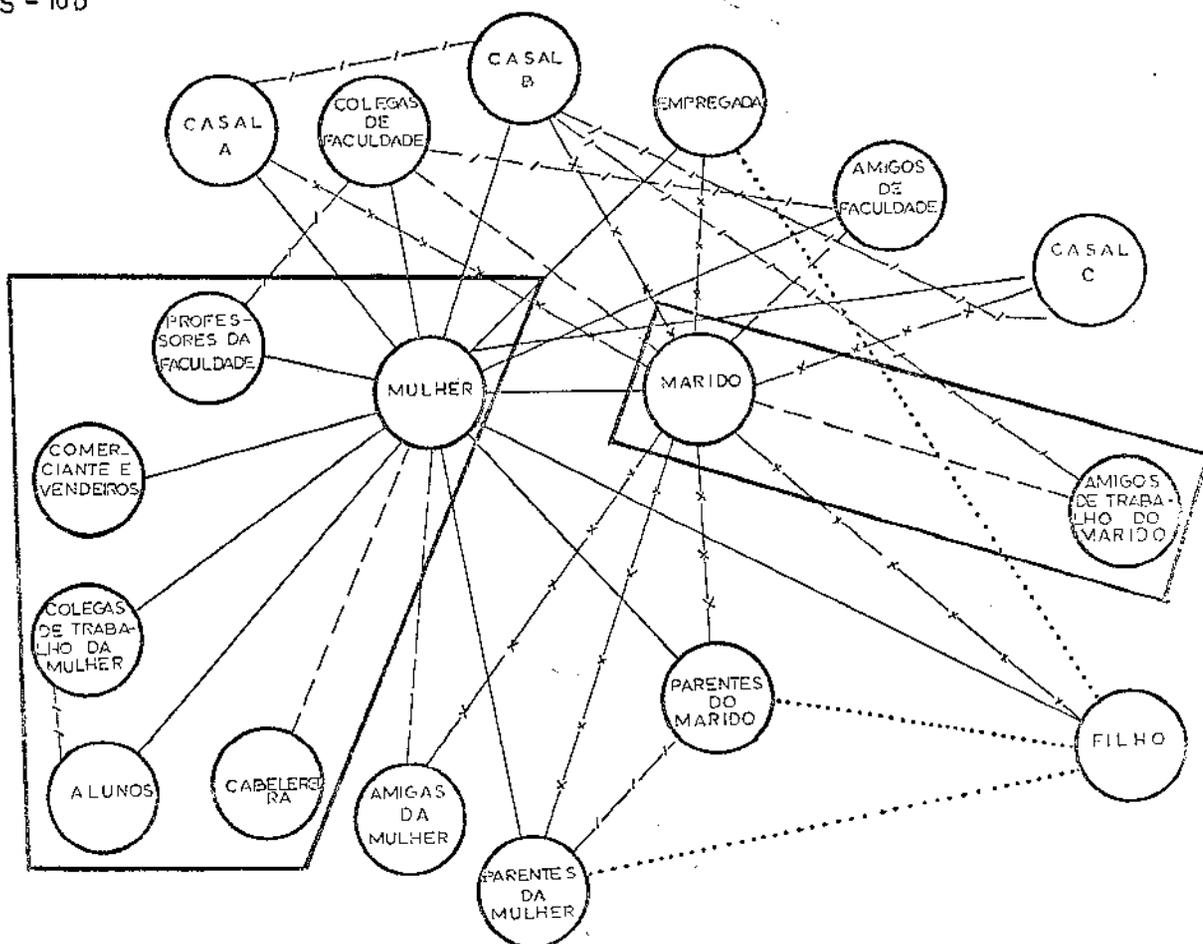
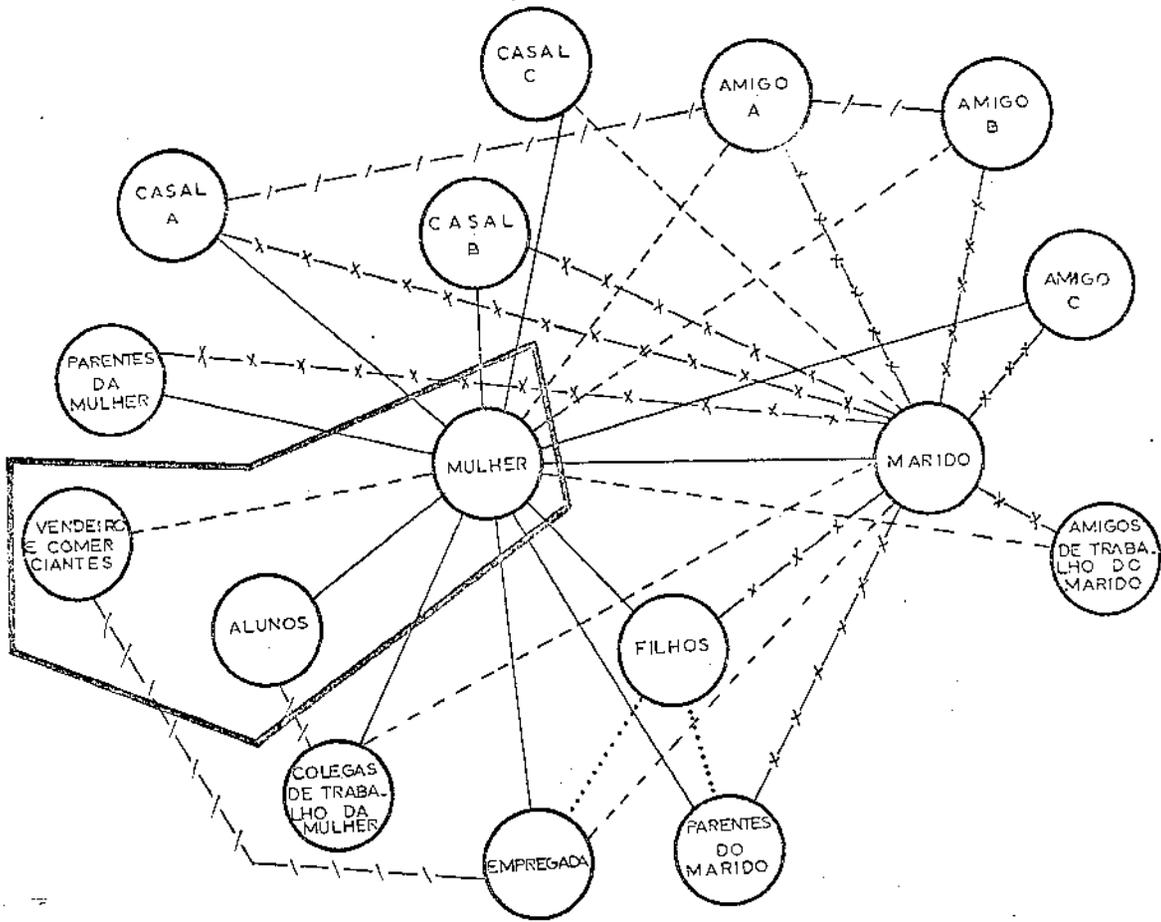


Gráfico -11 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MARCELA E MARIDO

RS - 11a



RS-11b

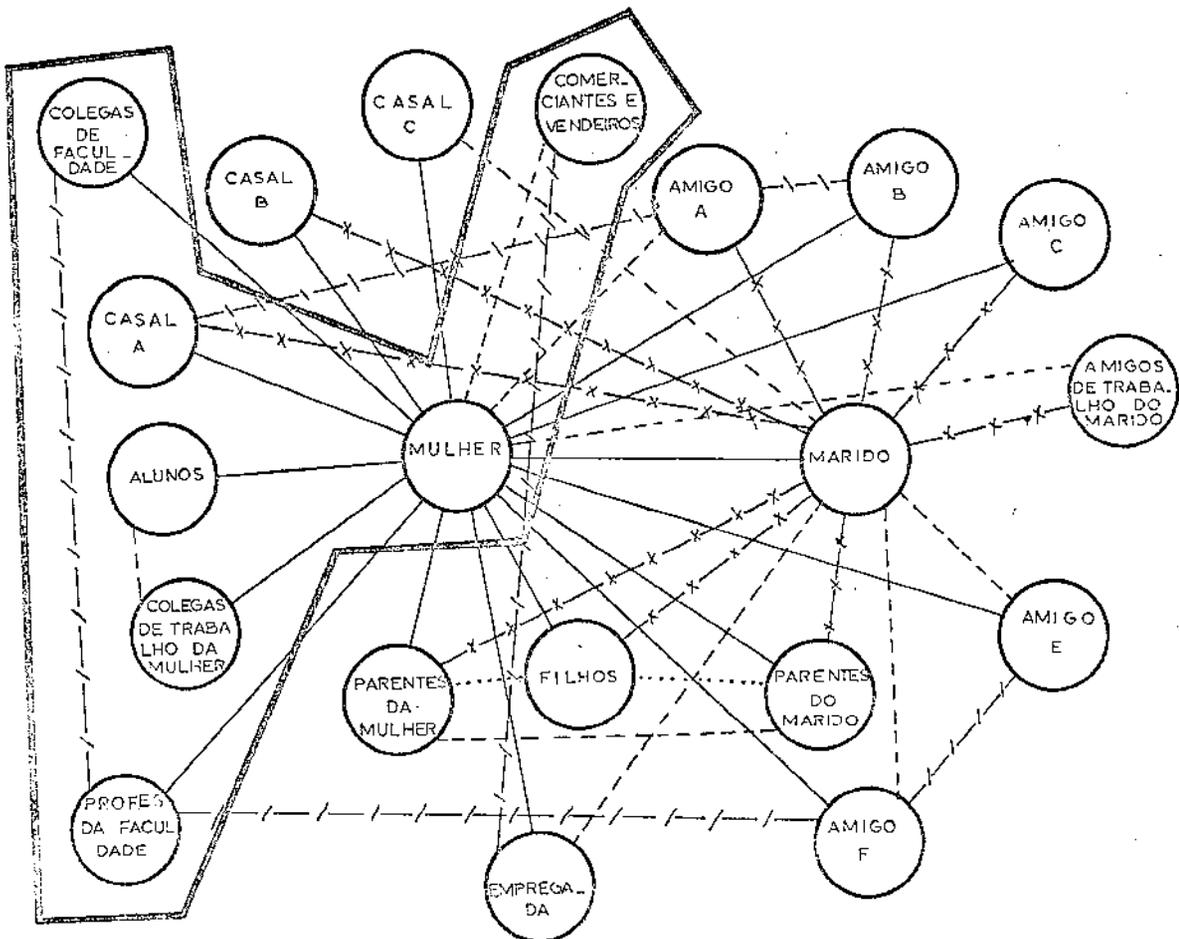
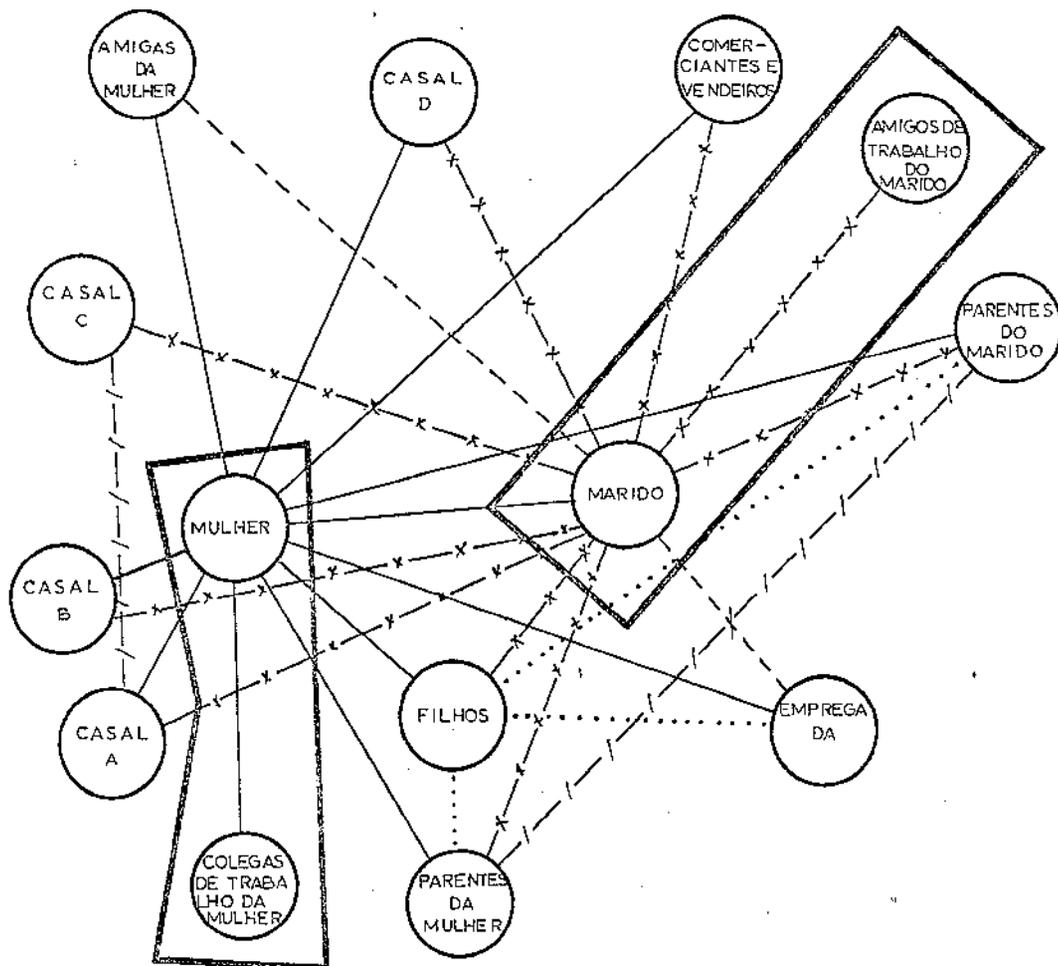


Gráfico-12 REDE SOCIAL DO CASAL - ENTREVISTADA MADALENA E MARIDO

RS-12 a



RS-12 b

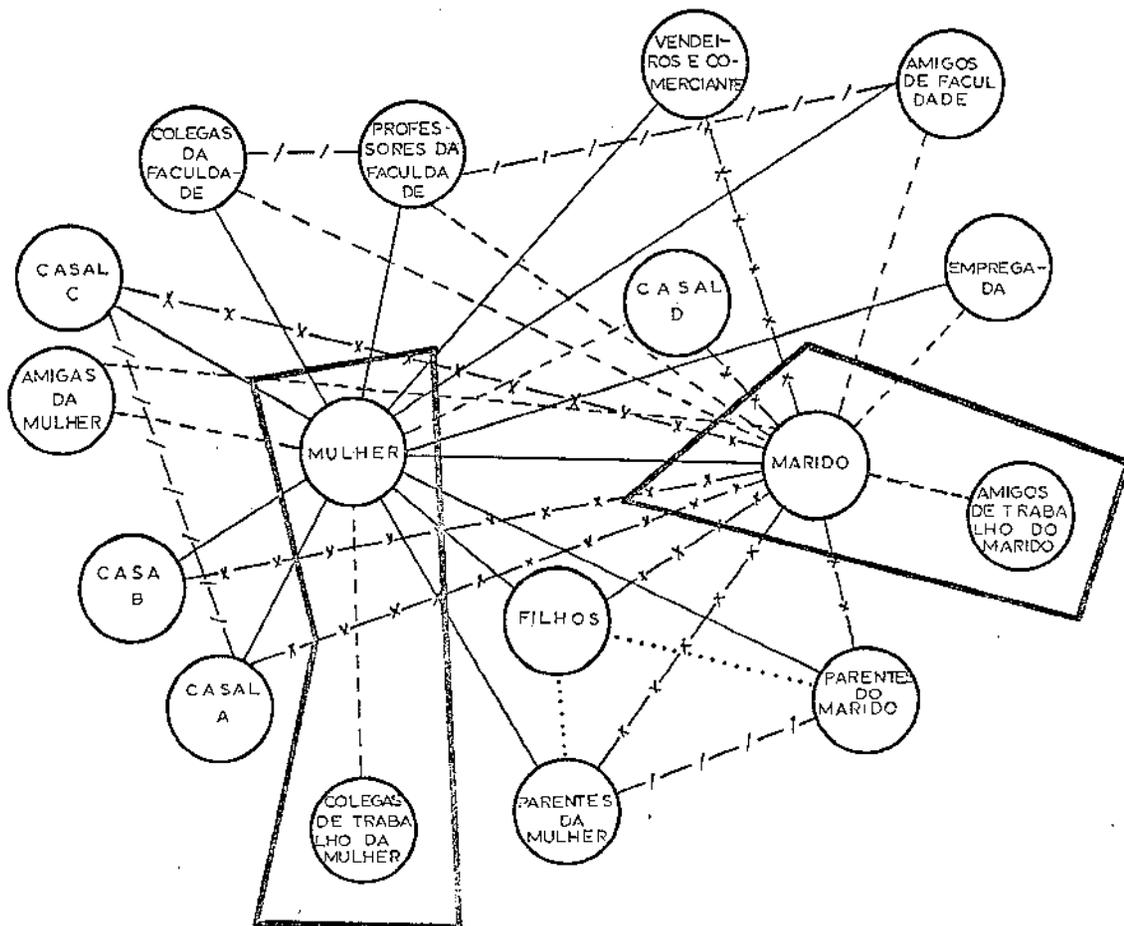
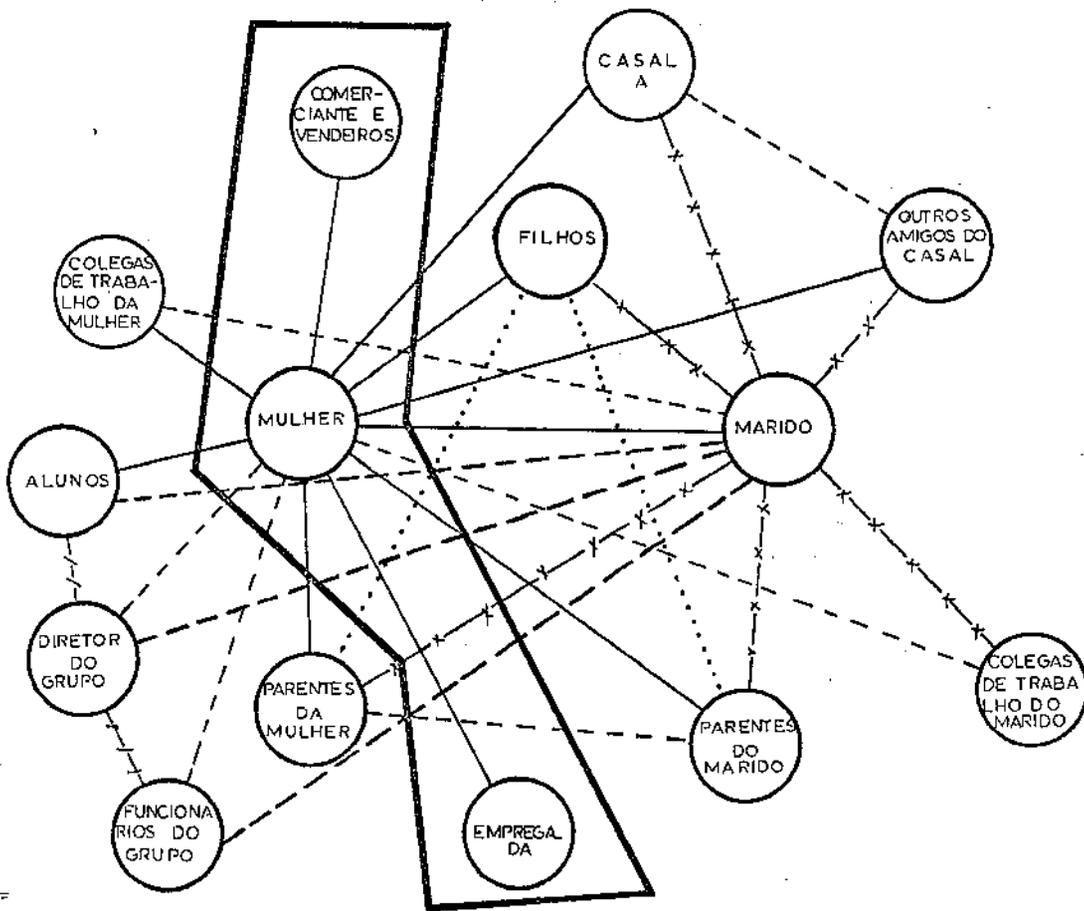
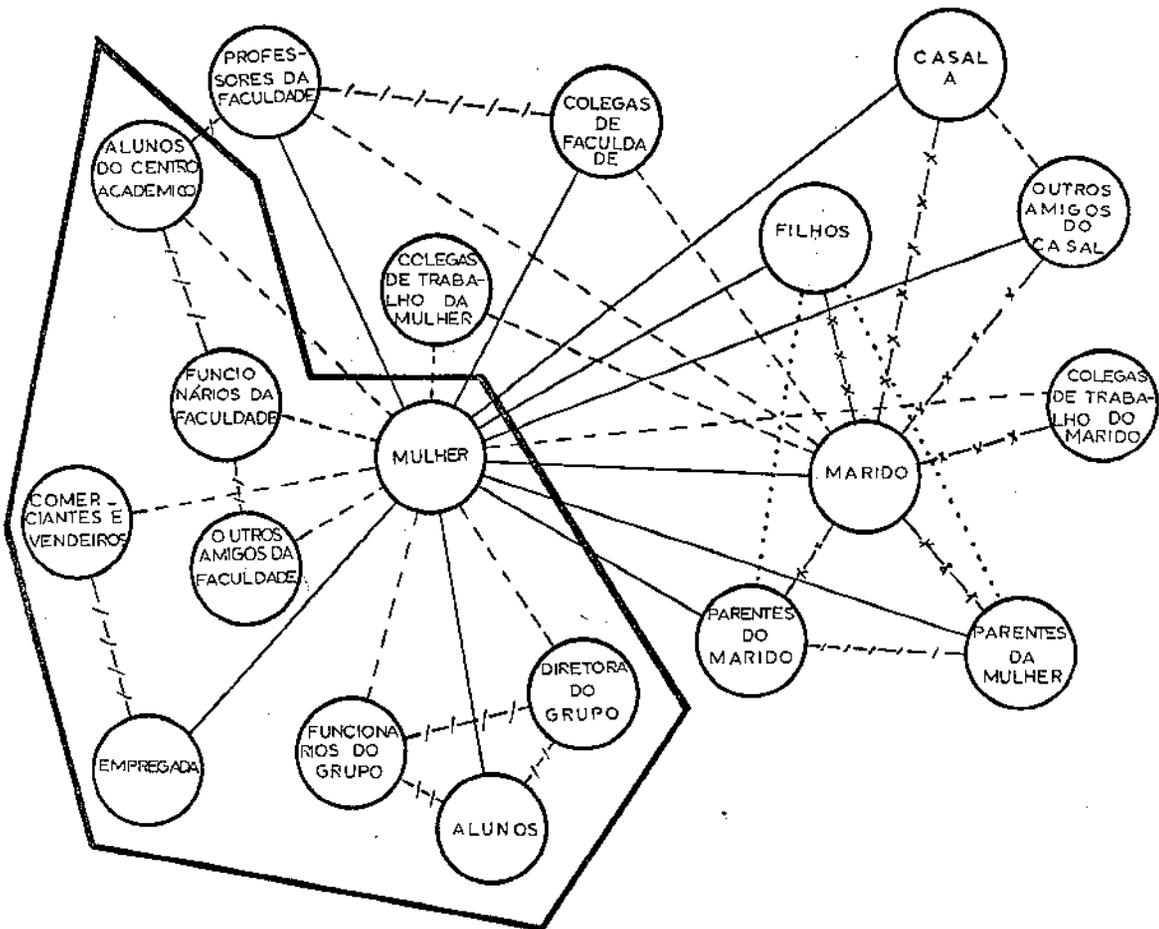


Gráfico -13 - REDE SOCIAL DO CASAL ENTREVISTADA MARLENE E MARIDO

RS - 13a



RS - 13 b



EXCERTOS DE ENTREVISTAS
SOBRE O MOVIMENTO FEMININO

DEPOIMENTOSMÁRCIA:

"Eu não sou uma feminista e nem pretendo ser um dia. Mas acato com simpatia este movimento, porque acho que a mulher na época atual não pode continuar a ser a aquela mulher de uns tempos atrás. Se o mundo caminha a passos largos para o progresso em todos os setores, a mulher não pode continuar sendo vista como um objeto de contemplação dos homens. Ela deve tentar progredir em todos os sentidos ou se marginalizará, sentir-se-á desajustada, o que poderá acarretar sérios problemas para ela e para a família. A mulher não pode se esquecer que ela hoje é mais que nunca uma parte do mundo dos homens, e é por ele respeitada e aceita nos seus pontos de vista. Eu, apesar de pensar assim, nunca deixei de reconhecer o meu marido como sendo o chefe da minha casa, mas isso acontece porque: uma porque fui assim educada por meus pais e outra porque acho isso mais cômodo para mim. Assim mesmo, não deixo de me sentir outra depois que entrei para a Faculdade. Já tomo as minhas decisões do modo que quero, e quando as levo ao conhecimento do meu marido é só para lhe comunicar o que pretendo e não mais para lhe pedir para fazer isso ou aquilo como antes eu fazia. Assim mesmo, não deixo nunca que ele perceba que já estou decidida a fazer o que lhe estou comunicando, porque se não perderia a graça e acho mesmo que ele iria se aborrecer com a minha demonstração de auto-suficiência, o que não queria que se desse, pois ainda quero que ele sinta que eu ainda sou aquela mulher dependente nas ações com quem ele um dia se casou. Quero que ainda ele pense que é a outra parte da minha vida. Desse modo conservo a liberdade que tenho sem que me restrinja de nada e sem que ele queira limitar as minhas ações e nem perder a liberdade que até hoje gozei frente ao meu marido nas minhas decisões. Então, voltando ao assunto do movimento feminista, sou favorável, até acho-o em parte muito bom. Hoje as mulheres podem mostrar aos homens que o mundo sem elas não seria tão bom como é. Acho que apesar da mulher ser muito bisbilhoteira ela tem contribuído para o desenvolvimento de tudo que existe. Digo em parte porque acho que a mulher deve lutar para seu lugar no mundo, mas, ao mesmo tempo, acho que ela deve saber até que ponto deve lutar e quando esta luta deve parar. Por exemplo, a mulher deve saber quais são os seus direitos, mas nunca se esquecer que ela deve reservar ou conservar aquele que de feminilidade que lhe é próprio. Querer ser alguém e melhorar as condições é um direito da mulher, mas ela, mesmo conseguindo isso, com esses movimentos, não deve se esquecer da parte boa que só ela tem e que os homens almejam, ou seja, continuar a ser feminina e admirada. Se ela conseguir isso a vitória será dupla. Se assim for, sou francamente a favor desses movimentos. Acho que se um dia meu marido viesse a saber que eu fazia parte de um desses movimentos ele não se oporia, desde que achasse que eu estava certa. Ele tem um temperamento muito bom e deixa que eu faça tudo que julgo certo. Mas, se eu fizesse parte de um movimento assim, logo de início eu falaria: Olha, eu estou com vocês em tudo que eu achar certo, mas uma coisa lhes digo, abandono o movimento no momento que souber que vocês querem passar o homem em tudo, pois não considero isso uma causa justa - reivindicar os direitos é dever de todos, mas abusar deles não sou de acordo".

MARIDO DE MÁRCIA:

"Acho que esses movimentos são um direito da mulher que procura a sua emancipação, se bem que eu ache que hoje a mulher está quase que totalmente emancipada, a não ser num caso ou em outro que os maridos ainda mantêm as suas mulheres num regime de submissão, acho que por razões de ciúmes ou de pouco esclarecimento. Ao meu ver, a mulher de hoje nem precisa mais lutar pela sua emancipação, ela tem todos os direitos dos homens em questão de serviços, ordenados, etc. Seu eu soubesse que a minha mulher fazia parte de um desses movimentos eu não me oporia, se ela me desse razões para sua ação. Tudo que é explicado pode ser aceito, desde que seja justo, e isso se daria comigo e com a minha mulher, caso eu a visse envolvida em um desses movimentos".

MARION:

"Não sou contra esses movimentos, mas não sou também favorável à mulher que neles exagera. Se a mulher com isso quer lutar para querer ser como o homem ela nunca vai chegar a atingir o seu objetivo, isto porque acho que igual ao homem a mulher jamais conseguirá ser, devido ao seu temperamento. Se um dia meu marido soubesse que eu fazia parte de um desses movimentos, acho que ele me mataria, porque acha que isso tudo é uma palhaçada e nunca admitiria que eu me metesse numa coisa desse tipo. Como já sei o seu modo de pensar, eu não me arriscaria a perder a minha atual situação de segurança, porque eu a vejo como algo certo e jamais trocaria o certo pelo duvidoso. Assim, eu nunca me veria dentro de um movimento desse tipo, por esta razão e também porque este não é o tipo de coisa que condiz com o meu modo de ser e de agir".

MARIDO DE MARION:

"Olha, eu já ouvi falar a respeito desses movimentos que andam por aí chefiados por mulheres que ao meu ver não têm muito que fazer. Da minha parte acho isso tudo uma palhaçada, não que eu ache que a mulher não tenha direito de exigir o que lhe pertence em matéria de direitos, mas elas também não têm o direito de fazer o frege que fazem por aí. O que eu acho mesmo é que elas estão reclamando uma coisa que nunca terão, a liberdade e a igualdade com os homens. É biológico, a mulher já foi feita e criada para ser como ela é e os homens também, isto é, cada um dentro do seu papel. A coisa já foi feita assim e é muito difícil de ser mudada. Não é que eu seja contra e ache que o homem já foi feito pra mandar, mas é que o mando é próprio dos homens. O homem quando manda ou ocupa um lugar de destaque nada lhe acontece, mas se isso se dá com uma mulher ela fica insuportável e passa a ser até mesmo mal vista pelas mulheres sua igual, até mesmo por essas que pregam a igualdade. A mulher ainda não percebeu que o segredo e a arma dela está justamente em ser como ela é, feminina, dócil,

mo as mulheres desses movimentos, a uma causa se entregam. Mas nem por isso deixo de ver a luta como um direito delas. Se eu soubesse que a minha mulher estava tomando parte num desses movimentos eu primeiro lhe perguntaria a causa da sua atitude; se ela me desse uma explicação satisfatória e se eu percebesse que isso não a estava deixando doída e fanática, eu a deixaria para ver o que ia dar no fim de tudo. Mas acho que ela nunca se meteria numa coisa dessa espécie, porque ela não foi criada para isso e nem com essas idéias que pregam por aí. Ela já tem liberdade demais para tudo, tanto é que quis trabalhar fora de casa e foi, quis estudar e está estudando, etc. Sendo assim, o que mais que ela pode querer? Nesse ponto eu acho que um movimento dessa espécie não lhe traria nenhuma vantagem. Olha, para ser preciso, eu acho mesmo que nunca a deixaria fazer parte de uma coisa dessas. Eu acho que a proibiria dessa atitude, porque a emancipação da mulher não é preciso ser feita através de lutas, se ela tiver que vir virá como outras coisas vieram até hoje, com relação às mulheres; como por exemplo a mulher poder hoje mais que antes optar para o que quer fazer e ser na vida social, profissional e econômica..."

-. - . - . - . - . - . -

MARIA:

"Eu sou, em parte, favorável ao movimento feminista; por exemplo, quando a mulher se vê tolhida da sua liberdade ela deve lutar para consegui-la, como na parte profissional, social e cultural. Mas, como não me acho nesta situação, eu nunca faria parte de um desses movimentos, pois eu estou satisfeita com a atual liberdade que gozo. Só de poder cursar uma Faculdade e ir todas as noites sozinho assistir às aulas, poder trabalhar fora de casa, comprar o que bem entendo, ir onde bem entendo, etc, eu já me considero uma mulher bem emancipada e bem satisfeita e não desejo nada mais que até hoje tenho e no que diz respeito a minha liberdade como mulher".

MARIDO DE MARIA:

"Vejo esses movimentos feministas de um modo anedótico. No meu ver, a mulher tem que ser sempre mulher, isto é, conservar aquele quê de feminino. Se ela quer lutar para sua total emancipação, ela perderá o que tem de mais belo, ou seja, o se conservar como mulher, e passará a se igualar com os homens, e a ser considerada como tal. Não sou, portanto, a favor desses movimentos, e se um dia soubesse que a minha mulher fizesse parte de um desses movimentos, eu daria o contra cegamente, sem deixar que ela ao menos explicasse porque da sua decisão, isto é, eu me oporia sem medir consequências do ato que assumi".

-. - . - . - . - . - . -

MARA:

"Sou francamente a favor do movimento de emancipação feminina. Eu não faço parte de um deles porque moro no interior e aqui não existem essas coisas e nem se pode falar sobre isso que a gente não é entendida e até pode ser mal interpretada pela sociedade de que estamos fazendo parte. A vida de uma mulher numa cidade do interior tem que acompanhar o ritmo tradicional, isto é, a mulher é sempre vista como a dependente e aquela que tem que render homenagem ao seu marido, senhor e amo perpétuo. Não sou muito dada a isso, tanto é que já consegui me emancipar de um papel da minha vida com o qual não me identificava. Logo, já rompi com algum preconceito social, embora sofra até hoje as consequências desse meu ato de coragem. Mas isso não me importa, o que me importa mesmo é que se não consigo viver intensamente um movimento desses, eu pelo menos consegui me libertar de uma vida que não computava como digna para mim, e com isso declarei a minha liberdade, mesmo que esta seja em parte, mas já a consegui, o que me torna muito satisfeita e feliz".

MARIDO DE MARA:

"Sou favorável à emancipação feminina, mas de um modo parcial. Acho que as mulheres devem ter um lugar ao sol como os homens no setor de trabalho; que elas escolham os seus próprios maridos e se casem com quem elas querem e não com quem os seus pais querem, etc. Mas acho que elas nunca devem se esquecer que são mulheres que quando casadas saibam desempenhar antes de qualquer outra coisa os seus papéis de mãe, esposa e dona-de-casa. Que seja uma mulher emancipada, mas que essa liberdade conseguida seja gozada com certa responsabilidade e não com libertinagem. Que ela não confunda alhos com bugalhos, como querem algumas fazer quando se dizem feministas, que usam este subterfúgio para fazerem o que não fariam ou não teriam coragem para fazer se não se escondessem atrás de uma pseudo ideologia".

-.-.-.-.-.-

MARILENE:

"Não sou contra e nem a favor do movimento feminista. Eu ainda não pensei sobre este assunto e acho que nunca me veria dentro desse movimento, porque não fui educada pensando em me emancipar totalmente dos meus papéis de mulher. Não quero dizer com isso que sou acomodada ou conformada como mulher; é que me acho bem do jeito que sou e não vejo necessidade de mudar o meu modo de ser, mas absolutamente não condeno aquelas que lutam pelo ideal que pregam. Eu nunca faria parte desse movimento, por esses motivos e por achar que não me adaptaria ao meio das mulheres que fazem parte efetiva dele. Logo, para mim, ele não representa nada, e assim não faz parte da minha vida e nem das minhas preocupações como mulher".

MARIDO DE MARILENE:

"Vejo o movimento feminista como um meio de vida de um certo grupo de mulheres que não têm nada que fazer e estão assim à procura de algo que lhes encha a vida, e para chamarem sobre elas a atenção dos outros. Logo, para mim, a mulher que toma parte em um desses movimentos é uma mulher insatisfeita com a vida que tem, isto é, elas não conseguem se projetar de um modo e tentam se projetar de um outro qualquer. A mulher hoje não precisa de movimentos dessa espécie para se integrar na sociedade e gozar direitos que dizem reivindicar com esses movimentos. Independência, a mulher adquiriu até mais do que ela esperava, e as que não têm é por serem comodistas ou não terem coragem para gozar a liberdade que lhes é atribuída. Eu classifico as mulheres que deles fazem parte como pessoas frustradas profissionalmente, maritalmente, isto é, como o casamento ou mesmo na parte sexual advinda do casamento; pessoas que não têm maiores responsabilidades e tudo mais. Se eu soubesse que a minha mulher fazia parte de um desses movimentos eu me oporia de corpo e alma, uma porque não concordo com eles e outra porque não iria querer que os outros julgassem a minha mulher como eu julgo as que deles fazem parte. Acho mesmo que esses movimentos nada mais são do que um meio de vida e de passatempo, mas acho também que se a mulher quer passar o seu tempo ela achará coisa mais útil para isso, ou coisa mais interessante para ser feita. Já que essas mulheres não têm o que fazer, não sei porque elas não arranjam algo mais útil para preencher o tempo e esquecer as suas frustrações, como por exemplo: estudando, trabalhando, tomando conta de uma creche, etc."

MARIANA:

"Não sou contra o movimento de emancipação feminina, mas nunca me veria envolvida num deles. Não fui criada para ser totalmente emancipada e mesmo que o fosse eu nunca desejaria ser. Acho maravilhoso ter alguém que pense para a gente, que trabalhe para a gente e que ajude a gente a resolver os problemas que surgem na vida da gente, como mulher. Meu marido não é contra esses movimentos de um modo geral. Já conversamos sobre isso e sei bem a sua opinião. Ele nunca disse nada sobre a atitude que tomaria se soubesse que eu fazia parte de um movimento dessa espécie, isto porque ele bem sabe o que eu acho sobre esse assunto. O meu ponto de vista sobre isso é que se a mulher tem algo que não a satisfaz ela deve lutar para mudar esse algo que a atormenta, o que não é o meu caso, logo, não sou contra o movimento em si, mas jamais nele me envolveria".

MARIDO DE MARIANA:

"Sou favorável à emancipação da mulher, mas só no sentido educacional e profissional. Se você se refere à emancipação total, esta não, mesmo porque a mulher ainda não está de todo preparada para isso, e além do mais

ela precisa conservar sempre o seu ar de feminilidade que lhe é próprio e peculiar. Sabe, no meu ver, isto tudo que elas pregam é utópico, pois nem homens nem mulheres conseguem se emancipar totalmente, haja visto que uns precisam dos outros para viverem. Você é capaz de apontar alguém, homem ou mulher que viva totalmente emancipado? Agora, sou favorável à emancipação da mulher no setor profissional e pela igualdade dos sexos e de condições dos dois neste setor da vida e chego mesmo a achar que determinadas profissões as mulheres desempenham melhor que os homens, isto é, são até mais organizadas e mais responsáveis como nas referentes ao magistério. Naturalmente existem exceções, mas estas são as que não possuem cultura ou ainda não estão preparadas para ocuparem um lugar na sociedade moderna. Bem, é preciso que eu fixe bem a minha opinião e dizer que ela é baseada na mulher com quem me casei, logo não sei se posso generalizar. No trabalho em que me encontro, as mulheres produzem mais que os homens. Por exemplo, uma mulher colhe mais café que o homem, falta menos no trabalho, seleciona melhor a cebola colhida, etc. Neste setor de trabalho eu acho que as mulheres são muito mais responsáveis que os homens, assim prefiro empregá-las e a elas dou preferência quando contrato uma turma para comigo trabalhar".